

TRÊS CONTOS DE MOMENTOS MÁGICOS E INESQUECÍVEIS

SUSSURROS DO PAÍS DAS MARAVILHAS

A. G. HOWARD





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

O MENINO DA TEIA

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

A MARIPOSA NO ESPELHO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

SEIS COISAS IMPOSSÍVEIS

Epígrafe

Um

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Dois

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Agradecimientos

A. G. HOWARD

SUSSURROS DO PAÍS DAS MARAVILHAS

Tradução
Paulo Polzonoff Junior



Título original: *Untamed*

© 2015 A.G. Howard

Publicado sob acordo com Lennart Sane Agency AB.

© 2017 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2017

Produção editorial: Equipe Novo Conceito



Preparação: Robson Falchetti Peixoto

Revisão: Valquíria Della Pozza

Howard, A. G.

Sussurros do País das
Maravilhas / A. G. Howard ;
tradução Paulo Polzonoff

Junior. -- Ribeirão Preto, SP
: Novo Conceito Editora,
2017.

Título original: Untamed
ISBN 978-85-8163-494-4

1. Ficção norte-americana I.
Título.

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885

Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br



Aos fãs da série O Lado Mais Sombrio:

O amor de vocês por minhas histórias me inspirou a revisitar a toca do coelho... a fim de reimaginar tanto o fim quanto o início. Este livro é para vocês, com a promessa de mais histórias por vir. Obrigada por abrirem o coração a meus personagens e mundos.



O MENINO DA TEIA



Investida & Bloqueio

— Se pretendemos sobreviver a isso, Alison, você tem que atacar a jugular. *Sem Misericórdia.*

A voz grossa e autoritária de Thomas me comove e ele me ajuda a levantar, depois ajusta meus dedos ao cabo metálico da espada que havia escorregado de minha mão enluvada. Uma mistura de suor e do cheiro cítrico do sabonete por ele usado paira no ar, abafada pelo perfume das flores e da vegetação que nos cercam.

Toco o quadril no ponto onde ainda lateja por causa da queda e retomo minha posição, encarando nossos oponentes do outro lado do mato manchado de sangue: a minha, com o brilho lindo e fantasmagórico de sua pele... O de Thomas, com o corpo musculoso e os olhos verdes destemidos. As espadas prateadas deles brilham sob o sol de outono e refletem suas expressões imóveis, até que, num movimento lento como o de uma nuvem de tempestade, a curiosidade lhes cruza as feições, enquanto eles tentam prever nossa estratégia.

Meu coração bate forte, ansioso. Enxugo um pouco do suor da minha testa. Eles são mais jovens e mais rápidos, mas Thomas e eu temos a inteligência do nosso lado e uma conexão incomparável. Somos uma equipe há vinte e dois anos. Aqueles amadores não são páreos para nós.

Ignorando o calor e a irritação da minha pele sob as várias camadas de roupa, convenço meu corpo a relaxar, mas me mantenho em posição, a espada empunhada e pronta para o combate, antes de tirar a máscara do meu rosto.

Meu marido geralmente me dá dicas, gestos que só eu sou capaz de decifrar: um menear de cabeça para uma defesa, um estreitar de olhos para um bloqueio.

Desta vez, porém, não preciso das instruções dele. Conheço minha oponente. Observei-a o suficiente para descobrir seus pontos fortes e seus pontos fracos. Ela me atacará pela esquerda e me defenderei com um bloqueio. A não ser que agora ela decida misturar os golpes.

Como se pensasse que me decifrou, ela me encara com seus olhos azuis penetrantes e sorri, excessivamente confiante, antes de colocar a máscara no lugar. Ela fica rígida e eu também, de modo a convidá-la a fazer o primeiro movimento.

Com reserva e graça, ela troca de pé de apoio e investe contra mim, me atacando numa tática surpresa. Atinjo a espada dela imediatamente, cedendo ao seu ritmo. Ela perde o equilíbrio e exagera na compensação, executando um golpe atrapalhado. Sua reação apressada deixa seu peito exposto.

Rugindo, miro o coração dela com a ponta da espada, sentindo uma emoção intensa ao furar seu casaco branco. Ela deixa a espada de lado e põe a mão no esterno. Seus olhos se arregalam por trás da máscara. O sangue jorra pela grama e mancha meus tênis brancos.

— Mamãe? — murmura ela em choque, encolhendo-se no chão.

Levanto a máscara, tiro as luvas e me ajoelho ao lado dela, cutucando suas costelas incansavelmente.

— Diga! — grito. — Diga que sou a rainha!

Jebediah e Thomas riem ali por perto, enquanto Alyssa gargalha histericamente, balançando de costas como uma tartaruga virada de cabeça para baixo em seu casco, tentando recuperar o fôlego e escapar da minha tortura de cosquinhas. A máscara dela cai, revelando seu rosto avermelhado.

— Diga! — insisto.

— Nunca! — responde ela e segura minhas mãos, lutando comigo e me derrubando ao seu lado.

Em pouco tempo, minhas costelas doem por causa de seus dedos incansáveis e estamos nos abraçando e rindo tanto que lágrimas escorrem de nossos olhos.

— Certo. — Thomas recupera a compostura o bastante para pedir um cessar-fogo. — Os velhos ganharam, simples assim.

— Dobrados novamente — comenta Alyssa, apontando para nossas espadas flexíveis de treino. A piadinha tira uma risadinha de Jebediah, que toca na mão ensanguentada dela.

Thomas me ajuda a levantar e toco os riozinhos vermelhos do meu casaco e calças de esgrima, o líquido grudento entre meus dedos.

Meu marido me oferece uma toalha para limparmos a bagunça. Uso a minha para enxugar meu rosto e minha testa.

— Ainda acho que o sangue falso de Halloween foi um exagero — opina

Jenara do balanço na varanda, onde ela e Corbin esperam para desafiar a equipe vencedora. Eles bebem limonada de um tom de rosa igual ao dos cabelos dela. Ela retorce o nariz — Foi uma cena bem assustadora.

— Você só pode estar brincando — diz Alyssa com uma risadinha ansiosa, admirando os milhares de gotas vermelhas nas roupas e nas rosas, madressilvas e ervas prateadas no jardim. — É lindo. Assim como qualquer decoração, ela só precisa ser transformada em algo novo.

A trança loira comprida às suas costas balança como se ganhasse vida. Ela usa sua mágica para suspender as gotículas brilhantes das plantas e flores e fazer as manchas em nossas roupas se juntarem a elas. O sangue falso paira no ar e ali fica, as gotas se fundindo como chuva na vidraça, até formarem uma treliça — um arco tremeluzente vermelho que parece um vitral. Alyssa segura a mão de Jebediah e o puxa para perto. Ele ri, guiando-a na dança sob o gazebo improvisado. Seus movimentos são graciosos e sincronizados, os corpos jamais destruindo a obra de Alyssa.

Thomas tomba a cabeça num gesto de repreensão, apesar de ser impossível ignorar o orgulho em sua expressão. Se não fosse pela cerca de madeira de três metros que ele recentemente instalou para nos proteger de curiosos, é bem provável que ele não estivesse vendo o showzinho de Alyssa com tanta leveza.

Se bem que ela sempre conseguiu dominá-lo com seus encantos.

Nossa filha olha para ele, rindo, em paz e à vontade como nunca a vi em todos os seus dezessete anos.

Como resultado de seu treinamento de mágica com Morfeu em seus sonhos, ela está executando os feitiços com perfeição, sendo capaz de dar vazão a seus poderes apenas com o pensamento. É em momentos como este que vejo: a rainha mística fervilhando sob a superfície. Uma predisposição ao sangue e ao caos. Como ela ganha vida em chamas e tempestades. Como a mágica dela inspira e doma o pandemônio. Como ela encontra beleza em tudo o que é mórbido e bizarro.

É irônico. Tentei por muito tempo cultivar essas qualidades em mim, mas meu lado humano era forte demais. Nunca pretendi ser rainha. Desejava, mas não de coração.

A dança termina e, com um virar de pulso de Alyssa, as gotículas de sangue caem em câmera lenta — como flocos de uma neve macabra — e novamente repousam em nossas roupas, nas folhas e nas pétalas das quais se originaram.

Jenara bebe o restante da limonada, os cubos de gelo no copo se chocando uns contra os outros.

— Vai ser bem difícil limpar essa bagunça toda.

Alyssa dá de ombros e ri.

— Nada que um frasco de água sanitária e uma mangueira não resolvam.

— Não. Não vou usar água sanitária nesta obra-prima. — Jenara estica os braços para mostrar o casaco rosado cobrindo seu corpinho. Ela o tingiu há algumas semanas e acrescentou uma renda delicada nas mangas e no colarinho. Colocando o copo de gelo ao lado do pé de Corbin, ela sai do balanço. — Se vamos insistir no uso de sangue, vou vestir meu casaco preto.

Corbin a segura pela cintura e a puxa de volta para seu colo.

— Ah, venha cá, princesinha. Vamos derrotar os mais velhos antes mesmo de você quebrar a unha. Jeb e Al simplesmente não têm os movimentos apropriados.

Jenara sorri.

— Bem notado.

— Uha! — Num movimento fluido, Alyssa pisa na espada caída a fim de que ela fique perpendicular ao chão e bata com o cabo em sua mão espalmada. — Venha cá e diga isso na minha cara, *Cor-bin-ara*.

Troco olhares com meu marido e rio.

— Bela manobra, menina skatista. — Jebediah dá uma risadinha, brandindo seu florete. — Quer uma disputa sob o salgueiro? — Ele arqueia a sobrancelha.

— Você não vai durar dois segundos. — Ela abre um sorriso rápido, seu anel de noivado brilhando à luz ao passar a espada de uma mão para a outra num movimento único e fluido.

— Ah, é mesmo? — pergunta ele, para, sem aviso, erguê-la e jogá-la sobre o ombro. A espada cai no chão com um baque, e ela ri enquanto ele a leva até a árvore e derruba os dois nas folhas que pendem baixo.

Ela poderia facilmente usar seus poderes para se libertar. Mas aí é que está. Não quer se livrar dele. Nunca quis. Ele é seu parceiro humano, em todos os sentidos.

Ela e eu conversamos sobre o que significa a imortalidade... sobre como vai ser difícil quando ele tiver morrido e ela continuar viva. Ela me garantiu que pode sobreviver — apesar de seu olhar ficar distante ao imaginar isso e de seu rosto nublarse ao pensar na situação. Contudo, acredito na devoção dela ao País das Maravilhas, e Morfeu é poderoso o bastante para ajudá-la a superar essa perda. E sei que, quando tal dia chegar, a imortalidade dela será algo estonteante. Morfeu vai cuidar dela. Ele a tratará como realeza. Ele o faria mesmo que ela não fosse uma rainha, porque admira a coragem dela.

Ela é uma guerreira e eu sou uma covarde. Meu medo de perder Thomas supera qualquer lealdade que um dia eu tive pelo reino interior. Não consigo viver sem ele por toda a eternidade. Por esse motivo, entre tantos outros, fico feliz por meu espírito não ser mágico e eu ainda ser mortal. Mesmo que viva mais que meu marido, não será por muito tempo. E me sinto segura nessa inevitabilidade.

Ver Jeb e Alyssa lutando e rindo me faz sorrir. Eles são tão parecidos com

Thomas e eu quando tínhamos essa idade — cheios de esperança. A diferença é que eles têm uma chance real de conquistar tudo o que sonharam, porque não há mentiras entre eles. O País das Maravilhas é um livro aberto que ambos leram e viveram. Eles até mesmo incluíram Jenara e Corbin em seu círculo íntimo.

Só recentemente Thomas e eu tivemos a verdade para nos unir. E tenho de agradecer minha filha por nos dar essa segunda oportunidade e por me devolver minha sanidade. Fecho os olhos, escutando. Tudo o que ouço é a água de nosso chafariz e as brincadeiras de Jebediah e Alyssa. Nada da conversa dos insetos. Nada do sussurro das flores.

De acordo com meu pedido, três meses atrás, quando Thomas, Alyssa, seu noivo e eu voltamos de nossa última viagem ao País das Maravilhas, Alyssa usou seus poderes reais para pôr um ponto-final nas intermináveis conversas em meus ouvidos, e ela se certificou de que seus descendentes ouçam apenas o silêncio. Só ela agora tem uma linha direta com os insetos e as plantas. Assim como ela é a única que ainda faz, nos sonhos, visitas regulares ao reino interior.

Apesar de ainda ter meus brotos de asa e as marcas nos olhos, minhas características intraterrenas só aparecem se eu deixar. Então, pela primeira vez desde meus dezesseis anos, me sinto normal. E, pela primeira vez desde meus doze anos, lembro-me do silêncio.

Achei que sentiria falta das vozinhas que me acompanharam ao longo de toda a adolescência, vozes que se tornaram minhas confidentes quando ninguém mais ouvia; porém, não preciso mais delas como muletas. Agora tenho uma família e um marido que sabe e compartilha da minha história no País das Maravilhas.

Nunca mais ficarei sozinha.

Meus olhos se abrem e sinto os dedos firmes de Thomas se entrelaçarem aos meus, como se ele lesse meus pensamentos. Nada me dá mais segurança que a sensação da mão dele na minha.

— Divirtam-se, meninos — diz ele. — Vamos acabar por aqui. — Ele vira os olhos castanhos para mim e beija os nós dos meus dedos, provocando um arrepio que me vai do braço ao coração. — Prometi à minha constrangida esposa que sairia com ela no nosso aniversário de vinte anos. Continuaremos amanhã. — Estreita os olhos na direção de Corbin e Jenara. — A não ser que vocês dois estejam prontos para perder agora. Todos sabemos como isso vai terminar. A idade e a sabedoria sempre vencem a juventude e a irresponsabilidade. — Sua risadinha maliciosa à la Elvis é recebida por bufadas dos jovens.

— *Até parece*, sr. G. — fala Jenara com ar de deboche. — Amanhã... mesma hora, mesmo lugar. Eu estarei de preto. E se lembre: o perdedor tem que usar um vestidinho curto em público. Prepare-se para a maior transformação da sua vida.



Enquanto Thomas toma banho, observo-me no espelho sobre o lavabo. Uma tarefa mundana para a maioria das pessoas, mas algo que tenho evitado desde que conheci meu marido.

Finalmente, depois de todos esses anos, não preciso mais me esconder de espelhos. Não preciso mais ter medo de ver a expressão crítica de Morfeu atrás de meu reflexo.

Meu vestido é simples e elegante: renda branca com um decote nas costas e sem mangas. Uma tira de renda contrastante — cor de um cappuccino — afina minha cintura e complementa o brilho bronzeado da minha pele recém-lavada. O sutiã envolve meus seios, e a saia, meus quadris — a barra abaixo do joelho. Alyssa e Jenara me ajudaram a escolhê-lo na loja, jurando que ele era sensual o bastante para deixar Thomas de olhos arregalados. Estou ansiosa por testar a teoria.

Ficamos separados, desnecessariamente, por muito tempo. Talvez por isso ele faça com que eu me sinta como uma menininha apaixonada, porque cada momento que passamos juntos é como redescobrir tudo de novo — suas palavras gentis, seus beijos, sua risada e sua bondade.

Com um toque de blush no rosto e um quê de batom vermelho nos lábios, estou pronta. A energia e a vitalidade pulsam em meu corpo e geram faíscas sob minha pele. Meus cabelos platinados na altura dos ombros envolvem sedutoramente meu rosto, de forma que dou início à tarefa de prendê-los com grampos brilhantes.

Uma mulher prestes a sair com o marido de vinte anos de casamento... é isso que vejo. Houve um tempo, porém, em que eu não estava sozinha na nostalgia, quando qualquer superfície refletora abria as portas para o louco e caótico País das Maravilhas que eu pretendia dominar. Salvei o menino na teia daquele mundo e fiz o meu melhor para dar as costas a tudo isso quebrando todos os espelhos por perto.

Foi errado abandonar tudo sem nem uma explicação. Agora sei disso.

Fugi às minhas responsabilidades, num pacto com o próprio diabo. Então Morfeu, entrando nos sonhos da minha filha — me usando como um canal involuntário —, encontrou outra maneira de me fazer pagar. Ele apareceu para ela todas as noites durante os primeiros cinco anos de sua vida, disfarçando-se de criança — a tal ponto que virou criança de corpo e alma —, de modo a ser o amiguinho dela e conquistar seu afeto e confiança. Quando descobri, tentei reagir ao ataque mental dele com um conflito físico, a fim de protegê-la fazendo a única coisa que me era possível: *ir embora*.

Fecho os olhos e, por um instante, meu vestido no espelho se transforma na camisa de força que se tornou minha arma preferida.

Como pude achar que não haveria consequências por ter me escondido num hospício? Esperava que ele encontrasse outro parceiro de luta... outro Liddell para explorar, alguém que pudesse salvar-lhe a alma dessa maldição de passar a

eternidade preso no covil da Irmã Dois. Para escapar ao seu destino, ele tinha de realizar a Maldição da Vermelha, coroando uma rainha da linhagem dela com a tiara de rubi, enquanto a própria Vermelha possuía o corpo da outra. Equivocadamente supus que, ao decepcioná-lo, ele seguiria em frente e encontraria outra vítima num parente distante, respeitando minha escolha.

No entanto, havia uma rachadura na minha armadura e meu adversário a penetrou. Eu deveria ter previsto. Desde que conheço Morfeu, ele nunca seguiu em frente. Não tendo seu objetivo em vista. Ele é o estrategista mais brilhante e mais paciente que jamais conheci.

O vapor do banho de Thomas nubla meu reflexo e por trás da névoa me vejo como era quando descobri os planos de Morfeu para Alyssa: aquela mãe jovem e ingênua, temendo pelo futuro da filha. Culpada por colocar a filha em perigo. Minha menininha nunca quis ser minha substituta, mas, com minha traição, foi exatamente isso que ela se tornou.

Optei por não contar a Alyssa minhas escolhas e as repercussões delas porque achava que tinha conseguido poupá-la. Mas todo aquele tempo no hospício, longe do meu marido e da minha filha, não teve importância. Nem o juramento de Morfeu de não entrar em contato com Alyssa de novo. Porque ele já tinha plantado, na mente dela, memórias dos momentos a dois, contando com a curiosidade que ela herdou de Liddell para convencê-la a procurá-lo. Aos dezesseis anos, ela encontrou a toca do coelho sozinha, exatamente como ele planejava.

Minha mão dispersa involuntariamente a lembrança e puxo uma mecha de cabelo com força demais. Sinto uma dor no couro cabeludo e faço uma careta. Rearrmando a mecha, prendo-a com um grampo.

Morfeu convenceu minha filha a conquistar a coroa que eu desejava e acabei por desprezar. Ao longo do processo, ele se salvou. Era uma responsabilidade pela qual Alyssa não tinha pedido, apesar de ela acabar por aceitá-la e até mesmo adotá-la. Ainda assim... ele a convenceu a virar rainha sem lhe contar todos os fatos.

A única coisa que me deixa feliz é saber que ele não saiu incólume. Ele pagou um preço. Um preço que jamais imaginou.

Enquanto “amadurecia” com Alyssa nos sonhos de infância dela, enquanto a observava enfrentar todos os desafios que ele lhe impunha no País das Maravilhas, Morfeu — o ser solitário e egoísta antes incapaz de amar — apaixonou-se completamente por ela. Eu não acreditaria, se não tivesse visto com meus próprios olhos. Ele sentiu a força de sua devoção quando desistiu da oportunidade de tê-la ao seu lado no reino interior. Quando ele optou por esperar, a fim de que a metade humana do coração dela pudesse se curar, até que ela fosse forte o bastante para governar o reino Vermelho eternamente.

Por causa desse sacrifício, começo a suspeitar que talvez ele não seja demoníaco. Que talvez, depois de todos esses anos, eu esteja vendo um lado dele

quase vulnerável e amoroso. Um lado que ele manteve afastado de mim, a não ser por um ou dois vislumbres dos quais me esqueci ao longo dos anos.

Ainda assim não estou pronta para perdô-lo por usar minha filha. Porque, para isso, teria de me perdoar por torná-la responsável por minhas confusões. E por mais que Thomas queira... não tenho certeza se consigo.

A vida de Alyssa sempre foi dividida ao meio por causa de mim. Ela sempre tolerou tudo com tranquilidade. Ninguém podia vê-la com seus assuntos interiores e negar que ela foi feita para ser rainha. Ela ama o mesmo mundo que acabei por odiar.

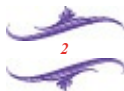
E, como amo minha filha, de alguma forma tenho de aprender a adotar aquele mundo novamente. De outro modo, nunca superarei o fato de ter deixado Morfeu e toda a loucura do País das Maravilhas entrarem em nossa vida.

Meu reflexo nebuloso me traz de volta ao aqui e agora. Passo meu perfume preferido nos ombros e pulsos — nadando em tons de maracujá e laranja —, depois maquio o nariz com pó, saindo do banheiro antes que o vapor do banho de Thomas possa borrar a maquiagem.

Coloco brincos de pérolas e um colar e bracelete combinando, depois me sento na beirada da cama e movimento os dedos do pé, me concentrando na porta fechada do nosso quarto. Sons de portas de armários e painéis batendo umas nas outras vêm do outro lado. As crianças estão na cozinha, preparando algo para o jantar. Penso em ajudá-las enquanto espero Thomas, mas não estou pronta para enfiar os pés no par de salto alto ao meu lado. O carpete é tão gostoso... fofo e farto. Em vez de ajudá-las, deito-me no edredom, abro os braços e fecho os olhos, relaxando músculos que ainda doem por causa da esgrima mais cedo.

Atenta ao ritmo da água contra o boxe do banheiro, permito-me voltar a outro dia e hora, quando tinha treze anos, olhando para o mundo tomado pela chuva. Quando aceitei o chamado interior durante um dos períodos mais tristes e solitários da minha vida.

Foi quando Morfeu se aproximou de mim e me ofereceu poder e vingança na palma de sua mão manipuladora. Foi o dia que mudaria, para sempre, quem eu iria me tornar.



Encaixotada

Vinte e seis anos antes...

A chuva batia na caixa de papelão vazia sobre minha cabeça. Eu a virei de lado e entrei nela antes da tempestade. A Lixeira ao meu lado fedia a peixe morto e fruta podre, superando os cheiros frescos de asfalto e terra molhados. Poças marcavam a rua irregular e a água jorrava das calhas que pendiam dos fundos do meu prédio de apartamentos do outro lado do beco.

Uma lufada de vento invadiu meu abrigo improvisado. Acocorei-me contra a parte de trás da caixa, colocando minha sacola atrás do pescoço como um travesseiro e segurando as páginas de *Alice no País das Maravilhas* a fim de eu não me perder na leitura. Algumas semanas antes, risquei o *Alice* no título e o substituí por *Alison*. Em parte era para todos saberem que o livro era meu. Mas havia mais... parte de mim queria que eu pudesse viver as mesmas aventuras... que eu de alguma forma fosse Alice e entrasse numa toca de coelho onde um mundo novo me aguardasse — um mundo onde alguém tão peculiar e deslocada quanto eu talvez se encaixasse. Um lugar do qual eu pudesse fazer parte.

Nunca fui boa em entender outras pessoas. Principalmente porque eu me mudava demais. Pelo menos era o que eu dizia para mim mesma. Não tinha nada a ver com minha dificuldade em confiar nas pessoas ou minha incapacidade de me relacionar com elas diariamente.

A leitura me dava amigos o bastante, e os livros de Lewis Carroll eram meus preferidos, sendo uma das poucas coisas que minha mãe me deixou ao morrer, pouco depois do parto. As histórias me aproximavam dela, apesar de jamais tê-la conhecido. Talvez porque, secretamente, eu entendesse como o País das

Maravilhas era real para ela, considerando nosso parentesco distante com os Liddell de Londres.

Certa vez, quando eu morava num orfanato e esperava por uma família adotiva, entrei no escritório e li minha ficha. Só assim é que pude descobrir minha origem. Alice Liddell, a menina real que inspirou as histórias de Carroll, teve um filho que, antes de ir para a guerra e morrer no campo de batalha, se envolveu com uma mulher. A namoradinha dele acabou grávida e veio para os Estados Unidos a fim de criar o filho ilegítimo. O menino cresceu e teve uma filha: minha mãe, Alicia.

De alguma forma, tudo isso deixava minha mãe maluca. Minha ficha dizia que ela passou algum tempo num hospício quando adolescente, depois de pintar os personagens do País das Maravilhas em todas as paredes de casa e insistir que eles conversavam com ela nos sonhos. Quando nasci, ela saltou do segundo andar do hospital para testar as “asas de fada” que as vozes diziam que ela tinha. Ela caiu num arbusto de rosas e quebrou o pescoço.

O médico disse que ela cometeu suicídio — depressão pós-parto e luto por ter perdido meu pai meses antes, num acidente de fábrica. Qualquer que fosse o motivo, algo nunca foi explicado... as marcas do tamanho de uma moeda em suas omoplatas, grandes demais e perfeitamente separadas para terem sido causadas por espinhos.

Minha opinião? Ela tinha asas, sim. Asas que nunca brotaram. Se sou louca por pensar isso, paciência. Porque, se eu era maluca, isso significa que tínhamos uma relação. Algo em comum. Desde que ninguém ficasse sabendo.

Minha mãe também deixara para trás uma câmera polaroide — do tipo que cospe imagens prontas ao aperto de um botão. Sei como usá-la desde os cinco anos.

Abracei com mais força as fotografias que tirei da bolsa. Era algo em que me tornei boa: me esconder atrás de árvores nos parquinhos ou de carros no estacionamento de shoppings para captar momentos das famílias e amigos de outras pessoas. Gostava de me cercar deles — me protegendo, assim, da falta da minha própria família.

Arregacei a manga da minha jaqueta jeans para consultar o relógio. Só mais dez minutos e as aulas terminariam. Então eu voltaria para meu apartamento e fingiria ter passado o dia onde deveria ter estado. Apareci no início da minha última aula, ficando o suficiente para ser considerada na lista de presença, antes de “dar um passeio no banheiro” e não voltar mais. Com alguma sorte, a srta. Bunsby, minha cuidadora mais recente, jamais ficaria sabendo da minha fuga. Moro com ela só há um mês. Não queria incomodá-la e ser abandonada de novo. Apesar de ser uma viúva vegetariana de quarenta e tantos anos, ela era a melhor cuidadora que já tive.

Olhei para o sexto andar do prédio. Nosso apartamento ficava mais à esquerda, onde a escada de incêndio estava toda enferrujada, virando um

esqueleto preto pendente e inútil. Eu era ótima em escalada e tentara fazer algumas semanas descer pela escada e sair à noite para uma sessão de fotografias. Escorreguei e caí.

Seis andares era uma queda e tanto. Eu deveria ter morrido ou ao menos quebrado alguns ossos. Durante a queda, porém, entrei em estado de sonho e, de alguma forma, ao acordar não tinha nenhum ferimento. Não estava nem mesmo com dor. Só tinha uma lembrança estranha de enormes asas pretas.

Mexendo nas fotos, encontrei uma no fim da pilha: uma mariposa enorme de corpo azulado e asas pretas, toda aberta numa flor entre um ângulo de sol e sombra. Lembro-me de quando a vi no parque, como se ela estivesse paralisada entre dois mundos. Tirei a foto não apenas pelo simbolismo, mas também porque já tinha visto o inseto antes. Minha mãe tinha desenhado uma mariposa como aquela numa folha de papel mantida dentro dos livros da Alice. O mais estranho é que ela também tinha feito, bem ao lado, um esboço da Alice presente nas ilustrações do País das Maravilhas. De alguma forma — em sua mente —, os dois desenhos estavam conectados. Perdi o desenho durante uma de minhas muitas mudanças. Então, ao ver aquela mariposa idêntica, ao vivo e em cores, tive de imortalizá-la com minha câmera.

Suspirando, guardei a imagem no meu livro da *Alice*, para marcar a página. Aquela foto era a preferida da srta. Bunsby. Ela disse que eu tinha um dom, que, se eu continuasse melhorando, ela me daria a câmera do marido — uma Yashica 44 —, assim como seus livros sobre revelação de filmes.

Ela foi um dos poucos adultos que acreditaram em mim sem me criticar. Todavia, se a srta. Bunsby soubesse que eu achava que essa mesma mariposa exercera um papel nas fantasias da minha mãe quanto ao País das Maravilhas, ela pensaria que minha imaginação era fértil demais, como meus professores e cuidadores sempre disseram. Fiz a pesquisa na biblioteca. Mariposas vivem meses, não décadas.

Pensar nisso meio que me deixou assustada. Mas também fez com que eu me sentisse especial, como se eu e minha mãe importássemos para alguém em algum lugar — o bastante para merecermos ser observadas. Não foi a primeira vez que senti que insetos e plantas estavam tentando entrar em contato comigo de um jeito que não tentavam com outras pessoas. Eu ouvia vozes desde que cheguei à puberdade, perto do meu aniversário de doze anos, há um ano. Ainda assim, sabia muito bem que não deveria compartilhar isso com ninguém, pelo risco de acabar na ala psiquiátrica, como minha mãe.

Meu estômago roncou e coloquei a mão na barriga. A srta. Bunsby serviria beterraba e caçarola de tofu hoje à noite. Só de pensar nisso minhas papilas gustativas querem sair correndo. Tive de economizar meu lanche ao máximo. O pacote de biscoitos com manteiga de amendoim que guardei do almoço estava aberto ao meu lado. Coloquei um deles na boca e o mastiguei lentamente. Migalhas se acumularam na ilustração de Alice fugindo de alguns guardas da Rainha de Copas, na esperança de manter a cabeça, de modo que as espanei dali,

fazendo-as cair na minha coxa.

Uma barata surgiu de baixo das abas da caixa e subiu pela minha calça para pegar um pouco de comida sem nem sequer um “por favor” ou “obrigada”. Em minha opinião, as baratas eram os insetos mais rudes do mundo. Eu conversara com moscas e besouros que eram educados e interessantes. Mas as baratas nunca tinham muito a dizer além de resmungar por causa da falta de lixo e sujeira, agora que os seres humanos habitavam o mundo delas, alegando que os sacos de lixo e os aspiradores de pó estavam prestes a acabar com elas.

Agitei a mão, afastando o inseto. Encolhi-me mais na caixa e censurei meus maus modos.

— Estou tentando ajudá-la, sua idiota. Você quer ser esmagada? — Peguei minha bolsa, enfiando as fotos e livros dentro dela, e saí para a tempestade, correndo até o espaço entre meu prédio e a barbearia ao lado.

A única entrada era pela frente. Nosso senhorio, Wally Harcus, mantinha a porta dos fundos trancada “por segurança”. Pelo menos era o que ele dizia. Ele só queria tirar vantagem de todas as mães solteiras e menininhas que viviam em seu prédio de aluguel barato. A porta dele era a primeira do corredor, o que significava que ele tinha a situação perfeita, da perspectiva de um pervertido.

As gotas de chuva e o gelo me feriam. O tecido da minha jaqueta e da minha calça absorvia todas as gotas e eu me sentia cinco quilos mais pesada e vinte graus mais gelada assim que entrei no prédio.

Minhas mãos estavam molhadas demais para segurar a maçaneta e, por isso, a porta se fechou com um baque. Gemi ao ouvir o barulho.

Mal tinha passado pela porta de Wally quando esta se abriu. Segui lentamente pelo corredor até a escada, mantendo os olhos no homem.

Seu rosto suado apareceu antes, depois todo o corpo, camadas de banha mal contidas por uma camiseta azul justa e calça cáqui manchada de gordura. Dava para sentir o fedor dele com meus olhos — o cheiro de carne e repolho podres. Bolsas de suor formavam círculos irregulares sob seus braços, criando uma mancha azul-marinho.

Ele sempre me lembrava uma morsa — careca, dobras de pele sobre a sobrelanceira, o queixo duplo e um bigode que parecia um salsichão polonês semicomido pendendo sobre seus lábios gordos. Os sons que emitia cada vez que respirava só contribuíam para a ilusão de um mamífero marinho.

— Oi, Alison. Se molhou um pouco, né? — Seus olhos brilharam, escuros e aquosos como carvão líquido, ao dar uma mordida em seu damasco maduro demais. O suquinho escorreu por seu queixo e ele abriu uma risadinha maliciosa. Seus incisivos, grandes demais para sua boca, exibiam-se como presas de marfim subdesenvolvidas.

Meu estômago se revirou de novo enquanto ele saía completamente para o corredor e encarava meu peito, a camiseta grudada no corpo. Ele parecia

faminto, como se fosse me engolir toda. Fechei a jaqueta e tirei mechas de cabelo molhado do rosto.

— Tenho chocolate quente no fogão. Quer uma xícara? — perguntou ele.

Eu o surpreendi me encarando várias vezes, mas ele nunca antes teve coragem de me convidar para entrar. Engoli em seco e segurei com força as alças da bolsa.

— Não, a srta. Bunsby está me esperando.

— Não está, não. Teve de ir rapidinho ao mercado. — Ele me mostrou um bilhete.

Só tive tempo de ver um triângulo amassado com as palavras *voltarei dentro de uma hora*, antes de ele guardar o bilhete no bolso.

— Na verdade — continuou Wally —, ela me disse para lhe fazer companhia. Disse que você é nova demais para ficar sozinha sem causar problemas. Posso ir ao seu apartamento, se você quiser. — Ele balançou as chaves que pendiam do cinto, o sorriso ainda maior.

Idiota.

Eu o odiava e me odiava ainda mais por estar com medo. Já encarei monstros como ele antes. Numa família adotiva anterior, tive um irmão adotivo de catorze anos que me prendeu no porão e enfiou a língua na minha boca enquanto suas mãos subiam por sob minha camiseta. Ainda assim fui devolvida ao abrigo por morder a ponta da língua dele e quebrar seu polegar. *Eu* era a problemática.

Infelizmente para mim, não seria tão fácil me livrar de Wally Harcus quanto foi me livrar de um adolescente magricela.

Meus calcanhares tocaram o primeiro degrau, me detendo. Era correr ou lutar. De uma coisa eu sabia: a srta. Bunsby jamais pediria à morsa que me fizesse companhia. Ele provavelmente a viu saindo e pensou que era a chance perfeita de tentar algo. E ali estava ele entre mim e minha única rota de fuga. E, mesmo que eu me trancasse dentro do nosso apartamento, ele tinha as chaves para entrar.

Eu podia colocar algo contra a porta e ganhar tempo para descer pela escada de incêndio quebrada. Eu provavelmente cairia e morreria, mas isso seria melhor do que a alternativa.

Dei meia-volta e subi os quatro lances de escada. Dava para ouvir os passos dele me seguindo devagar, se arrastando. Ele não tinha pressa. Todos cuidavam da própria vida aqui. Ninguém o impediria, o que tornava a perseguição tão desafiadora quanto a de uma mosca já presa na teia da aranha.

Lágrimas encobriam minha visão ao chegar à porta do nosso apartamento. Um pedaço de fita adesiva pendia com um pedacinho do bilhete da srta. Bunsby no ponto onde ela o prendera, perto do olho mágico. Wally tinha pegado a cartinha que ela deixou para mim.

Engolindo em seco a bile que subia pela garganta, lutei para enfiar a chave na fechadura. A adrenalina usava meu coração como saco de pancadas, socando-o até que ele batesse incontrolavelmente no peito. Tinha acabado de conseguir entrar, fechar a porta e trancá-la, quando Wally subiu o último degrau da escada de nosso andar.

Com todo o corpo rígido, arrastei a cadeira preferida da srta. Bunsby e a coloquei sob a maçaneta, correndo para me trancar no quarto, deixando a bolsa cair junto à soleira, do lado de dentro. A tarde nublada reduzia a luminosidade do dia a uma névoa cinza e, com as cortinas pesadas cobrindo as janelas, as sombras inundavam o quarto e pintavam formas fantasmagóricas nas paredes nuas.

Chaves tilintavam do lado de fora do nosso apartamento, alto o bastante para eu ouvi-las pela porta fechada. Chorando, fui até a janela, abri as cortinas e o vidro. Uma lufada de vento e chuva soprou em meus cabelos, fazendo-os bater contra meu rosto. Lágrimas escorriam queimando meu rosto, enquanto eu passava uma das pernas pelo peitoril, prestes a me jogar.

— Tsc, tsc. Isso seria uma tragédia e um desperdício. — Um sotaque caipira marcado me deixou paralisada ali, sentada entre a vida e a morte. — Claro que sua existência vale mais que a daquele rato gordo.

Virei a cabeça em direção à voz. No canto esquerdo do meu quarto, as sombras se moviam e assumiam a silhueta clara de um homem.

Consegui falar entredentes.

— Q-quem está aí?

— Apresentações não são necessárias entre amigos. — O intruso saiu para a luz fraca, revelando um rosto ao mesmo tempo belo e assustador. Ele não era humano. Não, ele era perfeito e místico demais para isso. Marcas semelhantes a tatuagens brilhavam com cores vivas sob seus olhos escuros e fantasmagóricos. Seus cabelos azulados balançavam sem sincronia com o vento que entrava pela janela. — Acredito que mereço o título de amigo, você não acha? Considerando que da última vez você quase quebrou a cabeça ao descer por essa escada de incêndio. — Asas gigantesas surgiram atrás dos ombros dele, brilhando como seda preta sob a luz cinzenta.

Perdida entre o terror, a descrença e a esperança, trouxe a perna de volta para meu quarto e me encostei na junção entre o peitoril da janela e a parede.

— Você... então foi você. Você me salvou.

Ele alisou as luvas vermelhas que recobriam suas mãos.

— Não exatamente, Alison. Você mesma se salvou ao desafiar as leis da natureza. O simples fato de você ter tentado descer pela escada de incêndio foi digno de uma segunda chance na vida, não? A coragem misturada à estupidez se torna impulsividade, o que é uma característica admirável de onde venho, algo que deve sempre ser recompensado.

Estreitei os olhos para ele.

— Você me recompensou por minha estupidez?

Ele segurava uma cartola diante de si e a acariciava como se ela fosse um gato.

— Sua *impulsividade*. — Uma risada reverberou em seu peito. — Você é estranha, não é? Você não duvidou de mim ainda, nem questionou se sou real. Nem mesmo perguntou como sei seu nome. Você não se importa com nada disso, não é?

Fechei as mãos ao lado do corpo.

— Não importa se sou louca, desde que minha loucura me ajude a sobreviver.

Ele arqueou a sobrancelha, obviamente feliz e surpreso com minha resposta.

— Ah, você fala como uma verdadeira criatura do reino interior. A loucura, como qualquer outro aspecto da irracionalidade, pode ser usada como instrumento e arma nas mãos certas.

Não tive nem tempo de perguntar o que era o reino interior porque, no cômodo ao lado, os pés da cadeira arranhavam o piso de azulejo e riscavam meus nervos como garras. Wally estava no apartamento.

Minha garganta secou. Olhei para os degraus escorregadios lá fora e depois para dentro, na direção do homem alado agora de corpo inteiro junto à porta. Ele era alto e gracioso, com dezenove ou vinte anos e vestindo rendas e veludo, como um cavalheiro de outra época.

— Você é... você é o meu anjo da guarda? — Ouvi falar dessas criaturas, mas nunca acreditei que fossem reais. Naquele momento, porém, estava disposta a acreditar em qualquer coisa se isso fosse capaz de me salvar do senhorio ou de um pescoço quebrado.

Meu visitante mostrou os dentes num sorriso lindo que transformou seu rosto no parque de diversões do diabo — malícia oculta por um verniz de adorável persuasão.

— Estou bem longe de ser um anjo, meu patinho. Mas estou aqui para vê-la distribuir um pouco de sua virtude com um tolo pecador. — Ele colocou a cartola na cabeça. Mariposas mortas balançaram na aba, num tributo mórbido ao vento que soprava as cortinas. — Agora vamos nos divertir um pouco com o velho Wally, sim?



A Longa Perna da Lei

Os passos de Wally, a Morsa, se aproximavam da minha porta.

— Não vai deixá-lo entrar, não é? — perguntei ao demônio... anjo... salvador... que seja. Ele ficou imóvel como uma estátua, as joias de seu rosto piscando em vários tons de dourado. — Você vai me ajudar uma última vez? — Uma veia latejava forte no meu pescoço e minhas cordas vocais tremiam como uma tarola.

As asas da criatura se abriram.

— Ah, não, patinho. Você mesma vai se ajudar. Afinal, você é quem tem uma linha direta com os mais antigos habitantes da Terra. Eles são mestres em outras coisas além de conversinhas, Alison. Eles têm habilidades. Você só precisa pedir uma mãozinha. — Ele apontou uma aranha de pernas longas que passava pela parede atrás dele, lançando uma sombra enorme sobre o gesso branco. — Ou oito patas. O que você preferir.

Antes que eu pudesse entender o gracejo, meu hóspede místico desapareceu numa nuvem de poeira azulada, substituído por uma mariposa do tamanho de um pássaro que se escondeu de novo nas sombras.

A mariposa da minha imagem... do desenho da mamãe.

Meu olhar se voltou para as polaroides que saíram pela abertura da bolsa. Antes de poder me ater a elas, a porta se abriu, criando uma trilha pelas memórias roubadas.

Meu estômago se revirou quando Wally entrou. Pedacinhos brilhantes de damascos estavam presos a seu bigode. Ele usou as costas da mão gorda para se

limpar e quase tropeçou no meu exemplar de *Alice no País das Maravilhas*.

Ele o pegou e fez um barulho de desprezo.

— As aventuras de *Alison* no País das Maravilhas? O que há de errado com você, menina? Você é louca ou só estúpida? — O desenho da mariposa caiu do livro quando ele o balançou. Wally ficou olhando a imagem cair no chão. — Espere aí, já vi esse inseto. Estava tentando tirá-lo do prédio. Foi o que me levou à sua porta... — Wally se deteve, como se tivesse falado demais. — Afaste-se dessa janela. Isso não é nenhuma toca de coelho. Você vai tropeçar e eu terei que limpar sua bunda raquítica do asfalto.

Travei a mandíbula, imóvel.

Ele jogou o livro no chão.

— Olha, posso fazê-la suspirar ou chorar. De qualquer forma, isso vai acontecer.

Minha atenção passou de seu olhar desejoso para a parede sobre a porta. Para o desfile de aranhas saindo de um buraco atrás dele, na moldura da porta, cobrindo a parede e o teto. Havia umas trinta aranhas agora e mais delas surgiam. Será que a tempestade as despertou?

Peça uma mãozinha ou oito patas...

Talvez eu estivesse tendo alucinações. Talvez eu finalmente estivesse perdendo a cabeça, como minha mãe. Contudo, o que quer que estivesse acontecendo, tinha de usar isso em meu benefício. Não podia me mexer, e eu já tinha perdido a oportunidade de mergulhar para a morte.

— Me ajude — implorei, sem saber direito o que queria dizer com isso nem para quem estava pedindo.

— Ah, vou ajudá-la. — Em segundos, Wally me prendeu contra a parede com sua mão suada no meu pescoço. Segurei o pulso dele com ambas as mãos e enfiei minha unha com força. Ele riu, seu hálito azedo no meu rosto. — É, vou ajudá-la de verdade. Está vendo, sou o coelho branco e vou levá-la numa aventura que você jamais esquecerá, *Alice*.

Ele me ergueu pelo pescoço até que fiquei só na ponta dos pés. A pressão fechava minha garganta e pontos pretos começaram a surgir no meu campo de visão. Chutei-o, mas ele se desviou e, com a mão livre, começou a mexer no meu cinto.

Meus músculos abdominais se contraíram, num sinal de repulsa. Os pontos pretos aumentaram, mas não por falta de oxigênio. Virei os olhos e vi o enxame de aranhas nas paredes e no teto — centenas delas.

— Ajude-me *agora* — ordenei desta vez, sem hesitar. Minha única esperança era tirar Wally do apartamento com uma avalanche de aranhas levando-o escada abaixo.

A reação das aranhas foi instantânea e violenta. Wally gritou e me soltou quando o enxame começou a subir por ele, entrando em seus sapatos e escalando suas pernas. Afastei-me da janela e puxei o ar, enquanto os insetos continuavam com sua marcha, tomando conta do peito dele. Seus gritos de horror eram abafados pelos sussurros furiosos das aranhas que o recobriam. Mais aracnídeos vieram substituir aquelas que morriam. Elas chegaram ao pescoço e ao rosto de Wally, depois encheram sua boca entreaberta, silenciando seus gritos desesperados. Ele levou as mãos ao pescoço, os braços nus cobertos por mangas de pernas ágeis e tórax arfantes.

Seu nariz e seus olhos desapareceram sob a infestação crescente. Ele perdeu o equilíbrio e tentou se segurar na parede, mas errou o alvo. Caiu da janela aberta, engasgando-se durante a queda.

Paralisada, recuei até a porta do meu quarto, perdendo o fôlego ao ouvir o baque pesado do corpo dele no asfalto molhado.

Um movimento repentino no canto esquerdo do quarto me distraiu. A mariposa saiu das sombras e pousou no peitoril, observando a confusão lá embaixo. Um ataque de náusea queimava meu estômago.

— Foi um acidente — choraminguei para o inseto, como se estivesse me confessando. — Eu... não queria que isso acontecesse!

— *Ah, mas eu queria.* — Aquele sotaque se revirava dentro de minha mente. A voz pertencia à mariposa e ao homem. De alguma forma, eles eram a mesma coisa e de alguma forma também estavam ligados às histórias do País das Maravilhas. Minha mãe tinha entendido tudo. O que significava que ele nos observava fazia anos. Não só isso; ele levava Wally ao meu apartamento mais cedo. Foi por causa dele que o senhorio encontrou o bilhete da srta. Bunsby antes de mim. Tudo foi armado.

Eu não conseguia falar, envolvida por um furacão de confusão, surpresa e arrependimento.

— *Não se preocupe com aquele rato, Alison — repreendeu-me mentalmente a voz britânica. — Há incontáveis jovens a quem ele fez mal. Coube a você resolver o problema. Desequilíbrio gera desequilíbrio. O caos é o que restabelece o equilíbrio. Haverá repercussões. Você não pertence mais a este lugar. É melhor assim. Você está destinada a muito mais do que este mundo tem a oferecer.* — A mariposa voou sobre mim, pairando diante do meu rosto. — *Assuma a responsabilidade. O poder é o único caminho para a felicidade, e posso ajudá-la a conquistá-lo. Meu nome é Morfeu. Encontre um espelho e me chame quando estiver pronta para viver seu destino.*

Ao dizer isso, o enorme inseto virou-se e saiu pela janela.

— Espere! — gritei. Lágrimas ensopando meus olhos, me arrastei até a janela e olhei para baixo. Dois adolescentes de bicicleta que estavam ao lado do corpo de Wally olharam para cima. Pouco antes o homem estava me dominando... agora ele parecia uma boneca quebrada com braços e pernas revirados em

poses incomuns até se desencanaixarem do restante do corpo. As poças ao lado dele estavam manchadas de vermelho, com o sangue que vertia da parte de trás de seu crânio.

Cachorros latiam e pessoas gritavam, enquanto mais espectadores saíam do prédio. Lentamente, todos voltaram a atenção para minha janela. Vários deles apontaram para mim; alguns menearam negativamente a cabeça.

Queria correr, mas não conseguia me soltar da janela. As aranhas tinham sumido, entrando em milhares de esconderijos acessíveis somente a insetos, abandonando-me ao desejo de ter o tamanho delas, para poder desaparecer e jamais ter de enfrentar as acusações e perguntas que viriam.



Morfeu tinha razão. Não encontrei abrigo depois disso. E suspeito que tenha sido por isso que ele cuidou para que Wally encontrasse o bilhete e me perseguisse.

O departamento de proteção à infância acusou a srta. Bunsby de negligência, alegando que qualquer pessoa com minhas “tendências violentas” não deveria ser deixada sozinha enquanto ela fazia compras. Eles também disseram que eu andava faltando às aulas, o que só fez com que a srta. Bunsby parecesse mais inepta. Fui tirada dos cuidados dela na mesma noite.

Enquanto a polícia e os assistentes sociais entrevistavam a srta. Bunsby na sala, eu guardava minhas coisas, tentando evitar olhar pela janela. A srta. Bunsby tinha deixado um saco marrom de mercado na cama. Engraçado ela pensar que havia fracassado comigo. Deu para ver isso refletido em seus olhos amendoados úmidos quando ela chegou em casa depois de toda confusão. Pena que eu não podia lhe dizer a verdade. Pena que não pude dizer que ela não tinha culpa por eu ter sido cúmplice de um assassinato... que a responsabilidade foi do próprio Wally, e também de uma mariposa mística e de um enxame de aranhas.

Dentro do saco de mercado, ela colocou a câmera do marido, filme e um livro sobre revelação de fotografias. Havia ainda um pacote de biscoitos de manteiga de amendoim, uma maçã e uma garrafa de água. Senti uma dor no coração, porque sabia que podia ter sido feliz com ela, se Morfeu não tivesse outros planos para mim. No entanto, por mais que eu sofresse, me recusei a chorar. Cansei de chorar.

E nunca mais seria vítima novamente.

Ao deixar o apartamento, a srta. Bunsby prometeu tentar me visitar um dia. Eu sabia que isso não aconteceria.

Um mês se passou, cheio de avaliações psiquiátricas e exames médicos, a fim de garantir que eu não estava traumatizada. Por mais que tentassem, os médicos

não podiam me considerar louca, porque eu me recusava a dar detalhes sobre o acontecido. Só disse que o senhorio tentou me agarrar, lutamos e ele caiu da janela. Simples assim.

Quando o psiquiatra exibiu os cartões com borrões para me analisar, eu nunca disse com o que eles realmente se pareciam. Não lhe disse que via tocas de coelhos, lagartas fumantes, menininhas usando aventais com facas nas mãos, homens alados, mariposas do tamanho de um papagaio ou exércitos de aranhas. Também não deixei ninguém me surpreender falando de flores e insetos que insistiam em me fazer companhia. Sabia como *parecer* sã.

Fiz um trabalho tão bom que tive alta sem mais avaliações depois de apenas seis semanas. O problema era que o serviço social não conseguia me colocar com outra família adotiva, considerando toda a minha bagagem. Então o abrigo se tornou minha residência permanente.

Pelo menos era o que eles pensavam. Eu não pretendia ficar ali. Planejava ir a algum lugar onde as leis e os olhos atentos deles jamais me encontrassem novamente. E sabia exatamente quem me ajudaria na fuga.

Todas aquelas semanas em terapia, adiei meu contato com Morfeu. Precisava de tempo para refletir. E cheguei a três conclusões. Primeira, minha família estava de alguma forma ligada às histórias de Lewis Carroll, o que significava que o País das Maravilhas existia em algum nível. Em segundo lugar, Morfeu também estava ligado ao País das Maravilhas e precisava de mim para algo, porque ninguém ajuda outra pessoa sem querer algo em troca. Por fim, antes de ajudá-lo, ele teria de me dar algumas coisas: uma forma de fugir do abrigo e respostas a todas as minhas perguntas.

Era difícil aguentar a solidão. O prédio cinzento tinha vários andares com quartos em todos eles. Eram como dormitórios, com três ou quatro meninas em cada quarto... ou meninos, dependendo do andar. O lugar era cercado por uma grade de ferro para manter os estranhos longe e os internos dentro. Havia apenas um portão, sempre trancado.

A lavanderia — um prédio de teto reto com janelas de ventilação instaladas bem embaixo das calhas — estava abandonada, exceto nos fins de semana, quando nos revezávamos lavando nossas roupas de acordo com o número dos nossos quartos. Concluí que seria o melhor lugar para uma reunião na noite de quarta-feira.

Saí do meu quarto, lanterna na mão, cerca de duas horas depois que as luzes se apagaram.

Encontrei um espelhinho de mão na gaveta de uma das minhas colegas de quarto e o levei dentro de uma fronha, assim como os livros de Lewis Carroll de minha mãe, um caderno de espiral e uma caneta. Ainda não sabia onde o espelho entrava, mas Morfeu insistiu que eu usasse um para chamá-lo. Como a lavanderia estava trancada, subi numa árvore ao lado e alcancei o teto usando os galhos, abri uma janelinha de ventilação e entrei, colocando primeiramente os

pés. A sola da minha bota tocou uma secadora, então a queda não foi muito grande.

Cortei a escuridão com minha lanterna, revelando um chão de cimento, lavadoras e secadoras e quatro cestos de vinil. Uma mistura de pó e sabão me fez espirrar. Uns poucos bichos noturnos me receberam antes de cuidar da vida deles.

O luar entrava pelas janelinhas e iluminava o ambiente com um toque prateado cremoso. Arranjei um lugar perto da porta a fim de arrumar minhas coisas. Meu corpo seria uma barricada, no caso de alguém descobrir que eu não estava na cama e vir à minha procura. Se eu bloqueasse a entrada, isso me daria tempo extra para pensar numa desculpa.

Depois de abrir minha jaqueta no chão, como uma almofada, apoiei a lanterna contra a parede, criando um anel de luz, e então me sentei e ergui o espelho.

— Morfeu — sussurrei, e só precisei fazer isso.



Vinte Perguntas

Um brilho azul apareceu na superfície do espelho, pulsando. Mas o pulso não era apenas visual; era tátil. Eu o *sentia* vibrando pelo cabo. Com cuidado, coloquei o espelho no chão. Sob um brilho azulado, a agora conhecida mariposa saiu do espelho, como se estivesse esperando dentro dele o tempo todo.

Ela alçou voo e pousou numa poça de luar à minha frente. Suas asas se encolheram diante do peito e depois se abriram como as de um anjo, revelando uma pele branca e perfeita e partes ocultas meio carnavalescas, iluminadas por joias sob olhos negros. Desgrenhada pela estática mágica emanando da forma humanoide e das roupas extravagantes, uma massa de cabelos azulados na altura dos ombros esvoaçava-se em sua cabeça como se soprada por uma brisa.

Morfeu pairava sobre mim — arrumando o chapéu num ângulo ousado.

— Alison — disse ele simplesmente, e o cheiro doce de algo alcoólico veio em minha direção. — Pronta para fazer um acordo?

Ergui o dedo. Da última vez que estivemos juntos, estava distraída pelo perigo que me cercava e maravilhada com a mágica dele. Tudo isso levou ao assassinato de um homem. Nessa noite, eu daria as cartas.

— Você já brincou de Vinte Perguntas? — perguntei a ele.

Ele tombou a cabeça e deu uma risadinha, erguendo uma das asas por sobre o ombro para limpá-la.

— Deixe-me ver... É algo parecido como Resposta ao Enigma?

Fiz uma cara de intrigada.

— Ähn?

Ele abriu as asas e se sentou no meio da lavanderia, seus traços iluminados pela luz azulada que irradiava de seus cabelos e das joias sob seus olhos.

— Responda ao Enigma: não pertencço a ninguém, mas sou usado por todos. Para alguns, sou dinheiro; para outros, posso voar. Crio espaço e *não* ocupo espaço. Para os que nunca mudam, não mudo nada. Mas, para os que mudam, carrego o peso das areias do deserto. Quem sou eu?

Mordi o lábio. Não era fácil ignorar a vontade de competir — de provar a ele que eu era capaz de desvendar o enigma. Mas sentia que era exatamente isso que ele queria, e precisava me manter atenta aos *meus* objetivos.

— A bola está comigo, Morfeu. Vinte perguntas. Eu pergunto e você responde. Não vou fazer acordo antes de você satisfazer minha curiosidade. Nada de perseguir coelhos.

Ele bufou.

— Nem mesmo coelhos brancos?

Franzindo a testa, abri a sacola e peguei a caneta e o caderno.

— Nada de fugir da raia. Respostas diretas. Você quer algo de mim. Se pretende conseguir, *eu* é quem dou as cartas daqui por diante.

— Ora, ora. Tão jovem e tão tirânica. Gosto disso numa cúmplice. — Ele cruzou e descruzou as pernas, apoiou o queixo com as mãos e estreitou os olhos. — Com certeza, patinho. O palco é seu.

Raios azulados vazaram de sua sombra no cimento, cruzando a lavanderia em todas as direções. As lavadoras e secadoras foram ligadas e começaram a rugir e balançar.

Cerreí os dentes.

— Não sou *patinho*. Está vendo alguma pena em mim? Sou Alison. Nada mais, nada menos. Entendeu?

As joias sob seus olhos emitiram um cálido tom alaranjado.

— Ah, *entendi*. Mas você, não. Porque você é muito mais do que apenas um nome.

Franzi a testa.

— O que você quer dizer com isso?

— Todos são mais. Somos formados por forças vivas, sangue, ossos e espírito. E seu sangue é mais precioso que o dos demais.

Não conseguia pensar numa resposta, distraída demais que estava pelos motores ecoando nas paredes.

— Pare as máquinas. Preciso conseguir ouvir se alguém se aproximar.

— Temo que não. Minha mente funciona melhor ao som do caos ao fundo. E a

sua precisa aprender a fazer o mesmo. E, quanto à sua privacidade, já cuidei disso. Dê uma olhadinha no espelho, *frutinha*.

Rangendo os dentes ao ouvir o apelido novo — que era dez vezes mais irritante que o anterior —, ergui o espelho. O reflexo fraco do meu rosto ficou borrado, mudando para um portal que mostrava o terreno ao redor da lavanderia. Pontinhos de luz flutuavam em meio às árvores e ao mato. Olhando mais perto, eu conseguia ver as formas de mulherezinhas com escamas reluzentes e asas de libélula.

Um calafrio estranho me deixou toda arrepiada — uma consciência de toda a mágica ao nosso redor que eu não sabia que era possível.

— O que são elas?

— Fadas. Apesar de pequenas, elas podem deter qualquer um que tente nos interromper. Só cuidado com onde pisa ao sair daqui. Senão, pode tropeçar em um ou dois corpos.

Arfei e deixei o espelho de lado.

— Elas os matarão? — Não podia deixar isso acontecer. Uma morte na minha consciência era o bastante.

Morfeu gargalhou.

— Deveria ter esclarecido. Corpos *dormentes*. Eles não estarão feridos ao acordarem, só muito satisfeitos e confusos. Mais importante, eles estarão preocupados demais com os próprios pensamentos para perceber que você esteve aqui ou para se importar. Mas, novamente, esta não é a minha vez de falar. Você tinha perguntas a me fazer, sim?

Tenho tantas perguntas mais agora.

Deixei de lado a vontade de saber tudo de uma vez, determinada a continuar focada. Peguei da fronha os livros da minha mãe e os coloquei entre nós dois, preparando-me para escrever no caderno as respostas dele.

Ele bateu palmas.

— Ah, que bom! Gosto deste joguinho. Me mostre todas as suas cartas e eu lhe mostrarei as minhas. Espere até você ver o que tenho na manga.

— Pode parar de falar? — repreendi. — Então, você e aquelas... fadas... vocês vivem no País das Maravilhas?

Seu semblante se iluminou. Ele estava obviamente ansioso por responder, mas manteve a boca bem fechada.

— *Vamos logo! — insisti. — Vocês são do País das Maravilhas?*

Ele permaneceu em silêncio.

— Sêrio?

— Você me pediu para parar de falar.

Enfieí as unhas em meus joelhos.

— Argh! Me responda!

— Uau. — Ele tirou as luvas, uma de cada vez, prazerosa e enlouquecidamente calma. — Não precisa se exaltar. Sim... Sou do País das Maravilhas, assim como minhas adoráveis cachorrinhas lá fora.

— Isso quer dizer que — engoli em seco — o País das Maravilhas é real?

— Sim.

— E a toca do coelho também? — perguntei, com um nó na garganta.

Estudando-me na luz fraca, Morfeu fez que sim.

— Posso lhe dar um mapa. É só pedir.

Segurei o colarinho da minha camisa, tentando esconder a pulsação acelerada no pescoço.

— Que papel você exerce lá? Nunca o vi nas histórias.

Uma faixa de mágica azul saiu da ponta do seu dedo até meu exemplar de *As Aventuras de “Alison” no País das Maravilhas*. As correntes elétricas viraram as páginas, parando ao chegarem à ilustração da Lagarta conversando com Alice.

— Assim como sua inteligente e curiosa heroína, eu não era exatamente eu mesmo nas histórias mais antigas.

Meu olhar se voltou para o texto na página e a resposta de Alice à pergunta da Lagarta sobre a identidade dela: *Infelizmente não posso explicar, senhor. Porque não sou eu mesma, entende?*

Engoli em seco, a verdade me atingindo como um tapa na cara.

— Você é a Lagarta... depois de sair do casulo.

Morfeu fez uma cara feia, como se ofendido.

— Mariposas e borboletas não apenas eclodem de casulos. Elas se transformam. Agora você tem mais seis perguntas. Não as desperdice, frutinha.

— Espere aí... Só fiz quatro perguntas até agora.

— Tenho que discordar. — Ele mostrou as mãos numa faixa de luar, balançando os dedos e criando sombras na parede; formas incrivelmente reais para uma sombra. Algumas pareciam xícaras, outras, cogumelos, outras como rosas atingidas por baldes de tinta. — Você fez catorze perguntas, apesar de a maioria delas ser inútil. Primeiro, me perguntou se já tinha brincado de Vinte Perguntas. Bom, isso em si é uma pergunta. Depois, quando lhe propus o enigma, você disse, e estou citando, “Ähn?”. Outra pergunta. Em seguida, depois de pedir para eu não lhe chamar de patinho, perguntou se eu via alguma pena em você e, depois, se eu “entendi”. Por fim, você perguntou o que eu estava querendo dizendo sobre você ser mais do que um nome. Sinceramente, você realmente acha que alguma dessas perguntas eram necessárias? Claro, quando você

perguntou sobre as fadas, o que elas eram e se elas matariam seus tratadores de zoológico bobinhos, isso foi quase relevante.

Meus olhos queimavam.

— Não vivo num zoológico! — exclamei, furiosa.

Morfeu riu e fundiu seus fantoches de sombra num coelho saltando pela parede.

— Acrescente a isso as quatro perguntas sobre mim e meu lar, as únicas que realmente pareciam ter lá a sua importância, se me permite dizer, e você fez onze perguntas. Infelizmente, você repetiu uma delas duas vezes depois de me pedir para parar de falar, e em seguida questionou minha seriedade. Ou seja, mais três. Então só restam seis. Escolha suas palavras com sabedoria.

Reprimindo um grito, apertei a caneta na mão até me ferir.

— Tudo bem — murmurei, preparando-me para fazer mais uma pergunta que tinha medo de já ter feito antes de ele me tirar mais oportunidades. — Você entrou em contato com minha mãe, não é? Quando ela era adolescente.

As lavadoras e secadoras ficaram em silêncio, enquanto a mágica dele voltava a seu corpo e a malícia desaparecia de seus traços. Ele tirou o chapéu e o pôs no colo.

— Eu tentei, Alison. A mente dela... estava mais frágil do que eu imaginava.

Joguei o caderno no chão e me levantei.

— Você me disse que a *impulsividade* sempre rende uma segunda chance na vida. Então por que você não a segurou? Você me segurou! Você não poderia ter feito a mesma coisa por *ela*? A queda dela foi muito menor! Você poderia tê-la segurado com suas asas! — Lágrimas rolavam por meu rosto. Estava furiosa, talvez mais comigo mesma do que com ele. Prometi nunca mais chorar.

Ele ergueu a cabeça para mim de seu lugar no chão. As joias brilharam num tom de mirta, refletindo a suavidade de sua expressão. Era quase como se uma partezinha dele se solidarizasse.

— Sua mãe optou por saltar ao ar livre. Havia espectadores demais no estacionamento. Ela impossibilitou qualquer resgate. Se ao menos tivesse saltado de uma altura um pouco maior, suas próprias asas poderiam tê-la salvado. Os dois cálculos errados lhe custaram tudo.

— Não. Foi *você* quem lhe custou tudo. Por que você insiste em importunar minha família? — Recusei-me a pensar na ironia das palavras e esperei que ele fizesse o mesmo. Se ele inventasse alguma piadinha estúpida sobre isso, ou sugerisse que eu tinha quatro perguntas e agora só me restavam duas, eu perderia o controle. Eu o estrangularia com as próprias mãos, com ou sem mágica elétrica.

Por sorte, ele apenas balançou a cabeça e disse:

— Não sou o responsável, nem estou aqui para reparar todas as coisas erradas com as quais você teve de lidar na vida. Em vez disso, estou oferecendo uma forma de você honrar a morte da sua mãe. De você fazer as pazes com isso.

Enxuguei a umidade quente do meu rosto.

— Não quero fazer as pazes com isso! Só queria tê-la conhecido. E só tenho essas histórias estúpidas para me lembrar dela! As histórias que a mataram. — Chutei os livros na direção dele. Os livros correram pelo chão por alguns centímetros, mas não foram muito longe. Olhei para eles, desejando que saltassem no ar e o atacassem como uma ave de rapina... que tivessem bicos para bicar aqueles olhos belos e infinitos, cheios de enigmas crípticos e respostas mais crípticas ainda.

Como se pudessem ouvir meus pensamentos, dois livros levitaram, folhas agitando-se como asas. Eles se voltaram para atacá-lo, mas Morfeu estava preparado, protegido atrás de uma redoma formada por luzes azuladas.

— Um espetáculo esplêndido — comentou ele com um quê de orgulho na voz ao ajeitar o nó da gravata. — Avise-me quando terminar com seu ataque de menina mimada.

Espere aí. *Eu fiz com que os livros atacassem? Eu os fiz voar? Fiquei boquiaberta.*

Impossível. Os livros caíram no chão com um baque, como se meu pensamento lógico os tivesse matado.

— Eu fiz isso. — Era uma observação. Mesmo descrente, tomei o cuidado para não formular aquilo como uma pergunta. Só me restavam duas agora... *escolha suas palavras com sabedoria.*

Olhei para os livros caídos e Morfeu, que desativara sua mágica e estava novamente desprotegido, esperando ao luar, paciente e sombrio.

— Minha mãe, ela tinha as mesmas habilidades, não é?

Ele devolveu o chapéu à cabeça.

— Sim, mas as habilidades dela estavam adormecidas. Tentei despertá-las, mostrar-lhe nos sonhos do que ela era capaz. Tentei encorajá-la a dar vida às pinturas nas paredes. Mas antes que ela pudesse... — Ele estendeu a mão. — Bom, deixe para lá. Você deu vida àqueles livros quase sem esforço. Pense no que você pode conseguir com orientação e foco. Está vendo, você conhece, sim, sua mãe. Porque esse toque mágico era parte dela. O que ela deixou para você em seu sangue. Cabe a você escolher o que fazer com isso. Ela só queria liberdade e fuga. Alguns podem dizer que ela conseguiu isso. Mas, quanto a você, algo me diz que um final assim não satisfaria alguém com sua... garra e determinação. Então o que *você* quer, Alison?

Não hesitei.

— Quero sair deste mundo. — Minha voz pareceu frágil, como um sopro de ar

passando por uma janela de tela, enquanto eu afundava no chão, sobre minha jaqueta. Cruzei as pernas, imitando a pose de Morfeu. — Mas também quero tanto mais...

Ele sorriu.

— Claro que quer. Você quer tudo. A coroa, o trono, súditos temerosos prostrados de joelhos a seus pés. E você deve ter tudo isso. É sua linhagem. Isso lhe foi tirado, e você recuperará tudo. Acredito que é hora de lhe mostrar *meu* *ás*, princesinha. — Ele tirou um cilindro de papel da manga do paletó e o desenrolou para eu poder ver a bela caligrafia. A tinta dourada parecia úmida, mas sabia que não estava, senão ela teria borrado. Era um reflexo da luz da lanterna.

Corta a Pedra com uma Pena, Cruza uma Floresta com um Passo, Segura o Oceano na Palma da Mão, Altera o Futuro com a Ponta dos Dedos, Derrota um Inimigo Invisível, Esmaga um Exército sob Seus Pés, Acorda os Mortos, Colhe o Poder de um Sorriso.

— Não entendo...

— São testes — respondeu ele. — Se você passar por eles, vai destronar a impostora que ocupa seu lugar e será coroada a única e verdadeira Rainha Vermelha. Você reinará sobre metade do País das Maravilhas e jamais precisará voltar a este zoológico.

Engoli em seco. Um calafrio lento percorreu meu corpo, quente e doce, como uma árvore sentindo a resina verter de seus galhos ao primeiro sinal da primavera. Era minha intuição encantada despertando. Havia um lugar ao qual pertencer. Um lugar para *governar*. Lá, nunca mais seria solitária e todos me obedeceriam.

— Mas como posso realizar coisas tão impossíveis?

Morfeu enrolou o papel novamente e o guardou.

— Esta é sua vigésima pergunta, e muito bem usada. A resposta está no enigma que mencionei antes. E, caso você não tenha entendido, pense nisto: qualquer interpretação pode ser alterada simplesmente olhando-se para as coisas de outra forma, de ângulos mais coloridos... vendo-se as palavras e o mundo por um caleidoscópio, não por um telescópio.

Fiz que sim, porque fazia sentido, de alguma forma hábil e absurda. Depois de todo o alerta quanto a usar minhas palavras com sabedoria, já estava começando a ver tudo de um jeito diferente: conotação versus denotação, instinto versus lógica, infinito versus...

— Tempo — sussurrei, respondendo ao enigma.

— Isso mesmo. — Ele se levantou, tirando uma chavezinha presa a uma corrente em sua lapela. Ele a segurou de modo que ela foi iluminada pelo luar. — Tempo de treiná-la, tempo de superar os testes e tempo de conquistar seus súditos.

— Quanto tempo demorará? E o que você ganha com isso? Você disse que faríamos um acordo.

— Desculpe, Alison. Suas perguntas acabaram. Tudo o que você precisa saber é que vê-la coroada é tão bom para mim quanto para você. — Ele jogou a chave para mim e eu a peguei no ar. — Nada vai atrapalhá-la, por mais que demore. Você me dará o tempo e eu lhe darei os instrumentos de que você precisa para reclamar o que lhe é de direito, para mudar tudo o que você achou que você era. E então o tempo não terá mais importância, pois você vestirá o manto da imortalidade interior. A começar hoje, mudamos seu destino.



Trilhos de Trem

A falta do barulho tranquilizador do banho acaba com minha névoa nostálgica.

Espreguiço-me e me sento na cama, olhando para a porta entreaberta de onde o vapor sai numa dança fantasmagórica. Thomas está se barbeando. A água jorra na pia, para e ele cantarola baixinho ao passar a lâmina sobre a pele. A música é a que ele costumava cantar para mim quando estávamos namorando. As palavras atravessam minha memória: um homem implorando perdão por amar demais a moça, dizendo-lhe que não queria outra, só ela para sempre, que valia a pena qualquer sofrimento para ficar com ela.

Ele levou a cabo a mensagem da música, ficou ao meu lado quando qualquer outro homem teria desistido e me abandonado. Nunca me arrependi de preferir ele ao meu destino interior. Só me arrependo de tê-lo magoado. Assim como me arrependo de quase ter tirado de Alyssa sua chance de imortalidade.

Na época achei que estava fazendo a coisa certa, ficando em silêncio para salvá-la das práticas bárbaras do País das Maravilhas. Só tinha dezesseis anos quando me deparei com a toca da Irmã Dois e vi para que finalidade ela usava crianças, mas, mesmo com aquela idade, não conseguia fechar os olhos para a tragédia ou as semelhanças: como o coveiro extraía os sonhos delas para alimentar as almas incansáveis no cemitério. Da mesma forma como fizeram comigo inomináveis monstros ao longo da minha vida — canalizando meus sonhos para seu prazer e satisfação. Todavia, ao contrário de mim, as vítimas da Irmã Dois nunca conseguiram escapar.

Ver Thomas envolto na teia dela depois de ficar preso lá por dez anos — toda a sua vida desperdiçada — mudou algo em mim. E minha traição mudou Morfeu. Foi uma trágica reação em cadeia.

Estremeço e me afasto do banheiro, olhando para meus pés descalços, a mente paralisada num tempo e lugar horríveis.

O colchão afunda-se quando Thomas se senta atrás de mim usando calça cinza e uma camisa lavanda que pende de seus ombros largos, solta e toda aberta.

— Minha Ali-ursinha. No que você está pensando? — Beija-me no pescoço, envolvendo-me com o perfume da loção pós-barba. Seus dedos cingem-me a barriga, gerando calafrios de prazer em toda a minha pele.

Sorriso e me derreto em seus lábios, minhas costas tocando seu peito nu, enquanto ele me beija embaixo da orelha.

— Em você e no agora — respondo, passando os dedos pelo tecido que lhe recobre os braços.

— Perfeito — sussurra ele. — Porque estou pensando em você e em como você é linda.

— Você aprova o vestido, então?

— Não só isso... — Sua boca cheia de malícia abre caminho até minha nuca. — Você está cheirosa também.

Dou uma risadinha, e ele sorri contra meu corpo.

— Se pretendemos ir a algum lugar hoje à noite — insisto, tentando me concentrar apesar de seus beijos suaves —, temos que sair daqui a pouco.

Ele suspira — pétalas de hálito quente se abrindo perto da minha omoplata esquerda e meu botão de asas.

— Acho que você tem razão. Principalmente porque não estamos apenas saindo. Estamos *indo embora*.

Olho por sobre meu ombro, para onde sua boca faz contato e deixa uma marca de sensações.

— Embora... para onde?

— Para a distante Londres. — Ele ri. Seus cabelos úmidos absorvem o sol se pondo pelas persianas, uma confusão oleosa de ondas achocolatadas. Quando ele sorri para mim assim, parece ter dezenove anos novamente.

— Você quer ir para Londres *hoje*. — Viro-me na cama para ajudá-lo a abotoar a camisa. É uma das minhas camisas preferidas pela maneira como a cor complementa a pele dele e como o tecido sedoso gruda em seu corpo. Passo os dedos por seu peito antes de fechar o colarinho. A esgrima diária definiu seus músculos a um novo nível, uma densidade sofisticada que só os músculos de um homem da idade dele podem adquirir. — Então... Acho que essa viagem-surpresa significa que você decidiu adiar nossa briga de espadas amanhã. Tem certeza disso? Não me leve a mal, você está em excelente forma. Só não sei se você tem pernas para uma minissaia.

Ele ri, fazendo a covinha em seu queixo encontrar uma sombra e parecer

ainda mais profunda.

— Ah, voltaremos a tempo de defender nossos títulos. Vamos pegar um atalho.
— Ele coloca meu colar com a chave no meu pescoço. — Nossa filha da realeza nos ofereceu seu espelho.

Abro um sorriso forçado, apesar do frio na espinha — como se aranhas com patinhas de gelo estivessem fazendo teias congeladas em cada um dos ossos. Sempre que uso as passagens nos espelhos, sinto que estou voltando ao passado e é por isso que, quando visitamos os Skeffington em Londres, insisto em irmos pelo caminho tradicional, pegando um voo comercial.

Mas hoje à noite não tenho coragem de impedir os planos dele. Posso fazer isso. Afinal, ainda estaremos no reino humano.

Houve uma época em que ansiava por entrar no espelho e descer pela toca do coelho, só para rever as paisagens e criaturas. Entretanto, depois de ficar presa lá há alguns meses, passando dias e noites no castelo de Marfim, ajudando Grenadine a conter o vazamento de lembranças, para mim chega. Estou preparada para ficar aqui pelo resto da vida, com Thomas e Alyssa. Sacio minha vontade de companhia do reino interior na Estalagem do Humphrey duas vezes por mês, quando visitamos a família de Thomas. Isso basta.

— Certo. Só me deixe terminar de me vestir. — Abaixo-me para pegar as sandálias, mas Thomas ganha de mim, ajoelhando-se aos meus pés.

— Espere um pouco — adverte ele, baixinho e com cuidado. — Este é o trabalho de um cavalheiro, princesa. — Ele ergue meus pés nus, dando um beijinho no meu calcanhar antes de calçar o sapato. Ele faz o mesmo com o outro e termina com um beijo no meu joelho, antes de pôr cuidadosamente meus pés calçados no chão.

— Meus lindos dedinhos. — Inclino-me de modo que nossas testas se toquem, a fim de poder me perder em seus olhos gentis e cálidos.

Abriendo aquele sorriso de Elvis que adoro, Thomas se levanta e me ajuda a me levantar. Ele pega um paletó esporte e minha manta de renda e me leva pelo corredor até o quarto de Alyssa. Risadas abafadas e conversas vêm da cozinha. O cheiro de queijo derretido, linguiça picante e molho marinara me dá água na boca. As crianças devem ter decidido fazer pizza em casa.

— Então vamos à Estalagem do Humphrey? — pergunto, de repente com vontade de um prato de espaguete à bolonhesa com pão de alho, alcachofra e queijo feta, meu prato preferido entre as especialidades do Hubert's.

— Faz parte dos planos — responde Thomas. — Vamos passar a noite lá. Mas primeiro vamos a Ironbridge Gorge. — Ele mostra os cogumelos no bolso do paletó, nossos “bilhetes” para o trem da memória, antes de vesti-lo.

Franzo a testa e o ajudo a ajeitar a lapela, estudando nosso reflexo no espelho de corpo inteiro de Alyssa, uma antiguidade prateada francesa que ela encontrou num mercado de pulgas. Foi a primeira coisa que ela comprou depois do nosso

retorno do País das Maravilhas, para ela poder dar uma olhada em seus súditos ao longo do dia, quando necessário.

— Não entendo. Por que iríamos a Iron Bridge? Já não vimos tudo o que tinha para ver?

— *Você*, não — responde Thomas, seu rosto pintado pelo pôr do sol rosado. — Sei que você ainda está cheia de arrependimentos. Vejo a dor no seu rosto todos os dias. — Ele acaricia minha testa franzida. — Já é hora de se perdoar. Já é hora de você perceber o impacto positivo que teve sobre todos nós o fato de você deixar Morfeu e o País das Maravilhas entrarem na sua vida, porque você olhou tanto para o lado negativo que perdeu a noção disso. Ontem perguntei a Alyssa sobre memórias perdidas. Ela me disse que, depois que elas são armazenadas como carga, se tornam parte do trem, mesmo depois que são vistas por quem as criou. Então vamos dar uma última olhada naqueles anos perdidos, mas, desta vez, vamos fazer isso juntos. Você precisa ver o que teria sido de nós se você não tivesse interferido.



Nossa viagem a Ironbridge Gorge é mais simples do que era quando Alyssa e eu vínhamos aqui, cada uma de nós procurando algo diferente. Com a ajuda de Jeb, ela recentemente instalou um enorme espelho no túnel da ponte. Agora, o transporte aqui é tão simples quanto passar de um espelho para outro. Não há viagem pelo interior. É uma ligação direta do quarto dela para o túnel.

Ao fazermos a travessia, candelabros — feitos de enxames de vaga-lumes presos a armações — passam como rodas-gigantes em miniatura pelo teto. Eles brilham ao longo de paredes sujas, cartazes publicitários velhos de 1956 a 1959 e uma pilha de velhos brinquedos descartados no túnel.

A despeito do nervosismo, consigo comer cogumelos o suficiente para encolher com Thomas, a fim de podermos embarcar no trenzinho de brinquedo enferrujado que leva a todos às memórias perdidas e esquecidas do País das Maravilhas.

O besouro-condutor nos espera. Ele abre a porta em que se lê *Thomas Gardner* e nos leva a um cômodo sem janela forrado por um tapete sob um sofá cor de creme. Um abajur todo decorado lança um brilho ameno sobre as paredes. Do outro lado, um palquinho com cortinas de veludo aguarda para exibir as memórias de Thomas.

— Por favor, sentem-se e bebam alguma coisa — oferece o besouro, mais cordial do que nunca. Muito se falou sobre as loucuras de Alyssa no mundo dos espelhos. Ela adquiriu a reputação de uma Rainha Vermelha severa, mas sábia, e isso nos assegura, com o seus pais, do respeito de todo o reino interior.

Thomas e eu nos sentamos lado a lado no sofá. Há uma mesinha à esquerda e

um guardanapo rendado sob um prato cheio de biscoitos com gotas de chocolate. Pego um e o ofereço a Thomas. Ele come metade, limpando as migalhas que caem em sua calça, e gesticula para eu comer o restante.

Ondas de náusea me atingem. Tento atribuir a sensação à fome e mordisco o biscoito macio e a cobertura delicada de amêndoas, ficando mais tensa quando o condutor esmurra com seu braço artrópode um botão na parede. As cortinas do palco se abrem, revelando uma tela de cinema.

— Imagine mentalmente o rosto do seu marido enquanto olha para a tela vazia e você vivenciará o passado dele como se fosse hoje. — O besouro mexe num controle que desliga a luz e então fecha a porta.

Dou a mão para Thomas. Na única vez que visitei este trem, estava espiando o passado dele sem que ele soubesse e as coisas que vi me deixaram tão horrorizada que quis escondê-las dele para sempre. Agora ele está aqui, me encorajando a olhar mais atentamente. Mesmo com o conforto da presença dele, meu nervosismo é quase sufocante.

Supero isso, lembrando-me dele como a criança que vi no dia em que vim sozinha — quando o nome dele era David Skeffington e ele tinha oito anos. Desta vez, porém, imagino-o alguns meses antes, quando ele ainda vivia com sua mãe, seu pai, duas irmãs e um irmão em Oxford.

Uma imagem aparece na tela em cores vivas e me toca. Ela me destroça — cada parte do meu corpo se desfiando —, até que me recomponho, atenta, admirando os olhinhos de David e compartilhando seus pensamentos, emoções e sensações infantis.

Ele tem uma infância feliz, cheia de momentos sentimentais... seguindo seu pai durante os trabalhos na fazenda de caprinos, brincando com suas irmãs e irmão nas colinas que cercam a casa, os passeios e piqueniques da família, as histórias antes de dormir recitadas pela voz melódica e suave da mãe. Mas, uma noite, ele é visitado por um grupo de cavaleiros imperiais usando túnicas vermelhas e brancas — os mesmos que vieram buscar o irmão dele dois anos antes.

A mãe chora com a chegada deles, gritando que os cavaleiros nunca visitam uma família pela segunda vez, mas seu pai a consola, dizendo que, por suspeitar que isso fosse acontecer, ele mesmo os convocara. Então ele leva David para um quarto escuro para ser interrogado.

Um dos cavaleiros, um homem de barba grisalha usando uma túnica vermelha e malha de ferro, abre, na escuridão, um aparelho multiespelhado. Ele aciona um botão, iluminando as molduras. Cada espelho está montado num ângulo exato para refletir o outro, provocando uma ilusão de infinito.

— Ande pelo labirinto de espelhos, menino — diz o cavaleiro. — Diga-me o que você vê.

David anda para lá e para cá, primeiramente sem ver nada além de milhares de imagens de si mesmo. Então ele vê algo se movimentando num dos reflexos

distantes — a silhueta de algo inumano. Ele vira a cabeça e encontra a mesma distorção em todos os planos de vidro prateado. Com uma piscada de olho, as sombras dão lugar à claridade e um mundo estranho e assustador se abre. Pássaros feios e enormes com dois pares de asas andam pelo terreno em vez de voarem. Morcegos vermelhos duas vezes maiores do que condores passam por cima dele, caçando qualquer coisa com coragem o bastante para compartilhar o céu flamejante com suas línguas compridas e venenosas. Ele começa a recuar, mas o terror se transforma em fascinação e o seduz, enquanto criaturas menores — seres parecidos com filhotinhos coloridos na forma de flocos de neve — passeiam pelo cenário. Eles viram do avesso, suas entranhas uma bola de dentes afiados que devoram tudo pelo caminho. O sangue mancha tudo à medida que eles se banqueteam dos pássaros de quatro asas. David faz uma cara feia, meio que esperando sujar-se com o jato quente cor de cobre, mas o massacre é contido pelos reflexos. O medo e a repugnância fecham sua garganta, mas ele observa por mais um segundo, enquanto criaturas ainda menores, parecidas com uma borboleta com cauda de escorpião, voam baixo — elegantes anjos da morte — e transformam todas as bolinhas de dentes ensanguentados em estátuas de pedra.

Numa euforia estonteante, David sai do labirinto e repassa toda a morte que viu. Os cavaleiros conversam entre si e se viram para o pai dele.

— Isso não tem precedentes: seu segundo filho também tem a visão — afirma o cavaleiro de barba grisalha. — Ele vê os pontos fracos na barreira entre o reino interior e o mundo humano com mais clareza do que o irmão. Você sabe o que isso significa, Gregor.

O pai de David faz que sim. Ele parece triste e ao mesmo tempo orgulhoso ao dar tapinhas na cabeça de David. O menino não sabe o que sentir. Mas de uma coisa ele sabe: ele não é mais considerado uma criança. Ele é um guerreiro e será treinado como tal.

Seu pai faz suas malas, eles beijam uma última vez a mãe e as irmãs em prantos e então vão viver com os tios e primos de David em Oxford, Inglaterra, na Estalagem do Humphrey. A insuportável dor sentida por ele ao dar adeus à família e à antiga vida é amenizada somente quando seu irmão mais velho, Bernie, vem recebê-los à porta.

A cena treme ao passarmos por vários meses de lições: estudando em Qualquer Outro Lugar, o mundo espelhado para onde os exilados do País das Maravilhas são banidos. Ele aprende que tal lugar está conectado ao País das Maravilhas por uma densa floresta e ao mundo humano por espelhos infinitos, e que um domo de ferro cerca a prisão, transformando quaisquer seres intraterrenos encarcerados em criaturas grotescas, caso tentem usar magia no interior.

Durante seu treinamento, David se afunda em estudos sobre as criaturas mutantes para ter a honra de fazer parte de um grupo especial dos cavaleiros que guardam os dois portões — o portão do reino humano e o portão do País das

Maravilhas. A violência e o pavor, porém, saturam de imagens vívidas e bizarras seus sonhos e pesadelos. Ainda assim ele progride, fazendo aulas de autodefesa e refinando sua linguagem — aprendendo a usar a mente como armadura quando são os enigmas a arma.

As cenas da vida de David param no restaurante de Hubert, enquanto seus pés deslizam nas cinzas do ringue, enquanto os convivas o veem aprender a bloquear um ataque vindo de cima. Sinto a pulsação de Thomas... *David... acelerar, sinto sua vontade de dar orgulho ao pai, sua competitividade em relação ao irmão e aos primos e a consciência tímida de ter todos os olhos sobre si* — o candidato mais jovem. Mas com o tempo ele aprende a bloquear tudo, exceto o jogo. Ele se torna confiante, gracioso e fiel, supera todos os seus oponentes — incluindo seu próprio pai — e, em seu nono aniversário, está pronto para sua primeira viagem a Qualquer Outro Lugar, a fim de sentir os segredos internos em primeira mão. A maioria dos meninos é admitida aos treze anos, mas ele merece uma iniciação precoce, não só porque aprendeu a se defender, mas também porque tem a ousadia, sabedoria e perspicácia de alguém cinco anos mais velho.

Um arco-íris vívido mancha a tela, enquanto as memórias se voltam para o caminho de David dentro de um túnel de vento esbranquiçado na forma de um tornado. O funil serve aos cavaleiros como travessia segura para o mundo prisional, já que eles são os únicos com medalhões mágicos que controlam os ventos. As lufadas tomam conta dos cabelos e das roupas de David, que é carregado com seu tio William para o portão do País das Maravilhas, onde David será iniciado nos segredos de seu posto como guardião. Impulsionado pelo medalhão no pescoço do tio, o funil se abre e os cospe, um a um, muito acima do portão trancado contra a floresta densa e o País das Maravilhas. Um gigantesco escorregador de cinzas se ergue para pegá-los e levá-los à plataforma, mantendo-os a uma distância segura do fulgurante vórtex de nada que separa o portão do terreno mundano e mantém encurralados os prisioneiros.

David observa tudo através de óculos de armação de couro, iluminados. Como esta é a primeira vez dele dentro do mundo na redoma, ele estava determinado a não perder nada, nem mesmo a viagem até lá. Seu pai cedeu e o deixou usar os óculos que ele e seu irmão usavam para proteger os olhos das cinzas e iluminar o caminho quando andavam de moto por trilhas sujas nas colinas de Oxford, à noite.

Por causa de sua visão perfeita, ele vê — enquanto seu tio é jogado para fora do túnel atrás dele — que a corrente mantendo o medalhão no pescoço do velho se quebra e o colar começa a cair. David estende a mão para pegá-lo. Uma vez em segurança ao lado do portão, ele devolve o colar ao tio. O velho lhe dá um tapinha nas costas e guarda o colar em sua malha de ferro.

— Um dia, você terá um medalhão. Aposto minha vida nisso. — Seu tio ri. David sorri diante do elogio.

Tio William sempre foi seu preferido... Ele cheira aos doces de canela que sua mãe costumava pôr nos pratos natalinos, ele é capaz de vencer qualquer um no

xadrez e sempre tem uma bela piada para contar. Foi ele quem manteve David debaixo da asa quando seu pai teve de voltar para a fazenda. E agora ele insiste em ser o guia de David em todos os mistérios deste mundo estranho e mágico que sua família protege há séculos.

David se aproxima do portão de ferro sólido, a fim de que o Tio William possa lhe contar o segredo de como se abre caminho para o País das Maravilhas. Embutida na parte de baixo da barreira de três andares, a caixa hexagonal aparece com cinco quebra-cabeças organizados numa estrutura de boneca russa. David observa Tio William montar três deles, fazendo o portão ranger e se abrir um pouco por vez, revelando o túnel escuro atrás — um corredor pela floresta densa. Vem um cheiro forte — madeira úmida e podre. Faltando somente dois quebra-cabeças para abrir completamente o portão, Tio William fica pálido e se apoia contra o ferro. Então ele segura o peito e cai ajoelhado.

Ofegante, David se abaixa ao lado dele.

— Tio, o que houve? — Ele quer gritar, mas engoliu névoa negra demais em meio ao nada a caminho do portão. Suas cordas vocais não estão totalmente despertadas, então ele continua num murmúrio. — Devo chamar o vento de novo? — Seu sussurro é indecifrável até mesmo aos próprios ouvidos.

Não importa. Seu tio não pode mais lhe responder. David é pequeno demais para carregar o corpo do Tio William até o local de pouso. E, se ele pegasse sozinho o túnel de vento à procura de ajuda, abandonaria o tio vulnerável diante do portão entreaberto. David não sabe como usar a caixa para trancar a porta. Ele pega um pombo-correio mecânico da bolsa do velho. Aquilo só é usado em emergências e deve ser enviado com uma mensagem gravada, mas, com sua voz muda, ele só pode enviar o pombo-correio sem mensagem nenhuma, na esperança de que seus parentes o vejam e saibam que algo deu errado.

Ele aciona o interruptor para acender os olhos e ativar as asas do pombo e manda-o para o céu. Mas teme estar sem tempo. A pele do seu tio já está azulada, como a cor do gelo sobre um lago.

O coração de David bate forte no peito.

Há uma coisa que ele pode fazer.

Com os olhos em chamas atrás dos óculos, David olha para o portão parcialmente aberto. Apesar de a Irmandade do Espelho ter muitas informações sobre Qualquer Outro Lugar e seus ocupantes, não foram feitos muitos estudos sobre o País das Maravilhas. Exceto pelos livros da *Alice*, pouco se sabe sobre os seres de lá. De todo modo, abundam rumores sobre criaturas com poderes curativos que ultrapassam a compreensão humana.

David pode não saber resolver os dois últimos quebra-cabeças, mas a abertura — pequena demais para um adulto — já está do tamanho perfeito para seu corpinho passar.

Ele hesita. Há outras histórias também, sobre as fadas. Dizem que algumas são

enganadoras e fatais. Mas como é possível que elas sejam piores que os monstros deste lado do portão? E ele foi ensinado a derrotar os melhores. Com certeza seu conhecimento pode fazê-lo entrar no País das Maravilhas e sair incólume dele.

Tenso, David se levanta e passa pelo portão, antes que o medo ou a razão possam detê-lo.



Âncora

Numa reação em cadeia, assim que David passa pelo portão, este se fecha atrás dele. Seu tio estaria protegido de quaisquer criaturas perdidas do País das Maravilhas, até que o próprio mecanismo se reiniciasse com a boca para a floresta densa se abrindo e fechando. Só então o portão permitiria que alguém passasse pela mesma abertura de novo. Até mesmo David teria de encontrar um novo caminho... atravessando outra garganta da floresta densa.

Um calor de pânico queima o rosto de David. Ele se sente sozinho e com medo por um instante, antes de se lembrar de que fora treinado como cavaleiro. Seu plano daria certo. Ele só tem de encontrar uma fada com poderes de cura e fazer algum tipo de acordo. Dizem que elas colecionam quinquilharias humanas.

David tira as luvas, revelando o anel que recebera ao ser ungido: um anel de ouro puro reluzente cravejado de diamantes em sua circunferência e um enorme rubi brilhante com uma cruz branca de jade no meio. Para ele, o anel não tem preço, mas ele está disposto a dá-lo se isso significar a salvação do Tio William.

O cheiro podre detestável arde-lhe os olhos, mesmo por trás dos óculos. Ele liga as luzes em torno da armação de couro para iluminar a trilha cheia de musgos e começa a correr. Depois de uns seiscentos metros, o ar parece menos denso. Ele luta para respirar no espaço fechado e escuro. Seus óculos se embaçam, o que o faz tirá-los do rosto e posicioná-los no pescoço, de onde ainda iluminam seus passos.

Ele vira uma curva e vê uma clareira, com uma luz ainda fraca e ar fresco. Ofegante, David desliga os óculos para não ficar exposto ao sair da boca ensandecida para entrar na clareira.

Ele empunha a espada ao saltar por cima dos dentes e pousar num arbusto. O som de algo se quebrando o faz se virar para olhar para a árvore da qual saiu. A boca tenta mordê-lo. Ele se joga para trás, escapando por um triz dos dentes, que voltam para dentro do tronco a fim de formarem o que parece ser uma protuberância na casca — mas David sabe muito bem que não é nada disso.

O mato reluzente envolve suas botas enquanto ele caminha pelo punhado de arbustos, à procura de uma saída.

Alguns arbustos atrás dele balançam. Tenso, ele fica no meio da clareira, fora do alcance do mato e das árvores que o cercam, mantendo os olhos no dossel de galhos.

Os arbustos balançam novamente e ele ergue a espada, preparando-se mentalmente para os seres intraterrenos que surgiriam da floresta densa em formas estranhas e horríveis. Possivelmente uma formiga de fogo com o corpo em chamas ou um cavalo voador com embaladeiras de madeira afixadas às seis patas.

Em vez disso, um grito irrompe do outro lado dos arbustos, seguido por uma confusão de vozes histéricas diminutas, ainda mais estranhas por causa da brincadeira infantil delas.

— Estupidez! Estúpido, estúpido, estúpido! Ela né quem fugitivos!

— Ataquiri o humanolongo!

— Sinsins! Ou vão ser nossos morotoros pescoços e cortados.

— Apostas erradas acontecem.

— Erradas ou não, Twid Two pede que vocêsseis fiquem parados.

— Todosos podem sonharos!

— Ela vai pendurar vocêsseis pelos pescoços... morotoros-mortoros-mortos que sejam!

David relembra suas aulas de idioma. É como latim suíno misturado com jargão sem sentido. Mas três das frases ele consegue compreender claramente. As criaturas de vozes minúsculas estão perseguindo uma fugitiva, estão preocupadas com a falta de sonhos e estão prestes a ser enforcadas.

As vozes crescem e os arbustos balançam novamente. David se esconde atrás de uma pedra enorme para observar. Ele não pode deixar que o capturem ou o machuquem... Tio William precisa que ele encontre ajuda e volte rápido. As folhas nos arbustos se abrem e algo aparece.

David perde o fôlego ao ver um menino humano nu, talvez seis anos mais velho que ele, avançar na luz amena da clareira. Ele é da cor do leite, só um emaranhado de cabelos pretos na cabeça. É como se todo o sangue tivesse vertido dele... não do seu rosto, mas de seu peito, braços e pernas. Então David percebe que o menino não está completamente nu. Seu corpo está coberto por

alguma coisa — uma gosma espessa. Fibras sedosas pendem dele como tranças, como se ele estivesse sendo desfiado.

Teia de aranha?

David engole em seco, fazendo mais barulho do que esperava.

O menino se vira para ele, mas seus olhos vítreos não o veem. Sua expressão não parece ter percebido nada. Não há nenhuma expressão além de um olhar vazio e sombrio.

Uma corda de teia de aranha atinge o calcanhar do menino, derrubando-o de cara no chão. Ele resmunga algo com a boca cheia de mato — um som estranho e animalesco sem nenhum sentido —, como se ele tivesse esquecido como se fala.

As criaturinhas tagarelas surgem apressadas — cinco delas —, ainda discutindo entre si. Parecem macacos-aranha prateados de pele sem pelo. Olhos volumosos cor de níquel, sem pupila ou íris, brilham como moedas num poço dos desejos.

Uma gosma brilhante verte da pele careca. As gotas prateadas oleosas marcam seus passos como trilhas longas e finas. Todos usam minúsculos capacetes de mineiro. As luzes percorrem a clareira desorganizadamente, como bolhas reluzentes.

Ao passarem pela pedra de David, um cheiro pútrido de carne os acompanha. Eles cercam o menino caído, fazendo sons ameaçadores. Um deles tira a teia do calcanhar da vítima e a usa para amarrar-lhe as mãos nas costas. O menino exhibe os dentes numa tentativa feroz e furiosa de se libertar, embora sua expressão mantenha o olhar vazio.

A criatura mais perto dele recua e ri — dentes afiados à mostra em seu rosto simio. Ela emite um som incômodo entre um ronronar e um uivo, depois salta sobre o menino, enchendo a boca dele com a teia. Os outros macacos prateados incentivam o companheiro, exultante com os sons de sufocamento do menino indefeso.

Nauseado com o espetáculo horrível, David joga os óculos no grupo para distrair as criaturas e sai do seu esconderijo.

— *En garde!* — grita, agitando a espada na direção das criaturas prateadas, numa tentativa de espantá-las.

Elas gritam em uníssono e correm para os galhos próximos. As lamúrias balançam as folhas, seguidas pelas luzes dos capacetes.

David abaixa a espada e se põe ao lado do menino, soltando-o das amarras.

— Vocsesse não deveria ter feito isso, ser falante — alerta uma das criaturas com uma voz débil e ameaçadoramente melódica. — A jardineira deverese estare a caminhinho. — As demais reagem rindo, balançando ainda mais os galhos, mas então fazem um silêncio incômodo, como se ouvindo algo.

Jardineira? David mantém um olho mirado nas criaturas e continua a desamarrar o menino. O Tio William geme em seu pensamento. David espera que seus outros familiares já tenham encontrado o velho. De uma coisa ele sabe: Tio William e seu pai iriam querer que ele fizesse a coisa certa. Ele jurou proteger toda a humanidade contra a magia, e este menino obviamente precisa de proteção.

Tão atento a suas batalhas internas, ele não vê a gigantesca sombra até ouvir a música assustadora:

— A dona aranha subiu pela parede — canta uma voz misteriosa do alto.

Ele sente um arrepio assim que olha para cima — tarde demais. A visão aterrorizante o deixa paralisado.

Uma aranha do tamanho de um homem pende de cabeça para baixo. A metade de cima é fêmea — o rosto translúcido com cicatrizes e arranhões ensanguentados ao longo de seus lábios roxeados, rosto, queixo e têmporas. Seus pelos prateados caem em mechas espessas, quase alcançando a cabeça de David. A parte de baixo é a de uma viúva-negra, cinco vezes maior que as bolas de ginástica que os cavalheiros usavam para ficar fortes e resistentes. Ela se equilibra num fio de teia preso aos galhos, e a teia brilha como seus famintos olhos azuis. Oito patas brilhantes de aranha envolvem a teia-âncora, algo assustador e gracioso.

David pensa em empunhar a espada, mas fica paralisado de medo e surpresa.

Ela ergue e baixa a pata esquerda e quase parece humana, exceto pelas tesouras de jardim no lugar da mão.

A jardineira. A palavra apavora David, abate-se sobre ele, trazendo-o de volta ao presente.

Snip, snip, snip. O abrir e fechar das tesouras despertam David completamente do transe. Ele recua de costas, o coração acelerado enquanto as lâminas quase atingem seu rosto.

A mulher com características de aranha desce delicadamente ao chão diante dele.

O terror sacode seu sistema nervoso — milhares de pedrinhas de gelo incendiando sua pele. Antes de poder se endireitar e correr, um jato espesso de teia o envolve dos pés à cintura, capturando sua bainha e inutilizando sua espada. David tropeça e cai no chão ao lado do menino que ele tentara salvar. O menino o encara com aqueles olhos desolados e dormentes. Com a língua ele tira a teia da boca e murmura novamente aquele mantra sem sentido, como se tentasse dizer algo a David.

O lado esquerdo do corpo de David dói por causa da queda e punhados de mato pinicam o interior de seu ouvido.

— Bom, bom — diz o aracnídeo com uma voz rouca que deixa um sabor de

cobre na boca de David, como flocos de ferrugem e desespero. — Vocês dois es viraram amigos? Que lindinho.

As criaturas símias prateadas riem e saem de seus esconderijos. Numa tentativa desesperada de fugir, David enfia as mãos no mato e rasteja até o limite da mata.

Duas das criaturas saltam sobre ele e outra tira o anel de seu dedo.

— Brilhante! — grita ela, exibindo seu prêmio.

— Devolva isso — exige David, apesar de não fazer ideia de onde vem sua coragem.

Rosnando, a aranha jardineira empurra os macacos de lado com quatro patas e prende David onde ele está, dando voltas e mais voltas nele, até envolvê-lo de teia até os ombros.

— Este daí-í é um reluzente falante — provoca um captor prateado, cutucando David com um galho.

— Falante ele pode ser, meu escravo. — A mulher aracnídea se abaixa, seu hálito atingindo o rosto de David. Ele tosse, engasgando com o cheiro de terra úmida e podre. — Mas ele é um sonhador? — Sua mão direita, escondida por uma luva de borracha, toca-lhe o queixo. Como uma criança preocupada com uma casca de ferida, ela olha nos olhos dele, um estudo intenso que revira as entranhas de David. Ele sente o puxão bem lá no fundo, em profundezas maiores que a de seu coração, ossos e sangue... até libertar e expor todos os temores e esperanças mais secretos de sua alma. — Sim. Ele ser um sonhador único. E ser *meu*.

Diante da afirmação da bruxa aracnídea, as criaturas símias dançam, a gosma prateada delas descendo pelo rosto de David.

— Solte-nos — implora ele, olhando para o outro menino.

— Ah, negativo. — A luva de borracha lhe toca a cabeça, esfregando o cabelo no couro cabeludo. — Levar vou Irmã Dois à sua vontade. Dela um presente para mim, ele é. Ele ser vai magnífico no meu jardim. Vi coisas outras humanos não viram. Ahhh, você ter vai os sonhos mais vívidos. E pesadelos, ah, pesadelos em convulsão. — Uma baba pinga de seu lábio, o que combina com o sangue já em seu queixo. Limpa-a com a mão de tesoura, cortando-se mais uma vez.

David fica tenso dentro de seu casulo, tentando tocar a espada. Mas seus membros estão presos — imóveis.

O menino caído se lamuria e a aranha vai até ele.

— Parece que temos um substituto para você. Não foi fácil? Chega de sofrimento. — Ela tira a luva, usando os dentes para ajudar na falta de outra mão útil. A bainha de couro cede para revelar cinco caudas de escorpião se encolhendo e se esticando no lugar de dedos.

David geme ao ver algo tão repugnante.

A Irmã Dois se curva sobre o prisioneiro e abre a teia no peito dele, expondo a pele branca.

— Hora de se juntar aos outros. — Sua mão venenosa se choca com força contra o esterno do menino e o veneno verte da ponta do seu dedo; então ela atravessa os ossos até o coração.

O menino uiva e convulsiona. David grita e tenta chegar até ele, mas não consegue se mover. Em pouco tempo, o corpo do menino se encolhe e se transforma num escravo símio prateado, como os demais. Finalmente ele para de se debater e fecha seus olhos sem pupilas, seu rosto primata relaxado e uma língua negra pendendo da boca. Bolhas de gosma saem do que um dia foi carne humana e um rabo fino e comprido cresce em suas costas.

David fecha os olhos com força, tentando não gritar como um menininho. *Tenha coragem*, diz ele para si mesmo. *Você é um cavaleiro*. Mas ele está perdendo a coragem... ele está esquecendo tudo o que aprendeu. Ele só se lembra do sangue e da morte e dos dentes afiados e ferrões. Sente a mão macia e cuidadosa de sua mãe lhe acariciando a cabeça. A lembrança é destruída por um par de tesouras de jardim.

— Não tenha medo, menininho sonhador. — A Irmã Dois se volta para ele, enquanto os escravos pegam o novo membro do grupo e o levam para longe. — Você está em casa agora. Você tem irmãos e irmãs imortais aqui. Um dia, quando seus sonhos se esgotarem, você se juntará a eles. Mas, antes, alimentará minhas almas famintas e derrotadas.



— Nããão! — grito. É um grito tanto para David quanto para o menino perdido que jamais conheceremos. O menino perdido que nunca se reunirá novamente com seus entes queridos. Que agora se perdeu para sempre, até mesmo de si próprio.

Grito mais alto à medida que a teia cobre o rosto de David e ele não consegue mais gritar por si mesmo nem por ninguém.

— Nãããão!

— Alison. — Thomas me sacode pelo ombro e a cena treme e se desfaz ao meu redor, me tirando das lembranças dele e me fazendo cair de novo no sofá, aninhada pela semiescuridão que nos cerca.

Escondendo meu rosto no braço de Thomas, em busca de seu perfume e calor. Lembrando-me de que ele está aqui e jamais sofrerá daquele modo novamente.

— Sinto muito mesmo.

— Não, meu amor. Você me salvou. Você não tem que pedir desculpas por nada. — Ele me abraça e me puxa para perto, esperando que meus batimentos se normalizem e eu consiga respirar novamente sem ofegar.

— A Irmã Um mentiu para mim — digo, tentando dar sentido às coisas. — Ela disse que as fadas usavam corpos de criança para alimentar as flores. Mas não era nada disso.

— Não. As fadas já foram crianças também. — Thomas suspira demoradamente, seu tórax erguendo minha cabeça com o esforço. — E elas não podem voltar àquela forma.

Meu rosto queima de raiva.

— Não consigo mais assistir a isso. Por favor, diga que é aqui que tudo termina.

Ele me aperta.

— Está tudo bem. Essa é a bênção. Algo na teia agiu como sedativo. Eu estava num transe. Não tenho lembranças da minha época na toca, porque *não tive* lembranças. Só tive um sonho. Mas me lembro de despertar quando você me libertou da armadilha e caí no chão. Eu me lembro de você me cobrindo.

— Sim — sussurro na escuridão. — A Irmã Um me deixou emprestar o cobertor. Era tudo o que ela podia oferecer. Ela estava apavorada com a ira da irmã gêmea. Usei a manta como maca, para me ajudar a tirá-lo dali.

— Eu me lembro disso também. Vi vislumbres de você olhando para trás para ter certeza de que eu não caí. Seus olhos eram da cor da liberdade. Ou do meu futuro. Eles eram tão cheios de dor, de determinação. E de *força*. — Thomas me aperta com mais força. — Então, ao acordar no ombro de Morfeu quando ele passou comigo pelo portal, você e suas asas desapareceram aos poucos. Você era transcendente... etérea. Acordar na sua cama foi como acordar de um coma de dez anos e ver um anjo. Seu rosto era conhecido, acho que por causa daqueles vislumbres de consciência. Por algum motivo, quando Marfim apagou minhas outras memórias, aqueles momentos permaneceram. Talvez porque não fossem memórias ainda. Eram mais... despertares. E, sem minhas outras lembranças, você era a única coisa que eu reconhecia. Mais tarde, me convenci de que tinha sonhado com você e as asas, mas não importava. Porque só de olhar para você, com ou sem asas, renasci.

Aninhei-me mais em seu peito para ouvir seu coração. Fechando os olhos, revivo mentalmente o momento em que nos conhecemos oficialmente, como se o estivesse vendo na tela do outro lado da sala.

Eu me sentei ao lado da cama e guardei vigília naquela noite, depois de quebrar todos os espelhos para que Morfeu não pudesse voltar ao quarto. Sabia que o tinha decepcionado. Também sabia que ele estava furioso. Mas não me importava. Só me importava de ajudar o menino na teia.

Sabendo que ele não teria identidade ao acordar, eu o batizei enquanto ele

dormia. Ele me lembrava de uma pintura que vi uma vez numa das minhas casas adotivas. As pessoas eram religiosas e um retrato de São Tomás pendia sobre a lareira. Seus cabelos eram castanhos, o rosto jovem, mas marcado pela sabedoria, e seus olhos escuros eram solidários e melancólicos. Ele era o santo padroeiro das pessoas tomadas pela dúvida e, como nunca acreditei que eu tivesse um lugar no mundo humano, tomei-o como meu santo pessoal.

Contudo, ao ver o menino sonhador dormindo naquela noite no meu quarto, um menino que ajudei a salvar... um menino a quem dei um lar, sabia que jamais duvidaria do meu lugar novamente.

Nervosa e insegura, observei seus olhos castanhos se abrirem na manhã seguinte. Uma aurora cor de pêssgo dançava nas paredes do quarto, animada por três galhos balançando do lado de fora da janela. Eu me perguntava se ele teria medo de mim, se ele entraria em pânico e sairia correndo. Mas, quando nossos olhares se encontraram, eu me senti — pela primeira vez em muitos anos — segura. Ele me tocou como se me conhecesse desde sempre. Considerando o tempo que ele passou sem contato humano, não hesitei em tocá-lo. Silenciosamente, segurei a mão dele e entrei sob a colcha de retalhos, acomodando-me ao seu lado. Sem falar nada, seus dedos tocaram todo o meu rosto, seu hálito doce na minha pele — um resíduo da poção do esquecimento que Marfim lhe dera. Para mim, era o cheiro da esperança e de uma nova vida. Então ele parou na minha boca, segurou meu rosto e me deu um beijo, seu toque tão terno e ainda assim tão confiante para um menino de dezenove anos que nunca tinha beijado uma menina. Foi meu primeiro beijo recíproco, o único que chegou ao meu coração e me iluminou como uma tocha desafiadora contra o vento forte. Fiquei ali no calor de seu abraço e dormimos por horas, até que o sol avançou no céu e chegou a hora de lhe dar respostas, por mais falsas que fossem.

Thomas não conseguiu falar nos primeiros meses. Ele entendia as coisas que eu dizia, mas teve de reaprender as palavras — como articulá-las e lê-las. Era como se a Irmã Dois não tivesse apenas sugado seus sonhos e imaginação, mas também toda uma vida de comunicação. Apesar de ser frustrante para ele, isso facilitou as coisas para mim e fui capaz de relacionar sua deficiência e amnésia a um acidente de carro e um ferimento na cabeça.

Agora repasso as mentiras que disse na esperança de mantê-lo são, e me pergunto como as coisas podiam ter sido diferentes se o tivesse trazido aqui para o trem, a fim de que ele visse a verdade.

Mas o passado não pode ser desfeito. Ele me perdoou e me ama, apesar de tudo.

— Só queria ter podido salvar todas aquelas crianças, como salvei você — digo, segurando a camisa de Thomas. — Ou salvar Alyssa da dor pela qual ela passou.

— Deixe disso, docinho. Você não vê quantas vidas você salvou? Não só a minha. Você e eu fomos destinados a fazer parte do País das Maravilhas. Não importa os caminhos que escolhemos. Fomos pegos naquela teia assim que

nascemos. O que significa que era inevitável que nossa filha tivesse o mesmo destino e que o papel dela fosse maior que o nosso.

— Entendo isso, mas...

— Mas o que você insiste em esquecer — interrompe Thomas com cuidado — é que, sem seu papel nisso tudo, nossa menina jamais teria nascido, porque eu teria terminado como fada, constantemente em busca daquela faísca de inspiração, sem nunca saber exatamente o que perdi. Não consigo pensar em fim mais trágico. Você consegue?

Uma emoção nova cresce dentro de mim. Um quê de indignação virtuosa por todas as crianças humanas perdidas e aquelas que consegui salvar, uma emoção quente e avassaladora.

— Ao entrarmos no País das Maravilhas pela primeira vez — continua Thomas, segurando minha mão e levando-a ao seu coração —, você deu vida à nossa filha e uma chance de vida a todas as crianças que a Irmã Dois teria pegado e usado no futuro. O fato de Morfeu convencer Alyssa a ser rainha o fez se apaixonar por ela, o que por sua vez deu a um ser solitário e egoísta a chance de crescer e fazer algo admirável... Ela está com a gente agora por causa disso. Jeb ter desistido da sua musa em nome das crianças humanas... um menino que não teve muita infância... outro sacrifício admirável. Somos todos pessoas melhores... ou seres intraterrenos, em alguns casos... porque *você* teve coragem e ousadia suficientes para buscar uma vida melhor para si mesma. Por causa das *suas escolhas* quando era aquela menina solitária de treze anos, e novamente quando era aquela princesa virtuosa e misericordiosa de dezesseis anos, incontáveis vidas foram salvas e melhoradas. E, ao salvar o pai de Alyssa, você lhe deu uma chance de existir.

Contive o choro.

— O que lhe deu chance de criá-la. Ela é forte e incrível por causa de *você*. — Seguro a mão dele, fecho-a e beijo os nós dos dedos. — Obrigada por nunca ter desistido de mim ou da nossa menina. Você é nosso herói.

— Você é *minha* heroína, Alison. Literalmente. — Ele tira do meu rosto uma mecha que se soltou do grampo. — Quantos homens podem dizer isso da mulher que amam? Hein?

Paro de lutar contra as lágrimas. Deixo-as rolar tranquilamente por meu rosto. São lágrimas diferentes das de outros choros. São puras, terapêuticas e felizes. *Divinamente felizes*. A despeito da escuridão que todos enfrentamos, tenho minha família. Honrei a morte da minha mãe permitindo que outros vivessem. Como Morfeu disse uma vez... ele me deu uma chance de fazer as pazes com a morte. E agora Thomas me dá uma chance de fazer as pazes com minha vida. Tudo é como deveria ser. Finalmente.

Haveria momentos em que os pensamentos sombrios me visitariam, tenho certeza. Mas agora... agora tinha uma luz para lançar sobre eles. Um farol a me guiar.

— Chega de olhar para trás — digo para meu marido, a voz surpreendentemente firme.

— Chega de passeios de trem. — Ele acaricia meu queixo com os nós dos dedos. — Só para a frente, deste dia em diante. Aproveitando todos os momentos juntos que nos restam neste mundo. Você comigo.

— Até o derradeiro fim — falo.

Thomas enxuga minhas lágrimas.

— Feliz aniversário, Ali-ursinha. — Ele me puxa para o colo no sofá e me beija até eu perder o fôlego e ficar toda vermelha como uma noiva tímida. Depois ele me põe no chão para ajeitar minhas roupas e sussurra em meu ouvido. — Estou morrendo de fome. Que tal espagete à bolonhesa?

Eu rio.

— Você leu meus pensamentos.

Ao sairmos do trem rumo ao espelho, ele segura minha mão. O menino na teia e o homem dos meus sonhos. Para sempre e eternamente, minha âncora.

A
MARIPOSA
NO
ESPELHO



As Maquinações da Mariposa

— Tem certeza, Morfeu?

— Tenho — respondeu Morfeu, tirando as luvas e enfiando-as no casaco. — Você, entretanto, parece que precisa ser convencida.

A magia pulsava nervosamente na ponta de seus dedos, uma luz azul pulsante logo abaixo da pele. Por causa da ponte de ferro que havia lá fora, seus poderes estavam limitados a alguns truques inofensivos, mas suficientes para dar o seu recado, se necessário.

O besouro-tapete — que de tão grande chegava à altura dos ombros de Morfeu, depois de este haver tomado uma poção encolhedora — engoliu em seco por trás de suas muitas mandíbulas estalantes. Sua pele carpetada tremia.

— Não, não. Por favor, o senhor interpretou mal as minhas ressalvas. — Os braços ramosos do inseto vibravam enquanto ele folheava as marcações em ordem alfabética de sua prancheta, as quais continham todas as lembranças perdidas no País das Maravilhas. — É que ficar espiando os momentos esquecidos de um ser humano parece uma maneira tediosa de se passar uma tarde, só isso...

Morfeu mudou de posição, e suas asas lançaram uma sombra sobre a cara do besouro.

— Ah, mas este humano, em especial, tem muito a me ensinar.

Esse humano, em especial, havia conseguido capturar algo que Morfeu desejava mais que tudo neste mundo.

— Sente-se — disse o inseto, apontando para uma cadeira branca de vinil —, e eu prepararei as memórias para o senhor.

Morfeu jogou as asas para o lado, sentou-se e deu uma tragada no narguilé fornecido por seu anfitrião como cortesia. O tabaco doce e fresco passou ardendo pela sua garganta. Ele soprou baforadas de fumaça no ar, formando com elas o rosto de Alyssa. Era fácil imaginar o modo como seus olhos sempre se cobriam de um azul gélido quando ela o via, cheios de excitação e temor ao mesmo tempo. Adorava isso nela: a sagacidade de seus instintos intraterrenos alertando-a a não confiar nele, suavizada pelas emoções humanas forjadas durante a infância que passaram juntos.

Antes dela, Morfeu levava a vida em solidão, sem nunca precisar de ninguém. Ele não fazia a menor ideia do feitiço que ela lhe lançara. Ela era mais que uma decepção, sempre jurando devoção ao lado errado. Seu encanto, porém, era inegável. Principalmente quando ela o desafiava ou o encarava com sua indignação de justiceira, o que a deixava com os lábios deliciosamente posicionados quando rangia os dentes.

Morfeu colocou o narguilé de lado, embora a sensação de queimação em seu peito não tivesse nenhuma relação com o fumo. Alyssa era a única que poderia apagar o incêndio que havia ali, pois fora ela quem havia atizado aquelas chamas.

Os dois tinham passado cinco anos juntos — como amigos de infância —, até que a mãe dela o arrancou dele, Alyssa sangrando e ferida, e ele ficara se remoendo de remorso e com culpa por causa de um juramento imprudente que havia feito, no qual prometeu se manter longe dela.

Manter-se afastado da amiga fez com que ele sentisse o gosto da solidão pela primeira vez. Mesmo todos os anos de claustrofobia que ele passara aprisionado em um casulo antes de encontrá-la... nem mesmo eles o prepararam para o sofrimento da ausência dela.

Então, por fim, ela havia voltado para ele, fazendo-o reviver todos os antigos sentimentos que ele pensava ter dominado. Daquela vez, também, tudo foi muito rápido. Ela partira novamente, por escolha própria. Restaram a dor e a solidão excruciantes. Debilitantes.

Havia apenas seis meses que ela partira do País das Maravilhas, e ele não compreendia este vazio corrosivo que só poderia ser preenchido pelo toque dela, por seu perfume, sua voz. As solitárias criaturas mágicas não ligavam para essas bobagens; não precisavam de companhia, abominavam a bagagem emocional. Sua afeição e lealdade pertenciam ao agreste País das Maravilhas e a nada nem a ninguém mais.

Então o que ela havia feito para mudar isso?

Ultimamente, cada vez que ele via o próprio reflexo, não mais reconhecia a Mariposa no espelho. Estava incompleto, enfraquecido; e menosprezava isso.

O menosprezo era ainda maior porque ele havia se esforçado tanto para cortejá-la, enquanto ela oferecia seu afeto a um reles mortal.

Morfeu suprimiu um rosnado. Ele não conseguia compreender a sorte de Jebediah, como um humano podia ter tanto poder sobre uma rainha intraterrena. Como um simples rapaz era capaz de controlar um coração real e mestiço tão multifacetado, um espírito propenso ao pandemônio e à loucura. Jebediah puxava Alyssa para baixo, acorrentando-a ao tédio e à banalidade do reino humano.

Ela precisa ser libertada.

Morfeu havia considerado a possibilidade de matar seu rival, mas Alyssa jamais o perdoaria. Não. Chegara o momento de tomar medidas criativas.

Se Morfeu soubesse no que Jebediah havia pensando durante sua jornada pelo País das Maravilhas — todos os momentos em que ele se sentiu mais aterrorizado, mais desanimado —, conheceria as fraquezas e as forças do mortal, *intimamente*. Ele saberia como enfraquecer Jebediah, contrapondo-o a si mesmo.

Essas fraquezas o derrotariam melhor do que Morfeu o faria. E depois, quando tivesse destruído a confiança de Alyssa em seu cavaleiro mortal, Morfeu estaria lá para confortá-la e conquistá-la.

Voltaria a ouvir a risada de Alyssa do modo como ela ria quando os dois eram crianças, e teria de novo a oportunidade de ser presenteado com o seu sorriso deslumbrante.

Ele voltaria a ser completo.

— Por aqui, por favor — pediu o besouro para que Morfeu o seguisse.

Morfeu tirou o chapéu e passou a mão pelo cabelo. Quando o inseto abriu a porta para um compartimento de memórias sem janelas, o cheiro de amêndoas vindo de uma travessa de biscoitos de luar fresquinhos que estava em uma mesa de canto se espargiu no ar. Havia uma chaise-longue na cor creme colocada contra a parede, e uma ornamentada luminária de piso feita de latão iluminava o espaço com uma luz discreta.

Morfeu concentrou-se no pequeno palco do outro lado do compartimento. Sentiu o coração palpar de ansiedade num ritmo profundo e firme. As cortinas de veludo vermelho aguardavam o momento de se abrirem para mostrar as memórias de Jebediah na tela prateada.

— Como o senhor entrará na cabeça do rapaz para visitar suas lembranças perdidas, sou obrigado pelas normas a avisar-lhe que... as emoções humanas podem ser muito poderosas... podem nos fazer ver as coisas sob uma perspectiva totalmente diferente — advertiu o besouro.

— Estou contando com isso. — Morfeu deu um sorriso afetado. — Conhece aquele ditado sobre amigos e inimigos?

O besouro coçou a pele enrugada.

— Hum... mantenha seus amigos por perto e seus inimigos mais perto ainda?

Morfeu acomodou-se na cadeira estofada e alisou a calça risca de giz ao cruzar as pernas apoiando um tornozelo sobre o outro.

— Melhor ainda é se colocar no lugar de seu inimigo. É a melhor maneira de controlar seus passos. Ou de apagá-los, caso tenha a oportunidade.

O besouro, voltando a tremer, esticou o braço fininho e apertou um botão na parede. As cortinas do palco se abriram, revelando uma tela de cinema.

— Imagine o rosto do rapaz enquanto olha para a tela em branco e vivenciará o passado dele como se fosse hoje.

As palavras do besouro eram ensaiadas, até mesmo mecânicas, mas a pulsação de Morfeu ficou acelerada. Ele esperou o besouro desligar a luz. Assim que o inseto saiu e fechou a porta, o corpo de Morfeu desmembrou-se nas juntas, flutuando pela escuridão como se fosse feito de partículas de pó. Todos os seus pedaços se uniram novamente na tela prateada, em cores vivas e cinematográficas, até que ele entrou na cabeça de Jebediah, apropriando-se do seu corpo, sentindo suas emoções.

Naquele momento, Morfeu entregou-se à experiência e, pela primeira vez na vida, passou a ver as coisas como um humano.



Primeira Lembrança — Kryptonita

Jeb acordou em uma cama suspensa.

Estava nu. Por que estava nu?

Antes que esse fato pudesse ser totalmente registrado, trinta fadas ou mais, do tamanho de mariposas, surgiram do ar, acariciando cada parte do seu corpo e sussurrando-lhe. Ele tentou mexer os braços e pernas. As asas das fadas — que batiam na velocidade das asas de um beija-flor — liberavam partículas parecidas com as pétalas delicadas de um dente-de-leão, que, de alguma maneira, o imobilizaram. As sementes exalavam um perfume de canela e baunilha que foi inundando sua consciência, até que a sala ficou totalmente fora de foco.

Quando a névoa se dissipou, ele estava em sua cama, em casa. A noite adentrava pela janela e Taelor estava em cima dele, seminua. A unhas pintadas à moda francesinha percorreram os pelos de seu peito e abdômen, dirigindo-se aos côcs de sua calça jeans.

Aquilo não podia ser verdade. Taelor e ele tinham brigado antes do baile de formatura, haviam terminado tudo.

Com delicadeza, ele a virou, colocando-a debaixo dele, e apoiou-se nos cotovelos, afastando o cabelo do rosto dela. Mas não foram os olhos de Taelor que encontraram os dele. Foram os olhos gélidos e azuis de Alyssa — encarando-o com um ar de admiração e inocência. Os dedos dele pareciam grandes e desajeitados nas têmporas dela.

A Al na cama dele?

Não. Isso não podia acontecer. Alyssa nem havia beijado homem algum. E Jeb nunca tinha sido o primeiro de nenhuma garota.

A Al era intocável para ele. Ela já passara por muitos episódios turbulentos em sua vida. E ele não era exatamente um exemplo de estabilidade.

Ele tirou as mãos dela e ficou de joelhos.

— Jeb, você não me quer? — perguntou Al, passando a mão no peito dele.

Ele não conseguiu responder. Seus dedos coçavam e pareciam esticar-se, como se estivessem crescendo. Ele ergueu as mãos sob o luar, observando, horrorizado, seus dedos caírem, um por um, e se metamorfosearem em lagartas. As lagartas, então, avançaram lentamente na direção de Alyssa, e ele não conseguia fazer nada para detê-las. Jeb caiu de costas na cama, com as mãos sobre o rosto, olhando fixa e incredulamente para os tocos crus e cheios de sangue onde antes estavam seus dedos.

Gritando, Alyssa tentou sair do colchão, mas as lagartas a pegaram, arrastando-se por sua pele e tecendo teias, até que restou somente uma forma se agitando dentro de um casulo.

— Soltem ela! — gritou Jeb. Uma luz lampejou em seus olhos, e então ele já não mais se encontrava em sua cama. Estava em algum lugar da mansão de Morfeu, e as fadas percorriam sua pele, hipnotizando-o... usando algum tipo de feromônio alucinógeno.

Elas estão me segurando aqui para que o Morfeu fique sozinho com a Al. No instante em que a realidade foi percebida, o feitiço foi quebrado.

Jeb pulou rápido da cama suspensa e saiu da nuvem de sedução de suas captoras. Pegando um travesseiro, ele se cobriu.

— Quero alguma coisa para vestir!

As fadas flutuavam no ar, seus olhos de libélula observando-o.

Havia várias cestas douradas no chão perto dos pés dele. Jeb chutou uma. Suas pequenas captoras se espalharam pelo ar, em histeria coletiva.

Gossamer, a fada predileta de Morfeu, designou cinco delas para pegar os morangos que rolaram. Elas contaram as frutas uma por uma e as colocaram de volta na cesta.

Jeb chutou outra cesta cheia de contas de óleo perfumado. Outras cinco fadas lançaram-se ao chão para pegar tudo, parando para contar cada conta antes de guardá-la.

Em pouco tempo, ela já havia chutado todas as cestas. Algumas estavam cheias de pétalas de flores, outras continham loção, outras, ainda, uvas. Ao virá-las, ele conseguira manter a maioria de suas captoras preocupada. Apenas Gossamer e outras duas ainda pairavam em torno de sua cabeça.

— Me deem algo para vestir — repetiu ele —, ou vou começar a tirar as

plumas dos travesseiros. Vocês não estão em número suficiente para limpar uma sujeira *dessas*.

— Ele não está respondendo ao nosso feitiço — murmurou uma das fadas para Gossamer, com seus olhos de inseto voltados para Jeb.

— E nem à nossa magia — acrescentou a outra, amuada. — Eu conjurei uma moça das lembranças dele, mas seu subconsciente conseguiu escapar.

— Sim, este aqui é, sem dúvida, um desafio — concordou Gossamer, numa voz que tilintava feito um sino. Depois de mandar as outras duas fadas recolherem o conteúdo da última cesta, ela ofereceu a Jeb um robe de seda.

Ele se virou de costas e enfiou a peça de roupa no corpo, assimilando os arredores.

Morfeu o colocara em uma prisão opulenta. A sala era toda revestida de piso de mármore preto que refletia a luz laranja dos candelabros. Ele já estava bem familiarizado com o ponto focal: um colchão circular balançante preso por correntes douradas no centro do teto côncavo. Peles e almofadas forravam a cama, perfumadas por pétalas de rosa.

Apesar de todos esses confortos, faltava a essa sala um detalhe muito importante: uma saída. Não havia portas, janelas ou qualquer outra abertura à vista.

Paredes convexas — pintadas em cor de lavanda escura — eram cobertas por parreiras que se estendiam por toda a sua circunferência, entrando e saindo do reboco e se entrelaçando nos candelabros acesos. Frutas brotavam das vinhas. De quando em quando, as uvas explodiam espontaneamente e pingavam seu suco dentro de bacias de pedra posicionadas ao longo das paredes para apanhá-lo. E, delas, um líquido viscoso e purpúreo era drenado para dentro de fontes — um abastecimento constante de vinho de fadas com aroma adocicado.

Ele se lembrava vagamente de ter provado o vinho ao chegar. Desconfiado, tentou resistir, mas estava com muita sede. Era impossível saber que tipo de magia havia no líquido.

Jeb gemeu e esfregou o rosto. Quanto tempo teria passado bêbado e enfeitiçado? Ele acabara sendo inútil para Alyssa, assim como o pai dele teria sido.

— Onde ela está? — perguntou ele, ignorando a harpa que tocava sozinha, a qual, na tentativa de abafar-lhe a voz, começou a tocar mais alto. — Me diga o que Morfeu está fazendo com ela.

Minúscula, reluzente e confiante, Gossamer acomodou-se em uma almofada de cetim, passou a mão pelo colchão ao seu lado e cruzou as pernas apoiando os tornozelos verdes um sobre o outro.

— Talvez você não perceba o que nós, as fadas, somos capazes de fazer. Temos séculos de prática. Podemos lhe mostrar um êxtase com o qual você

sempre sonhou.

Jeb a olhou de cima a baixo e ajustou a faixa de cetim em sua cintura.

— Me desculpe, não sonho com coisas verdes.

Ele encontrou a mochila de Alyssa debaixo da cama e a puxou. Jeb havia notado alguma coisa dentro dela anteriormente, quando a vasculhara em busca de outra coisa: uma pulseira de ferro forjado que ela provavelmente havia enfiado na mochila quando ainda estava na escola e ficara esquecida ali. Ele havia pesquisado muito as fadas quando começou a pintá-las, e sabia que elas não gostavam de ferro — se a lenda fosse verdadeira.

Jeb jogou a mochila sobre o colchão. Os cobertores de pele encrespavam-se feito uma onda gigante e derrubaram Gossamer de sua almofada. Acionando suas asas com rapidez, ela pousou sobre o ombro de Jeb.

— Se é Alyssa que inspira suas paixões, podemos realizar essa fantasia. — Gossamer bateu palmas. As outras largaram seus postos de limpeza e se apressaram a formar um círculo em volta de Jeb. Uma onda de enjoo lhe invadiu o estômago quando todas as fadas assumiram a aparência de Alyssa — réplicas perfeitas em miniatura, com cabelo platinado e roupas sensuais de skatista. Elas liberaram novamente suas sementes de feromônios, cegando-o com o perfume de Alyssa, doce como néctar.

Brandindo uma almofada, Jeb rompeu a ilusão e dissipou as sementes. As fadas saíram aos guinchos e foram se esconder nas vinhas das paredes, com seus corpos brilhantes parecendo cordões de luz branca e piscante.

Gossamer pairou no ar acima dele, ralhando.

— Já chega! Informem o nosso mestre de que o mortal é leal à garota. Não podemos seduzi-lo para que volte ao seu mundo sem ela.

Jeb ficou resmungando, enquanto as fadas se esgueiravam por buracos do tamanho de ervilhas, na parede onde as vinhas entravam e saíam. Se ao menos ele pudesse passar por aquelas pequenas saídas também... Chegou a pensar em usar a poção encolhedora que ele e Alyssa tinham encontrado quando chegaram ao País das Maravilhas, mas ela o deixaria tão pequeno quanto suas captoras, e ele ficaria indefeso contra Morfeu. A impotência lhe fervia as entranhas, tão profunda como a que ele sentia quando era criança, escondendo-se em um armário até que passassem os ataques de fúria do pai.

Ele cerrou os dentes. Tinha de haver uma passagem escondida em algum lugar por trás das vinhas. Elas o tinham trazido para cá; devia haver uma saída.

Subitamente, ele deu um pulo para a parede mais próxima e arrancou algumas vinhas, lançando-as para todos os lados. O diminuto guincho de surpresa de Gossamer não o intimidou.

Uvas explodiam em suas mãos, libertando seu aroma potente e denso. As plantas viscosas cortavam seus dedos feito arames. Jeb aceitou a dor. Era algo

que podia controlar — diferentemente do tormento dos cigarros acesos que seu pai lhe enfiava na pele, ou dos punhos que lhe socavam o rosto e o estômago. O cheiro da nicotina, o gosto de sangue. Imaginação ou não, eles alimentaram o selvagem em sua alma.

Ele mergulhou numa espiral vermelha de fúria e devastou a sala. Quando finalmente voltou a si e recostou-se na cama, ficou chocado com os estragos que causara.

Arfando e suando, ele cuidou dos cortes nas junções dos dedos e vasculhou os destroços à procura de Gossamer. Será que a tinha machucado? Se sim, talvez fosse mesmo filho de seu pai.

Jeb cerrou os punhos, descontente consigo mesmo.

— Gossamer? — Ele se encolheu ao ouvir a própria voz, rude e inflamada de emoção.

Um rufar de asas mexeu uma das correntes que prendiam a cama ao teto. Ele respirou, aliviado ao ver a fada. Embora parecesse meio idiota importar-se, já que estava prestes a usar a pulseira de ferro de Alyssa contra ela.

Gossamer pousou no chão ao lado das vinhas rasgadas e das cestas que ele tinha derrubado de novo; seus ombros estavam caídos, em demonstração de derrota. Provavelmente, ela não sabia por onde começar a calcular todos os conteúdos derramados.

Jeb começou a vasculhar a mochila. A harpa havia parado de tocar, e o silêncio o incomodava feito o ruído dos ponteiros de um relógio. Cada segundo que ele passava longe de Alyssa deixava-a mais vulnerável a Morfeu.

Seus dedos finalmente encontraram um metal frio. Ele jogou a pulseira de ferro na direção de Gossamer, mas mantendo alguma distância, na esperança de enfraquecê-la sem machucá-la.

Ela gritou e lançou-se ao ar, se debatendo.

— Por favor... afaste isso.

— Não até eu conseguir algumas respostas. — Jeb segurou uma das asas dela entre o indicador e o polegar, levando-a para a cama e sentando-a sobre uma almofada, tomando o cuidado de manter a pulseira próxima o bastante para intimidá-la. — Basta cooperar, que eu não vou machucá-la.

— Já está machucando. — Ela gemeu, com a pele esverdeada já tingida de turquesa. — Não posso usar minha magia... — Gossamer bateu as mãos no próprio rosto. — Vai me deixar... horrível. *Abster-me*. — Sua voz ficou mais calma, como se estivesse falando consigo mesma, e, rangendo os dentes, continuou: — Abster-me até a ameaça de dor e contaminação passar.

Jeb franziu a testa.

— Então o ferro vira seus poderes contra vocês? É a arma perfeita para usar

contra seu chefe.

— Um objeto desse tamanho... só funciona com os menores de nossa espécie.

Jeb curvou-se, aproximando ainda mais a pulseira dela.

— Muito bem, então considere isso um detector de mentiras. Toda vez que eu perceber que você está fingindo, aproximarei o ferro. Onde está a Al, e o que o seu chefe repugnante está fazendo com ela?

A cor da fada mudou para um verde azulado. Ela rolou sobre a almofada, as asas lutando para bater. Gossamer as puxou por cima dos ombros até a altura do peito, cruzando-as, como se quisesse conter a sua magia.

— A sua Alyssa está confortável e sendo bem cuidada. Morfeu está zelando pelo sono dela...

Jeb soltou um grunhido. Na noite passada, *ele* havia zelado pelo sono dela, no barco. Mudara a posição do corpo dela para que pudesse olhá-la de frente e fazer uma promessa, mesmo que Alyssa estivesse sonolenta demais para ouvi-lo. Jeb havia prometido que a protegeria, que a levaria para casa a salvo. E não iria quebrar sua promessa agora.

Ele precisou resistir ao desejo de destruir a sala novamente.

— Como eu saio daqui?

— Apenas o Morfeu tem os meios para abrir a passagem.

Jeb inclinou-se para a frente, com o nariz quase tocando o rosto de Gossamer enquanto segurava a pulseira sobre a cabeça dela, como se fosse um objeto corrosivo.

— Está dizendo que estou preso aqui até que aquela barata de asas decida me soltar? Ele vai fazer a Al enfrentar o País das Maravilhas sozinha?

Ela choramingou, levando a mão à testa.

— Não. Como você provou ser leal, ele permitirá que a acompanhe em sua jornada. Você comparecerá ao banquete e traçarão os planos.

— Banquete?

— A apresentação de Alyssa. Morfeu deseja exibi-la aos outros.

— Que outros?

Gossamer deixou-se cair, formando um monte de cor púrpura e em seguida saiu depressa de seu poleiro. Ela puxou alguma coisa de dentro da almofada — um desenho de Al que Jeb não se lembrava de ter feito. Lentamente, Gossamer levantou os joelhos e estudou as linhas.

— Você fez isto enquanto estava sob nosso feitiço. Tem poder dentro de seu coração de artista, uma luz que pode iluminar qualquer escuridão. Você captou o interior de Alyssa com perfeição.

— Esse desenho é pura fantasia — resmungou Jeb. Ele colocou a pulseira de ferro sobre o papel ao lado de Gossamer.

Ela rolou para o meio do desenho, tentando escapar do metal.

— Há mais verdade nesta aparência de Alyssa do que em qualquer coisa que possam me forçar a falar.

Jeb puxou o desenho, fazendo Gossamer e a pulseira de ferro rolarem por cima da pelugem. Ele estendeu o desenho sobre uma almofada e percorreu as linhas de carvão com o dedo. A imagem era igual a todos os outros desenhos de fadas que ele havia feito de Al ao longo dos anos, mas, ainda assim, não poderia ser mais diferente da garota que ele conhecia.

Ele a desenhara com o cabelo preso no alto da cabeça. Al nunca usava o cabelo daquele jeito. Um vestido preto de alcinhas realçava suas curvas. Nem morta ela seria vista em um vestido tão convencional. E a única coisa que se parecia com ela eram as luvas de renda preta sem dedos que cobriam as cicatrizes da palma das mãos.

Fora isso, o desenho era uma fantasia completa. Sentada em um banco de jardim, Al segurava uma rosa. Rímel e lágrimas escorriam em curvas graciosas por seu rosto. Pensando bem, se parecia com a maquiagem dela na última vez que ele a vira.

Ele ainda não conseguia entender por que, depois de quase se afogar em um oceano de lágrimas, o rímel de Alyssa não havia borrado. Apertando os olhos, ele estudou o par de asas translúcidas abertas nas costas dela. As membranas finas tremeluziam sob o único raio de sol que atravessava as nuvens. As asas faziam com que se sentisse estranho, mas Jeb não conseguia perceber a razão.

Talvez porque elas lembrassem as asas de Morfeu, embora tivessem uma cor totalmente diferente. As temporadas de Jeb latejaram. Nada poderia ser pior do que Alyssa sozinha com aquele homem-inseto. Aquele doido tinha algum tipo de poder sobre ela, havia entrado em sua cabeça quando ela era pequena. O subconsciente pode ser muito poderoso, e se Morfeu ainda tivesse acesso aos sonhos da Al...

— Como posso derrotá-lo? — perguntou Jeb com um nó na garganta.

Os olhos bulbosos de Gossamer voltaram-se para os dele. Ela estava fraca demais para se arrastar para longe da pulseira, que agora roçava sua coxa.

— Ele não será derrotado. Há anos ele espera por este dia.

Jeb fez cara feia.

— Muito bem, ele é o Super-Homem. Mas todo mundo tem a sua kryptonita. Algo de que sente medo.

— O confinamento — Gossamer deixou escapar, e, diante da confissão, seu corpo escureceu até ficar da cor de um machucado.

— Como assim?

Gossamer levou o dorso da mão à testa.

— Por favor... está muito perto... o ferro... está drenando minha energia.

Jeb caiu de costas no colchão e afastou a pulseira da fada. Equilibrando-o entre os dedos, ele estudou o ferro sob a luz das velas. A pulseira o lembrou de seu piercing de ferro e da primeira vez que Al o vira, sua reação de entusiasmo. Ela havia implorado para tocá-lo e fez várias perguntas sobre o processo de colocação de um piercing. Seu entusiasmo e ingenuidade, suas inseguranças... Morfeu não hesitaria em usar qualquer uma dessas coisas, ou todas elas, para manipulá-la.

Jeb precisava convencer Al a sair do País das Maravilhas, a esquecer esta jornada para quebrar a maldição de sua família, a qualquer custo. Algo muito tenebroso estava à espreita, bem perto dela, como no sonho que ele tivera. E Jeb podia sentir que, fosse lá o que estivesse para acontecer, estava se aproximando.

— Então vocês querem que ela conserte os erros da Alice original, certo? E se eu consertá-los? — Jeb tentou raciocinar. — Vocês enviam a Al para casa e deixam que eu cuide de tudo?

— Impossível — respondeu Gossamer num sussurro arfante, voltando à cor verde-clara. Engatinhando na direção do desenho, ela passou a pequenina mão sobre a rosa. — Ela já passou nos testes e provou ser a escolhida.

— Testes? Está se referindo a encontrar a toca do coelho para o País das Maravilhas e secar o oceano de lágrimas?

Gossamer fez que sim.

— Mas eu ajudei a fazer isso.

— É por ela que ele esperava. Não por você.

Jeb levantou a pulseira de ferro uma última vez.

— O que ele realmente quer dela?

Antes que Gossamer pudesse responder, o teto abobadado começou a tremer. Pedacos espessos de gesso despencaram no solo. Jeb colocou uma almofada sobre a cabeça e uma mão sobre Gossamer para protegê-la dos detritos. O teto se abriu nas emendas, fazendo a cama balançar e puxando as correntes em direções opostas, de modo que o colchão subiu vários centímetros.

Depois que os tremores passaram, Jeb olhou para cima. A silhueta escura de Morfeu apareceu em uma abertura no teto.

Sutileza era um dos últimos itens na lista de prioridades desse cara.

— Já te disseram que você é muito escandaloso? — rosnou Jeb.

Morfeu inclinou-se para olhar a sala destruída.

— Já te disseram que você é um péssimo hóspede?

Parte da responsabilidade daquela bagunça era da grandiosa entrada de seu aprisionador, mas Jeb mordeu a língua, não querendo arriscar sua oportunidade de ver Al.

Morfeu relaxou.

— Alyssa o aguarda na sala dos espelhos. E, por favor, tome um banho e faça a barba. Você será apresentado aos nossos convidados do banquete como um cavaleiro élfico, então precisa parecer como tal. Gossamer lhe dirá como se comportar adequadamente. — Morfeu largou algumas roupas e botas, que fizeram um ruído ao atingir o chão. — Aí está seu uniforme. — Ele fez uma pausa e apontou para as correntes. — Que pena que você não tenha asas e nenhuma magia intraterrena. Terá que sair daí sozinho. E posso assegurar que não será nada fácil.

Os músculos de Jeb se retesaram quando Morfeu sumiu de vista; ele sabia que o aviso se referia a muito mais do que sair daquela sala.



Segunda Lembrança — Carnificina

Jeb limpou o suor da testa. Morfeu estava certo. A escalada para sair de sua prisão dourada seria mesmo difícil. Mas isso não significava nada se comparado à jornada pelo País das Maravilhas que ele e Alyssa haviam cumprido desde então. O dia inteiro tinha sido um desafio atrás do outro, com o perigo e a morte aguardando em cada esquina. E agora ele havia perdido a Al. Os dois tinham se separado pouco antes de ela completar o teste final. Al ficou enfrentando as irmãs Twid no cemitério, sozinha, e ele ficou preso aqui no fundo do abismo.

A noite já havia caído quando ele atingiu o solo, e foi uma transição extremamente rápida, como se alguém tivesse apagado a luz.

Jeb sentiu os músculos do corpo endurecerem. Odiava pensar na Al sozinha naquele mundo insano depois de anoitecer. E, mais uma vez, ela provou ser forte o bastante para encarar quase tudo. No final, foi ela quem o salvara mais de uma vez...

Ele se lembrou dela pairando acima dele — um brilho selvagem, flutuando com a graça de uma libélula. Ver as asas dela brotarem tinha sido ao mesmo tempo assustador e milagroso. Jeb mal conseguiu respirar enquanto observava a transformação.

Falando sinceramente, Jeb ainda não tinha recuperado o fôlego de quando ela o levou para dentro do abismo e ele gritara: “Você é minha corda de segurança!”, antes de ela subir ainda mais alto para o céu. Ele não deveria ter colocado tanta pressão sobre ela para salvá-lo; tinha que ter feito o que conseguisse para sair de lá por si próprio e encontrá-la no meio do caminho. Do contrário, ela nunca se perdoaria se algo saísse errado.

A carcaça de um pássaro Jubjub havia amortecido sua queda. Ele limpou nas calças a gosma pegajosa que tinha entre os dedos, torcendo o nariz diante dos restos malcheirosos do exército que os perseguia e acabou caindo no abismo. Jeb procurou ficar de pé na escuridão. Suas botas produziam sons de sucção toda vez que ele pisava. Ele nunca tivera fricotes; qualquer aversão a sangue e violência havia sido expurgada — uma dessensibilização gradual que era reforçada sempre que ele se olhava no espelho e via suas bochechas e olhos inchados, grandes e cheios de sangue, que nem um bife malpassado.

Contudo, sem uma centelha de luz para guiá-lo, a carnificina aos seus pés parecia mais viva do que morta. Sua imaginação trazia arquivos de todos os tipos, de filmes de zumbis a demônios e assombrações. Seu estômago queimava de náusea. Jeb sentiu-se aliviado ao perceber que os assobios que ouvia dentro do abismo eram produzidos pelo vento. E não havia ruídos de correntes fantasmagóricas nem gemidos de mortos-vivos.

Além disso, seu verdadeiro inimigo era o tempo, mais perigoso do que qualquer coisa que pudesse imaginar. A Al ainda tinha de cumprir a última tarefa no cemitério. E, depois, eles ainda tinham de encontrar um ao outro.

Ele se forçou a avançar às cegas até sua mão alcançar a parede do abismo. Antes de descer totalmente, Jeb viu que a mochila de Al tinha ficado presa em uma pedra saliente próxima ao chão. Se conseguisse encontrá-la, poderia contar com uma lanterna. Tateando a superfície áspera da pedra, ele levantava seus pés por sobre os obstáculos, tocando os cadáveres com os dedos dos pés para mensurar a largura de cada passo.

Com os cotovelos esbarrando nas pedras, Jeb observou o céu. Um pequeno aglomerado de estrelas brigava com as nuvens, aparecendo para iluminar levemente o lugar ao seu redor, tornando possível que ele continuasse sem esbarrar no falecido exército da rainha. Uma brisa úmida levantava a poeira feito pequenos tornados. Logo choveria. E, neste lugar, era possível que, literalmente, chovesse a cântaros — daqueles temporais ruidosos, torrenciais.

Um calafrio que não tinha nada a ver com a tempestade iminente lhe percorreu a espinha e obscureceu qualquer sentimento bom que ele poderia ter encontrado naquele pensamento. Qual era a razão de todos esses “testes” de Morfeu? Toda vez que a Al conseguia se sair bem em um desses testes, sua forma intraterrena tornava-se mais acentuada. Será que o intuito era transformá-la completamente para que não pudesse mais voltar ao reino humano?

Fios de cabelo caíram sobre seu rosto, e Jeb os afastou.

Morfeu afirmara que tudo o que ele mais queria era que Alyssa voltasse ao seu lugar. Sua casa. Jeb esperava que ele estivesse se referindo ao mundo deles, o reino humano. Mas e se a Al não estivesse sob nenhuma maldição, no final das contas?

Ele se lembrou de sua pesquisa sobre fadas, na qual descobriu que elas eram criaturas chamadas de changelings — as crias das fadas secretamente deixadas

no lugar de bebês humanos roubados. Alice Liddell, a tataravó de Al, teria sido uma changeling? Quem sabe foi por isso que ela encontrou, quando criança, a toca do coelho — por instinto. Isso significaria, de alguma estranha maneira, que aqui era a casa de Al.

Jeb parou com as especulações. Elas só levavam a mais dúvidas.

Ele tinha encontrado a mochila. Abriu-a, tirou a lanterna e colocou a mochila nos ombros.

Ao fechar o zíper, ele acendeu a lanterna e percorreu o cenário com facho de luz. Os guardas destruídos pareciam cartas de baralho amarrotadas. Brinquedos descartados. Até mesmo os pássaros Jubjub poderiam se passar por brinquedos infantis com o enchimento extrapolando para fora.

Com a mochila ajeitada no corpo, Jeb percorreu a circunferência do abismo sem encontrar nenhuma abertura. Pedras que haviam caído bloqueavam qualquer possível passagem que ele tentasse. Era como se ele tivesse caído dentro de um tubo gigante. Não havia nenhuma outra saída a não ser subindo.

Jeb apontou a luz para o gramado a cerca de vinte andares acima — a clareira onde Alyssa havia pousado. Estava determinado a encontrá-la antes de Morfeu, mesmo que tivesse de escalar as pedras pontiagudas no escuro e sem uma corda de segurança.

Ele havia acabado de apoiar a lanterna entre os lábios e escorar o pé em um rochedo para tomar impulso quando ouviu uma voz com um sotaque britânico familiar.

— Ao trabalho, homens. Precisamos contar todos antes que as irmãs Twid enviem sua brigada de duendes para recolher os mortos.

Morfeu.

Jeb desceu e quase colidiu com o intraterreno alado, que tinha aparecido do nada, como se tivesse aberto um zíper no ar e passado por ele. Cavaleiros élficos faziam fila atrás dele, entre vinte e trinta, carregando lanternas e usando o mesmo uniforme de Jeb, só que menos esfarrapado e sujo. Eles passaram sem nem olhar para Jeb, extremamente concentrados na contagem dos corpos.

— Ora, ora, pseudocavaleiro. — Morfeu riu com desdém.

Cada pedacinho de Jeb ansiava por apagar aquele sorriso arrogante e socar aquele rosto. Mas ele estava em desvantagem. Se quisesse sair desse fosso para encontrar a Al, teria de bancar o bonzinho.

— Detesto dizer isso, mas é bom vê-lo, senhor Mariposa. — Jeb guardou a lanterna. — Vejo que pegou o espelho para vir aqui.

— Eu só viajo de espelho. — Morfeu ergueu a lanterna e examinou as roupas esfarrapadas de Jeb. — Tem a vantagem de não estragar tanto as roupas. E vou lhe contar outro segredo: se eu mantiver as asas daquele lado do plano — ele apontou com o polegar para as suas costas, onde metade de seus apêndices não

era visível —, a abertura fica acessível para nossa viagem de volta.

Jeb forçou um sorriso.

— É bom saber.

Perfeito, na verdade. Ele poderia voltar com a trupe de elfos e depois tomar o expresso na sala de espelhos para encontrar a Al. Mas primeiro teria de distrair Morfeu, baixar a guarda dele. Jeb perguntou:

— Esse chapéu é novo?

Morfeu ficou radiante.

— Que gentil de sua parte ter notado. É meu chapéu da Insurreição. Ainda não havia tido a oportunidade de usá-lo antes. — Com o dedo, bateu em várias mariposas que formavam a guirlanda na aba do chapéu e depois se inclinou e fez conchinha no ouvido de Jeb para sussurrar um segredo. — As asas vermelhas representam derramamento de sangue.

— Ah-hã. — Jeb cerrou a mandíbula diante do indesejado bafo quente no lóbulo de sua orelha. Depois, olhou para os cavaleiros, discerníveis somente por suas lanternas flutuando na escuridão atrás dele. — Então, está planejando um motim com o exército da rainha de Marfim?

Morfeu apertou o ombro de Jeb.

— Eu sempre soube que era mais esperto do que os mortais comuns.

Os músculos de Jeb contraíram-se ao contato.

— O que significa que você estava mandando a Al para uma missão absurda só para se divertir.

Cuidado. Jeb não poderia deixar sua desconfiança transparecer. Pelo menos não ainda. Em vez disso, ele se inclinou para ajustar os cadarços das botas e respirou fundo antes de se reerguer.

Morfeu apertou sua gravata vermelha.

— Todas as tarefas que pedi à Alyssa tinham um propósito. — Ele deu um passo para o lado quando alguém mais passou pelo portal do espelho: um esqueleto do tamanho de um duende, com antenas e olhos cor-de-rosa brilhantes, metido em um colete vermelho.

— Rábido Branco? — sussurrou Jeb, incrédulo. Nada daquilo fazia sentido. O Rábido era da corte Vermelha. Por que estava aqui?

— Qual é o relatório? — Morfeu agachou-se para ficar na altura do Rábido, ainda mantendo as asas enfiadas no portal invisível do espelho.

O pequeno intraterreno apertou as mãos enluvadas e olhou para Jeb, sua cabeça careca refletindo o brilho suave da lanterna de Morfeu.

— Um de nós, você é?

Morfeu sorriu e respondeu por Jeb.

— É claro que é. Ele ajudou a nossa Alyssa a conquistar o grande e cruel exército Vermelho, não lembra?

Coçando a antena esquerda, o Rábido fez que sim.

— Rainha Grenadine neutralizada está. Nos portões da frente e de trás, o castelo guardado está pelos regimentos três e sete. Flanqueando a rainha, um círculo de cinco. Sem esquecer da coroa e seu guardador.

— Ah, sim. O bandersnatch. Bem, quando Alyssa tiver trazido seu prêmio do cemitério das irmãs Twid, nada mais terei a temer daquela besta medonha. Fez um bom trabalho, senhor Branco. — Morfeu deu uma batidinha na aba do chapéu.

O Rábido bateu os tornozelos cadavéricos um no outro, depois se curvou e lançou um olhar penetrante para Jeb, antes de pular novamente para o portal.

— Ele é o seu espião — murmurou Jeb, sentindo-se idiota por não ter adivinhado antes.

— Sim.

— Então todas as vezes que o esqueletinho ameaçou a Al, matando-a de susto, era só para manter a aparência de lealdade à Rainha Grenadine?

— Os melhores espiões são aqueles que jogam dos dois lados com o mesmo vigor.

A distância, Jeb avaliou as lanternas que balançavam. O tilintar dos cabos de metal e o pisar de botas eclipsavam o suave lamento do vento.

— Certo. Já que estamos abrindo o jogo...

O comentário de Morfeu o interrompeu.

— Que trocadilho mais delicioso, considerando a posição em que estamos. — A lanterna dele apontou para os cadáveres dos guardas de carta.

Jeb ignorou a piada mórbida.

— Eu ia perguntar por que o Rábido se voltou contra a corte Vermelha.

— Ele era o conselheiro real da Rainha Vermelha quando Alice nos visitou. Deseja ver a verdadeira herdeira no trono tanto quanto eu.

— Verdadeira herdeira. — Jeb chutou um punhado de terra com uma bota, sentindo o peito apertado. — Então tudo isso é para destronar Grenadine e abrir caminho para uma nova rainha.

— Sim. — A lanterna iluminou o rosto de Morfeu, numa expressão de indulgência sonhadora. — E estamos muito perto. Em breve, ela ocupará o trono que é e sempre foi o lugar dela.

O lugar dela. Uma hipótese se formava na mente de Jeb, uma ideia ultrajante

e incompreensível, mas, de qualquer maneira, a resposta óbvia para todas as dúvidas que ele vinha remoendo. Todas as dúvidas, exceto uma...

— Mas, primeiro — entrevistou Morfeu, varrendo o ar com um gesto desdenhoso —, temos que ter certeza do que iremos enfrentar quando atacarmos o castelo. Você e Alyssa conseguiram eliminar boa parte da oposição com seus fantásticos movimentos de pés. Estamos aqui para avaliar se os números batem com os que o Rábido reportou. Devemos ter certeza que Grenadine não tem outras cartas escondidas na manga. — Ele bateu nas costas de Jeb. — Viu o trocadilho? “Cartas na manga?” — E deu uma gargalhada.

Jeb não deu nem um risinho.

— Ah, corta essa. Os guardas dela são de cartas. É uma piada como a que você fez antes, só que mais inteligente.

— Ah, sim, entendi — retrucou Jeb.

O riso de Morfeu se dissipou.

— Você não é um namorado muito divertido.

— Você não leva nada a sério? A Al está correndo perigo — Jeb deixou escapar.

— Bobagem. Ela é gloriosamente capaz! Você nunca a viu voando? É claro que viu! Estava pendurado na corrente que ela segurava. — Morfeu voltou a lanterna para a própria cabeça, num arroubo de celebração. — Não foi uma bela visão, presenciá-la transformando-se no que realmente é? Igual a uma princesa de contos de fadas. — Ele lançou um olhar dissimulado para Jeb. — Não concorda?

Princesa de contos de fadas. Lá estava, saindo da boca do próprio Morfeu, zombando de Jeb por não perceber desde o início. Jeb apertou as alças da mochila para evitar dar um soco na laringe de Morfeu.

Morfeu abaixou a lanterna e depois tirou luvas prateadas de sua lapela.

— Não se sinta desprezado, cavaleiro mortal. Sua contribuição não passará despercebida. E eu sempre pago minhas dívidas. Então, o tirarei desta vala da morte para demonstrar minha gratidão.

— Você pode me agradecer me deixando ajudar a Al. Ela vai terminar a tarefa muito mais depressa comigo do lado — Jeb conseguiu dizer, sentindo um nó nas cordas vocais. Se conseguisse chegar até Al, talvez os dois pudessem se esconder de Morfeu no cemitério das irmãs Twid, até encontrarem uma maneira de escapar.

— Sinto muito — retrucou Morfeu, vestindo as luvas e acenando para que os cavaleiros élficos retornassem. — Ela precisa fazer isso sozinha. Você a verá em breve; todos nós vamos nos reencontrar. Uma grande família feliz.

— Não! — exclamou Jeb, perdendo o controle. Ele investiu, mas os elfos

foram mais rápidos e o contiveram, com os dedos machucando seus cotovelos feridos. — Deixe-a sair do País das Maravilhas, seu filho de inseto...

Morfeu pressionou um dedo contra a boca de Jeb.

— Ah-há! Essa, você já usou.

Jeb puxou a cabeça para trás, deixando o dedo do intraterreno suspenso no ar.

Sob a luz da lanterna, as joias nas bordas das tatuagens de Morfeu ficaram escuras, da cor de sangue seco.

— Ora, ora. Isso são modos de tratar seu salvador? — Ele fez cara amuada. — Além do mais, como posso deixar Alyssa sair se ela não está comigo? Da última vez que soube, ela estava entrando no jardim das almas. Mas, quando terminar por lá, ela virá ao meu encontro. Ela ainda tem um papel muito importante a desempenhar.

— Certo. Porque ela é a herdeira do trono. — Jeb ouviu, incrédulo, suas próprias palavras ecoarem, como se tivessem saído da boca de outra pessoa. — Não sei como, mas é ela.

— Bravo! — Morfeu aplaudiu. — Estão vendo o que eu disse, irmãos cavaleiros? — Olhando para os cavaleiros por cima do ombro de Jeb, Morfeu deu tapinhas no peito em cima da gravata vermelha, como se estivesse tomado pela emoção. — Mais esperto que um mortal comum. Pena que tenha as limitações físicas de um.

— Não importa. Ela está fora do seu alcance. — rebateu Jeb, dando um tranco nos elfos; havia muitos o segurando, contudo. — Ela deve estar dentro do cemitério agora, e não pode forçá-la a fazer nada. Você mesmo disse que as Twids não deixam você entrar.

— É verdade. Mas ela encontrará, sozinha, o caminho para o castelo. No momento em que ela perceber que estou mantendo presa a coisa que ela mais ama no mundo, virá rastejando para mim, com as asas a reboque.

Morfeu levantou uma mão e fez um sinal.

Os cavaleiros élficos soltaram Jeb. Ele girou sobre o calcanhar e atirou a mochila sobre eles, dispersando o grupo feito pinos de boliche. Esticando o braço, ele bateu o punho na testa de Morfeu, desequilibrando-o. Um dos cavaleiros se esforçou para permanecer no lugar e manter o espelho aberto. Antes que Jeb pudesse se catapultar e atravessá-lo, raios de luz azul grudaram em sua pele e roupas, feito eletricidade estática. Eles o arrastaram, controlando-o como se fosse um fantoche, até ele ficar de frente para Morfeu. Os raios vinham da ponta dos dedos do intraterreno.

Morfeu aproximou-se.

Jeb tentou recuar, mas seus músculos travaram, ficaram paralisados.

— Durma — disse Morfeu num tom simples, e levou a mão azul fluorescente

à testa de Jeb, cujo corpo foi percorrido por uma luz pulsante. Ele sentiu um gosto doce, parecido com leite e mel, e depois sentiu o aroma de lavanda. Com os dedos apertando o tecido macio da camisa de Morfeu, Jeb lutou para manter-se acordado. Mas a luz era muito reconfortante... muito suave... muito calorosa. Contra sua vontade, suas pálpebras ficaram cada vez mais pesadas e ele caiu no chão, em sono profundo.



Terceira Lembrança — Engaiolado

O crânio de Jeb latejava, e havia sangue saindo de seu couro cabeludo e entrando em seus olhos.

Ele limpou o líquido viscoso e focou no lugar à sua volta. Morfeu o tinha trazido para o castelo Vermelho depois de colocá-lo sob o feitiço do sono. Largou-o dentro de uma gaiola na masmorra. Jeb não queria ter tomado a poção encolhedora quando acordou, mas o homem-inseto havia lhe dado um ultimato.

Primeiro, ele havia ameaçado matar a Al. Mas Jeb rebateu, dizendo que o homem estava blefando, pois sabia que ela era indispensável. Depois, Morfeu usara de outra arma, ameaçando fazer com que a frágil mãe de Al ultrapassasse o limite da loucura. Isso, ele *faria*.

A Al havia lutado muito para salvar a mãe. Ela morreria se a perdesse para a loucura. Então, Jeb não hesitou em levar o frasco aos lábios.

Seu corpo balançava, mas não devido aos efeitos colaterais da poção. A plataforma abaixo dele oscilava por causa de suas tentativas de abrir as barras de sua prisão usando a cabeça — uma atitude desesperada que havia resultado em nada além de um corte logo acima da testa. A magia de Morfeu — um fio elétrico e azul — mantinha a porta da gaiola fechada e imóvel.

— Que bela coisa você fez, não? — entoou uma voz feminina e irritante. — Morfeu escolhe quem tem o poder de suprimir sua magia. Obviamente, você não é um dos escolhidos.

Jeb fez cara feia para sua companheira de prisão. Era uma lóri — um intraterreno parecido com um periquito, mas normalmente do tamanho de um

ser humano. Como os dois tinham encolhido, a única coisa que a distinguia dos pássaros do mundo humano eram as túnicas de cetim cor de creme com estampas jacquard colocadas sobre suas asas, corpo e pernas, e seu rosto humanoide enfiado no meio de plumas vermelhas, como se fosse uma máscara. Ele foi cutucado por um bico mais parecido com o chifre de um rinoceronte, posicionado no lugar onde deveria haver um nariz. Os lábios da criatura se agitavam furiosamente.

O pior de tudo era que a voz dela poderia derrubar a Torre de Pisa com uma sílaba. Quando falava, era como se alguém tivesse implantado cirurgicamente alto-falantes nos ouvidos de Jeb e travado o volume no “mais surdo que uma porta”. Ela era uma das muitas razões pelas quais ele tentava sair da gaiola com tanta insistência.

A luz bruxuleante das velas na parede iluminava seu ar de arrogância e deixava o resto da masmorra nas sombras. Depois que a voz da lóri parou de ecoar, Jeb investiu:

— Olhe aqui, Lorina. Não estaríamos aqui se não fosse pelo seu marido. — Ele apontou a criatura que roncava abaixo da gaiola, de aparência tão estranha quanto a da esposa, com o corpo de um dodô, cabeça de homem e mãos que se projetavam da ponta de suas asas atarracadas. — Foi ele quem manteve Alice Liddell presa em uma gaiola igual a esta aqui, muitos anos atrás. É por culpa dele que a minha namorada é a única que pode destronar a sua rainha. Será que já lhe ocorreu que é por isso que vocês estão presos?

— O Charlie não fez nada disso! — berrou a lóri, pairando dentro da gaiola. — Alguma vez já lhe passou pela cabeça que o Morfeu é um cara de pau mentiroso?

Só em todos os segundos de todas as horas. Jeb apoiou-se nas barras. Seus joelhos cederam, enfraquecidos pelas tentativas de abri-las usando cada músculo de seu corpo. Ele desabou sobre o piso de metal, empurrando uma fatia de pera já amarelada que estava ao seu lado, feito um pequeno sofá. A gaiola era um pequenino forte inexpugnável. Mas não importava. As barras poderiam ser feitas de espagete cru, e mesmo assim ele não conseguiria ajudar a Al. Mesmo que escapasse, com este tamanho, Jeb não conseguiria derrotar ninguém.

Charlie, o marido dodô de Lorina, não poderia ajudar muito. Ele estava preso por algemas e correntes de ferro e cochilava recostado na parede. Embora a gaiola estivesse pendurada bem perto da cabeça do dodô, não havia nada que Charlie pudesse fazer.

Provavelmente, Morfeu havia lançado no homem-pássaro gigante o mesmo feitiço do sono que jogara em Jeb, mas Charlie já estava se libertando dele.

Lorina acomodou-se no poleiro no centro da gaiola, balançando sobre a cabeça de Jeb feito uma acrobata no trapézio. A cara dela estava tão vermelha quanto as suas penas, o que fazia as espadas e copas estampadas nas bochechas quase desaparecerem.

— Como vamos ficar exilados nestas instalações fedendo a urina, terá bastante tempo para ouvir a verdade — bramiu ela.

Jeb esfregou a cabeça para apaziguar a dor lancinante.

— Se puder baixar a voz uns dois decibéis, eu agradeceria.

— Abaixar minha voz?

— Aaaii. — Jeb enterrou o rosto nas mãos.

O trapézio em miniatura rangia a cada balanço, piorando a poluição sonora.

— Para a sua informação, minha rainha adora o som da minha voz. Ela até o elogia...

O ronco do dodô parou, e ele estalou os lábios.

— Isso é porque ela protege os ouvidos com cera de abelha, Ó, Mais Adorável das Loucas.

— Seu mentiroso! — retrucou Lorina, balançando o poleiro tão depressa que Jeb achou que ia vomitar.

— Estou preso com correntes de ferro — avisou Charlie depois de um bocejo. — Não tenho forças para mentir. — Em seguida, pegou novamente no sono.

Isso pareceu calar Lorina, pelo menos temporariamente.

Jeb aproveitou o silêncio para pensar. A esta altura, Morfeu já deve ter contado a Al sobre sua verdadeira linhagem, sobre o que espera dela. Deve estar tão chocada... tão apavorada. Jeb ansiava tanto abraçá-la que era como se houvesse uma bigorna lhe pressionando o peito.

Aquele mariposo deveria ter contado a verdade desde o começo. Ela nunca escolheria ficar. Mas Morfeu sabia disso, e a manipulou sob o pretexto de que ela poderia curar a maldição da própria família. Jeb queria arrancar as asas pretas de Morfeu e enfiá-las goela abaixo por tê-la enganado, porque não havia cura para o parentesco, e ele sabia muito bem disso.

— Foi a Vermelha quem colocou Alice na gaiola. — A lóri voltou à carga. — Não o Charlie.

— Mas o seu marido escolheu mantê-la presa na gaiola — acrescentou Jeb, mesmo sabendo que não deveria. Ele cobriu as orelhas para a estrondosa refutação, mas Lorina só soltou um suspiro.

— Não. O Charlie tentou fazer a coisa certa pela menina — disse ela, consideravelmente mais ponderada agora. — Ele planejava mandar Alice de volta para o reino humano sem a Vermelha saber, mas a rainha descobriu e os arrastou para uma caverna nos picos mais altos e mais remotos do País das Maravilhas, sem que nenhum de nós soubesse. Ela deixou o Charlie com a vítima dela para poder encenar seu plano mestre, sabendo que Alice seria cuidada por um prisioneiro que nunca poderia escapar. Porque, como você deve saber, os dodôs não podem voar. Ela me privou de meu marido durante anos. Ele era

prisioneiro, assim como a mortal.

— Se isso te ajuda a dormir de noite, tudo bem, passarinha.

Uma comoção de poeira e asas, jacquard e cetim, subitamente surgiu e o atacou.

— Você pode mostrar algum respeito e ouvir?!

Jeb levantou as mãos para se defender.

— Está bem. Shhhh. Eu vou ouvir.

Não havia nada mais que ele pudesse fazer. Morfeu lhe dissera que, assim que Alyssa fosse coroada rainha, ela abriria o portal para o reino humano. Acreditando ou não nisso, Jeb não poderia fazer nada a não ser ter esperança. Ele não tinha nenhum poder ali. E ter consciência disso lhe devorava as entranhas a cada minuto.

Acomodada diante de Jeb sob um monte de tecido luxuoso, a lóri olhou por entre as barras e resmungou alguma coisa para o marido que dormia.

— Seu velho e imprestável fezzerrjub. Eu é que tenho que te proteger. Nem sei por que me casei com você.

O dodô resfolegou e murmurou, sonolento:

— Porque se casar com o bobo da corte era a única maneira de ter uma posição na corte Vermelha, Ó, Senhora das Nênias. — E o ronco voltou.

— Viu como deu certo? — resmungou ela, fazendo beicinho com os lábios vermelhos em forma de coração, sob a curva de seu bico. — Aquele Rábido ossudo e seu coração negro de pedra. — Ela alisou as penas da nuca e cobriu-as com uma rede decorada por lantejoulas.

Jeb estendeu a mão para pegar o dedal cheio de água que seu captor havia deixado ao lado da fatia de pera. Em suas mãos, ele era do tamanho de uma caneca de café. Ele o passou para sua colega de cela, que o pegou com as asas e deu alguns goles.

— Me diga uma coisa, Lori. Se o que você está dizendo é verdade... — Observando a atitude defensiva na cara bicuda, ele refez a pergunta para poupar os ouvidos. — Como você escolheu compartilhar o seu lado da história, talvez pudesse me dizer de que maneira Morfeu teve participação na prisão de Alice.

Ela sacudiu as gotículas de seus lábios.

— Não teve participação nenhuma. Ele gostava muito de Alice e teria feito qualquer coisa para que ela chegasse em casa sã e salva. Mas, na hora em que ele lhe ofereceu seu conselho como lagarta, alertando-a para que evitasse o castelo da Rainha Vermelha a todo custo, sua metamorfose aconteceu. Quando ele emergiu, totalmente transformado, e soube o que havia acontecido com Alice, ficou furioso.

— Está tentando me dizer que ele possui alguma consciência?

— Pelo menos no que dizia respeito a Alice, sim. — A lóri ajustou a suntuosa túnica que ficava escorregando devido à falta de ombros. — Morfeu usou todos os seus recursos de magia e acabou encontrando ela e meu marido escondidos nas cavernas dos picos mais altos do País das Maravilhas. Infelizmente, já era tarde demais para Alice. — Lorina devolveu o dedal a Jeb, agora com metade da água.

Jeb endireitou o corpo, fazendo a gaiola balançar.

— Então por que ele quer ajudar a Rainha Vermelha a colocar outra rainha no trono, quando ele deveria odiá-la por ter mantido Alice presa em uma gaiola por tantos anos?

— Talvez ele esteja bravo por Grenadine não ter tentado encontrar Alice assim que esta foi capturada. Mas Grenadine perdeu sua fita de memória e esqueceu a infância.

— Um bom regente teria mais do que uma fita para lembrá-la; teria se certificado de que tudo e todos estavam em seu lugar.

— A minha rainha é uma boa regente!

Jeb encolheu-se com o urro agudíssimo.

O ronco do dodô parou.

— Minha vociferante esposa diz a verdade, rapaz. Morfeu parece guardar ressentimento pelo que ele acredita ser negligência, mesmo tendo sido somente um descuido.

Jeb balançou a cabeça diante de todas as falhas que havia no raciocínio de todos.

— Não. Há mais coisas nessa história.

— Você tem bons instintos, cavaleiro mortal.

Jeb olhou para cima, na direção da voz tilintada. Uma luz brilhante flutuou pela pequena janela e entrou pela pesada porta da masmorra. Jeb levantou-se e agarrou as barras da gaiola, inclinando a cabeça para ver melhor.

Gossamer.

A pequena fada adejou para perto e sussurrou algo para o mágico fio azul que fixava a porta de arame, entrando na gaiola. O fio azul deu um nó em si mesmo depois de ela fechar o trinco.

Ela cintilava feito pequenos fogos de artifício ao pairar no lugar, estudando Jeb com uma expressão de solidariedade.

Como os dois agora tinham o mesmo tamanho, Jeb se lembrou de uma pintura que vira certa vez, de um artista tcheco, Viktor Olívia. O pintor era famoso por retratar uma fada que seduzia homens, levando-os a se embriagarem com absinto. Gossamer personificava essa criatura: uma forma feminina perfeita

coberta de poeira verde, e nua, com escamas brilhantes cobrindo-a como um biquíni minúsculo.

Ele havia sentido, quando saiu da sala de espelhos, que Gossamer estava do lado dele e de Alyssa.

— Você veio ajudar — lançou ele, esperançoso.

Uma chave de cobre, da mesma cor dos olhos dela e quase do comprimento total de seu torso, pendia de seu pescoço. Seu olhar caiu para os pés delicados, como se estivesse lutando contra si mesma.

— Eu teria vindo mais cedo, mas Morfeu está sempre vigiando o espelho. Agora que ele está com Alyssa, preparando-a para a coroação, estará ocupado demais para ficar de olho no resto de nós... até o fim.

— O fim? — Jeb apertou a barra ao lado dela, concentrado em seu olhar de libélula. — Você tem que me contar tudo.

A fada olhou para Lorina, que estava se esticando para a porta de arame.

— Você sabe muito bem que não tem o poder de sair desta gaiola, a menos que eu a abra para você.

Bufando, a lóri voltou a voar para o trapézio.

Gossamer conduziu Jeb para a fatia de pera e os dois se sentaram. Seu perfume frutado se impunha sobre o fedor da masmorra e o acalmou o suficiente para ele poder ouvi-la.

A fada colocou as mãos sobre as de Jeb, que descansavam sobre os joelhos.

— Eu já trai meu mestre o bastante vindo até aqui, e sua ira será enorme. Eu só posso dizer que, dentro de uma hora, Alyssa estará comprometida para sempre, amarrada ao País das Maravilhas para toda a eternidade. Morfeu planejou tudo para enviá-lo de volta, cavaleiro mortal... mas sem ela.

Uma veia na têmpora de Jeb começou a se contorcer feito uma serpente em uma bandeja quente. Ele deu um pulo para cima e bateu a cabeça nas barras novamente, tentando amolecer o fio azul, incapaz de controlar a fúria exasperada que lhe fervia por dentro. Mais sangue escorreu por sua têmpora.

— Você tem que me soltar! Preciso impedir isso!

— Sim, sim! Nós também! — intervieram o dodô e sua esposa, em coro. — Temos que ajudar a Rainha Grenadine a manter a coroa!

— Naturalmente — afirmou Gossamer, pegando a mão de Jeb e puxando-o para perto dela. — Vocês todos terão a oportunidade de lutar e de mostrar a sua lealdade.

— Mas não posso lutar assim. — Jeb chutou uma semente do tamanho de seu pé. — Você trouxe algum bolo do crescimento?

— Não. Não é a força de seu corpo que salvará Alyssa, e sim a força de seu

coração de artista. Mas eu posso assegurar que não sairá deste lugar em sua forma atual.

A lóri desceu de seu poleiro e ralhou com a fada.

— Agora, me escute, sua lacraiazinha. Este rapaz não tem papel nenhum. Ele é, no máximo, coadjuvante. Eu sou a criada da rainha, e Charlie é o bobo da corte. Nós deveríamos ser a sua prioridade. Somos honoráveis membros da corte, os únicos que podem dar um basta nesta paródia!

Acelerando as asas até virarem um borrão enevoadado, Gossamer flutuou e colocou as mãos nos quadris.

— Quanto ao seu papel, Lorina: você pode abrir as correntes de seu marido, pois preciso falar com o mortal a sós e tenho pouca tolerância ao ferro. — Ela abriu a porta da gaiola e lhe deu a chave.

A lóri esvoaçou-se veloz, numa comoção de exibicionismo e má vontade.

— Venha, venha, Doçura Selvagem — chamou Charlie, encorajando a esposa enquanto ela flutuava em torno dele, subindo e descendo, incapaz de manter-se firme em alguma altura. — Aprese-se, por favor. O ferro está me dando fígadas. Poxa vida! Não é tão difícil assim... tente novamente!

A cara de Lorina ficou ainda mais vermelha.

— Tente, com a ponta da asa, usar uma chave do mesmo tamanho que a sua cabeça, seu meleca! Alguns de nós não foram abençoados com dedos, sabia?

Enquanto o casal se ocupava, Gossamer sentava-se novamente ao lado de Jeb.

— Você disse que meu coração de artista pode salvar Alyssa. Naquele quarto na mansão de Morfeu, também... você disse que eu tenho o poder dentro de meu coração de artista, uma luz que pode iluminar qualquer escuridão. Minha namorada está prestes a morrer para mim e para a família dela. Não pode haver escuridão maior — sussurrou Jeb com lágrimas de frustração que lhe surgiram nos cantos dos olhos.

— Morreria por ela, cavaleiro mortal?

A espinha de Jeb se retesou. No passado, toda vez que ele protegera Alyssa, sempre se jogara sem nem pestanejar. Seria capaz de morrer por ela?

Quando o pai de Jeb morreu em um acidente, foi Alyssa quem o salvou. Ele não conseguia acreditar que tinha chegado a pensar em morar em Londres sem ela. Precisava dela, todos os dias. De seu sorriso compreensivo, de como ela fez suas cicatrizes parecerem medalhas de mérito sob seu toque, e de seus olhos incríveis. Mesmo tendo passado por tantas provações quanto ele, havia uma luz dentro dela que nunca se enfraquecia. E essa luz não somente a tornava linda por fora, mas também permitia que ela trouxesse vida aos incríveis mosaicos que fazia.

Era essa luz — tanto a interna quanto a externa — que o tinha levado a

desenhá-la e pintá-la tantas e tantas vezes.

Ele olhou para Gossamer, quase incapaz de conter a emoção, agora que havia encontrado uma saída.

— Ela é minha melhor amiga.

Minha musa, meu pincel, minha arte, meu coração. Tudo isso estará morto sem ela.

Esfregando o rosto, ele limpou o líquido que havia caído de seus olhos e escorrido pelo rosto:

— Eu a amo. Sim, eu morreria por ela. É isso que preciso fazer?

A fada o encarava sem piscar.

— Está disposto a ir além da morte? A se perder de todos, até de você mesmo, em um lugar onde as lembranças se esvaem em uma maré escura como tinta? Pois, para libertar Alyssa, você terá que tomar o lugar da Rainha de Marfim na caixa linguardarte onde ela se encontra presa.

Jeb lembrou-se da água escura dentro da caixa que ele havia visto na sala dos espelhos da mansão de Morfeu e da cabeça fantasmagórica que havia lá dentro, e seu coração disparou. O sentimento de autopreservação o invadiu e sua mente começou a tentar encontrar outra maneira. Mas, bem lá no fundo, ele sabia que não havia alternativa e que o tempo de Al estava se esgotando. Ele só lamentava não poder dizer a ela, nem uma única vez, com sua própria voz, como se sentia, antes de ser trancado para sempre.

— Aceito.

— E assim será. — Gossamer ficou de pé e estendeu os braços. Fraco e entorpecido, Jeb aceitou seu abraço. Ela o apertou com força e voou com ele para fora da gaiola, pousando no chão. — O mortal concordou em ser o herói de seu reino. Procurem honrar sua bravura — disparou as palavras para Lorina.

Lorina havia conseguido soltar o marido. Ela se sentou no ombro dele, abanando-se com uma asa. Com os olhos arregalados, ela aquiesceu em silêncio — a demonstração mais sincera de louvor que poderia ter oferecido. O dodô ajoelhou-se ao lado de Jeb, uma presença enorme e plumada.

— Teremos uma dívida eterna para com você, rapaz. O que podemos fazer para ajudar?

Gossamer apontou para um canto da masmorra, onde um cobertor de juta cobria uma cama, chegando até o chão.

— Tragam-me o que está debaixo daquela cama.

Entorpecido por uma mistura de incredulidade e temor, Jeb observou o dodô trazer a caixa linguardarte.

Lorina ficou perplexa.

— Morfeu manteve a Marfim escondida aqui?

Gossamer assentiu.

— Por sugestão do Rábido. Ele disse que este era o único lugar no castelo onde ninguém viria à procura dela.

Depois de pedir a Charlie que abrisse a tampa e arrumasse uma pedra onde eles pudessem subir para ver lá dentro, Gossamer pediu ao estranho casal que se afastasse um pouco para que ela e Jeb tivessem um pouco de privacidade.

Jeb afagou as rosas brancas aveludadas que adornavam o exterior da caixa, fascinado pela beleza do rosto da Marfim quando este veio à tona. O olhar cristalizado de assombro dela passava dele para a fada, e voltava — cautelosamente curioso. Ele estremeceu ao pensar que tomaria o lugar dela.

Tinha mesmo que fazer isso?

Jeb sentiu que Gossamer observava seu semblante.

— Devo perguntar uma última vez se está seguro de sua decisão — indagou ela. — Porque, como você está escolhendo ser trancado, e selando essa escolha com seu sangue, a caixa nunca o libertará. Ninguém poderá salvá-lo. Você está oferecendo sua eternidade pela da Marfim, uma rainha que você nem sequer conhece.

Jeb sentiu um nó na garganta.

— Não. Estou trocando a minha eternidade pela da Al.

Gossamer sorriu com ternura.

— Em seus sonhos, vi certa vez que você teme não ser bom o bastante para a menina. Depois de tal sacrifício, ninguém poderá questionar seu valor como homem nem seu amor por ela. — Ela o beijou no rosto, deixando um calor que penetrou seu coração e conseguiu derreter uma pequena porção do terror congelante que lá se escondia.

Gossamer deu-lhe um pincel e recuou.

— Agora, use o poder que somente você pode exercer. Pinte as rosas com o seu sangue.

Jeb foi tomado por uma tontura. Murmurou coisas... sem sentido, temerosas... palavras agonizantes que ele sabia serem as últimas.

Depois, canalizou a raiva, o terror e o desejo por um futuro que ele nunca teria para as estocadas do pincel. Cada botão branco, tingiu-os de vermelho até perder-se dentro das sombras de seu trabalho, e fundiu-se à sua obra-prima, tornando-se um só.



A Decisão da Mariposa

A cena se estendeu e ficou turva enquanto Morfeu era arrastado para fora das lembranças de Jebediah e depositado de volta na chaise-longue. A escuridão deixava a sala pesada, mas ele nem se mexeu para ligar a luminária. O cenário completamente enegrecido parecia combinar com os pensamentos obscuros que lhe cruzavam a mente.

Ele passou o dedo pela coxa, acompanhando as listras do tecido risca de giz e alisando as rugas.

Por que se sentia tão aborrecido? Ele havia encontrado exatamente o que esperava encontrar. As fraquezas de Jebediah estavam à mostra: um ódio que poderia facilmente ser manipulado, um sentimento de impotência alimentado por um pai violento e crítico, um ciúme que provocava um sentimento temerário de proteção e que lhe custaria a própria vida.

O que Morfeu não tinha esperado encontrar, entretanto, era tanta semelhança entre ele e o rapaz. Os demônios do passado atormentado de Jebediah não eram muito diferentes dos seus. Ele sempre se surpreendera sentindo inveja dos humanos... por nunca ter tido o carinho de um pai ou de uma mãe. Simplesmente por ocupar seu lugar no mundo, ele também compreendia o medo de talvez nunca chegar a conhecer completamente a confiança e a afeição de outra pessoa.

Contudo, no passado, Morfeu nunca havia considerado isso uma coisa ruim. Ele apreciava ser uma alma reclusa e independente. Por vezes, até se vangloriava, quando lhe convinha ser o centro das atenções, naturalmente. Mas a atenção, a afeição ou a confiança não eram coisas de que ele precisava. Não até aparecer Alyssa. Depois que ela escolheu ignorá-lo, ele não conseguiu

funcionar... sentiu-se desastrado e incompetente.

E agora, depois de colocar-se no lugar de Jebediah, Morfeu compreendia, mais até do que desejava, como o lado humano de Alyssa funcionava. Embora metade dela tivesse asas e pudesse flutuar sobre as inseguranças e trivialidades dos mortais, a outra metade tinha seus alicerces nas coisas que qualquer outro humano ansiava: confiança e segurança.

Tendo visto a coragem e a engenhosidade de Jebediah, bem como sua lealdade a Alyssa, Morfeu soube, sem sombra de dúvida, que aquilo era exatamente o que o rapaz oferecia a ela: uma rede de segurança e emoção que a salvaria caso a queda fosse muito alta.

Não era de admirar que ela fosse tão cativada por ele. Não era de admirar que ele exercesse poder sobre ela. Diabos, o próprio Morfeu ficou morbidamente fascinado pelos honoráveis traços morais do rapaz, incomuns em um humano tão machucado. Morfeu ficou tentado a recuar e deixar Jebediah ter seu momento de felicidade. Alguns poderiam até dizer que ele o havia merecido por desejar abdicar de seu futuro, de suas lembranças e de sua vida por Alyssa.

Morfeu rosnou e caiu para a frente com os punhos cerrados, tentando suavizar o estranho peso em seu peito. O rapaz não ficaria aqui para sempre. Era um mortal. Um dia, morreria de velho, no mínimo, e Alyssa voltaria a ser um alvo fácil.

Alvo fácil.

A mandíbula de Morfeu se contraiu. O romance não era uma coisa justa. Nem era um jogo. Era guerra. E, como em qualquer outro campo de batalha, não lhe cabiam a compaixão e a misericórdia.

O besouro-tapete estava certo. As emoções humanas eram coisas imprevisíveis e poderosas. Elas haviam penetrado na cabeça de Morfeu, enfraquecido sua determinação.

Com os cotovelos nos joelhos, ele levantou as mãos com as palmas para cima, incapaz de ver a silhueta delas no escuro. Ele conjurou um pouco de magia na ponta dos dedos, em bolas elétricas de plasma do tamanho de ervilhas, e depois enviou as esferas para todos os cantos da sala, os raios azuis deixando rastros como eletricidade estática. Elas subiram pelas paredes e em seguida se uniram na forma de uma mulher. A luz pulsava em ritmo hipnótico.

Imaginar Jebediah com Alyssa, mostrando a ela os caminhos do amor, domando seu espírito selvagem com suas corriqueiras convenções humanas, tudo isso queimou a garganta de Morfeu com o sabor amargo da inveja.

Ele não queria que o lado selvagem de Alyssa fosse dominado por nenhum outro homem, não desejava compartilhar nenhuma parte dela. Morfeu desejava os dois lados: sua inocência e seu espírito desafiador.

Que graça poderia haver na dependência? Que espontaneidade poderia haver em um mundo previsível? Ele poderia lhe oferecer uma eternidade de desafios e

paixão, de momentos ternos e calmos nas profundezas de chamas vibrantes e tempestades devastadoras — a tranquilidade em meio ao caos.

O lugar dela era com ele, usando trajes de soberana. Ele tinha tanto a ensinar-lhe sobre o reino intraterreno, sobre as glórias da manipulação e da loucura. Se Morfeu alimentasse o faminto lado intraterreno de Alyssa, suas inseguranças e inibições humanas diminuiriam e, com o tempo, poderiam desaparecer. Ela nunca mais ansiaria pelo amor seguro de Jebediah.

Morfeu invocou sua magia de volta, recolhendo as espirais de luz azul até ficar novamente envolto na escuridão. Suas asas varreram o chão quando ele se levantou, e ele as ergueu num arco que quase tocava o teto.

Nada mais de deliberações. Ele tinha tentado fazer o que era justo em instâncias passadas e, sem exceção, isso sempre o prejudicara. Podia ignorar a pontada de culpa que lhe agitava o peito, mas não podia abdicar de suas necessidades pelas necessidades de Jebediah. Ele nunca mais seria ele mesmo sem Alyssa ao lado — a chama para sua Mariposa. Morfeu não pararia até que ela voltasse para o lugar que lhe pertencia, no País das Maravilhas.

Para vencer, ele jogaria sujo, colheria os despojos do coração dela do modo como fosse necessário, não importava quanto isso custasse ao rapaz mortal. Afinal, este era o modo intraterreno. Fazer menos que isso faria de Morfeu um humano. E ele sabia, agora mais do que nunca, que essa era a última coisa que jamais desejou ser.

SEIS COISAS
IMPOSSÍVEIS

ÀS VEZES PENSO EM SEIS COISAS IMPOSSÍVEIS ANTES DO CAFÉ DA
MANHÃ.

Lewis Carroll, Alice no País das Maravilhas



Mortalidade



Deportação

Algumas pessoas podem dizer que é impossível morrer e viver para contar. São as pessoas que nunca experimentaram a mágica. Quanto a mim, sou tataraneta da Alice que inspirou Lewis Carroll. Acreditei no inacreditável por mais de sessenta e quatro anos, desde que tinha dezesseis e descobri que o País das Maravilhas era real e cheio de seres caprichosos, misteriosos e loucos, governados por acordos e enigmas. Ainda assim, às vezes, por mais que você acredite no impossível, as coisas não saem como você as planejou. Toda mágica pode encontrar um obstáculo de vez em quando.

Por exemplo, nunca esperei que meu cadáver acabasse numa caixa de sapatos. É isso que os caixões crematórios me lembram... uma caixa de papelão do tamanho de uma pessoa. O caixão não é muito confortável. Não há a forração de veludo para suavizar a base de madeira. Nenhuma almofada para acomodar minha coluna curvada. E nada de roupas, além de um vestido de papel para cobrir minha pele velha e enrugada.

O cheiro de papelão se fixa ao meu nariz e as rodas de aço da maca giram ao longo do corredor, rangendo em algum lugar sob mim, junto a passos familiares. Sinto a transição do ambiente fresco e de temperatura controlada onde o legista atestou minha “morteza” (como os seres do País das Maravilhas diriam). Ele, então, pôs uma identificação de aço inoxidável no meu peito e fechou uma tampa sobre mim, me prendendo na escuridão.

A maca sacode ao entrar num lugar muito mais quente. O cheiro de ovo podre do propano confirma nossa localização. Já visitei este lugar. Nos últimos meses visitei vários crematórios, quando não havia ninguém por perto, de madrugada. Para conhecer melhor o gigantesco forno de tijolos à vista que estaria esperando

para queimar minha carne. Para encontrar o projeto perfeito, com um banheiro e um espelho de corpo todo do outro lado do salão.

Assim que optei pelo crematório do Pleasance Rest Cemetery, me preparei para morrer.

Meu plano original era usar Tetrodotoxina. Em doses pequenas, subletais, ela deixa a vítima num estado de quase morte por dias, permitindo que ela mantenha a consciência. Morfeu, porém, não concordava. Ele disse que a margem de erro entre o estado de quase morte e a morte de verdade era pequena demais no mundo mortal e não algo com o que se brincar. Ele não queria que eu arriscasse. Então, ofereceu uma substituto do País das Maravilhas: uma poção que funciona quase da mesma forma, mas que tem um antídoto cem por cento garantido.

Bebi a dose de quase morte nesta manhã e, dez horas mais tarde, ainda sinto o gosto amargo e anestésico, como cravos dançando no fundo da garrafa de vinagre. Não consigo morder a língua para aliviar o efeito. A mágica me deixou catatônica — meus olhos fechados e imóveis, meus batimentos e respiração reduzidos a um ronronar indetectável por quaisquer instrumentos humanos.

Meu lado intraterreno se remexe dentro do meu crânio, me garantindo que isso vai dar certo, mas meu lado humano instintivamente se encolhe quando o medo tranca minha garganta. Não posso gritar para dizer a todos que estou viva. Minhas cordas vocais não vão funcionar. A claustrofobia, minha velha inimiga, me deixa toda arrepiada. Sei o que está acontecendo ao meu redor, apesar de não conseguir abrir os olhos ou mover meus membros. Todos os cheiros, sons e sensações táteis são ampliados por minha incapacidade de reação.

Os paramédicos que atenderam, nesta manhã, à chamada de emergência da minha neta de vinte e sete anos me declararam morta — fulminada por um ataque cardíaco. Foi insuportável ouvi-la chorar e gritar. Isso despertou lembranças da minha maior perda — da morte de Jeb, três anos antes. Uma faca ainda é cravada no meu peito sempre que me lembro do nosso último adeus.

Mas Jeb me mandou ser firme. E ensinei aos meus netos o mesmo — sempre encarar as coisas. Ela ficará bem. Não tenho dúvida disso porque ela é muito parecida comigo, para além de seus cabelos loiros, olhos azuis e curiosidade. Ela é teimosa, leal e uma sobrevivente.

Assim que os paramédicos levaram meu corpo ao necrotério, tudo funcionou como o previsto.

Minha família sabia que cemitério eu escolhera e as quatro exigências do meu testamento: nada de exibição pública do meu corpo, nada de velório, cremação em doze horas depois da minha morte e a dispersão das minhas cinzas no mesmo local onde as de Jeb foram jogadas, sob o salgueiro em nossa casa de campo. A árvore tinha um significado especial, por ter sido gerada de uma mudinha do salgueiro que dividia os quintais da nossa casa quando éramos crianças.

Tais pedidos nada convencionais não abalaram minha família, considerando que me tornei uma mulher muito excêntrica.

Depois da morte de Jeb, eles me viram vagar pela casa de campo, reunindo os mosaicos que fiz ao longo da vida, cheios de paisagens bizarras e místicas — com títulos como *A Batida do Coração do Inverno*, *Dunas de Xadrez* e *O Ventre do Monstro* —, e guardando-os no sótão, ao lado de outras quinquilharias, incluindo um anúncio de um passeio pelo Tâmis, em Londres. As últimas coisas que guardei ali foram duas chaves: uma que pertencia à minha mãe, e era capaz de transformar qualquer espelho num portal, e outra que podia abrir o jardim das almas do País das Maravilhas. Esta última foi um presente dado a Jeb, depois que ele desistiu da sua musa, de modo a satisfazer a necessidade do reino interior por sonhos vívidos e cheios de imaginação, conectando nossos mundos em paz ao longo do processo. Ele desistiu do que fez dele único, a fim de manter as crianças humanas seguras. Um ato de coragem que seus filhos e netos jamais tiveram o privilégio de saber. Era essa a lembrancinha de que eu tinha mais dificuldade para me desapegar, porque era uma homenagem à coragem e ao caráter nobre de Jeb — as duas coisas que eu mais amava nele. No entanto, como Rainha Vermelha do País das Maravilhas, eu não tinha motivo para guardar chave tão sagrada.

Escondi tudo num baú no sótão e o tranquei. Então pus a chave do baú em meio às páginas da minha velha coleção de Lewis Carroll. Jeb e eu éramos donos da casa e do terreno que a cercava, e insistimos, em nossos testamentos, para que o lugar permanecesse sempre com a família. Assim, se nossos descendentes um dia precisassem me encontrar, poderiam. Eles só precisam procurar as pistas, como um dia eu fiz. Seguir meus passos e acreditar no impossível — em contos de fadas e desejos e mágicas.

Sempre os mantive no escuro quanto ao nosso legado, dando-lhes uma chance de viver uma vida normal. Até mesmo ordenei que os insetos e flores ficassem em silêncio. Agora sou a única capaz de ouvir esses sons do mundo interior, e as coisas continuarão assim enquanto eu estiver reinando como a Rainha Vermelha. Contudo, se algum familiar procurar com presteza, vai encontrar a verdade que escondi para eles.

Em todos esses anos, eles aceitaram meus caprichos porque sempre os respeitei e os amei incondicionalmente. E agora conto com a lealdade deles. Todo o meu plano de morrer depende da execução do meu testamento.

A cremação era a única forma de evitar que drenassem meu sangue, bombeassem formol em minhas veias e cerzissem minhas pálpebras — todos aqueles procedimentos mórbidos e intrusivos para embalsamar e preservar o corpo mortal. Fui abençoada ao longo dos meus oitenta anos de vida humana com saúde e uma mente aguçada. Nunca precisei de marca-passo e não tenho próteses, implantes ou dentaduras, então não há nada que possa explodir no forno. Isso significa que não haverá incisões nem extrações. Era importante que eu permanecesse intacta — por dentro e por fora.

Todavia, se o Rábido Branco não se apressasse e chegasse aqui com o antídoto para me tirar deste estado, nada importaria. Vou virar um monte de cinzas. E

Morfeu terá de encontrar um lar novo para meu espírito eterno... um novo corpo para eu habitar.

Ele ficará furioso se isso acontecer e nunca me deixará esquecer isso. Uma eternidade é muito, muito tempo para ouvir *eu avisei*, entoado continuamente com um marcado sotaque londrino.

— Não me importo — disse ele há duas semanas, enquanto discutíamos meu êxodo do reino humano e tomávamos chá durante uma das minhas visitas ao País das Maravilhas em sonho. Ele levou a xícara à boca, seu rosto curioso perfeito e jovem como sempre. Ele bebeu e deixou a xícara de lado novamente. — Muitas coisas podem dar errado. Devo estar lá para executar meu plano.

— Vou agir sozinha — declarei. Estudei a cama com dossel e a lareira instaladas na diagonal em relação a enormes poltronas vitorianas ao lado de uma mesa oval, buscando conforto no cenário. — E vamos seguir *meu plano*. — Aqueles seriam meus últimos instantes no reino humano. Tinha de ser de acordo com a minha vontade. Contive uma descarga de tristeza e tentei exibir o mesmo controle que Morfeu exibia com sua xícara de chá, mas o líquido quente molhou minha mão velha quando meu pulso tremeu. Gritei.

— Alyssa, por favor. Permita-me. — Com seus dedos lisos e elegantes, ele cuidadosamente segurou meus dedos enrugados, limpando o chá e acariciando a mão queimada com um guardanapo.

Permita-me. Nós dois sabíamos que ele falava de outras coisas além da limpeza do chá derramado.

Tantos anos passamos juntos nos meus sonhos — e tantos outros na nossa infância —, com Morfeu me treinando e me ensinando sobre meu reino e o mundo. Não havia oportunidades para ficarmos sozinhos, já que ele mantinha o véu do sono descoberto para eu poder interagir com o Rábido, Chessie, Marfim, as criaturas e meus súditos.

Isso mudou quando fiquei viúva. Realizava meus deveres reais todas as noites e lutava para ser forte, até que meu luto pela morte de Jeb ficou tão intenso que as lágrimas se acumulavam em meus cílios, me cegando. Morfeu — sentindo minha vergonha, porque rainhas não choram — insistia que era hora do chá, que tomávamos sozinhos nos aposentos reais que um dia pertenceria a nós como rei e rainha.

Ali, na nossa solidão, escondidos de olhos predadores e cercados por exuberantes tapetes vermelhos e cortinas douradas, eu me perdia em minha dor. *Permita-me*, dizia ele. Estendendo os braços, ele me abraçava enquanto eu chorava. Noite após noite, durante um ano, até que finalmente não conseguia mais chorar.

Pouco depois, a atenção de Morfeu mudou. Seus carinhos se tornaram menos confortantes e mais íntimos. Estava constrangida demais para reagir, tímida demais em meu corpo velho.

Um ser místico eternamente jovem cortejando uma velha — teria rido do absurdo disso, não estivesse tão afetada pela devoção cega dele e pela intensidade do seu amor.

— Mesmo que usássemos *seu* plano... — Morfeu falava baixinho e de mau humor ao esfregar o guardanapo entre meus dedos, enxugando os resquícios de chá. — ...ainda assim eu deveria estar lá nas coxias, para supervisionar o espetáculo.

Franzi a testa para ele. Sua teimosia, juntamente com a dança dos vaga-lumes em seus cabelos desgrehados e seus traços bizarramente belos, me fez lembrar outra noite em que nos sentamos neste quarto juntos — há várias décadas —, quando ele tentou me convencer a usar a coroa de rubi pela primeira vez. Quando tentei convencê-lo a me devolver meu desejo para eu poder fugir do País das Maravilhas, curar a maldição da minha família e manter Jeb em segurança. Eu era uma pessoa diferente na época, cheia de juventude, aspirações humanas e inocência.

Nosso quarto real se tornou uma lembrança dolorosa da velhice e decrepitude. Ansiava criar lembranças novas aqui, depois de desistir de tentar superar a beleza caótica do País das Maravilhas, quando fui coroada rainha de novo e permaneceria com dezesseis anos para sempre — jovem, cheia de energia e tão sedutora quanto o homem alado que governaria ao meu lado.

Até então, eu não me encaixava. Eu era uma foto deixada ao sol e chuva, minhas cores vibrantes se desbotando melancolicamente e ganhando um tom amarelado. Meus poderes intraterrenos ainda eram fortes, mas estavam presos num vaso gasto pelo tempo. Meus ombros pareciam curvados e pesados demais, eu raramente usava minhas asas. Do que mais sentia falta era voar.

Eu me perguntava se era assim que a Rainha Vermelha se sentiu no fim e por que ela permitiu que Morfeu a convencesse a voltar ao País das Maravilhas, abandonando seus descendentes semi-humanos. Por fim, foi plano dela voltar, apesar de não querer fazer aquela jornada sozinha. Ela brigou com Morfeu, dando início a uma série de eventos e manipulações que acabaram por me levar à coroa e me tornar rainha. Algo pelo qual aprendi a agradecer, apesar de na época ter reclamado do presente. Demorei muito para admirar totalmente a preciosa imortalidade, e jamais desvalorizaria isso novamente.

Depois que Morfeu terminou de limpar o chá derramado, tirei a mão da dele e timidamente cobri meu pescoço com o lenço de seda, tentando esconder minhas peles murchas. As pessoas diziam que eu era linda para a minha idade. Que parecia ao menos vinte anos mais nova. Todavia, em comparação à beleza sobrenatural e imutável de Morfeu, eu me sentia velha.

— Não quero você lá — insisti, determinada a mantê-lo distante da casa funerária. — Já basta você ter me visto murchar como uma uva-passa ao longo dos anos. — Até minha voz soava enferrujada, como se as palavras jorrassem da minha garganta e língua em porções cáusticas.

Morfeu apoiou os cotovelos na toalha da mesa, aproximando-se ao máximo com o jogo de chá entre nós. Seus cabelos azuis tocaram-lhe os ombros, animados e encantados — um contraste marcante com as ondas brancas reduzidas a um coque preso atrás da minha cabeça.

— Você está no fim de sua crisálida, meu amor. Esta etapa é a mais difícil, acredite. Uma batalha furiosa e incômoda de identidade, antes de se libertar e se transformar na criatura de luz e criatividade que sempre foi seu destino. Posso mantê-la atenta. Para evitar quaisquer... distrações.

Ele olhou para minha aliança, que eu ainda não tinha tirado. Aquilo se tornara mais do que um símbolo da nossa devoção. Tornara-se um símbolo da minha vida humana, e eu pretendia usá-la até deixar tudo para trás.

Com o dedinho, Morfeu circulou a aliança, cuidando para não tocar os diamantes ou o suporte de prata que os mantinha no lugar.

— É importante que você não permita nada que a impeça de dar o salto final. Você sofreu a perda daqueles que se foram há tanto tempo. Eles estão em paz. Deixe que a paz deles lhe dê paz. Senão, você será afetada... incapaz de agir com a mente ágil. O foco é fundamental para que qualquer um dos planos funcione.

— Já sei disso — respondo, um aperto no peito dolorido. — Você tem medo de que eu fique senil. De eu não ser capaz de lidar com isso.

Ele suspirou, acariciando meu polegar com o dele.

— Não senil. Nostálgica. Acontece a humanos. Você mesma me contou, enquanto eu a via amadurecer do refinamento à sabedoria.

— *Refinamento.* — Tentei um sorriso hesitante diante do esforço dele em me encantar. — É assim que vocês falam hoje em dia?

Ele me encarou sem hesitar.

— Seus olhos não perderam a incandescência; nem a mente, a inteligência. Você não é ingênua. Você é minha torta de ameixa, e sempre foi. Já lhe disse isso repetidas vezes, não é?

Ao menos uma vez por noite nos meus sonhos, Querida Mariposa.

Não respondi em voz alta, assim como não revelei minhas maiores inseguranças: estava com vergonha de ele me ver tão decadente... Não suportava a ideia de ele ter qualquer lembrança de mim como um cadáver naquele caixão de papelão — assim como eu vi Jeb depois da morte dele, antes de ser cremado.

— Uma rainha não deveria exigir resgate — sentencio. Ainda o encaro, maravilhada com aquelas íris coloridas que devolvem a mim o mesmo olhar de nossa infância, cheio de surpresa e afeto. De certa forma, ele via para além do meu corpo velho e enxergava a menina que fui, e eu queria muito conseguir me ver como ele me via. — Uma rainha deve merecer o respeito do seu reino e de seus súditos. E a admiração do rei.

Ele pegou minha mão novamente e beijou cada um dos nós dos dedos cheios de artrite.

— Ah, eu lhe garanto Você sempre mereceu isso. Na verdade, planejo mostrar-lhe a *profundidade* de minha admiração. — A palavra *profundidade* saiu de sua garganta como um urro. — Ainda que sejam necessárias várias vezes para convencê-la, finalmente chegará o momento de você ser minha.

Meu rosto ficou vermelho. Apesar de todos os anos em que ele me elogiou e me provocou com insinuações, e a despeito de tudo o que vivi como mãe, esposa e avó mortal, ele ainda conseguia me fazer enrubescer.

— Ah, aí está. — Ele passou o dedo por meu rosto enrugado e sorriu, satisfeito demais consigo mesmo. — Não perdi meu encanto.

— Como se isso fosse possível, para o mestre da sedução verbal — provoqueei. Seu humor mudou para a insolência num piscar de olhos.

— Você logo verá que isso é mais do que conversinha, minha rosa.

Fiquei ainda mais vermelha, sentindo-me mais jovem do que nunca. Ele sempre causava esse efeito em mim. Sempre fez com que eu me sentisse viva e desejável. Exceto pelas vezes que ele me desafiava ou me deixava furiosa.

Ele se recostou em seu lugar, as asas erguidas.

— Seu corpo está cansado. Deixe-me fazer isso por você, para você poder descansar — tentou ele uma última vez.

— Você me ensinou a ser forte e astuciosa. Devo dar sozinha este último salto para dentro da toca do coelho. — Uma sensação inesperada de vulnerabilidade me fez tremer. Peguei minha xícara de chá para absorver seu calor. — Mas você estará lá para me pegar?

— Estarei lá esperando um beijo arrasador para compensar todos os meus problemas — respondeu ele sem hesitar.

Sorrindo, peguei o jogo de xadrez. Morfeu ficou observando atentamente eu animar as peças para que atuassem no meu grandioso plano de deixar o reino humano e esconder meus vestígios com a ajuda do meu conselheiro real, além de pedaços de osso fornecidos pelas fadas, um saco de cinzas, dois trajes de disfarce, uma mosca comum e um punhado de duendes. Enquanto eu falava, seu olho adornado com joias brilhava num tom esverdeado — incomodado, mas esperançoso. A ansiedade que emanava dele era visceral.

Era inconcebível que tivéssemos um relacionamento de sessenta e três anos — platônico — sem um quê de tensão. Apesar de ele gostar muito de me ver andar na ponta dos pés na corda bamba da sedução contida, ele manteve seu juramento e respeitou minha decisão de ser fiel a Jeb. Ele esperou três anos, enquanto eu sofria a morte do meu marido mortal e preparava minha família para minha partida iminente. Era essa a profundidade do respeito dele por mim. Ele teve meu respeito em troca. E muito mais...

Agora chegou o dia de recompensá-lo por sua paciência e estou começando a me arrepender por não deixá-lo planejar minha morte... por não deixá-lo controlar o espetáculo. Provavelmente, tudo seria muito mais fácil. Eu já estaria em seus braços e em sua cama — uma jovem rainha borboleta, governando meu reino, embriagada de poder, loucura e paixão.

Não. Eu consigo. Posso provar que sou capaz, calculista e *forte*, como todas as boas rainhas deveriam ser.

O único papel de Morfeu no meu plano era mandar o Rábido com o antídoto. Assim que meu cúmplice chegar, tudo se encaixará e fugirei para o País das Maravilhas. Como um corpo não pode ser exumado depois de reduzido a cinzas, ninguém saberá que ainda estou viva e apenas fui embora deste mundo para sempre.

Uma pontada de tristeza segue-se a esse pensamento quando finalmente me dou conta. Acabou. Estou pronta para dar um fim... para começar meu futuro imortal. Vivi uma vida plena aqui. Minha família é saudável e feliz. Estamos no auge. Todos os sonhos humanos foram realizados e meu coração está firme e forte novamente.

Se bem que, *por causa disso*, há muita coisa a ser deixada para trás. Não há nada inconcluso, mas ainda assim é difícil dizer adeus para sempre. Assim que a coroa for colocada em minha cabeça para dar início à minha imortalidade, não terei de usá-la constantemente para manter minha juventude, mas terei de ficar no País das Maravilhas. Como Marfim uma vez me disse, o tempo é complicado ao se passar pelo portal a fim de retornar ao mundo humano... há de se imaginar uma hora específica, ou o relógio retrocede e o portal deixará você no mesmo momento de sua passagem.

Se eu tentar cruzar as fronteiras para o reino humano depois de partir, voltarei para sempre a este momento e terei oitenta anos para sempre, ou automaticamente envelhecerei todo o tempo que se passou e virarei pó na hora. Acrescente-se a isso o fato de eu estar morta aos olhos de todos — jamais poderia explicar meu reaparecimento sem causar terror e confusão — e ir e voltar não será mais uma opção.

Uma muralha impenetrável está prestes a se erguer entre mim e minha família, deixando-nos sem nada além de memórias.

O rosto de Jeb reapareceu em minha mente antes que eu pudesse impedir... como seus olhos verdes brilhantes me encararam pouco antes de ele os fechar na morte. Como eles estavam tão cheios de amor e gratidão por todos os sonhos que compartilhamos.

Sinto algo crescer na minha garganta e uma dor atrás dos olhos. No meu peito, a pequena identidade de metal parece uma pilha de tijolos.

Pare. Não posso fazer isso agora. Tenho de me concentrar na fuga. Morfeu tinha razão. Pensar naqueles que amei só vai me atrapalhar. Vou manter as lembranças sob controle... esquecer como encarei a morte da mamãe e do

papai, como achei que jamais superaria a dor. Como Jeb foi meu porto seguro, como sempre. Assim como fui para ele, quando a mãe dele morreu.

É fútil pensar nessas coisas agora, porque, assim que Jeb morreu, todo o mundo se distorceu — adquiriu uma nova forma que eu não reconhecia. As coisas cotidianas se tornaram estranhas e desagradáveis. Com a morte dele, eu não fazia parte de mais nada.

Minha metamorfose estava completa assim que meu marido mortal deixou de respirar. Só o que me restava agora era sair do meu velho casulo.

Um cheiro novo entra em meu entorno de papelão — loção pós-barba ou desodorante —, me obrigando a voltar ao presente enquanto dois homens conversam do lado de fora do caixão.

— Última da noite, Frank?

— É isso, Brian. Chegou há algumas horas. Só entrega. E é para se apressar com ela. Quer que eu fique e ajude?

Tenho dificuldade para respirar. Meu plano não permite duas testemunhas. Só uma. Enquanto espero pela resposta do operador do crematório, meu coração se encolhe dentro de mim, cheio de medo. O órgão parece tremer, apesar de não haver pulsação em meus pulsos ou ouvidos. Só uma vibração fria e indiscernível por trás do meu esterno, como gelatina gelada retirada da fôrma.

— Não — diz finalmente Brian, mexendo em alguns papéis. — Posso fazer isso de olhos fechados.

A ironia é risível. Se tudo sair como planejado, ele não só terá seus olhos fechados, como também estará dormindo e sonhando.

— Vá para casa e fique com sua família — conclui Brian. — Diga a Melanie e às crianças que mandei um oi.

— Entendi. Até amanhã.

As portas se fecham com um rangido e o alívio toma conta de mim, mas por pouco tempo. Os cliques e claquas da esteira mecanizada balançam as paredes de papelão do meu caixão e agitam meus ossos rígidos. Sinto um balançar leve sob minha coluna enquanto meu caixão segue por uma esteira com rolos de metal. À medida que estes se movem, as chamas crepitam mais alto, aquecendo meus pés no ponto onde a parede sob a sola dos meus pés se aproxima perigosamente da entrada do incinerador.

Era para o Rábido estar aqui antes que o forno de temperatura controlada estivesse quente o bastante para acionar o mecanismo de abertura. As coisas estão acontecendo fora da sequência e rápido demais. Meus músculos doem e ganham vida, mas estão rígidos como aço. Imóveis. Um vislumbre de outra lembrança me arrepia: quando a Rainha Vermelha controlou meu corpo naquele último dia em Qualquer Outro Lugar. Quando eu era uma marionete dela. Sinto-me tão impotente agora quanto naquele tempo.

Estou prestes a ser envolta em chamas. Meu corpo não vai sobreviver. De todo modo, preciso sobreviver. Prometi voltar como eu mesma. Inteira. É uma promessa que não posso quebrar. Morfeu esperou demais por meu retorno. Não posso decepcioná-lo.

A dúvida ergue sua cabeça horrível: o que farei? Não consigo me mover, não consigo me livrar... não sem o antídoto. Um vazio dói por trás dos meus canais lacrimais enquanto desejo que uma enchente me liberte e encha toda a minha caixa com um oceano de lágrimas para me salvar do fogo. Mas meus olhos podiam muito bem estar cheios de areia.

Chega de drama, meu amor. Use sua mágica. Improvise e encontre uma forma de escapar.

Não tenho certeza se é a voz de Morfeu na minha cabeça ou se é minha própria voz. Ouvi o sotaque dele e sua insistência tantas vezes ao longo da vida que eles estão entranhados em mim como se fossem meus.

Seja qual for o caso, isso desperta minha determinação. Há um motivo para eu ter vindo a este lugar na noite passada, quando tudo estava escuro e em silêncio: para poder anotar mentalmente todas as coisas que poderia animar se precisasse. Para poder entender a logística do forno crematório. Para poder usar minha mágica às cegas.

Concentro-me no maquinário da esteira. Aprendi uma coisa ou outra sendo esposa de um mecânico. As molas do mecanismo se contraem enquanto as imagino se retraindo. O movimento aciona as amarras e a porta de metal se fecha com um baque. Minha caixa para imediatamente ao atingir o obstáculo.

— Você só pode estar brincando comigo — resmunga Brian. Ele mexe na maçaneta da porta e bate nas dobradiças. — Pronto. Agora, sim.

Ele empurra meu caixão de volta para a esteira de metal, criando espaço para a dobradiça se abrir. Minha mente procura outra forma de detê-lo quando o ouço gritar “Mas o que é que...?”, pouco antes de ouvir o som do seu corpo caindo no chão. O caixão bate na porta fechada novamente.

— Rainha Alyssa — uma voz fina soa do outro lado do papelão.

Nikki, sua fadinha maravilhosa. Um formigamento se irradia pelos meus lábios, o fantasma de um sorriso esperando para se abrir. Meus dedos dos pés se dobrariam de empolgação, não fosse minha paralisia.

A tampa do caixão se abre e as asas de vinte fadas pairam ao redor do meu rosto — lufadinhas de vento com cheiro de canela e baunilha.

Mãozinhas do tamanho de joaninhas seguram minhas pálpebras, abrindo-as diante de um brilho âmbar. Ainda não consigo virar a cabeça, mas pela minha visão periférica a galhada do Rábido aparece sobre a borda do caixão, seguida por um par de olhos rosados brilhantes.

— Atrasado estou — desculpa-se ele.

Tento menear a cabeça, mas não consigo.

Todo o seu rosto aparece diante de mim.

— Arrumá-la, Alteza. Levá-la para casa, finalmente.

Casa. A palavra passeia por minha mente, cheia de promessas e esperanças. Imagino-me voando com Morfeu pelos cenários bizarros e irregulares do País das Maravilhas. Como vai ser bom me sentir pertencente a um lugar de novo. Fazer parte e nunca ter de abandonar ninguém novamente.

O Rábido estica o braço magro e derrama em minha garganta algo de uma garrafa vermelha. Um leve toque de frutas vermelhas misturado a menta arde em minha língua. Meu coração ganha vida, batendo com tanta força contra meu esterno que eu perco o fôlego. Em pouco tempo, sou capaz de abrir os olhos sem a ajuda das fadas. Elas se dispersam com risadinhas e pairam ao redor do adormecido operador do crematório, caído no chão de cimento.

Pisco com força e rapidez. Meus canais lacrimais funcionam e meus olhos se enchem de água. O sal fere e coça.

Depois, meus dedos dos pés e das mãos latejam e os músculos despertam, moles e resistentes, como elásticos esticados demais. Enquanto me sento, minhas velhas articulações estalam.

O Rábido sobe na beirada da inclinação e segura o caixão, mantendo-o ao meu nível.

— Perdoe o Branco Rábido. Para todo o sempre, ao seu lado estarei.

Acaricio sua cabeça macia.

— Nenhum perdão é necessário. O que importa é que você está aqui agora. Alguém o viu saindo do banheiro?

O Rábido faz que não.

— A mosca no muro ficou de olho no futuro. — Ele ri da rima e aponta para a parte de cima da porta que ostenta a única janela do salão. A mosca anda pelo vidro do outro lado, numa demonstração de sua devoção inabalável.

O Rábido abre o sorriso sorrateiro que aprendi a apreciar, enquanto sua mão esquelética me entrega uma mochilinha. Olho dentro e está tudo ali: meu colar com o rubi, minha aliança de casamento, os trajes de disfarce, um saco de cinzas e pedacinhos de osso, uma muda de roupa, uma faca e três lembranças da minha vida humana que serão as únicas coisas que levarei comigo ao transpor os limites do País das Maravilhas.

Primeiro, coloco o colar em volta do pescoço e aperto a chave contra o peito, saboreando o poder que ela contém.

O operador do crematório ronca no chão. Ele parece com frio e nada confortável, mas sei que não está. Seus sonhos são cálidos e sensuais. As fadas voam ao redor dele, as asas batendo à velocidade de beija-flores, enquanto elas

espalham partículas que são como dentes-de-leão cheios de feromônios. As sementinhas caem sobre o rosto sorridente do homem, levando seu inconsciente a imaginar as fantasias mais carnais. Torço o nariz, com vergonha até de imaginar o que ele está sonhando. Ele provavelmente vai ter uma ressaca de sonhos por uma semana.

Ainda que ele não vá sofrer nenhum efeito físico duradouro, as fadas estão explorando os pensamentos secretos dele. Quando eu era mais nova, teria me arrependido de tê-lo usado em meu plano. Agora, não. Quando ele acordar, daqui a mais ou menos uma hora, sua dor de cabeça insuportável o impedirá de questionar como conseguiu me cremar enquanto ele dormia. Ele só irá querer uma aspirina e sua cama macia em casa.

O fim justifica os meios.

Uso a faca para cortar uma abertura na lateral do caixão e tirar minhas pernas, lenta e cuidadosamente. Não consigo me mover tão rápido quanto antes. Meus pés descalços tocam o chão frio, o vestido de papel fazendo barulho. O Rábido se vira de costas enquanto tiro o vestido e o jogo dentro da caixa, depois visto um moletom e botas cinza — as roupas mais confortáveis e discretas do meu armário. Reprendo-me por me esquecer das roupas íntimas, mas não importa o que estou vestindo agora, porque no País das Maravilhas Morfeu encheu todos os armários do castelo com camisolas e lingerie de renda, cetim e veludo — um guarda-roupa digno de uma rainha.

Hoje, o disfarce esconderá meu traje simplório. Coloco o pé no tecido mágico. Para virar uma camaleoa, só preciso vestir o capuz e me concentrar nos arredores, meu corpo refletindo o cenário de fundo.

Mas primeiro...

Sem eu nem pedir, o Rábido me entrega o saco de cinzas e ossos e minha aliança de casamento. Olho o anel. Jeb o fez para mim quando tinha a capacidade mágica de pintar coisas e lhes dar vida. Quando sua musa se tornou uma entidade viva. Ele me serviu tanto como anel de noivado quanto como anel de casamento e era indestrutível. Pelo menos era o que pensávamos. A única vez que ele perdeu um de seus doze diamantes foi por descuido da minha mágica, quando eu a estava praticando.

Estava do lado de fora da nossa casa de campo, tentando fazer o salgueiro dançar, quando o diamante caiu na grama. Procuramos e procuramos, mas nunca o encontramos. Depois de uma semana, ele apareceu de novo, nascendo do solo na forma de uma flor parecida com vidro. Era como se o diamante fosse uma semente, tendo dentro de si a força da criação mágica de Jeb.

O cheiro de terra presente na lembrança dá lugar ao cheiro do propano do forno. Abro o saco e derramo as cinzas e ossos no caixão, mantendo os movimentos metódicos e precisos para a nostalgia não tomar conta de mim novamente.

Depois de esvaziar o saco, beijo minha aliança e a coloco em cima do

montículo.

— Rábido, derreta isso com sua mágica.

Meu conselheiro real se aproxima, olha pela abertura e estreita seus olhos brilhantes até que eles irradiem um calor vermelho. Enquanto ele se concentra, as faixas de prata se fundem, reduzindo os onze diamantes a cinzas.

Coloco a placa de identificação dentro do caixão e leio o que está gravado no aço: *Alyssa Victoria Gardner Holt*. Sinto um nó na garganta. É a última vez que meu nome humano me definirá.

Reposicionando a tampa, ordeno que o mecanismo da porta funcione. Entrefecho os olhos diante do calor e das chamas, enquanto as portas se abrem o bastante para eu empurrar o caixão pela esteira, a porta se fechando em seguida. Ela se fecha completamente, tanto que nem mesmo se pode ver o brilho alaranjado lá dentro.

Alguns segundos mais e eu estaria presa ali. Agora, depois que o papelão se queimar todo, vai parecer que eu estava. As prateleiras de metal na parede contêm vários cubinhos de papelão. Dentro estão os restos mortais dos corpos que vieram antes de mim e agora esperam ser transferidos para suas urnas.

Mas meus “restos mortais” são únicos. Os diamantes de Jeb esperam lá dentro — sementinhas mágicas. Quando as cinzas forem lançadas no lugar onde as dele foram absorvidas na terra sob nosso salgueiro, flores nascerão, uma parte dele e minha. Unindo o que restou de nosso lado humano, numa última homenagem a toda a beleza que ele criou durante a vida.

Seguro-me para não chorar e pego a mochila enquanto o Rábido veste outro traje de disfarce, o qual encolhe até caber em seu corpo de coelho. Mentalmente, pergunto à mosca se o corredor está livre.

Ela responde num sussurro:

Está tudo bem, Rainha Alyssa...

Os outros humanos se foram. Não há nada além de umas traças por aqui.

Desnecessário ficar invisível, então.

— Nikki — sussurro, e a fadinha balança as asas, soltando a dose final de pó de fada no homem adormecido. Então ela reúne suas companheiras e nos segue porta a fora. O banheiro fica a poucos passos do outro lado do corredor comprido e escuro. Sigo tomando cuidado para não esmagar as traças que caminham perto dos meus pés e dos pés do Rábido. Sorrio ao ver os insetos acompanhados de uma fila enorme de baratas, besouros e aranhas.

Rainha Alyssa! Rainha Alyssa! Tão triste vê-la partir...

A mosca voa ao redor da minha cabeça, acrescentando suas despedidas à

confusão.

— Sentirei saudade de vocês também — digo, lutando contra uma onda de melancolia. Será a última vez que ouvirei esses cumprimentos confusos e zunidores. No País das Maravilhas, os insetos são... bem diferentes. Menos inócuos e bonzinhos. Alguns são maus e letais, e nada pequenos. Mas conheço todos os segredos deles e todas as suas fraquezas — graças ao sábio guardião do País das Maravilhas.

Nosso desfile entra no banheiro e para diante do espelho. Em vez de me ater à minha aparência velha e enrugada, imagino o relógio de sol que cobre a toca do coelho em um jardim londrino. O vidro racha como gelo no lago e, no reflexo entremeado, o relógio de sol aparece, marcado por uma réstia de pôr do sol rosa. É cedo e ninguém ocupa a trilha ainda. Como precaução, visto o capuz e o Rábido faz o mesmo.

Só precisamos de um ou dois pensamentos sobre nossas cercanias e seremos invisíveis.

Usando minha chave, miro numa fissura na forma de buraco de fechadura, minúsculo e intrincado.

O portal se abre. O Rábido me cutuca com seus dedos magros e entrelaça meus dedos aos dele. Junto com as fadas e nossos insetos companheiros, passamos pela abertura liquefeita. Uma brisa fria me atinge, assim como o cheiro de mato e rosas cobertos de orvalho reluzente.

Os botões de rosa dizem:

Bem-vinda, Majestade. Os anos ficaram para trás. Logo você estará desabrochando como nós novamente.

Sorrio. O Rábido me puxa rumo ao relógio de sol que já expõe a toca do coelho. Ele está ansioso para ir embora. Mais insetos se juntaram a nós; alguns pelo terreno: besouros, centopeias e escorpiões; outros pela brisa: borboletas, mariposas, vaga-lumes...

Saem em enxame do mato e ficam dando a volta em mim e em meu conselheiro real — um arco-íris encantado, espesso e brilhante, sob a luz rosada do céu.

As borboletas cantam:

Vida longa à Rainha Alyssa. Que você seja para sempre jovem, louca e livre.

Muitos deles pousam sobre mim, as asas acariciando meu rosto e pescoço através do traje de disfarce, e percebo que não terei mais de me tornar invisível. Meus amigos insetos estão aqui para me dar proteção, como sempre estiveram.

O Rábido me solta, seus dedos de cadáver tocando os meus enquanto ele segue as fadas e mergulha na toca do coelho sem olhar para trás.

— Atrase-se não, Majesta-a-a-ade — o grito do Rábido ecoa até mim, afastando-se mais e mais à medida que ele desce, sem peso, como uma pena ao vento.

Ao contrário do meu séquito interior, não consigo ir embora sem uma olhada para trás.

Paro, olhando em meio à nuvem de milhares de asinhas adejando diante da paisagem tremeluzente no horizonte. Meu peito se aperta.

Pego as lembrancinhas da minha mochila. Três garrafas de vidro decoradas: a primeira cheia de pedrinhas, a segunda com conchas e a última com um pó prateado. Uma olhada nas três e as lembranças contra as quais eu lutava iluminam minha mente, graciosa e lentamente, como a aurora invadindo o mundo imóvel que desperta.



Auge

PRIMEIRA MEMÓRIA: PEDRAS

Sessenta e três anos antes...

É manhã no País das Maravilhas e Morfeu está me acompanhando de volta ao castelo da Marfim, onde minha família e Jeb esperam para passar comigo pelo portal, de modo que eu possa viver o restante da minha vida humana.

Meu acompanhante está pensativo e quieto, suas feições duras como pedra. Não trocamos nenhuma palavra durante o trajeto encantado. O som das asas da mariposa criando uma trilha no céu só intensifica o silêncio constrangido.

Sinto um aperto no peito, como se meu coração estivesse tentando alcançá-lo. Sei que, se olhasse sob o tecido sedoso do meu vestido preto e sob o paletó que ele insistiu em usar para se aquecer, o órgão estaria brilhando em tom violeta. Ontem mesmo, meu coração estava dividido ao meio — os lados humano e interior se matando — por causa da maldição que a Rainha Vermelha jogou sobre mim. Jeb e Morfeu intervieram, combinaram suas mágicas e me curaram com suturas encantadas. Eles salvaram minha vida com o amor. Meu corpo entende isso de alguma forma primitiva e eu jamais esquecerei. Meu coração está ligado aos dois agora, formando um elo que vai além de qualquer explicação humana.

Contudo, mesmo sem esse elo, eu era capaz de decifrar as joias no rosto de Morfeu e de saber no que ele está pensando. Acordei mais cedo em sua cama e o encontrei sentado na beirada do colchão, acariciando os cabelos nas minhas têmporas. Antes mesmo de poder lhe dar bom-dia, ele me beijou na testa e se afastou, dizendo que o café da manhã estava pronto.

Passamos a noite juntos, mas nada físico aconteceu entre nós. Nada acontecerá por muitos anos. Não até eu ter vivido minha vida humana com Jeb.

Deixei minha posição sobre fidelidade bem clara; mesmo assim, Morfeu deixou claro que não vai facilitar as coisas. Apesar de seus desafios penderem como fios soltos, o respeito que estabelecemos está firmemente junto a mim. Sei que ele jamais me pediria que traísse os humanos que amo — porque isso é parte de quem sou —, por mais que ele sofra ao recuar e me deixar em paz.

Depois de visitar as paisagens do País das Maravilhas juntos, noite passada, eu o entendendo como nunca o entendi antes. E é o mesmo para ele, porque assim que chegamos e ele segura minha mão para eu descer da carruagem, não hesita em me acompanhar até a entrada de gelo onde Jeb me aguarda no topo da escadaria coberta de cristais de neve.

Prendo a respiração ao vê-lo. Ele está usando um smoking azul-marinho completo, com uma camisa violeta que complementa seus cabelos ondulados escuros e o tom oliva de sua pele. A mesma camisa transformada em cueca em Qualquer Outro Lugar.

O smoking está exatamente como na noite da festa de formatura: teias falsas, listras sujas e rasgões colocados estrategicamente no paletó e nas calças. Por um momento, sou levada de volta ao Submundo, onde o vi pela primeira vez esperando por nós na noite de formatura na entrada dos funcionários, e sua expressão magoada diante da minha traição. Jamais provocarei um olhar daqueles novamente.

Estranho. Da última vez que vi o smoking, foi com o dublê de Jeb em Qualquer Outro Lugar. Quando CC caiu na piscina de medos, as roupas se desintegraram. Jeb deve tê-las consertado antes de desistir do seu talento para sempre.

Talvez tenha sido sentimentalismo, porque a irmã dele é quem fez o smoking, ou provavelmente porque ele queria estar usando algo conhecido quando passássemos pelo portal e voltássemos à vida de sua família.

Ainda assim, mesmo usando roupas do reino humano, ele parece triste e deslocado ao esperar que eu suba as escadas. Ficar ali de pé à luz do dia, vendo as belas paisagens que ele criou neste mundo, deve ter sido horrível. Desistir de sua musa deve ser a coisa mais sofrida que ele já fez. E ele fez isso sem hesitar, para ajudar a equilibrar o País das Maravilhas... para alimentar as almas insaciáveis da Irmã Dois com seus sonhos artísticos.

Não tenho certeza se ele pensou nas consequências desse sacrifício. Mas estarei aqui para ajudá-lo a passar por isso.

Enquanto Morfeu e eu subimos a escada a caminho de Jeb, passamos por seres intraterrenos que vieram acompanhar minha partida. Alguns deles são inesperados.

Hubert, decorado e lustado como um ovo Fabergé numa vitrine de Páscoa, estende a pata de louva-a-deus para cumprimentar Morfeu.

— Ainda é mais fácil para mim odiá-la — diz o homem-ovo para Morfeu, como se eu não estivesse por perto. — Rainha sabe-tudo. Nada de educação ou cultura naquela cabeçorra dela. Ainda assim ela conseguiu provar que eu estava errado. Tinha tanta certeza de que ela acabaria num caixão. Que decepção. — Apesar do sarcasmo, seus olhos amarelados refletiam admiração. Para minha surpresa, ele me oferece, por toda a vida, um suprimento de ovos beneditinos em seu ilustre hotel mágico, se um dia eu o visitasse.

Depois, cumprimentamos os estranhos seres intraterrenos clandestinos que ficaram presos no trem da memória três dias antes. Todos fazem reverência e me agradecem por abrir a toca do coelho para eles poderem voltar para casa. Meu nariz coça quase a ponto de me fazer espirrar quando passamos pelos coelhinhos de pó.

Bill, o Lagarto, nos para no meio do caminho. Ele estende dois trajes de disfarce que pedi a Grenadine que o devolvesse.

— Desculpe por ter perdido um... por tê-los roubado, antes de mais nada — sussurro, envergonhada.

Ele balança a cabeça reptiliana e mostra a língua comprida.

— Sou um súdito da Corte Vermelha. Assim, eles pertencem a *você*, Majestade. Seus talentos como ladra perdem apenas para o uso da sua mágica. Você os usará agora melhor do que eu jamais os usaria.

Impressionada, coloco a mão no peito. Sob meu vestido, o colar com a chave que abre meu reino pressiona minha pele.

— Mesmo?

Bill estende os trajes.

Olho para Morfeu.

Ele sorri e faz que sim, me encorajando a pegar o tecido transparente. Eu o guardo debaixo do braço e agradeço ao lagarto, que se curva para nos deixar passar. O Rábido está esperando por nós no degrau de cima — usando casacão e calças vermelhas. Ele abre os braços para levar os trajes para mim. Meu conselheiro cavalheiro. Ao subirmos, acaricio a pele macia entre seus chifres.

Guardas elfos se enfileiram na segunda metade da escada, dos dois lados. Eles sacam as espadas e tocam as pontas delas no topo das cabeças, formando um corredor prateado brilhante.

Jeb me aguarda no fim, tenso como se o fato de não poder correr até mim o estivesse matando.

Enquanto Morfeu e eu subimos a escada sob as sombras das espadas, meneio a cabeça para Jeb, num sinal de reconhecimento. As bolsas sob seus expressivos olhos verdes provam a falta de sono. As doze horas que passamos separados devem ter sido uma tortura. Por mais forte que ele estivesse quando demos boa-noite, é óbvio que ele temia que fossem despedidas de verdade. Que eu decidisse

passar meu futuro no reino humano sozinha, sem ele.

Não posso estar no mesmo mundo que ele todos os dias sem tê-lo na minha vida. Nós nos amamos. Nós dois queremos a mesma coisa. Vamos dividir esses sonhos e envelhecer juntos. Uma vida mortal é preciosa e curta em comparação à eternidade. Ela deve ser vivida e nunca desperdiçada. Algo que Morfeu agora entende como nunca antes, senão não estaria me deixando partir sem lutar.

Sinto o rosto adormecer, menos pelo frio e mais pela situação insuportavelmente incômoda na qual coloquei os dois. Eu me lembro de que esta é a pior parte... que, depois que eu passar pelo portal e entrar no reino humano, minhas duas vidas vão se misturar e ao mesmo tempo jamais se cruzarão, a não ser que seja necessário à segurança ou ao bem-estar de alguém. Foi com o que concordamos.

Uma cama de gelo se gruda na sola das minhas botas assim que subo o último degrau. Os cavaleiros elfos nos saúdam e guardam as espadas nas bainhas de couro. O sangue que lhes decora os rostos e têmporas brilha como fruta contra o cenário branco que os cerca. Batendo os calcanhares, eles descem as escadas para cercar o castelo e assumir seus postos.

Franzindo a testa, Morfeu oferece minha mão a Jeb. É um gesto estranho, grandioso e cheio de dignidade, como se ele caminhasse comigo pela nave e me entregasse em casamento. De certa forma, é. Durante uma vida humana.

Suas asas farfalham quando Jeb segura minha mão, um espasmo involuntário. Ele está lutando para não pegar minha mão de volta.

— Você conhece o protocolo... se algo acontecer ao seu corpo no seu mundo, você ou Alison devem entrar em contato comigo imediatamente. O espírito de Alyssa deve ser protegido para sobreviver.

Jeb faz que sim com a cabeça.

— Entendi. — A resposta dele é sucinta e seu tom de voz, controlado, mas a preocupação em sua expressão o entrega. É algo em que não gostamos de pensar, algo que esperamos que nunca tenha de ser resolvido.

O olhar rosa do Rábido se vira para mim, seu rosto branco entusiasmado. Eu o mando porta afora para resgatá-lo de ter de tratar de assunto tão mórbido.

Morfeu espera pelo toque dos ossos para desaparecer dentro do castelo, depois pega um par de luvas do bolso, colocando-as na mão.

— E acho que é desnecessário lhe dizer para tratá-la como uma rainha — resmunga ele para Jeb.

Jeb entrelaça nossos dedos.

— Assim como é perda de tempo lhe pedir que abandone as táticas de sedução nos sonhos dela.

— É ciúme o que ouço em sua voz, belo e falso elfo? Nunca tema. Ainda

pensarei nela todos os dias, enquanto ela estiver com você.

— Prefiro que você pense em mim todas as noites, quando ela estiver *com* você. — Jeb me ajuda a tirar dos ombros o casaco de Morfeu, substituindo-o pelo paletó do seu smoking, ainda quente do calor do seu corpo. — Enviarei uma coruja como lembrete. — Ele devolve o casaco a Morfeu.

Morfeu pega o casaco e o dobra no braço, alisando-o. Ele ri uma risada triste e vazia.

— Vou sentir falta das suas tentativas equivocadas de fazer trocadilhos.

Jeb abre um sorriso forçado.

— Não tanto quanto eu sentirei falta de sua condescendência pomposa.

Eles se encaram, uma mistura de distração e comedimento em suas expressões. Um respeito de má vontade une a tensão — uma ligação que aumentou sem eles perceberem ou encorajarem, durante o mês que eles passaram juntos em Qualquer Outro Lugar.

— Vocês dois querem ficar sozinhos? — pergunto, desesperada para que ponham um fim ao estranho diálogo.

Morfeu estreita os olhos.

— Eu a verei hoje à noite, Alyssa. E, a partir de agora, quando você estiver comigo, espero que sua mente seja como era na nossa infância. Atenta às questões do País das Maravilhas, e não à confusão do reino mortal. Lide com as coisas daqui para que elas não sejam uma distração quando você voltar às suas obrigações reais. Tem certeza de que não precisa da minha ajuda para limpar todas as bagunças? Tenho certa prática no *manejo* de humanos. — A risadinha arrogante que ele lança para Jeb está cheia de insinuações.

— Entendemos, Mariposinha — diz Jeb. — Entendo as sensibilidade inocentes deles melhor do que você. — Ele arqueia a sobrancelha, expressando sua própria mensagem cifrada.

Ouve-se um baque abafado na enorme porta cristalizada. Jeb e eu olhamos para trás, para o ponto de onde nossos pais estão espiando. Ambos parecem belos e descansados, mas também ansiosos.

Meneio a cabeça num cumprimento e eles acenam e então recuam para dar privacidade a nós três.

Jeb se vira, seu braço me segurando pela cintura.

— Você vem nos visitar, Morfeu?

Morfeu encara enfaticamente Jeb. Suas marcas de joias brilham numa paleta pastel, como um pôr do sol reluzente. A resolução pisca dentro de seu olhar carregado.

— Não quero chegar nem perto do portal. Já tive o bastante do seu reino estagnado para esta vida e um pouco mais.

— Espero que você esteja falando sério — diz Jeb. A frase não é ferina, só sincera.

— Ah, com certeza falo. Exceto pela parte preciosa do seu mundo, que um dia pertencerá somente a mim. — Morfeu ergue o chapéu na minha direção e as mariposas cinza-azuladas na borda tremem como se fizessem reverência. Ele se vira e desce as escadas, as asas se arrastando pela neve como uma capa, e parte de mim sofre com uma tristeza profunda.

Um vento ganha força, gerando um redemoinho de neve.

É melhor estarmos saindo pelo portal da Marfim. Esta partida sofrida seria acrescida dos rostos de todos os meus súditos me olhando. Noite passada, ao visitar o Castelo Vermelho, optei por não me despedir deles. Eu me sentiria fadada demais e de certa forma estranha. Consolo-me em saber que eu verei a eles e Morfeu em meus sonhos.

Depois que a carruagem movida a mariposas decola, Jeb se vira para me encarar. Ele leva minha mão à boca e acaricia os nós dos dedos. Seu olhar intenso passa por todos os meus traços, dos olhos ao nariz e lábios, como se estudasse uma pintura novamente.

O silêncio revira meu estômago.

— Você vai perguntar?

— Perguntar o quê? — diz ele contra a minha mão.

— Se algo aconteceu. — Meu tempo com Morfeu parece algo privado e secreto, mas se Jeb, para reaver a calma, precisar ouvir sobre o que conversamos e os lugares que visitamos, me abrirei e serei honesta.

Jeb entrelaça nossos dedos novamente.

— Você segurou *minha* mão hoje e está *ao meu* lado. Isso me diz tudo o que preciso saber. Você é uma rainha e tem responsabilidades. — A admiração por trás de suas palavras me surpreende, mas não deveria. Não levando em conta os laços emocionais dele com meu mundo. — Não preciso saber de tudo sempre que você volta. Você me diria se algo nos afetasse ou afetasse sua vida.

Sorriso, surpresa com a fé dele.

— Diria. *Direi*. E obrigada.

Ele cuidadosamente segura os cabelos à minha nuca e junta nossas testas.

— Eu é que agradeço. — Sua voz, grossa e rouca de emoção, forma uma névoa entre nós. — Obrigado por voltar para mim.

Acaricio seu rosto e a pouca barba em seu queixo.

— Certo, não vou me sentir como se você precisasse de uma atualização sempre. Mas, por favor, não pense que você precisa agradecer todas as manhãs em que eu acordar ao seu lado. Quero que sejamos normais.

— Normais. — Ele recua e ri, as covinhas finalmente aparecendo. — Isso vindo de uma menina que ganhou asas e que me deu um colossal chá de cueca enquanto surfávamos nas areias do País das Maravilhas. Quando é que isso foi normal, hein?

Bufo, lembrando-me de que não podia carregá-lo pelo precipício e tive de deixá-lo para trás, que, por mais que ele estivesse com tanto medo quanto eu, ele me fez rir e me deu forças para que eu fizesse o que julgava impossível. Como agora.

O sorriso desaparece aos poucos, fazendo seu piercing nos lábios brilhar à luz. Eu o toco, acariciando o metal quente, de modo que seu bigode pinica meu dedo.

Esse ato íntimo e sensual me atinge com uma verdade quase que inconcebível: não há nada se colocando entre nós dois agora. Nossa vida juntos começará hoje, assim que cruzarmos a fronteira. Estou ao mesmo tempo feliz e emocionada.

— Estou pronta para minha aliança — consigo dizer em meio ao nó na garganta.

Sua expressão ganha sobriedade. Tirando a corrente por baixo da camisa, ele a passa pela cabeça e tira o anel. Com os olhos nos meus, ele coloca o anel de prata na minha mão direita, onde ele permanecerá até que ele o coloque na minha mão esquerda depois de declararmos nossos votos maritais. Os diamantes brilham — um coração alado — e meu coração parece bater asas como se pudesse voar.

O anel se encaixa perfeitamente ao meu dedo e parece um cartão de boas-vindas.

— Você sempre foi minha segurança — sussurra Jeb, colocando o polegar na covinha do meu queixo e me puxando para um beijo carinhoso e doce. Passo a mão pelos cabelos dele e o saboreio, ele sem perfume ou tinta ou terebintina. Só ele. Humano, masculino. *Jebediah Holt*.

Eu poderia me afogar na doçura da simplicidade.

Com nossos peitos unidos, meu coração costurado brilha e cantarola, tentando diminuir o espaço entre nós. Seu corpo fica tenso, como se ele sentisse a atração.

Ele interrompe o beijo e segura minha cabeça contra seu corpo, a barba por fazer em seu rosto arranhando minha têmpora.

— Tenho algo para lhe mostrar. — Seus lábios acariciam minha orelha e me aquecem toda. — Quis esperar até que estivéssemos juntos. Até que estivéssemos sozinhos. Mas acho que você precisa ver agora. — Ele pega algo do bolso e revela o que parece uma bolinha de gude, apesar de ser macia como uma pérola de banho.

— Um desejo? — Enxugo as lágrimas do meu rosto com o dorso da mão, surpresa. — Como? Quando?

— Noite passada, na festa da Marfim, depois da nossa dança lenta. Um furão

me puxou... lambeu meu rosto para me agradecer pelo que fiz pelo País das Maravilhas.

— Ah, meu Deus. Então foi por isso que você saiu mais cedo?

Ele rola a bolinha na palma da mão.

— Estava prestes a me acabar de chorar. — Ele segura a lágrima brilhante contra a luz. — Não poderia permitir que a Rainha Vermelha me visse berrar como uma menininha.

Solto uma risada inesperada, alheia em meio à confusão inesperada de emoções.

Jeb franze a testa, pensativo.

— Podemos usar isso para nos ajudar a arrumar as coisas no reino humano.

Meu sorriso de felicidade desaparece.

— Não. Este desejo só pode ser usado para você.

— Fiquei envolvida com Morfeu por um mês. A única coisa que aprendi é que a mágica é flexível. É tudo uma questão de estilo.

Balanço a cabeça e cubro a mão dele, escondendo sua lágrima.

— Mágica é *preciosa*. Você tem de guardar isso, Jeb. Você pode desejar tantas coisas! — Paro, porque nós dois sabemos que há duas coisas monumentais que não podemos pedir. Ele não pode recuperar sua musa sem desequilibrar o País das Maravilhas de novo. E não pode pedir para vivermos para sempre. A mágica não mudará quem se é por dentro. Ele optou por perder sua imortalidade abdicando dos poderes da Vermelha. Ele é mortal e não há como mudar isso agora. — Jeb, não desperdice o poder. Guarde para algo importante.

Ele fica mais sombrio e sei que já esteve enfrentando os mesmos pensamentos. Ele guarda o desejo no bolso e trava a mandíbula.

Antes que possamos dizer algo, as portas do castelo se abrem e a mamãe e o papai surgem. Fico chocada ao vê-la usando o mesmo vestido de costas expostas usado na festa de formatura. Apesar de o chiffon da saia e as mangas estarem avariados por causa da luta dela com o coveiro de oito patas do País das Maravilhas, o vestido ainda está intacto.

Franzo a testa, pensando em tudo.

— Espere aí. — Aponto para ela e para Jeb. — Então... vocês estão usando as mesmas roupas que usavam quando desapareceram. Isso é um plano?

— Sim. Jeb pensou nisso — responde a mamãe. — Ainda precisamos pensar nos detalhes. Mas primeiro... — Ela e o papai me puxam para um abraço.

Depois de um abraço longo e apertado, celebramos as notícias. O papai brinca com Jeb, dizendo que ele quase teve de vender um rim para comprar o anel de noivado da mamãe, no que esta lhe dá uma cutucada, fazendo-o soltar um

ganido. E então ela segura cuidadosamente minha mão direita para admirar meu dedo anelar.

Ela olha meu rosto. Sei o que ela está vendo: a mesma ansiedade pela vida humana que ela sentiu com o papai depois de salvá-lo da Irmã Dois. O sorriso dela é tão cheio de esperança que eu poderia estar olhando diretamente para o sol.

Quando ela se vira para dar um abraço de improviso em Jeb, o papai me puxa de lado.

— Borboleta — diz ele, ajeitando uma mecha solta de cabelo atrás da minha orelha.

— Papai — falo, segurando a mão dele e mantendo-a perto do meu rosto.

Ele balança a cabeça.

— Em meio a toda esta loucura... Não tive a oportunidade de dizer quanto tenho orgulho de você, Alyssa Victoria Gardner. — A ternura em seus olhos castanhos me lembra de como nós dois enfrentamos o mundo juntos na minha infância e de como sempre me senti segura. Se ao menos eu soubesse que minha vida era protegida por um cavaleiro de verdade. — Minha menininha é uma rainha. *Uma rainha do País das Maravilhas.*

Sorriso.

— Ligeiramente diferente das minhas versões fantasiosas, não?

O papai ri e me beija na cabeça.

— Pode-se dizer isso. Mais como uma ninja.

Solto um riso e dou-lhe um abraço, aconchegando-me em seu calor e força.

— Está pronta para ir para casa? — pergunta ele, acariciando minhas costas.

— Bom, não exatamente *casa* — emenda a mamãe, voltando ao meu lado. — Temos de fazer um desvio.

— Desvio? — pergunto, enquanto ela e eu entramos de braços dados no castelo, com os caras atrás de nós. Nossos sapatos batem no chão vitreo. A Marfim está no alto da escadaria de cristal, onde o portal me aguarda no fim de um corredor. O Rábido está ao lado dela, com Finley do outro lado, a mão às costas, sob as asas.

— A casa de Jeb vai ser a primeira parada — responde a mamãe enquanto subimos os primeiros degraus.

Fico intrigada por um instante, até que me cai a ficha de tal manobra.

— Para podermos descobrir se há alguma atividade policial em nossa casa. Muito inteligente.

— Mais do que isso — corrige o papai atrás de mim. — Vamos precisar de ajuda externa para explicar a ausência da mamãe e de Jeb por um mês, assim

como sua fuga do sanatório. Se não fizermos isso, posso ser preso por ajudá-la a fugir enquanto você era suspeita do desaparecimento deles.

— Ajuda de quem? — pergunto, segurando-me ao corrimão frio de vidro. Isso está começando a parecer mais complicado e perigoso do que eu imaginava. Nunca pensei no papai sendo preso. Talvez devêssemos ter levado Morfeu a sério em sua oferta.

— Ajuda de alguém que esteja trabalhando com a polícia na investigação — responde a mamãe. — Uma pessoa que não seja suspeita e tenha a confiança de todos por estar sofrendo a morte do irmão e da melhor amiga desde que foram dados como desaparecidos.

Meu sangue se intensifica em meus pulsos ao olhar para trás e ver Jeb subindo a escada ao lado do papai.

— Você não está falando de...

O sol entra pelas paredes cristalizadas e ressalta os traços de Jeb, ampliando a resolução cautelosa ali.

— A não ser que você pense em outra forma, Al — diz ele, uma referência óbvia ao desejo no meu bolso. — Vamos ter de contar a verdade a Jen. Tudo.

Apesar de não falar em voz alta, não estou disposta a deixar Jeb abdicar de seu desejo por ninguém nem nada. Depois da violência que ela enfrentou na vida, Jenara é durona. Ela também acredita no poder dos cristais, em vodu, tábuas Ouija e tarô. Ela está a um milímetro de ser considerada louca. Torná-la um ser intraterreno honorário é a coisa mais lógica nesta situação ilógica. E, sinceramente, vai ser bom deixar de esconder meu lado País das Maravilhas da minha melhor amiga. Ela vai ser minha cunhada. Nossa vida familiar será menos complicada se pudermos falar abertamente sobre tudo.

Antes de passarmos pelo portal e entrarmos no reino humano, a mamãe, o papai, Jeb e eu discutimos o plano, já que temos lugares diferentes para ir.

Noite passada, depois que reabri os portais, durante meu passeio com Morfeu, e enquanto Jeb estava implorando um desejo, mamãe e papai foram ao reino humano e fizeram o reconhecimento. Da segurança do nosso sótão, eles esperaram para ter certeza de que a casa estava vazia e entraram na internet, reunindo todas as notícias possíveis sobre a tragédia no Submundo na noite da festa de formatura, o desaparecimento da mamãe e de Jeb, que aparentemente estava relacionado a isso, e minha fuga do sanatório um mês depois.

Um mandado de prisão foi expedido para mim e meu pai vinte e quatro horas depois da nossa partida. Éramos oficialmente procurados há três dias.

A informação mais útil foi a entrevista recente do sr. Traemont para o jornal local sobre a devastação de seu centro de atividades — paredes de concreto derrubadas, desabamento e vazamento de água. Ele levou duas semanas somente para avaliar completamente os danos. Chamou uma equipe de construção que originalmente transformara o velho e abandonado silo de sal no Submundo, para

que pudessem dar pistas sobre o que deflagrou o acidente. Depois de analisarem as plantas, eles chegaram à conclusão de que, no alicerce, possivelmente havia um ponto fraco provocado pela mineração de sal décadas antes. O buraco que se abriu sugou tudo para um dos túneis de mineração sob a caverna subterrânea.

A conclusão fazia mais sentido do que a verdade que ninguém via: a rainha do País das Maravilhas deu vazão a uma nuvem de espíritos de pesadelo que sugaram o centro de atividades para a toca do coelho com tanta força que metade da caverna implodiu.

Como certa vez eu disse a Morfeu, muitos humanos preferem acreditar que estão sozinhos no Universo a admitir que pode haver uma plateia sobrenatural. E como ele comentou: o ego das pessoas é a própria fraqueza delas.

Com o acidente, o Submundo foi abandonado — todas as entradas para a gigantesca caverna foram condenadas e lacradas com fita policial para a segurança do público. É aqui que entra a ideia de Jeb. Ele disse que, meses antes do início da construção do centro de atividades, os túneis de mineração foram usados para guardar itens bélicos para uma base militar próxima: lenços umedecidos, kits de primeiros socorros, pentes, xampu, desodorante em pó, pasta de dentes, caixas de refeições desidratadas, sacos de sopa e garrafas de água. Ele viu isso dentro de um túnel depois que começou a trabalhar no local, e os suprimentos ainda tinham de ser retirados de lá.

Obrigada, procrastinação. O caráter humano nos deu nosso álibi perfeito.

Só tínhamos que magicamente remover pedras e destroços para entrar num dos túneis. Lá, podíamos montar a cena, como se a mamãe e Jeb tivessem ficado presos por um mês, vivendo à base de suprimentos militares. Era tão simples que beirava à perfeição. O fato de ninguém ter considerado essa possibilidade era inacreditável. Eles estavam tão ocupados investigando o suposto envolvimento da menina louca que não exploraram nenhuma outra teoria.

Quando a mim e ao papai, nossa história seria igualmente simples: consegui pegar as chaves dele e fugi do sanatório usando a entrada de jardinagem naquele dia, enquanto estávamos sem vigilância no jardim. Ele não teve tempo de pedir ajuda, então me perseguiu e subiu na caçamba do caminhão que eu dirigia. Eu o levei ao Submundo... e, lá, refiz meus passos na noite da festa de formatura. Depois de ver a destruição, uma lembrança horrível tomou conta de mim — a visão de Jeb e da mamãe sendo engolidos por uma avalanche de pedras e cimento.

Tive de suprimir isso... foi traumatizante demais encarar a morte deles.

Só que eles não estavam mortos. Porque, enquanto eu e o papai chorávamos na escuridão em meio aos destroços, ouvimos um barulho e o seguimos até um monte de pedras cobrindo uma abertura. Conseguimos cavar e nos reunimos a Jeb e à mamãe — mas a abertura era instável e mais rochas e pedras nos isolaram novamente: os quatro presos juntos.

Foi ali que o papai e eu estivemos nos últimos três dias.

A ideia de Jeb era brilhante. Até Morfeu teria ficado impressionado.

Então tínhamos um plano que só exigia minha mágica e a da mamãe e os dois trajes de disfarce. Fora isso, precisávamos de um catalisador: alguém para dar a dica da nossa localização aos policiais.

Era aí que entravam Jenara e a tábua Ouija.

Apesar de ser manhã no País das Maravilhas, é noite no reino humano. Envolto em trajes de disfarce, meus pais entram primeiro no portal, parando na nossa casa para pegar um dos uniformes do papai e o traje de sanatório que mamãe tinha guardado, que será para mim. Estaremos usando as roupas nas quais fomos vistos pela última vez, para fazer o plano dar certo. Depois que a mamãe e o papai entrarem em casa, a próxima parada será no Submundo, para montar o cenário da nossa grandiosa revelação.

Jeb segura minha mão e me endireita, enquanto o Rábido e eu passamos com ele pelo espelho comprido atrás da porta do quarto de Jenara. Ele dá para uma janela que reflete a Marfim e Finley acenando adeus.

Antes de entrarmos, garantimos que Jenara não estivesse no quarto. Vamos ter de contar isso a ela aos poucos. Ela já ficará suficientemente chocada ao nos ver vivos e intactos.

Quando ela estiver pronta, eu lhe mostrarei meus poderes e características intraterrenos. O Rábido está aqui como suporte, para o caso de ela precisar de mais provas que não minhas asas para se convencer de que o País das Maravilhas é real.

Escondo meu colar com a chave. As tiras verticais rosas e brancas da parede de Jenara brilham com um tom prateado, folheado pelo luar que entra pelas cortinas translúcidas da janela arqueada. Silhuetas de trepadeiras de flores negras se prolongam pelo teto — sombras imaculadas pintadas pela mão hábil de Jeb há alguns anos. Um mural digno de um museu.

Eu o pego olhando para o mural antes de ficar sério e desviar o olhar. A tristeza na ação me dá um aperto no peito.

— Jeb. — Paro atrás dele e o abraço, a boca contra as roupas que envolvem seus ombros largos. — Você encontrará seu caminho. Prometo... você ainda tem tanto a oferecer a este mundo.

Ele fica tenso, mas cruza os braços, segurando meus cotovelos.

— Não sei direito como esquecer algo que antes me manteve são.

— Você não precisa esquecer. Esta parte sua ainda está intacta. Em molduras, pintada em paredes, desenhada em pedaços de papel. Sua musa vive aqui, por meio das pessoas que ficam felizes com sua obra de arte todos os dias. Isso é mais mágico do que tudo. Deixe que isso o mantenha são até encontrar um novo caminho.

Ele me vira de modo que ficamos de frente um para o outro e me beija.

— Você é muito inteligente para um ser intraterreno.

Eu rio.

— E você é bem durão para um humano. — Abaixo a cabeça dele para outro beijo.

O Rábido nos chama e nos encara com os olhos arregalados e fascinados.

Constrangida, recuo. O alívio momentâneo foi bom, mas sei que não será fácil passar por cima de tudo o que Jeb perdeu. É algo com o que lidaremos juntos, dia a dia, até ele reencontrar seu caminho.

Por enquanto, temos de cuidar desta situação com Jenara.

Jeb pigarreia, obviamente pensando na mesma coisa.

— Então acho que eu deveria olhar a casa.

— Você acha que ela está trabalhando? — Tiro minhas botas para permitir que o tapete rosa macio acaricie os dedos dos meus pés.

Ele abre a porta do quarto de Jenara e olha o corredor.

— Sei que a mamãe está. Ela sempre pega os turnos da noite. Vocês dois esperam aqui.

Assim que ele sai, deixando a porta aberta atrás de si, o Rábido sobe na cama de Jenara. Seus dedos magros enrugam o edredom preto e branco. A poeira rosa me lembra de como Jen e eu brincávamos de nos fantasiar neste quarto. De como inventávamos vestidos de noiva com lençóis e fronhas, contávamos segredos, comíamos bobagem e ficávamos acordadas até tarde.

Isso parece ter acontecido há tanto tempo.

Dois manequins brancos e sem rosto ficam diante da janela dela com luminárias em suas cabeças como chapéus. Jeb mexeu no interior e instalou lâmpadas nos crânios para criar abajures para o aniversário de quinze anos dela.

Acendo um deles, lançando uma luz branca estelar pelo piso de madeira e pela colcha da cama de Jenara.

— Oooh. — O Rábido se levanta no colchão e dança em meio às formas criadas pela luminária. Encaro o espelho, vendo o reflexo dele no vidro. Ele é como uma bailarina macabra num globo de neve. Tão deslocado no quarto cheio de coisas normais e humanas.

Então vejo meu próprio reflexo. Minhas marcas intraterrenas nos olhos ainda não desapareceram completamente. Minha pele brilha e, se meu cabelo não estivesse preso numa trança, ele estaria agitado — vivo e encantado.

Sou uma alienígena.

Pensando bem, somos todos alienígenas agora. Até Jeb. Depois do que passamos e vimos, esta tranquilidade parece mais perigosa do que o caos que enfrentamos. Eu me pergunto se é assim que soldados se sentem depois de

voltarem da guerra. Como eles superam? Como eles aprendem a fazer parte da comunidade novamente? A se sentirem seguros de novo?

Os zumbidos de alguns insetos interrompem minhas reflexões, um consolo bem-vindo. Fecho os olhos por um instante, mas os abro assim que um grito agudo do outro extremo do corredor me faz dar um salto.

Espanto o Rábido da cama e o mando para o armário.

— Não saia a não ser que eu o chame, sim?

Ele faz que sim, se escondendo numa pilha de acessórios de costura — mantas, cintos e tecidos — no chão.

Fico parada, os braços ao lado do corpo... presa.

O choro histérico de Jenara se aproxima à medida que Jeb a acompanha até a porta entreaberta. Ele fala num tom de voz carinhoso, tão baixinho que mal consigo ouvir o que ele diz. Meu coração bate em sincronia com as dobradiças que se abrem.

Quando eles entram, ela está abraçada a ele, segurando o colarinho da camisa, a cabeça contra seu corpo e o rosto escondido sob um véu de cabelos rosa molhados — recém-saídos do banho. Jeb deve tê-la surpreendido assim que ela saía do banheiro. Seu pijama verde de cetim me faz lembrar festas e jogos divertidos passados.

Sinto tanta saudade dela.

— Jen? — murmuro hesitantemente, sem saber o que dizer em seguida.

Ao ouvir minha voz, ela vira a cabeça na minha direção.

— A-AI? — Seu rosto rosado fica inchado quando ela tenta conter o choro. Ela perde a batalha e grita, correndo na minha direção.

Estendo o braço para abraçá-la e caímos no colchão juntas, as molas balançando sob nossos corpos. Recuperando o fôlego, me enterro no cheiro cítrico e doce de seu xampu. Um sorriso se irradia do meu coração para meus lábios e eu a abraço com força, lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Lágrimas dela ou minhas... não importa. A sensação é maravilhosa.

Jeb esfrega as costas dela.

— J.

— Não, não, não, não. — Ela chora de encontro ao meu pescoço. — Não me acorde. Estou sonhando, estou sonhando.

Ele coloca um dos joelhos na cama, ao lado de nossos corpos unidos, e a preocupação em seus olhos basta para me fazer esquecer que um dia partimos.

— Tudo bem, Jen. Não é um sonho — garanto a ela. — Estamos aqui.

Jeb acaricia a cabeça dela, intencionalmente tocando meu rosto com um dos dedos ao longo do processo. Ele não quer magoar a irmã — ele passou anos

demaís protegendo-a. Mas ele sabe que é o melhor para todos nós a longo prazo.

Ainda assim, é óbvio que ele está lutando e perdido, como o menininho que um dia foi.

Seguro a mão dele e o puxo, de modo que seu corpo caia ao meu lado direito. Ele se aninha tão próximo que seu hálito toca minha orelha. Coloca seu braço sobre mim e Jen, de forma que fico espremida entre as duas pessoas de que mais gosto. Juntos, nós três choramos e rimos até soluçarmos.

Pela primeira vez em semanas, estamos reunidos. Uma família.

Esta sensação. Talvez... é assim que voltamos ao normal.

Assim que Jenara se acalma, ela se senta, tentando recuperar o fôlego.

— Onde vocês *estiveram*? Procuramos em todos os lugares! — A acusação é direcionada a Jeb. — Acharmos que vocês...

— Sinto muito. — Jeb se ajoelha, interrompendo-a antes que ela possa admitir que pensava no pior.

Fico onde estava, a coluna apoiada no colchão. Com medo de me mover.

— Ah, talvez a gente devesse lhe contar tudo de uma só vez — diz Jeb, a voz trêmula.

— Incluindo como mandei você para lá? — Procuro as palavras certas e tropeço terrivelmente.

Verde e úmido, o olhar de Jenara recai sobre mim.

— Ahn? — Sua expressão mostra que ela compreende. — Espere. — Ela sai da cama e se levanta, tonta mas determinada. — A polícia tinha razão? Você sempre soube onde ele estava? Mas por que você não...? — Ela chora de novo. — E quanto à sua mãe? Cadê ela? E seu pai? O que está havendo?

Estudo o rosto dela, manchado de lágrimas, seus cabelos rosa molhando a parte de cima do pijama, as três sardinhas no nariz. Ela parece tão vulnerável. Queremos *mesmo* envolvê-la nisso? Não haverá volta se o fizermos.

Jeb me obriga a me sentar.

— Você é a única que pode lhe mostrar. Faça-a entender.

Engulo em seco.

— Não sei nem por onde começar.

— Mais ou menos por aqui. — Ele passa o dedo pelas alças do meu vestido que revelam minhas omoplatas nuas. Meus botões de asa se arrepiam ao toque dele.

Fico com o rosto em chamas.

— Mas não posso simplesmente... precisamos prepará-la.

Jenara recua lentamente até a porta.

— Me preparar? Vocês estão me assustando. Vou chamar a mamãe. — A campainha toca e ela para, a expressão se iluminando. — Corbin — murmura ela, e se vira para o corredor para deixá-lo entrar.

— Não, J. — Jeb tenta impedi-la, mas ela o ignora.

— Espere, Jen! — Saio da cama. — Corb não pode estar aqui para isso.

— Por que não? — Ela se vira, as mãos na cintura. — Ele esteve aqui enquanto Jeb estava desaparecido. E enquanto você estava internada. Ele me ama, Al. *Ele cuidou de mim e da mamãe. Tudo o que você me contar, pode contar a ele.* — Ela se vira e atravessa a porta do quarto.

— Nós... nós fomos ao País das Maravilhas! — digo de uma vez, fazendo-a parar. Ela dá meia-volta no corredor, boquiaberta.

— Mostre suas asas — acrescenta Jeb, estreitando os olhos. Seus cílios compridos lançam sombras sobre seu rosto e as luminárias brilham em sua pele, fazendo-o parecer tão intraterreno quanto eu.

— *Asas?* — pergunta Jenara, voltando ao quarto. — Sério, mano? Você a quer trancada no sanatório de novo? Você não faz ideia do que ela passou enquanto eles tentavam tirar o País das Maravilhas da mente dela. Não dê vazão ao delírio dela!

— Al... — Jeb me leva até ela. — Você vai ter de se expor. Não há outra forma de fazer alguém acreditar. Eu precisei de um acidente na toca do coelho.

Ao ouvir a palavra *coelho*, o Rábido sai do armário, sua forma esquelética enrolada em mantas e cintos. Ele tropeça em Jeb, e os dois caem no chão. O Rábido se aproxima de mim ainda caído, parecendo uma lagarta louca com apenas seus chifres e olhos rosa expostos.

— Rábido, o Branco, sou eu! — Anuncia ele com sua voz fina, virando-se e tentando se libertar.

Jeb xinga e Jenara grita tão alto que todos os outros sons parecem abafados, como se meus ouvidos estivessem dentro de uma concha.

A porta da frente se abre e passos soam no corredor. Jeb se levanta para fechar a porta, mas é tarde demais. Corbin aparece ofegante, os cabelos loiros arruivados reluzindo sob a luz fraca. Ele traz uma chave na mão. Seus olhos recaem sobre o Rábido, que conseguiu se livrar dos acessórios do armário de Jenara e está ali de pé, exibindo toda a sua decrepitude intraterrena.

A criaturinha abre os braços com um floreio.

— Ta-da! — grita ele, com espuma saindo pela boca. Faço uma cara feia para o espetáculo. Morfeu deve ter lhe ensinado isso.

— O que está havendo? — pergunta Corbin com seu pesado sotaque sulista, segurando Jenara pelo cotovelo e puxando seu corpo trêmulo para o corredor.

Jeb franze a testa, atento à chave na mão de Corbin.

— Estava prestes a perguntar a mesma coisa. Por que você tem uma chave da nossa casa, Corb? Desde quando você mora com minha irmã?

Encaro Jeb. O meu lado intraterreno ri alto antes de eu conseguir me segurar, divertindo-me com o ridículo da situação toda. Parece que todos somos controlados por instintos. Para Jeb, dar à irmã e ao melhor amigo o maior susto da vida deles é algo que pega carona em seu instinto protetor de irmão mais velho.

O choro audível de Jenara traz meu lado travesso de volta. Pego o roupão da cadeira perto da mesinha de canto e o jogo para o Rábido. Ele resmunga e o cheiro de tecido queimado pontua o ar enquanto seus olhos se transformam em duas órbitas vermelhas por baixo, criando buracos fumegantes no pano.

— Nada de fogo, Rábido! — repreendo.

Ele “desliga” os olhos e se abaixa.

— *Jeb? Al?* — *murmura* Corbin, como se só agora tivesse nos notado. Ele parece perigosamente perto de desmaiar. As sardas em seu nariz parecem escuras contra o rosto pálido. Seu olhar azul intenso permanece fixo no Rábido agachado e agitado sob o roupão. — Onde vocês... como vocês...? Aquela coisa. Tem que ser um robô... certo?

— Rábido não robô é! — Meu conselheiro real reclama por baixo do seu esconderijo, ofendido.

— Para dentro do armário — ordeno. O Rábido resmunga algo indecifrável e desaparece, arrastando o roupão queimado atrás de si como a cauda de um vestido de noiva.

Jeb e eu trocamos olhares.

— Há sempre poções do esquecimento — sugiro.

Ele bufa, estudando Corbin e Jenara apoiados contra a parede do lado de fora do quarto, confusos e trêmulos para além de qualquer descrição.

— Perder suas memórias não é a única coisa que vai acontecer. Confie em mim.

— Então vamos contar a ele também — acrescento. — Isso, ou ele esquece e o mandamos para casa.

— Não vou a lugar nenhum sem a Jen — declara Corbin, a cor voltando ao seu rosto. Ele segura Jenara junto de si, enquanto ela esconde o nariz na camisa dele, tentando respirar normalmente.

Os lábios de Jeb ganham um sorriso lento e ousado.

— Não vai a lugar nenhum *hoje à noite*? Então você está planejando se dedicar a ela por mais um ou dois dias?

Corbin fica sério.

— Que tal para sempre? — Ele a abraça com mais força, puxando Jenara para tão perto que a calça do pijama dela adere em sua calça jeans, estalando por causa da estática.

— Para sempre é muito tempo — retruca Jeb, e a nota de tristeza na afirmação revira minhas entranhas, como se elas fossem uma harpa tocada pelos dedos dele. Fungando, Jenara se vira para olhar para o irmão, confusa. O humor de Jeb muda novamente e ele balança negativamente a cabeça, em um gesto de amor. — Parece que você arranhou um cavaleiro branco, mana.

Pego Jeb pelo pulso, no ponto onde uma cicatriz saliente substituiu sua tatuagem.

— Você não tem ideia de como esses dois são teimosos, não é?

Ele ri baixinho e entrelaça nossos dedos.

— Então, Corb. Quer fazer parte da nossa família? Que tal oficializarmos as coisas?

Corbin e Jenara estreitam os olhos em nossa direção, a respiração presa. A casa fica mortalmente silenciosa. Não se pode ouvir nada além do sussurro de uns insetinhos — numa frequência com a qual somente eu estou sintonizada — e dos resmungos do Rábido no armário.

Jeb ergue minha mão e beija minha aliança de noivado.

— O que vocês dois precisam saber sobre Al? — pergunta ele à nossa plateia. — Aquele sanatório nunca teve a chance de curá-la. Veja só, você pode tirar a menina do País das Maravilhas, mas não pode tirar o País das Maravilhas da menina. — Minha mão se separa da dele enquanto ele recua para me dar espaço. — Mostre o que você tem, rainha-fada.

Abro meu sorriso mais majestoso. E ali, no meio do quarto com faixas cor-de-rosa, com minha melhor amiga e o amor da sua vida de olhos arregalados, abro minhas asas intraterrenas e confesso todas as minhas mentiras.



SEGUNDA MEMÓRIA: CONCHAS

Quatro anos antes...

PLEASANCE, TX., 29 DE JUN. — Dois moradores de Pleasance dados como desaparecidos há um mês, juntamente com outros dois que desapareceram na última quarta-feira, foram encontrados vivos na manhã de sábado, apenas com ferimentos superficiais, presos num túnel de mineração que desabou sob um parque condenado.

Outra moradora, irmã de um dos desaparecidos e amiga dos demais, disse

suspeitar da localização das pessoas depois de receber uma dica com sua tábua Ouija, de acordo com o policial Riley Hughes.

“Normalmente, não dou muito valor às bobagens espirituais”, disse Hughes. “Mas a menina ajudou a nossa investigação durante todo o mês de busca por seu irmão e vizinhos. Ela insistiu para que a gente ao menos desse uma olhada. Como vários desaparecimentos ocorreram no lugar às vésperas da festa de formatura da Pleasedance High, e considerando que esse era o último lugar onde os desaparecidos foram vistos, achamos que valia a pena. Fomos lá sem esperar encontrar nada. Ponto para as conversas fiadas.

— Al, você está brincando comigo? — A voz fina de Jenara tira minha atenção do artigo de jornal de quatro anos atrás. Ao meu lado no sofá, uma ornamentada garrafa de vidro cheia de pedras que peguei durante nosso “resgate” do Submundo. Esfrego as têmporas, tonta por causa da viagem pela estrada da memória.

Jen atravessa a porta correndo e a fecha atrás de si.

— Não acredito que você ainda não pôs nem sua meia-calça! O que você tem? Vinte e um anos e já mostrando sinais de senilidade? Talvez você precise de um pouco de ar.

Ela abre a janela atrás de mim. Uma brisa salgada entra, abrindo as cortinas azuis com estampa de estrela-do-mar sobre minha cabeça. Meus cabelos esvoaçam, as ondas platinadas tocando meus ombros nus e meu espaltilho branco de renda.

Passo a mão na borda da minha calcinha também de renda, surpresa por estar só de roupa íntima. O que eu estava fazendo antes de me sentar? Primeiro, comi o bolinho de aniversário que minha mãe deixou ao lado do cartão no criado-mudo.

Como se animada por meus pensamentos, a fôrma de papel do bolinho voa até o chão com uma lufada de vento e chega até os pés descalços de Jen. Ela o pega e franze a testa para mim.

— Hummm?

— Bolinho da minha mãe. — Lambo os lábios, ainda sentindo o sabor da cobertura azul de mel e anis.

Jenara amassa o papel e o joga no lixo.

— Então isso é você desanimadinha depois da euforia do açúcar?

— Talvez? — Tento me lembrar do restante da tarde. Depois do meu lanche, peguei o roupão para me vestir. Ao mexer na minha mala em busca do colar novo que tomei emprestado de Jenara para hoje, fui distraída pelas lembranças que trouxe comigo. De certa forma, acabei no sofá sob a janela, com um caderno e uma garrafa na mão.

Estudei o artigo de jornal novamente. Isso sou mesmo eu ficando deprimida

depois de comer um monte de açúcar ou é outra coisa?

Sinto-me tão estranha. Meu corpo e mente estão relaxados, mas meu sangue é o oposto. Ele corre veloz nas veias sob minha pele — corredeiras jorrando de milhares de afluentes.

— Vamos lá, zumbizinho, me mostre *algum* sinal de vida — provoca Jen. — O sol vai se pôr em uma hora e ainda temos de ajeitar seu cabelo e maquiagem. E, para sua informação, aquela mancha de cobertura nos seus lábios não conta como seu “algo azul”. Para isso é que serve o elástico. Como vamos tirar isso? — O olhar dela se volta para a garrafa de pedras perto da minha coxa. Ela a pega e balança diante de mim. — Inacreditável. O Jeb está lá com Corbin enchendo os pés de areia, caminhando pelo litoral para verificar cada detalhe. E você aí, nostálgica.

Jenara falou de outras coisas além dos detalhes do casamento. Ela teve de abandonar um desfile de moda em Nova York dois dias antes do previsto para chegar a tempo disso. Ela esteve em contato constante com sua sócia, e a linha de roupa delas está fazendo barulho. Tenho a sensação de que a carreira dela está prestes a decolar para valer. Tentamos planejar o casamento de acordo com a agenda dela, mas esta era a única semana disponível da casa de praia. Então chegamos a um acordo e escolhemos o final do desfile. Eu disse que ela não precisava vir, mas ela respondeu que morreria se perdesse.

Mesmo agora, com ela me atacando com seu olhar verde mais severo, sei que não há outro lugar onde ela preferisse estar. Ela é uma visão da suavidade com seu vestido comprido florido. Seus cabelos rosa estão presos no alto da cabeça num coque chique. Rosas-anãs azuis estão colocadas em espaços estratégicos, formando uma auréola. Poucas mechas rosa se curvam em seu pescoço.

— Você está perfeita — digo a ela, encantada.

Ela tenta conter o sorriso e revira os olhos.

— Queria poder dizer o mesmo de você.

— Corb já a viu? — Minha pergunta é retórica. Os dois estão juntos há anos e, agora que Corb quase terminou a faculdade de publicidade, ele planeja se mudar com ela para Nova York no fim do verão.

No mês passado, ele pediu “a mão dela em casamento”. Usando uma armadura de malha de metal medieval, ele veio ao nosso duplex numa carruagem puxada por cavalos. Jeb o ajudou a reformar um velho Chevy que encontraram num ferro-velho. Eles pegaram o chassi e tiraram tudo, transformando-o numa charrete leve o bastante para ser puxada por dois cavalos brancos que Corbin pegou emprestados de um amigo. Depois de acrescentar arreios firmes, de substituir os pneus por rodas de madeira e de pintar a carcaça com um branco brilhoso com uma faixa vermelha, eles tinham a carruagem texana perfeita. Quando Corbin estacionou diante da casa de Jen com três dúzias de rosas na mão e lhe pediu que fossem ver o pôr do sol, ela quase desmaiou.

Era antiquado e moderno e, ah, tão lindo.

Perdida em sua própria nostalgia, Jenara admira o anel de noivado em seu dedo. Seu sorriso desabrocha, juntamente com uma atraente vermelhidão no rosto.

— Meu noivo aprova minha mais recente criação. Mas você é quem está prestes a ficar sob os holofotes. — Ela joga a garrafa cheia de pedras na minha mala aberta e vai ao armário pegar meu vestido. Jeb e eu decidimos que as belas criações de Jenara adquiriram uma má reputação na formatura e mereciam aparecer numa lembrança boa.

Ao longo das últimas semanas, Jenara realizou um ótimo trabalho costurando tecidos e retalhos com apliques diversos — um deles ela encontrou num antiquário, então isso era meu “algo velho”. Quaisquer manchas foram disfarçadas com corante de flores seguido por um toque brilhante. Agora o vestido branco sem alcinhas parece novinho. Ou tão novo quanto um vestido de noiva vintage pode parecer depois de ser modificado para se assemelhar a um tecido recém-tirado do túmulo.

— Vamos, Al, depressa! — repreende-me Jenara, perdendo a paciência.

Eu resmungo algo como resposta.

Ela joga a meia-calça lilás acinzentada na minha direção e ela voa por sobre minha cabeça, cercando-me como uma nuvem perfumada.

— Vou preparar a maquiagem — avisa ela. Ouve-se um barulho quando ela coloca a bolsa de maquiagem na mesinha, ao lado do cartão de aniversário da mamãe. — Talvez removedor de esmalte funcione com seus lábios.

Torço o nariz.

— Eca... sério?

Ela dá de ombros.

— Situações de desespero exigem medidas nojentas. — Do outro lado da redinha cobrindo meu rosto, ela escolhe sombras, delineadores, pincéis e blush.

Meu corpo parece leve, como uma nuvem flutuando. Em parte é felicidade... em parte, nervosismo... e alguma coisa mais. Algo que nunca senti antes.

Ou será que já?

A pele ao redor dos meus olhos dói, assim como a pele em minhas omoplatas.

Risadas abafadas e passos são ouvidos através da parede fina da sala de estar. A casa de praia que meu pai alugou tem sete quartos, um loft e quatro banheiros e meio, mas ainda assim não é grande o bastante para nossos convidados. Não consigo nem imaginar como ela ficará cheia depois que todos chegarem.

Reunindo energia, afasto a meia-calça e guardo o artigo de jornal de novo no caderno de recortes. Sinto-me tentada a folhear as outras páginas. A olhar as imagens de nossas exposições de arte — pinturas de edição limitada que Jeb

jamais conseguirá replicar e meus mosaicos de vidros coloridos —, juntamente com fotos tolas dos últimos quatro Halloweens, Natais, piqueniques de verão, guerras de bolas de neve e pegadinhas universitárias. Só uma última olhada em nosso tempo juntos como noivos, capturado entre camadas de filme de polipropileno, antes de darmos início ao capítulo seguinte num novo caderno de recortes, decorado com cetim branco e um colarzinho de pérolas.

Toda a minha pele se avermelha, pensando no que vem depois da cerimônia. Não foi fácil esperar nos últimos anos, mas a vida já era bem complicada, tendo de enfrentar a dor de Jeb por ter perdido sua habilidade artística, indo para a faculdade e equilibrando meus deveres reais no País das Maravilhas com nossa vida humana. Nunca parecia a hora certa, até agora. Nós nos ajustamos a nossos novos papéis, aprendemos a fazer concessões sendo honestos e sempre estivemos emocionalmente presentes um para o outro. E, depois do compromisso físico de hoje à noite, nosso elo será inquebrável.

Não há forma melhor de dar início à nossa nova vida juntos do que isso: os braços fortes dele segurando meu corpo nu enquanto acaricia as cicatrizes do seu peito com o dedo, curando suas feridas a um só toque.

— Do que é que você tá rindo, Al?

Levanto a cabeça, sorrindo, apesar de tentar me conter.

Jenara bufa.

— Você não vale nada hoje, sabia? Supere isso. — Ela tira o caderno da minha mão. — A maioria das damas de honra não precisa usar seus talentos como vidente para preparar a noiva. Você vai me pagar mais por isso, não é?

Ergo as pernas para ela poder me ajudar com a meia-calça.

— Claro. Dez mil vezes mais do que o salário que combinamos.

— Humm, dez mil vezes zero... Sabia que deveria ter pedido a um advogado que desse uma olhada no contrato. — Ela segura a roupa enquanto enfio o pé, depois segura minha mão para me tirar do sofá.

Ao ajeitar o elástico sob o espartilho na cintura — de modo que a combinação caia abaixo dos joelhos —, aquela dorzinha entre os ombros aumenta e vira uma sensação de queimação. Antes que eu perceba que são meus brotos de asa, eles se abrem: um branco opaco, brilhando com joias coloridas, ocupando o espaço como asas de uma borboleta recém-saída do casulo.

Eu grito.

Jenara perde o fôlego, os olhos arregalados como moedas.

— Al, o que é isso? Você não pode fazer isso agora!

— Eu... não quis fazer isso! — Meu grito reverbera ao nosso redor.

— Shh. — Ela fecha minha boca com a mão e olha para a parede fina. Como não ouvimos nada além do zumbido das conversas dos convidados na sala ao

lado, ela tira a mão. — Certo... Você terá uma audiência dentro de uma hora. Recolha as asas.

Tento, mas as asas não se movem.

— Não está dando certo. — Tento mais uma vez. — Não *consigo*. — Meu coração bate forte.

A expressão de Jen parece ainda mais preocupada.

— Ah, claro. Você está brilhando. E seus olhos... sério que você não está fazendo isso de propósito?

Faço que não com a cabeça. Milhares de pontinhos de luz se refletem no rosto de Jenara e nas paredes amareladas de sol que nos cercam. Levo os dedos ao rosto, imaginando marcas negras como as listras de um tigre sob meus cílios inferiores, parecidas com as de Morfeu sem as joias.

— Minhas marcas... estão muito evidentes?

O olhar de Jenara está fixo ao meu.

— Não são apenas as marcas, Al. São suas íris. Elas estão... roxas.

— *Roxas?*

Jen faz que sim.

— E não é um tom sutil... é muito estranho.

Sinto um frio na barriga.

— Isso não pode estar acontecendo. — Meus cabelos começam a se levantar, uma dança provocativa de mágica.

— Merda! — exclama Jenara depois que algumas mechas a alcançam. — Isso é tipo uma gripe intraterrena ou coisa assim?

— Eu... eu não sei. — Com os dedos trêmulos, seguro as mechas e as prendo na nuca. — O que vamos fazer? — O pânico reveste minhas cordas vocais, deixando-me rouca, como se tivesse engolido uma lixa líquida.

Jenara esfrega as mãos.

— Bom, você pode prender o cabelo no alto e podemos dizer que fomos criativas com sua maquiagem. O véu vai esconder seus olhos durante a cerimônia. Depois, você pode dizer às pessoas que está fazendo experiências com lentes de contato. Mas as asas... Eu acho que é impossível disfarçá-las.

Não há espelho para eu ver o tamanho da minha imagem intraterrena, por motivos óbvios. Não queria nenhuma surpresa nas festividades de hoje, então optei pelo quarto menor pela ausência de espelho, confiando que Jen fizesse minha maquiagem e me tornasse apresentável para o casamento. O lado ruim de escolher este quarto é que não há tranca na porta, o que agora me deixa ainda mais vulnerável e acessível.

Maldita reflexão tardia.

A vermelhidão no rosto da minha dama de honra ganha um tom de ansiedade.

— Vou chamar sua mãe. — Ela começa a sair, mas para. — Só... fique aqui e cuide da porta. Tente se acalmar. Vamos dar um jeito nisso, sim? Nada vai estragar isso.

Faço que sim, mas apenas para ela ficar tranquila. Como isso pode *não* arruinar as coisas? Não posso encarar nossos convidados humanos com todas as minhas características sujas do País das Maravilhas expostas! Isso não é a noite da festa de formatura no Submundo. Ter asas numa praia não pode ser explicado com a mesma facilidade do que usá-las como fantasia sob luzes mortíferas.

Depois que Jenara sai, coloco a cadeira sob a maçaneta e puxo a asa sobre meu ombro. As joias piscam numa confusão de cores, como as marcas oculares de Morfeu quando ele está ansioso ou perplexo. Há algum tempo, descobri que meu humor, como o dele, se mostra por meio das minhas joias. É algo que Morfeu mantinha para si mesmo e um dos motivos por que ele gosta de ter minhas asas à mostra... para ele poder saber o que estou sentindo.

Mas sou eu quem decide quando abri-las. Tenho lidado com meus aspectos intraterrenos tranquilamente desde que voltei ao reino humano. Nunca perdi o controle. Há alguma travessura em andamento aqui. E tudo começou com o bolinho azul com sabor de anis e mel.

Anis... um sabor surpreendentemente semelhante a alcaçuz. *Cigarro de alcaçuz.*

Ranjo os dentes.

— *Morfeu.*

Noite passada, antes de voltar dos meus sonhos, eu o abracei, algo que não faço com frequência. Estabelecemos limites claros para o contato físico, a fim de honrar minha vida humana. Mas ele andava mal-humorado com meus súditos, o que raramente acontece, e sabia que ele estava escondendo seus sentimentos quanto ao meu casamento. Então quis consolá-lo, quis garantir que a paciência dele não passasse despercebida nem desvalorizada.

Ele me abraçou de volta por uns cinco segundos, depois me afastou. Ao olhar para mim, sua expressão era algo bem distante da tristeza ou preocupação. Era o exato oposto, o que nunca é um bom sinal.

— *Decidi dar a você e a seu noivo um presente amanhã, frutinha — disse ele, abrindo a mão. Uma esfera azulada ganhou vida na palma de sua mão e depois alçou voo, pairando entre nós. — Como Jebediah abdicou de sua capacidade de sonhar com o País das Maravilhas, você pode compartilhar seus sonhos em segredo na sua lua de mel. Você não virá ao País das Maravilhas esta noite. Em vez disso, Jebediah pode entrar com você e seus sonhos pertencerão somente a ele. Mas somente se ele se provar digno de se casar com a rainha-fada.*

Antes de poder pegar a luz azulada, Morfeu me expulsou do meu sonho.

Minhas mãos agarram a meia-calça cobrindo minhas coxas. Quando acordei neste quarto, pela manhã, pensei em contar a Jeb as palavras enigmáticas de Morfeu, mas não estava com meu celular porque Jenara se esforçou ao máximo para manter seu irmão distante de mim até a cerimônia.

Não há tempo a perder. Ele precisa ser avisado de que Morfeu criou outro teste para mim. Ou melhor, para ele.

Vou até a mesa para dar uma segunda olhada no cartão de aniversário da minha mãe, manobrando as asas pela mobília arranjada em ângulos estranhos no quarto pequeno demais. Ergo o cartão, estudando-o cuidadosamente. Para além da corujinha bonita na capa — *sutil* — e da inscrição “Queeeeeem faz aniversário hoje?” dentro, há a assinatura da mamãe impressa. Ela sempre assina cartões com letra cursiva. Por que não tinha percebido isso? Ou o fato de o papai não ter assinado também? Pensando bem, eu deveria ter percebido tudo isso, porque não era para ter abaixado a guarda. Morfeu me treinou melhor do que isso.

Mas ele *sabia* que eu estaria distraída com meu cérebro focado no casamento. Ele contava com isso. E, para piorar as coisas, não havia insetos por perto para me alertar. A casa de praia foi fumigada há uma semana por causa de uma infestação de formigas e o silêncio era ensurdecedor desde que chegamos. Suspeito que ele tenha o dedo nisso também. Ainda assim, ele está cumprindo sua promessa de não se colocar entre mim e Jeb porque conseguiu fazer com que minhas características intraterrenas é que causassem todos os problemas.

Estou quase impressionada, mas isso não é nada perto da ansiedade revirando minhas entranhas. Como pude ser tão descuidada?

— *Maldita mariposa inteligente* — xingo, esperando ouvir um eco da risada arrogante na minha mente. Como não ouço nada, fico séria e rasgo o cartão ao meio, com raiva por não encontrar respostas ali. — Certo, você me pegou. Mas fique sabendo que você o está subestimando — digo em voz alta, na esperança de que Morfeu ao menos esteja ouvindo. Minha voz soa firme e confiante, apesar das lágrimas de nervosismo queimando em meus olhos. — Jeb vai encontrar uma forma de resolver isso...

— Tem razão, Al. — A voz grossa e determinada de Jeb me atinge por trás, uma corrente elétrica iluminando todas as minhas terminações nervosas.

Viro-me para ver uma rosa branca pela porta entreaberta.

— Deixe-me entrar.

Quase tropeçando nas minhas asas, corro e puxo a cadeira para o meio do quarto, e depois recuo para lhe dar espaço.

Ele entra — pingando no que restou do seu smoking de formatura — e fecha a porta. Ele se apoia nela e me encara. Areia e gotas de água brilham em seus braços, onde ele enrolou as mangas da camisa até os cotovelos. A camisa semiabotoada expõe seu peito reluzente. As calças azul-marinho estão enroladas

também até o meio da canela. Ele deve ter deixado o paletó azul de veludo lá fora, pendurado para secar.

— Jen tentou me contar sobre seus olhos — murmura ele antes de eu poder perguntar o que aconteceu às roupas dele. — Mas não há paleta de artista, não há comparação neste mundo para esta cor. Al, você está tão *linda*.

Estava pensando o mesmo que ele.

— E você está tão molhado — digo, estúpida. É difícil pensar em meio à luz amena que reflete sua pele cor de oliva, o labret prateado e os rebeldes cachos escuros pingando água por sua testa e seu nariz.

Ele não responde, ocupado demais em me analisar com seu olhar profundo e úmido. Se Jenara estivesse aqui, ela insistiria para eu cobrir meu espartilho e calcinha. Não, ela insistiria para eu expulsá-lo. Mas ficar longe dele desde o jantar da noite passada já era muito tempo. Até mesmo a cadeira entre nós dois parece uma montanha. Eu deveria movê-la, mas ele me deixou paralisada. Seu olhar percorre todo o meu corpo — um carinho mental tão íntimo e completo quanto um carinho real seria.

— Talvez a gente não devesse ter escolhido um casamento na praia — provooco, tentando conter minha imaginação fértil.

O sorriso sensual resultante de Jeb revela seu incisivo torto que espero que nossos futuros filhos e filhas herdem.

— Digo, levando em conta nossas experiências passadas com enormes corpos de água.

Eu rio.

Ele ri também, mas então fica sério.

— Nós nos reencontramos numa praia em Qualquer Outro Lugar. Você me fez uma promessa lá. Faz sentido eu lhe fazer uma promessa numa praia também. Não importa o que aconteça antes ou durante nosso casamento. Não importa que tipo de dificuldades Morfeu pôs em seu caminho hoje, tudo isso vale a pena. *Nós* valem a pena. E vamos provar isso para ele.

Nunca o vi tão confiante ou... enérgico.

— Espere aí, você... Você está gostando disso? — Esboço um sorriso hesitante. Ele dá de ombros e cheira a rosa branca na mão.

— Gosto de um desafio.

— Morfeu vai odiar que não pode provocá-lo.

— Psssh. Nós dois sabemos que ele adora quando eu aceito o desafio.

Balanço a cabeça, sorrindo. É um consolo estranho perceber como eles se conhecem e se compreendem bem hoje em dia.

— Então foi ele quem o fez cair na água?

Jeb obriga seu olhar a subir do meu corpo seminu para meu rosto.

— Bom, tecnicamente não foi ele. Ele está cumprindo a promessa de ficar longe do nosso mundo. Corb estava arrumando a almofadinha de carregar as alianças quando algo mordeu seu dedão do pé e ele derrubou as alianças. Uma lagosta de pedra surgiu na areia, as pegou e desapareceu nas ondas.

— Uma lagosta de pedra de verdade? Como as de Qualquer Outro Lugar?

Jeb enfia o cabo da rosa no bolso, então segura a camisa pela cintura e começa a desabotoá-la completamente.

— Sim. Pinteí algumas para o País das Maravilhas antes de ir embora, quando reinventei as paisagens. Morfeu as pediu. Não há dúvida de que foi ele quem mandou aquela lagosta de pedra para cá.

É difícil acompanhar a conversa porque só consigo ver as roupas molhadas grudadas no corpo musculoso de Jeb a cada movimento.

— Então... você mergulhou no oceano para recuperar as alianças?

— Tentei, mas não consegui pegar a ladra. — Ele tira o tecido ensopado dos ombros e braços, revelando uma barriga de tanquinho molhada e gotículas presas nos pelos de seu peito. — Pedi à sua mãe que entrasse em contato com a Marfim pelo espelho do quarto dela. Ela tinha uma flauta mágica no castelo. Eu a vi lá. Descobri que o instrumento funciona nos moluscos do nosso mundo também. Eles trazem as lagostas até a praia. Os anéis agora estão seguros. Corb vai manter a almofada com ele até a cerimônia.

Penso nos moluscos que conhecemos no País das Maravilhas na nossa primeira visita... como toquei uma flauta que os convocava e lhes dava ordens. Como, num só movimento, eles vieram nos resgatar quando estávamos sendo perseguidos por um exército e levaram nossos perseguidores para longe, numa confusão de conchas batendo-se umas nas outras. Sou ainda mais grata agora do que antes. Só espero que ninguém tenha visto nada.

— Não se preocupe com os convidados — tranquiliza Jeb, como se lesse meus pensamentos. — Seu pai manteve todos ocupados. Ele os levou por um passeio ao outro lado da praia, onde os barcos ficam ancorados.

O alívio toma conta de mim. Mas por pouco tempo, considerando que todos *vão me ver* em breve.

— Não devemos falar do elefante voador na sala? — pergunto, batendo as asas.

Jeb joga a camisa molhada no braço da cadeira de madeira. Seu pomo de adão se move quando ele engole em seco lentamente.

— Você se refere ao fato de você ser a mulher mais radiante e mágica que já vi?

Mulher... Acho que ele nunca me chamou assim. Seu olhar é tão intenso que

minhas pernas fraquejam. Aproximo-me da cama, precisando de apoio contra elas.

Seu olhar se detém nos meus lábios azuis.

Eu os esfrego.

— Foi uma bobagem. Comi um bolinho que veio do nada... Sei que não devo comer nada estranho.

— Não. Morfeu teria encontrado uma maneira de fazer isso com ou sem você comendo o bolinho. Ele está deixando claro uma coisa. Provei meu valor como marido do seu lado humano depois de quase morrer por você mais de uma vez. Mas ele quer que eu seja digno do seu lado intraterreno também.

Fico boquiaberta

— Foi o que ele disse no meu sonho!

Jeb tira a rosa do bolso e arranca uma das pétalas.

— Compartilhei da mágica dele uma vez. Sei como ele pensa. Ele provou seu amor por seu lado humano ao não deixar a Marfim coroa-la e destruí-la. Então ele quer que eu prove meu valor como ele provou o dele. Não tenho problemas com isso. Será uma honra me casar com você hoje, diante de Deus e de todos, com suas asas e outros atributos intraterrenos à mostra.

Por mais sinceros e admiráveis que sejam os sentimentos dele, não consigo compreender a lógica de tudo.

— Mas isso... — Abro as asas às minhas costas e elas lançam sombras sobre nós dois. — Não sei como encarar uma plateia de humanos sem me entregar. É impossível.

— Nada é impossível. Você me ensinou isso há muito tempo. Pelo lado bom, sabemos que o efeito do bolinho é temporário. Morfeu se importa demais com seu coração para colocá-lo em risco arruinando sua capacidade de viver uma vida de realizações aqui.

Mordisco meu polegar, tomando o cuidado para não estragar o meticuloso trabalho de manicure de Jenara.

— Temporário pode ser qualquer coisa entre algumas horas e todo um dia.

— Verdade. O efeito vai permanecer ao menos durante a cerimônia. Mas podemos lidar com isso. Só deixe que eu me preocupe com o que todos pensam ou veem. Vou dar um jeito nisso com criatividade humana e um toque de mágica.

Um toque de mágica.

— Espere um pouco... você não vai usar seu desejo, não é?

— Não. Prometo a você que eu saberei a hora certa de usá-lo. Sua mãe e Corb estão levando os portais-espelhos a algumas lojas de fantasias.

— Para quê?

— Surpresa. — Ele olha para a porta atrás e depois se volta para mim. — Tenho que sair antes que a Jen volte. Eu deveria apenas deixar minha camisa pendurada na maçaneta para ela limpar as manchas e passá-la. Ela vai ficar louca se souber que vi você antes do casamento... mas queria lhe dar os parabéns pelo aniversário. — Ele estende a rosa, um pouco distante demais para eu pegá-la.

— Chegue mais perto — peço.

Sua mandíbula bem barbeada treme.

— Já foi ruim o bastante tê-la visto. Vai saber a confusão que vou provocar se tocar em você.

— Vamos descobrir.

A expressão dele ganha força e desejo. Ele joga a cadeira para o lado e se aproxima de mim.

As lufadas de vento carregam o perfume dele misturado ao da rosa. Ele para a poucos centímetros de distância, a mão livre tamborilando ao lado do corpo, como se pensasse nas alternativas. Uma tensão doce e torturante se estabelece entre nós dois — como a calmaria antes de uma tempestade de raios. Três mechas de cabelo se soltam do nó na minha nuca e o envolvem junto com a rosa. Uma mecha traz a rosa até mim e eu a pego com a mão direita.

Jeb observa, encantado.

Tento conter as outras mechas que se prendem nele, mas ele segura meus pulsos e leva minhas mãos à boca.

— Deixe estar — murmura ele contra minhas cicatrizes e leva a mão à minha nuca para soltar o restante das mechas. — Você sabe que eu a amo assim. — Sua voz arranha, áspera e rouca.

Meus cabelos nos cercam, furiosos para se libertarem. Eles dão a volta nos bíceps, ombros e cintura dele. Com força e cuidado, unem nossos corpos seminus, e os lábios dele encontram os meus. Ele tem sabor de oceano, cidra e chocolate. Ele andou experimentando a comida da festa.

Solto a rosa e passo as mãos em seu peito. A pele dele está molhada e quente, e seus músculos se contraem.

— Isso vale qualquer azar — sussurro contra sua boca cheia e macia, retribuindo seus beijos quentes.

— Nunca tivemos sorte mesmo — sussurra ele de volta, nos derrubando na cama, mas tomando cuidado para não esmagar minhas asas. — Mas somos muito bons em fazermos nossa sorte.

Ele me deita de costas, o peso dele me prendendo na mais deliciosa das armadilhas. Seu joelho abre caminho entre minhas pernas, as calças molhadas

esbarrando em minha calcinha. Uma brisa sopra sobre nós dois, gelada em minha pele nua. É tão estranho queimar como um forno, mas ainda assim ficar arrepiada.

As mãos de Jeb pairam sobre minhas curvas — um território íntimo que ele conhece, mas que ainda tem de explorar completamente.

— Você está com frio — diz ele, enquanto sua boca avança pela carne gelada do meu pescoço.

Sinto meus ossos se liquefazendo e meu sangue virando lava.

— Longe disso — respondo, ofegante.

Com os olhos cheios de desejo, ele vira para o lado, me soltando. Põe a mão nas minhas costas e puxa um canto do lençol lavanda e azul-turquesa, cobrindo meu corpo e as asas e separando nossa pele.

Eu gemo.

— Jeb. Não quero nada nos separando.

Seus dedos contornam meus lábios.

— Depois da cerimônia, não haverá nada. Você será minha hoje à noite e será como sonhamos.

Meu corpo se incendeia, faíscas de ansiedade iluminando todas as partes do meu corpo que ele já tocou. Estou prestes a lhe dizer que será ainda melhor do que imaginamos — porque ele pode literalmente compartilhar meus sonhos se adiarmos o casamento —, quando a porta se abre.

— Ah, o que é isso? — grita Jenara.

Jeb se levanta apressadamente e me lança um sorriso tímido, enquanto sua irmã o expulsa do quarto.

— Eles voltaram? Eles encontraram tudo? — pergunta ele antes de ela lhe dar um empurrão.

Jenara faz uma cara feia.

— Sim, sim. Não que isso importe, agora que você provocou o destino ao vê-la.

Mais uma vez, Jeb põe a cabeça para dentro do quarto e ri para mim.

— Como se o destino tivesse algo a ver com a rainha-fada.

Sorrio de volta, ainda saboreando os beijos dele.

— Me encontra na praia ao pôr do sol? — pergunta ele.

— Nem mesmo um ataque de pássaros Jubjub me impediria — respondo.

Ele ri e desaparece, me deixando com uma dama de honra mal-humorada, mil perguntas e um coração iluminado.



TERCEIRA MEMÓRIA: POEIRA ESTELAR

Cinquenta e seis anos depois...

A chuva atinge a janela em gotas gordas cercadas de gelo. É apenas seis da tarde, mas o crepúsculo do outono chega mais cedo em Pleasance. Olho pela janela, a chuva entrando em minha cabeça por osmose, borrando meus pensamentos enquanto me encosto contra o vidro gelado. As paredes azuis atrás de mim se fecham, tocando o cenário lá fora e formando um túnel. A claustrofobia, minha velha inimiga, espreita nas sombras.

Minha coluna curva se abaixa. A amônia fere meu nariz. Sinto a pureza amarga na garganta, e ela queima.

O movimento ao redor da cama de hospital de Jeb se reflete no vidro. Ele está cercado pela família: nossos dois filhos e nossa filha, juntamente com as esposas e maridos, filhos e netos. Jenara e Corbin estão ausentes — ela está num asilo e ele, no cemitério. Mas nossas sobrinhas e sobrinhos mandaram flores, plantas e textos bem-intencionados para nos consolar e nos dar esperança.

Esperança é a última coisa que sinto.

Há apenas duas semanas, Jeb estava perfeitamente saudável. Então, depois de um exame de rotina, nosso mundo virou de cabeça para baixo. Palavras feias como “maligno”, “agressivo” e “inoperável” corroeram nossa vida feliz, deixando-a aleijada e vazia como o corpo de Jeb em breve. O médico disse que ele tinha no máximo seis semanas... que oferecer uma chance de sobrevida maior seria impossível.

Mas ele está errado, porque não sabe que meu marido ainda tem um desejo para ser usado.

Roupas raspam umas nas outras e sapatos se arrastam no piso de azulejo, enquanto parte das pessoas deixa o quarto para jantar no refeitório. Só restam nossos três filhos, que, como eu, estão sem apetite, e nossos dois bisnetos, que já comeram.

Jeb está sendo forte, inventando histórias bobas sobre os hematomas roxos nos braços. Ele jamais deixará os menores saberem a verdade: que surgiram por causa dos primeiros tratamentos de quimioterapia subcutânea, algo que só serviu para deixá-lo dolorido, nauseado e infeliz.

Nossos bisnetos, com três e cinco anos, se revezam na beirada do colchão, tentando ficar mais perto dele.

— Não. *Não são* pegadas de besouro, biso — diz nossa Alisia, loira de olhos azuis, acariciando as rugas no rosto dele. As marcas do tempo só servem para

torná-lo ainda mais notável e belo, a despeito de seus quase oitenta anos neste mundo.

Ele sorri e beija os dedinhos gordos dela. Ele ama nossos netos, mas Alisia tem um lugar especial em seu coração. Ela é a imagem escarrada de mim quando criança, com o mesmo caráter cínico e sério, o que o desafia irresistivelmente a fazê-la sorrir e dar risadas.

— Claro que são pegadas — provoca ele. — Eles pisaram na tinta e depois em mim enquanto eu dormia. Desenhando mapas na minha pele. Eles acham que há um tesouro escondido nos meus cabelos. Isso porque meu cabelo é feito de um fio mágico de prata. — Uma luz lilás fraca entra pela janela, dançando por seus cabelos ondulados e grossos. Temo pensar neles caindo aos montes e o deixando calvo.

Alisia gargalha — um som adorável que ecoa pelo quarto frio e aquece os ouvidos —, um alívio maravilhoso dos meus pensamentos mórbidos.

— Mesmo, biso? — pergunta Scotty, entrando na conversa. O travesso menino de cinco anos tenta tirar a irmã para dar uma olhada mais de perto nos cabelos de Jeb e quase a derruba.

Viro-me, em pânico, mas nosso filho mais velho a pega e a coloca de volta ao lado do travesseiro.

— Scotty, eu já disse, nada de brincadeiras bruscas perto da cama. São muitos fios e botões. Seja bonzinho, ou tirarei você daí.

— Sim, vovô. — Scotty baixa a cabeça, os olhos castanhos penitentes.

— Ah, ele é todo bagunceiro mesmo. — Jeb acaricia a cabeça de Scotty.

Deitado sob cobertores, pálido e doente, meu marido parece muito menor do que me lembro.

Nós dois.

Suspiro e encaro a chuva de novo.

O tique-taque do relógio na parede assinala a marcha de um condenado. Aperto minhas mãos enrugadas.

Quantas horas nos restam? Quantos minutos e segundos para nos despedirmos? Adoro nossa família, mas, com eles ali, todos os sentimentos secretos que quero compartilhar permanecem em silêncio na minha língua — pensamentos dormientes, sussurros abortados.

Cai um raio e as paredes piscam com uma luz amarelada.

Nosso filho caçula — Jackson, de quarenta e quatro anos — se senta numa cadeira de canto não muito longe de mim, concentrado na prancheta de desenho em seu colo. Ele sempre foi o mais parecido comigo. Quietos, introspectivos, sérios. Ele tem a tendência de fugir para seus desenhos quando está com problemas ou irritado. Provavelmente está aperfeiçoando seu último projeto do escritório de

arquitetura.

— Mamãe, você precisa ver isso. — A voz da minha filha me alcança. Conheço aquele tom. Ela está tentando nos tirar de nossa depressão. Ela sempre foi a maior animadora e mediadora da família.

Viro-me para encará-la e me apoio de costas na janela, o frio adormecendo meus dormentes brotos de asa. Victoriana pega uma foto de uma caixa de sapatos na mesinha de cabeceira e a levanta no ar. Na parte de baixo há uma etiqueta branca na qual se lê: *David Nathaniel Holt — peixe fora d'água.*

— Lembra quando o tio Corb pegou esse? — pergunta ela.

Faço que sim. É uma foto de quarenta e nove anos atrás. Jeb está com trinta, e eu, vinte e oito. Estamos rindo e navegando pelo oceano com nosso primeiro filho. Na minha barriga está nosso segundo e não sabemos ainda que é uma menina. A praia é uma das nossas quatro preferidas em nossas férias como família. A mamãe e o papai em breve viriam, juntamente com a mãe de Jeb, e também Jenara e Corbin e os dois filhos deles. Estudo o casal feliz na imagem. Sinto que foi há uma vida. Jeb e eu seguramos as mãos gordinhas de David, então com dois anos, entre nós, erguendo-o de modo que seus pés descalços toquem as ondas. Ele é o único dos nossos filhos que nunca gostou de nadar. Não que tivesse medo de água... ele tomava banho satisfeito. Ele simplesmente não gostava de molhar seu traje de banho. Isso sempre “o arrepiava” e o deixava de mau humor.

O rosto choroso de Victoriana silenciosamente implora ajuda ao olhar para David, ainda de pé cuidando dos netos. Ele pega Scotty e o leva para o outro lado da cama, com a irmã, deixando Alisia para acariciar o cabelo encantado do biso.

David dá um tapinha na covinha do queixo de Victoriana, acalmando-a, depois se abaixa para deixar Scotty mexer nas fotos. A cabeça de David quase toca a da irmã. Ambos herdaram os cabelos escuros e os olhos verdes do pai. Na verdade, não fosse pelos dois anos de diferença entre eles e pela delicadeza da minha filha — tão diferente dos traços masculinos e brutos do irmão —, as pessoas pensariam que eram gêmeos.

Victoriana cutuca o ombro dele com o cantinho da imagem.

— *Eca, não molhe minhas roupas! É nozento! Você é um chorão, mano.*

Um sorriso agridoce toma conta de mim. Há momentos em que ela lembra tanto sua tia Jenara que dói.

David bufa.

— Bom, ao menos há praias de nudismo para pessoas com minhas... sensibilidades. Por outro lado, não há como fugir de pássaros. Eles estão *em todos os lugares*. — Ele encontra uma foto de sua irmã de nove anos correndo de uma galinha numa fazendinha e a exhibe para todos verem. *Victoriana Violet Holt: aprendendo a voar* está escrito na etiqueta. — Pois é, Vic. — David ri. — *Eu sou o chorão.*

— Ei! — Ela cutuca o irmão. — Não tenho ornitofobia, babaca. Gosto de pássaros... só não suporto coisas que batam as asas perto de mim. Principalmente insetos. — Ela dá de ombros e se vira para o pequeno Scotty, agarrado à cintura do avô. Juntando as mãos para formar asas, ela as abana perto do rosto gordinho da criança. Ele chuta e reclama, depois segura as mãos dela e luta com elas.

David ri novamente.

— Certo. Tudo porque uma mariposa ficou presa na cozinha uma vez. A maioria das crianças que vivem no interior sobrevive a esse tipo de trauma sem sequelas duradouras. Isso não afetou o Jack.

Jackson abre a cortina de cabelos loiros que caem em sua testa e ajeita os óculos no nariz, finalmente deixando o desenho de lado. Olhos azuis como os meus dançam por trás da armadura redonda de metal e sua boca se abre num enorme sorriso, com o incisivo torto combinando com o do pai.

— Ah, eu não era nascido ainda, Dave. — Ele se levanta e se aproxima de mim, me abraçando pelos ombros. Encosto-me nele, sentindo o cheiro de seu perfume, uma versão madura do cheiro de menino, cheiro de suor e ar livre que costumava aderir nele nos seus dias de skatista.

— Pois é, nosso belo Jackson Thomas ainda estava em segurança dentro do útero da mamãe na época da grande mariposa — argumenta Vic, a covinha se aprofundando e ela lançando um sorriso para mim.

Jackson me abraça mais forte, o nariz torcido.

— Sério mesmo, Vic? Você precisa pintar uma imagem assim tão explícita?

Rio desanimadamente.

— Certo — diz Victoriana. — David é o artista famoso. Eu deveria deixar a imagem para ele.

David revira os olhos.

— Esculpir e pintar são coisas completamente diferentes. Assim como galinhas e *insetos*.

Todos riem — Jeb ri mais alto do que todos, o que gera outro ataque de riso em Alisia.

— Aquela mariposa era grande o bastante para *comer* uma galinha! — Claro que Vic não quer deixar o assunto para lá. Sua tenacidade é parte do que faz dela uma mecânica tão boa e parte da razão por que ela é a proprietária da oficina do pai agora. — Além disso, eu tinha cinco anos. Difícil superar uma lembrança dessas.

— Nem me fale — digo, baixinho. Jeb, segurando o vestido de Alisia para mantê-la bem ancorada à cama, capta meu olhar. Seus olhos verdes ainda são expressivos e claros, apesar de sua pele pálida e das bolsas pesadas sob os cílios. Ele sabe no que estou pensando. Depois de quase sessenta anos de casamento, ele

era capaz de escrever na minha mente sem precisar de borracha.

Estamos os dois nos lembrando de segredos que nossos filhos jamais saberão. Foi a única vez que Morfeu visitou nossa família e foi por causa de uma emergência na Corte Vermelha que eu tinha de resolver. Se Jeb não tivesse sido mágico também, ele poderia ter ajudado nosso filho mais velho a espantar a mariposa gigantesca com nunchakus de plástico, ainda mais levando em conta que Morfeu dissera que ficaria longe do reino humano. Em vez disso, Jeb capturou a mariposa para resgatá-la das “varetas da ira”, depois pôs Morfeu no nosso quarto, até que eu voltasse do mercado e pudesse resolver as coisas.

— Ei, eis aqui uma foto das plantas das pistas de corrida de bolinhas de gude do papai — diz David, tirando-me de minha nostalgia. Ele ergue a imagem na minha direção e na do irmão mais novo. — Jack, você precisa ver isso. Elas estão grudadas como papel de parede em toda a garagem. Tão estranho que eu nunca tenha visto isso...

Jackson segura minha mão e tenta me puxar para perto, mas aperto os dedos dele e começo a ir até Jeb. Não preciso ver a imagem. Eu a vivi.

Foi dois anos depois que voltamos da nossa última aventura no País das Maravilhas e Jeb estava limpando o sótão da mãe enquanto ela trabalhava e eu estava na faculdade fazendo os exames finais. Ele encontrou um baú e, dentro, estavam todos os desenhos que ele fizera quando criança, quando ele e seu pai faziam pistas de corrida para bolinhas de gude. Havia até mesmo alguns desenhos de pistas que ele esperava um dia fazer com seu pai, antes de perdê-lo num acidente. Jeb não sabia que seu pai tinha guardado aquilo por tantos anos. Achou que ele os tivesse jogado fora. Os desenhos eram detalhados e intrincados; Jeb não tinha de fazer nada além de seguir as plantas — não era necessária visão artística.

Jeb recobrirá as paredes da minha garagem com centenas de papéis antes de eu voltar da faculdade naquele dia. Quando cheguei, fui cercada por nosso futuro. Nunca vi meu noivo tão realizado, porque ele encontrara uma forma de continuar criando e seu pai o ajudara com isso.

Chegando à cama de Jeb, toco seu rosto e ele segura minha mão para beijá-la.

— Bisa! O biso conversa com besouros! — cantarola Alisia.

Rio — mas é uma risada no máximo agridoce. Alisia se levanta precariamente na cama com Jeb a segurando e pula até que eu a pego e enfio o nariz em seus cabelos docemente perfumados.

— Ah. — Victoriana arfa ao lado da mesinha. — Essa sempre foi minha preferida. — O sorriso dela é amplo e trêmulo.

Uma olhada na foto que ela mostra e volto ao nosso casamento, cercada por treliças de rosas brancas. Todas as mulheres na festa — até mesmo a menina do buquê — usam asas que acendem graças a fibras óticas e baterias. Somente minhas asas e as da mamãe são reais, com uma renda instalada

estrategicamente nas bases para esconder que elas saíam de nossa pele. Eu uso uma tiara brilhante e os homens, incluindo o que leva as alianças, usam túnicas com armaduras de malha de metal.

Jeb me deu um casamento de conto de fadas na praia, com cavaleiros e seres místicos, todos brilhando e folheados por um crepúsculo rosado. Quando dissemos nossos votos e ele me beijou, uma bolinha azul desceu do céu e pousou na cabeça de Jeb antes de estourar como uma bolha. Os convidados acharam que era uma espécie de anomalia atmosférica causada pela umidade e pela luz, mas todos concordaram que foi o casamento mais mágico que tinham visto.

Mal sabiam eles quanto estavam certos: que o homem que abdicara de seus sonhos estaria sonhando naquela noite com sua esposa — um presente inesperado de um ser intraterreno que antes era seu maior rival.

Os olhos de Jeb me percorrem como fizeram naquela noite, a primeira vez que ficamos juntos como marido e esposa, cheios de amor, confiança, esperança e desejo.

Olhando para mim e para ele, David pigarreja e recolhe as fotos que Scotty espalhou pelo criado-mudo.

— Sabe, pensando bem, acho que estou pronto para jantar. Vocês também querem?

Jackson deixa suas coisas de lado, pega seu caderno de desenhos e move a cadeira atrás de mim.

— Sente-se, mamãe. Fique um pouco mais.

Eu lhe abro um sorriso triste e ele me ajuda a me sentar ao lado de Jeb.

Victoriana funga e fecha a caixa com as fotos. Ela se abaixa para beijar a testa do pai.

— Volto logo, papai.

Ele segura a mão dela e a leva aos lábios.

— Tudo bem, anjinho.

Jackson e David o abraçam e pegam os menores.

— Esperem, crianças. — O pedido de Jeb os surpreende antes que eles saiam do quarto. — Todos sabem que tenho orgulho de vocês, não é? Que vocês fizeram a mim e à sua mãe muito felizes? — Seus olhos brilham com lágrimas contidas.

Eles fazem que sim.

— Que bom. Amo vocês.

— Amo você também, papai — dizem eles em uníssono, as vozes trêmulas. A porta se fecha e os únicos sons que restam são os do relógio e da chuva.

Jeb me puxa para um abraço demorado e choramos baixinho juntos.

É difícil recuperar a compostura, mas, quando o fazemos, ele pega algo de baixo do travesseiro e me entrega: uma rosa branca... esmagada e ligeiramente gasta, mas a flor mais linda que já vi.

Pegando-a com a mão trêmula, levo-a ao nariz.

— Onde... como?

— Ainda tenho algumas cartas na manga, menina do skate.

Tento rir, mas o riso se transforma em choro.

Ele acaricia meu rosto.

— Shh. Você trouxe meu desejo?

Eu o tiro do meu bolso, contendo mais lágrimas.

Ele segura minha mão.

— Pare com isso. Esperei tanto para usá-lo. Isso é *algo importante*. Ninguém precisa sofrer minha doença.

— Muito menos você — sussurro, prestes a cair no choro de novo. — Mas você poderia usar isso para ser curado e viver mais. Ao menos o bastante para Alisia começar o jardim de infância. A mágica pode operar milagres.

Seus dedos contornam meus olhos, no lugar onde as marcas intraterrenas estão à espera.

— Você é o único milagre de que precisei. Você sempre se culpou de alguma forma por eu ter perdido minha musa. Mas não vê? Nunca perdi nada. *Você* é minha musa. Mesmo sem minha criatividade, você ficou ao meu lado e sempre estive lá, me inspirando a ser o homem que eu queria ser. Por sua causa, estou deixando um legado. Uma família feliz e harmoniosa que levará adiante nossas memórias e tradições. É assim que viverei para sempre, Al. Um mortal não pode pedir mais.

As lágrimas rolam quentes por meu rosto. Dói respirar. Se não soubesse que era impossível, diria que meu coração estava se partindo.

— Quanto a Alisia e Scotty, nós dois sabemos que, quanto mais velhos eles forem quando eu morrer, mais difícil será para eles. Sempre soubemos que isso aconteceria um dia. Que um de nós acabaria onde o outro não poderia acompanhar... nos dois casos. Não havia escapatória. Porque somos de mundos diferentes. A mágica não pode me transformar em alguém que não sou. Sou humano. A morte faz parte de quem sou. Mas não é parte de você. Você tem outra vida a esperando. Eu tive tudo com o que sonhei. Porque *ele* ficou distante. Agora é a vez dele.

No fundo, sei que ele tem razão. Mas imaginar nunca mais poder vê-lo de novo... nunca mais segurar a mão dele... nunca rir com ele — me deixa arrasada.

— Tenho medo por você. — É uma mentira, porque é por mim que tenho

medo. Encarar tanta dor assim sozinha é paralisante. — Como você pode ter tanta certeza... estar tão calmo?

Ele une nossas testas para que possamos olhar um dentro dos olhos do outro.

— É porque, para onde quer que eu vá nesta nova jornada, vou em paz. Tenho a caminhada mais fácil do mundo. Você é quem tem que ficar para trás e consolar os que ainda estão aqui.

A pressão aumenta na minha garganta. Quero ficar com raiva dele por ir embora. Mas tudo o que sinto é amor e admiração. Não consigo nem imaginar fechar meus olhos para sempre... encarando o desconhecido. Ele é muito mais corajoso do que jamais serei.

Escondendo meu rosto nos cobertores que cobrem seu peito, chorando.

— Morfeu uma vez me disse que isso seria mais difícil do que eu imaginava... Não quis acreditar nele. Pensei... Pensei que era mais forte do que isso.

Jeb carinhosamente mexe no coque na minha nuca.

— Você é. Você é Alyssa Victoria Gardner, a menina que partiu a pedra com uma pena e cruzou a floresta num só passo. Você teve o oceano na palma da mão, você mudou o futuro com a ponta do dedo. Você...

— Nós derrotamos um inimigo invisível com frutinhas tuntum — interrompo, erguendo a cabeça em meio às lágrimas. — Nós esmagamos um exército sob nossos pés. Éramos nós dois, juntos, enfrentando aqueles testes de frente. — Minha voz falha.

— Mas foi você, *sozinha*, quem acordou os mortos e usou o poder de um sorriso. Você sozinha derrotou a Vermelha e todos em Qualquer Outro Lugar. Você conquistou a coroa. — A voz de Jeb está rouca de emoção. — Um reino mágico aguarda seu reinado. Você já escondeu este seu lado por muito tempo para ficar aqui, tanto que se esqueceu do que você pode ser quando tudo acontecer. É hora de se lembrar. E de nunca mais esquecer. — Ele segura meu rosto e puxa minha boca para perto da dele no beijo mais carinhoso que jamais trocamos. — Pronto, tivemos a chance de um último momento perfeito, rainha-fada. Vamos fazer isso valer a pena. — Com o dedo, ele seca a umidade no meu rosto enrugado.

Ranjo os dentes e entrego a lágrima congelada.

Mantendo o olhar fixo em mim, Jeb aperta o desejo para liberar um perfume de saudade e salmoura e depois fala as palavras que praticou ao longo da última semana: ele pede para reviver o sonho que compartilhamos na noite de núpcias, para podermos ficar juntos uma última vez, e, depois disso, nunca mais acordar.

Mal fechei os olhos e já estou lá, dentro de seu quarto de sonhos onde passamos nossa noite de núpcias. Pilares de prata envoltos em tecidos roxos nos cercam. Ao meu lado, há um banco trançado sob um arco envolto em tule roxo e branco; máscaras de carnaval pendem de fios de vários comprimentos — roxas,

pretas e prateadas.

Tenho vinte e um anos de novo, usando meu vestido de noiva — renda branca, pérola e sombras pintadas. Acabo de desfazer um laço mágico da caixa em minha mão e uma chuva dourada de letras dança ao meu redor.

Coisas que eu esperava lhe dar:

1. Um casamento mágico...

Todos os meus temores e tristezas anteriores desaparecem quando Jeb aparece ao meu lado de smoking — vinte e três anos, pele oliva lisa, labret brilhante. Cheio de saúde e vitalidade. Contendo lágrimas de felicidade, estendo a mão esquerda que já tem o anel dele.

Ele sorri aquele sorriso com covinha. Dizemos quanto sempre nos amaremos até que a morte nos separe, e então ele me puxa para um beijo. Uma faísca quente e elétrica estala entre nós. A sensação e a surpresa me arrepiam e eu brilho com o calor e o sabor dele — como da primeira vez que saboreei seus lábios. Ele nos coloca no banco e cedemos à paixão até estarmos esgotados. Depois, tocamos o rosto um do outro, trocando beijinhos e sussurrando declarações de amor. Aproveitamos cada instante, cada olhar, cada sorriso e suspiro, não mais dois entes singulares, e sim uma força unida.

Ficamos lá um nos braços do outro, enquanto o cenário se transforma ao nosso redor. Ainda é seu quarto de sonho — apesar de o pano de fundo mudar para permitir que revivamos todos os sonhos que ele teve e foram realizados.

A cesta de piquenique no chão levita e paira sobre nossa cabeça. Jeb desfaz o laço na alça, dando início a um novo desfile brilhante de letras:

2. Piqueniques no lago com sua mãe...

Caminhamos por um campo verdejante, seguindo a cesta, depois revivemos os momentos rindo com a mamãe e o papai à beira do lago. Estamos famintos e nos deliciamos com frutas, chocolates e vinho.

Depois de saciarmos nosso apetite, puxo um fio solto do mosaico que desliza pela água como um barco. Outra sentença brilhante é libertada:

3. Toda uma vida de sucessos e risadas compartilhados...

Abro as asas. Jeb segura minha mão, já não precisando de ajuda para voar. Juntos, subimos até a abóboda e assistimos ao cenário que nos cerca mudar para outras cenas — todas as nossas esperanças cumpridas a cada realização e nascimento de um filho.

Segurando-me pelo cotovelo, Jeb aponta para o outro lado do quarto, onde sua moto paira no alto, em meio a luzes natalinas.

É o único sonho incompleto e será nosso último momento juntos.

Flutuamos e soltamos o laço no guidão da moto.

4. Passeios à meia-noite pelas constelações do País das Maravilhas...

Flocos de neve e uma brisa amena nos cercam. As vigas se abrem para uma noite perfeita, enquanto me ajeito atrás dele no assento da moto. Ele liga o motor e as luzes natalinas se transformam numa espiral de estrelas brancas se encolhendo e se expandindo em faíscas, como feixes de raio. Entramos no mesmo céu do País das Maravilhas sob o qual dormimos há muito tempo num barco no oceano de lágrimas.

Meus braços envolvem seu corpanzil e balançamos para a frente e para trás, nossos movimentos sincronizados enquanto subimos mais e mais. Jeb acelera um pouco e ganhamos velocidade, minhas asas abertas atrás de mim, contra o vento. Eu grito e Jeb se junta a mim numa risada.

Seguro a cintura dele com mais força, as rodas resvalando na lua e deixando rastros de luz fosforescente no nosso caminho em zigue-zague pelas constelações.

Estendo a mão e pego uma estrela. Ela efervesce na minha mão antes de se transformar em poeira brilhante.



Destino

Fecho os olhos para a aurora e depois olho novamente para a garrafa de poeira estelar na minha mão, determinada a ser mais forte do que a dor insuportável por trás do meu esterno. Naquela noite há três anos, quando minha família voltou ao quarto de Jeb no hospital, eles me encontraram dormindo com a cabeça em seu peito. Eles acharam que Jeb estivesse dormindo, mas ele silenciosamente havia falecido.

Ao me acordarem, senti algo na minha mão e a abri, revelando a última lembrança do nosso tempo juntos. Todos estavam ocupados com o luto e não notaram que eu tinha pegado uma estrela ou que a coloquei no bolso — outro segredo a guardar, a última costura mágica para completar meu coração.

Fungando, coloco a garrafa na minha mochila juntamente com as outras duas e a fecho. O bando de borboletas e mariposas que formavam meu véu ficam impacientes e me acompanham até meu destino final.

Dou as costas para o reino humano, encarando a toca do coelho a meus pés.

— *Alyssa, meu amor: Salte.*

Desta vez, não há dúvida quanto a quem está falando em minha mente. É a voz da minha Amada Mariposa.

Dou-me conta do meu cansaço e esgotamento. De que estou pronta para romper os laços com a mortalidade — e entrar na eternidade.

Sem hesitar, deixo o corpo cair. Flutuo como uma pena e fecho os olhos contra o que sei que se passa na minha descida: armários abertos cheios de roupas, móveis, pilhas de livros em estantes flutuantes, comidas, potes de geleia e retratos vazios presos com trepadeira às paredes sujas.

Não olho porque quero que o rosto dele seja a primeira coisa que eu veja.

Finalmente sinto seus braços fortes me pegando e me colocando no chão. Morfeu — sempre esperando, exatamente como prometeu.

Meus olhos se abrem para seus traços místicos imaculados, intocados pelo tempo, tremeluzindo à luz dos candelabros de cabeça para baixo. Os cheiros de cera e pó se confundem com o perfume conhecido do narguilê.

Ouve-se um som rangente quando a toca do coelho se fecha sobre minha cabeça, deixando apenas as velas para iluminar o ambiente abobadado sem janelas.

— Bem-vinda à sua nova realidade, minha frutinha. — Ele segura minhas mãos velhas e enrugadas, leva-as à sua boca quente e macia e me puxa para um beijo (bem na boca!), a despeito da minha velhice e fragilidade. Ele vê para além disso, vê o que sou por dentro. Vê a governante que ele ajudou a moldar em meus sonhos desde a infância.

Bem quando acho que vou ser levada em ondas de loucura e paixão, ele interrompe o beijo.

— Vamos tirá-la dessas suas horríveis roupas humanas, sim?

Um nó de empolgação e ansiedade percorre meu corpo enquanto ele tira o traje de disfarce e os tênis. Mas detenho suas mãos antes que ele possa tocar minhas roupas de baixo.

Depois de anos de enigmas e trocadilhos e manipulando meus súditos na Corte Vermelha, minha mente finalmente é um complemento à de Morfeu. Mas meu corpo é inferior. Estou fraca e velha — uma massa mole de pele flácida, ossos frágeis e músculos atrofiados. Ele sempre foi elevado, na ideia e na forma. Deste dia em diante, quero ser igual a ele em *todos* os aspectos — corpo, espírito e mente.

— Primeiro, faça-me jovem de novo — insisto com uma voz mais real e enfática do que me achava capaz.

— Como manda a Minha Rainha. — Fazendo uma mesura, ele me leva até uma mesa no meio da sala, pega minha coroa de uma almofada e a coloca em minha cabeça.

Há uma pulsação encantada... nada que eu possa ouvir, mas sinto — um ritmo de vida e mágica que começa no meu coração e lateja em todos os núcleos de todas as células, numa valsa em todo o meu DNA. Meus cabelos ficam mais espessos e quentes com o loiro claro da juventude. Algumas mechas se reviram ao meu redor, fervilhantes e cheias de mágica. Estendo os braços e minha pele, seios e músculos ficam duros e lisos. Abro as asas, arfando de emoção quando elas irrompem pelas costas da minha camisa e se erguem altas e orgulhosas atrás de mim. As cores reverberam nas paredes, refletindo as joias que se estendem por todos os meus apêndices... exibindo todos os humores a Morfeu.

Seu olhar sobre mim se intensifica, maravilhado e reverente. Ele está tão quieto e sóbrio que temo que algo tenha dado errado.

Toco meu rosto, batendo na pele perfeita e macia.

— Funcionou? — Minhas cordas vocais falham. — Estou normal? Sou eu mesma?

— Não exatamente, Alyssa — responde ele, a voz carregada. — Você nunca foi normal. Você é especial. Você é transcendente. E você é *minha*.

Sua reafirmação de propriedade me arrepia — um desafio. Por uma fração de segundo, fico desarmada por sentir minha juventude e vibração subindo à superfície, tentada a usar meus encantos e aceitar o desafio dele. Reunir este poder — depois de tantos anos presa dentro de um casulo mortal decadente ou usando meu intelecto e esperteza para cultivar confiança e autorrespeito — é ao mesmo tempo assustador e empolgante.

Mas minha hesitação passa num piscar de olhos. Não me sinto intimidada pela minha sensualidade como teria acontecido quando era uma menina ingênua. Agora eu sei como aceitá-la. Combinada com meu destemor e minha coragem intraterrenos, minha feminilidade me tornará invencível *porque* sou uma mulher.... e uma Rainha Vermelha.

Jamais voltarei a desprezar minhas duas condições.

O olhar de admiração de Morfeu desperta meu lado competitivo. Depois de uma longa espera, ele ganhou o direito de me reclamar... por enquanto. Contudo, depois que casarmos, eu o reclamarei de volta.

Ao pensar nisso, lembro que estou completamente nua sob o moletom grande demais sobre meu corpo jovem.

— Você me trouxe roupas? — pergunto.

Morfeu estala a língua.

— Como se o seu valete fosse deixá-la aparecer diante de seus súditos usando outra coisa que não um tecido macio e com rendas. — Seus cabelos azuis ressaltam seu sorriso enquanto ele pega uma lingerie de cetim vermelha do bolso do paletó.

Pego a calcinha e o sutiã, ficando vermelha.

— Obrigada. Mas... onde está o resto?

— Hummm. — Ele leva um dedo aos lábios. — Do que mais precisamos? Você já tem sua coroa. E lhe trouxe botas.

— Morfeu — eu o repreendo, meio tímida e meio tola.

— Ah, claro. Tem isso. — Ele estende uma rosa vermelha recém-colhida, decorada com um lacinho de renda. A flor se mexe em sua mão, como se viva.

Mordo o lábio, contendo uma risadinha.

— Linda. Mas flores não cobrem muito meu corpo.

— Acha que isso são apenas flores? Como você é adoravelmente humana! — Ele bufa. — Nenhuma chance disso. Excluí formaturas e tudo associado a buquês por toda a eternidade.

Sou eu quem bufa desta vez. Passo o dedo pelo caule da flor. Meu dedo resvala no polegar dele. Uma faísca percorre minha mão ao contato, uma amostra deliciosa da mágica que ele possui.

Recuando, ele passa uma das asas pela rosa e luzes azuis brilham por trás do véu. Ao tirar a asa, o botão desabrochou num vestido vermelho de rosas vivas e renda.

Meu coração bate forte, porque reconheço o vestido e sei que ele combina com o terno que Morfeu está usando.

Ele se vira de costas para eu vestir a lingerie. Enquanto entro no vestido e coloco as rendas no lugar, os botões de rosa que toco desaparecem no tecido, para voltarem a desabrocharem somente quando tiro a mão. Ele cabe perfeitamente.

— Você espiou? — pergunto assim que estou completamente vestida e Morfeu está me encarando. A pergunta é retórica. Eu o peguei espiando ao menos três vezes.

Ele me puxa para perto.

— Estou magoado, amor. Nós dois sabemos que sou um cavalheiro. Agora vamos levá-la ao palácio. Você fez uma jornada longa. Hoje, descansará sozinha. Eu lhe darei tempo para sofrer. — Sua voz é enganadoramente sincera enquanto ele convence o restante dos meus cabelos vivos a se livrar do coque para poder voar por seus braços e dedos.

Tombo a cabeça de lado.

— Não vou passar a noite sozinha. Depois de todos esses anos, você ainda mente para mim.

Seu olhar brilha em meio aos cílios espessos que escondem parcialmente a voracidade dele.

— O que me entregou?

Toco o rosto decorado com joias que acabei por amar com tanta ternura. Não a despeito de suas táticas odiosas, seus jogos de palavras, sua malícia... mas *por causa* disso tudo.

— Ah, sei lá. O desejo brilhante em seus olhos. — Pela primeira vez, noto que ele não está usando chapéu e o motivo é claro: ao fim do dia, uma coroa estará em sua cabeça. Passo os dedos pela lapela do terno vermelho feito para cair perfeitamente em sua forma graciosa, o mesmo terno que ele usava na visão que tive de nossa lua de mel há tanto tempo. Seu corpo treme em reação ao meu

toque. — Ou talvez porque estamos os dois vestidos para um casamento real.

Suas asas negras se erguem atrás dele, fumaça e sombras. Seu sorriso de queima lenta se alarga.

— O quê? Você espera que eu me case com você nestes trapos? — Ele revira os olhos. — Bom, acho que sim. Se Minha Rainha manda.

Eu rio.

Seus dentes brancos brilham, as joias reluzindo entre a alegria e a adoração, e sei que ele vê as mesmas coisas nas gemas piscando nas minhas asas.

— Chega de pensar no passado — diz ele, o olhar voltado para a mochila atrás de mim, perto das minhas roupas antigas.

A tristeza criada pelas palavras dele diminui quando me concentro apenas em seu rosto.

— Tenho muitas memórias humanas preciosas. Mesmo sem as lembranças, elas ficarão comigo eternamente.

Morfeu faz que sim.

— Seu cavaleiro mortal era um homem honorável... ele queria o melhor para você. Ele iria querer que você ficasse feliz.

Contenho as lágrimas atrás dos olhos.

— Sim, ele disse que eu deveria seguir em frente. Você sabe tanto quanto eu que as memórias geralmente são o segredo para isso.

Morfeu fica sério, o comedimento e a ousadia disputando a batalha pelo controle de suas feições.

— Então isso significa que você está pronta? Para seguir em frente?

— O que minhas asas dizem? — pergunto, balançando-as devagar para ele poder decifrar os tons de joia.

Ele ri.

— Elas dizem que você quer disputar comigo pelos céus nublados do País das Maravilhas e acha que vou deixá-la ganhar.

Um arrepio de emoção sobe dos meus pés até a ponta das minhas asas.

— Ao contrário — corrijo. — Elas dizem que *nós dois* vamos ganhar desta vez. — Na ponta dos pés, jogo meus braços ao redor do pescoço dele e lhe dou o beijo enlouquecedor que prometi, beijando-o com mais força depois que ele geme de prazer. Sua língua dança com a minha, com sabor de alcaçuz e florestas assoladas por tempestades — todos eles coisas exóticas, exuberantes e destemidas.

Ele me pega no colo, unindo nossos corpos e nos girando até que a cauda longa do meu vestido nos faz tropeçar. Batemos na parede com listras roxas, rindo

como crianças.

Meu coração pulsa quente, cheio de vitalidade.

— Morfeu.

— Sim, meu botão desabrochando — sussurra ele, o hálito arranhando meu pescoço enquanto ele me ajuda a tirar minha asa direita da cortina de veludo vermelha e das cordas douradas.

Eu é que estou tremendo agora, imaginando-me entrelaçada com ele em lençóis de cetim e cobertores de veludo.

— Não vamos mais adiar o casamento. A Corte Vermelha precisa de um rei, e quero dormir na cama dele hoje à noite. Você esperou demais por sua rainha, por seu sonho-criança.

Ele faz um barulho, algo entre um gemido de alívio e um suspiro de prazer, depois se ajoelha usando as mãos e a boca para elogiar, pelo caminho, a maneira como o vestido se ajusta às minhas curvas. Os botões de rosa desaparecem e reaparecem ao seu toque.

— Algo me diz — sua voz reverbera contra minha barriga quando ele segura meu quadril — que a espera valerá muito, muito a pena.

É a primeira vez que ele foi íntimo mesmo ao me explorar. Passo os dedos por seus cabelos sedosos e acaricio sua cabeça com o nariz, tentando conter as emoções e sensações em meu corpo. Em algum lugar dentro do meu corpo jovem há a sabedoria e a sofisticação intelectual de uma senhora. Então por que de repente me sinto tão inexperiente e exposta?

Suas mãos alcançam a bainha do meu vestido aos meus pés e ele ergue o tecido encantado só para expor meu tornozelo esquerdo à luz das velas. Ele acaricia minha mancha de nascença intraterrena já não mais coberta por uma tatuagem.

— Tenho que admitir que vou sentir falta da sua homenagem a mim. Mas é um preço pequeno a ser pago para se ter de volta tudo do jeito como era quando confessei meu amor por você pela primeira vez.

Franzo a testa, determinada a provocá-lo.

— Eu lhe disse que a tatuagem não era uma mariposa. Eram asas.

Morfeu joga a cabeça de lado, rindo.

— Analise minhas palavras de todos os ângulos, meu amor. Pense no que elas significam para além da superfície.

É preciso que ele me peça para parar e pensar... a fim de que as coisas façam sentido — a profundidade da mudança no meu corpo. *Ter de volta tudo do jeito como era quando ele confessou seu amor pela primeira vez. Para além da superfície.*

Minha tatuagem se foi. O que significa que tenho dezesseis anos de novo,

exatamente como quando fui coroada pela primeira vez no Castelo Vermelho. Antes de ter asas tatuadas no meu tornozelo para esconder minha marca intraterrena de nascença... antes de me tornar mãe e avó. Antes mesmo de me tornar esposa.

Contra todas as possibilidades, sou inocente e virgem novamente.

Respiro fundo, surpresa diante da descoberta.

Morfeu levanta a cabeça para mim, satisfeito.

— Você sempre soube — digo, acariciando seu rosto. — Você sabia que as coisas acabariam assim.

— Claro que sim. Mágica não é uma coisa esplêndida?

Eu respondo com um sorriso tímido, mas há algo por trás dele que não havia sessenta e quatro anos antes — algo recatado e ansioso.

— Mmmm — murmura Morfeu. — Esse é um sorriso com muito potencial. Vamos dar início a esta eternidade, sim? — Ele solta meu vestido, me põe de joelhos ao lado dele e tira do bolso uma garrafa com a etiqueta: *Beba-me*.

Fazemos um brinde aos recomeços e, entre beijos quentes, nos revezamos bebendo até que encolhemos o bastante para passarmos pela portinha e entrarmos no País das Maravilhas.



Dois

Eternidade



Preparação

— Eu não deveria sentir *tanto* assim, Alyssa. Isso é impossível para mim. — Com expressão de tortura, Morfeu leva minha mão ao seu peito macio, com sua camisa de dormir semiaberta, expondo a cintura de sua calça de dormir, preta e acetinada. Seu coração dispara e sua voz fica áspera, já não mais sedosa e doce como a que ele usava ao me cantar canções de ninar, mas arrasada e confusa. A voz arranha meus ouvidos e se agarra em meu coração.

Quero que ele seja feliz e sei que é, no fundo. Esse tom angustiado significa outra coisa: rendição, e a vitória mais fácil que ele me cedeu nos nove meses desde que nos tornamos rei e rainha, sem mencionar todos os anos em que ele ocupou meus sonhos antes disso.

Pensar foi o necessário para ganhar sem combate. Quase sorrio, mas não consigo deixar que minha boca ou mandíbula solte seus músculos tensos.

Estreito os olhos sob a luz emitida por pavios flutuantes e autossustentáveis que nunca se extinguem, estudando-o sentado na beirada da cama — a cama que antes pertencia só a ele. Morfeu conseguiu trazê-la para cá vinda de sua mansão, juntamente com sua coleção de chapéus e mariposas, assim que nos casamos e ele se mudou para o castelo Vermelho.

Estou de lado, nua sob as cobertas, os joelhos encolhidos numa tentativa inútil de amenizar os pulsos elétricos que irradiam dos músculos na minha barriga. O dossel de cascata mantém-se congelado o suficiente para eu enxergar o contorno do corpo do meu rei e seus cabelos azuis ainda despenteados por causa do sono. Exceto quando ele se move para acioná-las, as cortinas se recusam a se abrir mais do que uns poucos centímetros dele, como se nos permitisse o santuário por respeito ao evento monumental que está a caminhar.

Do outro lado do dossel, o quarto real está movimentado.

O harém de fadas de Morfeu anda de um lado para outro: algumas passando pela porta com pedaços de nuvens de algodão-doce azul para forrar o berço, outras cuidando de elefantes voadores do tamanho de vespas, com antenas na cabeça e sacos de pólen nas patas, rumo a um punhado de flores luminescentes.

As flores foram enviadas por Grenadine. Ela descobriu que é mais feliz cuidando dos jardins. Algo a ver com o perfume das flores a ajudá-la a lembrar-se de como cuidar delas; elas são o equivalente sensorial aos arcos sussurrantes que ela usa nos dedos das mãos e dos pés.

As flores que ela mandou para nosso quarto são coloridas como arco-íris e tinham a forma de sinos. Elas pendem de trepadeiras no teto, pouco acima da alcova. Quando as flores são polinizadas pelos elefantes alados, elas balançam e soltam uma fragrância de mel, girando e pintando as paredes recobertas de veludo com uma luz prismática. Um móbile encantado feito para um príncipe encantado.

Lorina, a esposa do pássaro dodô, carrega um balde com as pontas das asas e deixa um líquido grosso e gosmento a alguns metros da cama. Seu rosto humanoide fervilha de empolgação.

— Trouxe o melado que Gossamer pediu! — Ela remexe as penas vermelhas enquanto suas palavras reverberam. — Também acordei o conselheiro real para ele fervê-lo.

O timbre berrante de sua voz agita os terrários cheios de mariposas de Morfeu nas prateleiras e me arrepia. Morfeu faz cara de dor e eu ranjo os dentes impacientemente, esperando que a mulher-pássaro não fique muito tempo. Geralmente consigo ignorar sua falta de educação, mas estou abalada demais esta noite.

Ouve-se um barulho no corredor e, dois segundos mais tarde, o Rábido Branco aparece usando uma camisola de um tecido que parece papel higiênico. A touca combinando se arrasta no chão atrás dele, pendendo de um dos chifres. Ele pisca preguiçosamente os olhos rosa e os esfrega com os nós dos dedos esqueléticos.

— Tarde estou eu? — boceja. — O Príncipe Vermelho, ao menos chegou ele?

— Ainda não, ossos sonolentos. — Gossamer chega à porta e empurra o Rábido para o balde com melado ao lado dos pés de Morfeu. — Agora se lembre do que lhe disse. Precisamos disso aquecido.

Meu conselheiro real acende as luzes nos olhos e se concentra no chão.

— O que está acontecendo? — grita Morfeu para o Rábido quando a sola de seus pés descalços fica vermelha.

— Seus pés frios, estão não? — pergunta o Rábido, fazendo biquinho. — Gossamer disse...

Todos olhamos para Gossamer.

— Disse que os pés dele ficariam *bem* se frios — ela repreende o Rábido. — O Mestre exhibe uma incrível falta de cuidado quando se trata de certos aspectos de sua vida. — Ela ri e dá a volta em nós, tentando parecer ocupada e inócua, a despeito de como seus olhos de cobre brilham travessos.

Quando deixei minha vida humana pela primeira vez, a fada e eu tivemos de aparar arestas. Todavia, desde meu casamento com Morfeu, ela se tornou cada vez mais provocativa e invejosa, como se ter vivido todos aqueles anos como confidente de Morfeu na minha posição tivesse reacendido seu amor não requisitado por ele.

Arrependido, o Rábido franze a testa para Morfeu.

— Rábido Branco deu a você pé quente... não necessário?

— Não, caia fora! — grita Morfeu, erguendo a sola do pé para observar a pele queimada. Agarro a mão dele, um lembrete para ele ser gentil. Ele aperta meus dedos em resposta e sua expressão de fúria se transforma só em irritação. — Meus pés não estavam frios. — Ele lança um olhar de alerta para Gossamer. — E nunca estarão, em se tratando de Alyssa.

A fada baixa a cabeça, a pele verde escurecida de vergonha.

— Desculpas peço, Majestade. — Meu conselheiro arrependido faz uma mesura tão exagerada que quase cai de cabeça na cama.

Morfeu o segura pela galhada e o empurra em direção ao balde de melado.

— Aí está, Cabeça de Abelhão! É isso que você tem que aquecer.

Rábido concorda com a cabeça e reajusta sua mira visual até que o balde de metal emita um brilho alaranjado. O líquido viscoso borbulha, enchendo o quarto com um cheiro de cereja. Depois de ter feito seu trabalho, o ser intraterreno do tamanho de um coelho reúne os resíduos para criar um apoio no chão, se enrola em cima dele e começa a roncar.

— Não entendo por que você pediu melaço — grita Lorina para Gossamer, tão alto que meus tímpanos ecoam em minha cabeça como tamborins. — Os humanos sempre usam água fervente. Vi em suas caixas de imagens.

— Você quer dizer *televisores* — corrige Gossamer e, como que para compensar a travessura anterior, expulsa Lorina e diz um educado “obrigada” pelos serviços dela, garantindo à mulher-pássaro que ela trouxe o balde certo.

— *Televisores* — resmunga Morfeu a todos e ninguém, ao mesmo tempo que esfrega seu pé ainda vermelho. — Além disso, em nome de Fennine e todas as santas fadas, para que é o melado?

— Talvez o usemos para batizar o bebê? — diz um coro de fadas.

— Sim, sim. Nós batizamos! — ecoa outra. — Espere... o que isso quer dizer?

— Mergulhe de cabeça — grita uma fada solitária.

Eu grito, horrorizada.

— Todos se calem! — ordena Morfeu. Ele acaricia meus cabelos com um ritmo que me acalma. — Não se preocupe, flor. Ninguém vai mergulhar nosso príncipe em melado fervente.

Gossamer volta, cercando as fadas como um sargento.

— O melado vem da árvore da ousadia, Mestre.

— Conheço as origens.

Seus olhos bulbosos cor de metal se iluminam, um sinal claro de que ela está feliz por ter a atenção dele.

— É a mais feliz das árvores na natureza — diz ela para ele, querendo mantê-lo cativo pelo máximo de tempo possível. — Mandei a seiva pura para adoçar e domar os brinquedos bestiais.

— Ah, bem pensado.

Gossamer sorri ao ser elogiada.

— A seus postos, então. — Morfeu espanta todos da cama. — Nossa rainha precisa descansar.

Fazendo biquinho, Gossamer afasta as fadas. Elas deixam de lado o balde de melado fervente, enquanto Chessie e Nikki trazem uma caixa. Dentro há uma criatura semelhante a um polvo do tamanho de uma moeda com chocalhos parecidos aos de uma cascavel em cada tentáculo — venenosos e assustadores o bastante para divertir até mesmo o mais cínico membro da Corte Vermelha; um xilofone automático feito de ossos vivos de peixe; e alguns anéis feitos de dentaduras, entre outras coisas estranhas.

Usando a cauda de Chessie como corda, as fadas mergulham um dos anéis na seiva fervente. Ele sobe à superfície — nada além de gengivas... macias e borrachudas. Elas fazem o mesmo com o polvo, transformando-o num chocalho de oito patas — colorido, frágil e inofensivo.

Depois de ver o destino que os aguarda, os outros brinquedos rosnam e sobem uns nos outros numa tentativa de fugir da caixa, desesperados para manter suas formas perigosas e selvagens. As fadas gritam e os perseguem.

A cena é morbidamente caótica e divertida, tanto que eu rio. É um erro, porque os músculos na minha barriga reagem com várias contrações me atingindo num ataque de dor elétrica. Grito quando a dor passa por todo o meu peito e depois desce pelas costas e coxas. Dedos de luz azul parecidos com a mágica de Morfeu — ainda assim únicos — seguem o caminho dos espasmos sob os lençóis e dentro da minha barriga. Coloco a cabeça sob o travesseiro, chorando.

Gossamer e as outras fadas desistem de perseguir os brinquedos e colocam a cabeça no espaço entre o corpo de Morfeu e o dossel de água, curiosas e preocupadas.

Morfeu esfrega minha barriga e as olha com raiva.

— Por que vocês todas estão aí no ar como idiotas? Isso não é um desfile para a diversão de vocês! Vocês não têm por que estar neste quarto, a não ser que tenham um trabalho, entenderam?

Assustadas com o ataque de mau humor dele, elas voltam a perseguir os brincquedos.

— Toda essa coisa de ficar pairando é inútil e sem sentido... e não no bom sentido — resmunga Morfeu. — Pode muito bem ser uma confissão carregada. Devemos ter isso em mente da próxima vez.

— Próxima vez? — choramingo, tentando respirar em meio às contrações. — Não, não uma próxima vez. Não sobreviverei a *esta* vez.

— Claro que vai. Você não lembra? Nós dois vimos a visão do seu mosaico de sangue há algumas semanas. Receberemos uma filha depois que nosso filho tiver cinco anos. — Sua voz é carinhosa e comedida, um contraste marcante com a loucura provocante que ele geralmente emana. — Agora parem de se preocupar com o que está acontecendo lá fora. Porque você me mantém cativo *aqui*. — Ele ergue as asas de modo que eu não possa mais ver o que acontece lá fora, então estou de castigo na nossa cama, onde somos só nós e nossa ilhazinha em meio a emoções cruas e truques amenos. — Esta é a oportunidade perfeita para tirar vantagem e recuperar seu orgulho. Ou talvez você não se importe com o fato de eu tê-la vencido no xadrez ontem pela manhã.

A dor diminui e eu relaxo um pouco.

— Não, *não ganhou* — consigo dizer.

Ele estreita os olhos.

— Eu dei o xeque-mate, amor.

— Mas era strip-xadrez, lembra?

O olhar dele se volta para meu corpo.

— Ah, eu me lembro muito bem desse detalhe.

— Então, a cada contra-ataque seu... eu tirava outra peça de roupa. A cada olhar na sua pele... era mais difícil para você se concentrar. Por fim... peças e xeque-mates à parte... você só conseguia pensar no quanto *me queria*. Não fui eu, então, quem no final das contas comeu o rei do oponente?

Uma risada de admiração reverbera em seu peito.

— Espertinha-sorradeira.

Rio com ele e então paro. Por mais inacreditável que pareça, lágrimas rolam por seu belo rosto, à luz de velas. Não só as gemas, claras e pristinas, mas filetes de água que captam o brilho como correntes minúsculas de luz ao longo de sua pele luminosa. Ele não percebeu isso ainda.

— Você andou chorando — acuso, carinhosamente.

— Não andei — responde ele.

— Chorou, sim.

— Bom, não sou a rainha, então posso chorar quanto quiser.

Ele disse essas mesmas palavras para mim na nossa última noite juntos, antes de deixar meus dias de humana no reino mortal. É a coisa mais rara e adorável — ter os sentimentos dele expostos e ele tão impotente para impedir isso. Em geral, ou ele está no controle ou é manipulador o bastante para me obrigar a me expor antes que ele mesmo o faça.

Por mais tocada que eu esteja, tenho um ás desta vez e não posso deixar a ternura humana me enganar. Sou um dos dois seres intraterrenos mais poderosos do Reino Vermelho e não perderei a oportunidade. Quem sabe quando meu rival se renderá novamente sem que eu precise me esforçar para isso?

— Bajule-me — insisto, com um sorriso malicioso. — Como vencedora oficial do jogo de xadrez, escolho seu castigo. Exijo palavras de persuasão e elogio.

Morfeu olha para algumas fadas voando em meio aos espaços da cortina de água. Elas param nos meus lábios para oferecer goles de melado de cereja esfriado, a fim de me dar energia positiva. Depois, elas afofam meu travesseiro e se põem a arrumar os cobertores.

Ele espera até que as fadas estejam ajeitando os lençóis nos meus pés, antes de focar a atenção em mim.

— Sua beleza me assusta — comenta ele, enxugando com as costas da manga amarrutada seu rosto molhado por lágrimas.

Sorrio ainda mais, porque é exatamente o que quero ouvir, e ele sabe.

As fadas param no ar e se emocionam diante da exibição de amor sem precedentes do mestre, os olhares reflexivos de libélula enlouquecidos.

— Privacidade, bichinhos — pede Morfeu, e elas saem da cama. Ele dobra as asas em volta da minha cabeça e dos meus braços, escondendo tudo e me dando solidão dentro das sombras. Minha pele reluzente se reflete em seu rosto. Seus dedos elegantes acariciam meu pescoço e ombros, quentes e macios. Ele observa o caminho, ainda fascinado pelas curvas que agora já senti milhares de vezes. Sua mão para no meu seio, o dedo tocando meu esterno, procurando minha pulsação.

Perco o fôlego.

— Sua voracidade me deixa tonto. — Seu sussurro doce aquece meu rosto. — Eu a desejo sem fim. Mais do que uma queda pelas constelações, mais do que um jogo de malícia sobre as areias do tabuleiro de xadrez, mais do que uma ameaçadora perambulação pela natureza.

— Então você admite — digo, segurando-o pela camisa, nossos lábios a um fio

de cabelo um do outro, enquanto contenho meu instinto de aumentar a aposta no nosso jogo com um pandemônio. — Você espera que eu ignore um descumprimento tão flagrante das regras, camarada? Uma Rainha Vermelha nunca concede privilégios... nem mesmo para sua Adorada Mariposa. — Solto a camisa dele quando outro ataque de contrações toma conta de mim. Segurando a barriga, gemo. — A não ser que haja algo nisso — tento encontrar minha voz — para ela e seu reino. Dê-me o que peço ou farei uma proclamação real. *O Rei Morfeu adora sua esposa* mais do que o próprio País das Maravilhas.

— Você não ousaria — retruca ele, dando corda. Ele baixa as asas, expondo-nos novamente às luzes de vela.

— Todos saberão. — Rio em meio a lágrimas enquanto as contrações me dão um alívio momentâneo... por pouco tempo. Elas estão mais intensas agora, com intervalo de minutos. — Todos os nossos inimigos, todos os nossos aliados, todos os cidadãos deste mundo verão que você ainda é meu laçao.

— Então você lhes dará a chave da nossa derrota. Você está falando sandices.

— Sua língua nativa — respondo sem hesitar.

Há um quê de desejo por trás de seu olhar. A alegria transparece em seus lábios, acentuada pelo brilho amarelado de suas marcas cravejadas de joias. Mesmo num momento como este, ele está saboreando minha provocação. É a natureza dele e minha também. Numa noite típica, tal disputa levaria a um duelo cintilante de mágica e enigmas de palavras e terminaria num êxtase apaixonado.

Mas não há nada de normal nesta noite e, pensando bem, o êxtase foi como chegamos a esta situação.

— Peça o que você quiser, Minha Rainha — oferece Morfeu numa submissão humilde, tão diferente dele. Ele segura meu rosto com as duas mãos e enxuga as lágrimas com os polegares. — Brinque comigo, me prenda, me tranque com corrente. Eu lhe darei qualquer coisa, desde que você guarde meu segredo.

Sinto um movimento de asas dentro do casulo da minha barriga, embaixo da minha caixa torácica. A princípio é algo pequeno e contido, mas depois ele aumenta, como se abrisse. Um cotovelo, um punho, a ponta de uma asa? Não. Ele não pode estar tentando voar de novo; ele não deveria estar enrolado numa bola, se preparando para chegar? Como se me respondesse, tenho a sensação inequívoca de asas batendo dentro de mim.

Uma contração extremamente forte se segue ao movimento — arrebenta minha barriga, quente e áspera —, como se forçasse a sultura do meu prisioneiro. Grito, estico as pernas e arqueio as costas.

— Tire-o *daqui!*

Um arrependimento profundo fervilha nos olhos de Morfeu e suas asas puxam seus ombros com um baque.

— Aliás, você pede a única coisa que não posso lhe dar.

Irritada, distribuo castigos aos trancos e barrancos, meus poderes tão descontrolados e imprevisíveis quanto eram antes de eu aprender a controlá-los. Tento tirar os cobertores; em vez disso, eles voam e caem sobre nós como fantasmas temperamentais. Morfeu xinga e luta para manter a nudez coberta. Tento abrir a cortina de água, mas faço força demais. Ela se transforma numa onda e molha meu rei e os outros presentes, ensopando-os e apagando as velas. As únicas luzes que restam são as dos corpos brilhantes das fadas e das flores luminosas.

A onda cruza o quarto e abala as estantes nas paredes. Mariposas e lagartas se reviram nos terrários. A torrente só cessa depois de tirar os chapéus de Morfeu dos cabides e espalhá-los pelo chão, onde eles flutuam ao lado do corpo do Rábido, que ronca, e vários brinquedos que nadam.

Morfeu uiva e tira um pé das poças, arrancando um anel-dentadura mordendo seu dedão. Ele joga a criatura no melado, que de alguma forma ainda ferve.

Os cabelos molhados do meu rei pendem sem vida, enquanto ele ri para mim na semiescuridão. Por algum milagre, minhas cobertas ainda estão secas. Só meu rosto e meus cabelos se molharam.

— Em qualquer outra época — murmura ele sorrateiramente, a preocupação superando a loucura e a beleza que frequentemente chegam até mim de seu olhar sob os cílios longos —, me sentiria tentado a aceitar seu desafio por domínio. Mas agora você precisa guardar suas forças. — Acendendo sua mágica azul, ele usa as mechas como pás de ventilador para secar a si mesmo e a mim. — Alguém pegue os brinquedos do bebê e salve o berço! — grita ele para nossos convivas.

Ágeis, as fadas correm pelo quarto, batendo umas nas outras na pressa de arrumar a bagunça que minha monção criou.

— Tragam mais nuvens! — Os gritos combinados delas tintilam como um punhado de moedas.

Chessie e Nikki aparecem com um rodo para limpar as poças. Algumas fadas ajudam com esponjas. Outras usam redes em miniatura para capturar os brinquedos e guardá-los na caixa. Os corpos reluzentes das fadas se refletem no chão molhado e formam rios de estrelas, pequenas e distantes. *Desorientadores*.

Gemo e fecho os olhos para lutar contra a náusea. Meus cabelos mágicos estapeiam meu rosto, me atordoando. Morfeu segura as mechas longas com os dedos e as amarra numa trança para contê-las. Seria mais fácil se ele usasse sua mágica para fazer isso. Mas ele sempre insiste em cuidar dos meus cabelos com as mãos. É uma “honra e prazer domar minhas treliças com seu toque”.

Uma gota residual desce por meus cabelos até minha têmpora e para no meu queixo — uma coccirinha benigna que contrasta com as correntes elétricas de fundo que percorrem meu torso.

— Frutinha. — Os nós dos dedos do meu rei percorrem as marcas dos meus

olhos e enxugam a água, deixando um fio diáfano tão delicado quanto uma teia de aranha. — Deixe a natureza seguir seu curso. Pare de lutar.

Meus olhos se abrem em fendas estreitas. As velas espontaneamente se acendem.

— *Natureza?* — Minha voz é aguda e horrível, a voz que reservo para súditos desobedientes. — Estou pronta... você está pronto. Todo o nosso reino está pronto. Mas não. Ele está ocupado demais voando aqui dentro. Ele é quem está lutando. Ele não quer sair! Nada disso é *natural*.

Tons de roxo e cinza brilham nas marcas oculares de Morfeu. Ele se ajoelha no chão úmido e esculpe as mãos ao redor da minha barriga inchada, sob os lençóis.

— Certo, Problema. — Seu apelido carinhoso para o bebê faz com que um braço ou perna irascível se agite lá dentro. — Pare de brincar. Recolha suas asas. É hora de conhecer seus súditos. Sua mãe está cansada.

Nosso filho reage à voz do pai com emoção. O bater de asas se intensifica, gerando mais contrações. Olho para Morfeu.

— Você tinha de ensiná-lo a usar as asas. Não podia ter esperado mais algumas semanas antes ele realmente precisar delas!

Morfeu baixa a cabeça, uma cortina azul escondendo seus traços. Com a mão trêmula, ajeito as mechas para trás, me arrependendo da minha rispidez. Ele está no oposto da mesma situação. Ele não tem ideia de como agir, do que fazer.

— Perdoe-me — sussurro.

Ele coloca a mão sobre a minha e me encara.

— Não precisa. Eu já teria decapitado todos neste quarto se estivesse sofrendo a mesma tortura que você.

Com toda a mágica que eu e meu rei temos, não podemos controlar o que está acontecendo ao meu corpo ou diminuir a tempestade de relâmpagos dentro de mim, recusando-se a sair. Mas a dor não diminui meu desejo maternal. Minha vontade de ver nosso príncipe... de segurar seu corpinho mágico, acariciar seus cabelinhos azuis, sentir seu cheiro. De amá-lo eternamente. Incondicionalmente.

É avassalador pensar na importância que ele terá, para além de mim e Morfeu. Ele vai melhorar nossa vida aqui, ensinando os seres intraterrenos a sonhar para que nunca mais precisem usar humanos a fim de obter esse recurso raro e essencial para a paz entre os espíritos inquietos no cemitério.

Inocência e imaginação, os componentes dos sonhos, estão ausentes da linhagem real há tanto tempo que ninguém nem se lembra de quando havia tais coisas. A Marfim uma vez me disse que é por isso que os habitantes do País das Maravilhas não têm infância. O reino interno é fundado no caos, na loucura e na mágica. A inocência e a imaginação caíram em desuso há muito tempo, substituídas pela manipulação e pelo desejo assassino nos parquinhos de seus

filhos.

Mas Morfeu viveu a inocência graças a mim, sempre que brincávamos juntos nos meus sonhos, e ele aprendeu a usar a imaginação por causa disso. Então nosso filho será a primeira criança a nascer de dois seres intraterrenos que compartilharam uma verdadeira *infância*. Ele terá a mágica sonhadora de Morfeu e minha imaginação. De alguma forma, vai passar adiante esse poder sem precedentes, de modo que as crianças místicas reaprenderão a sonhar. Viverão a infância, em todos os sentidos da palavra.

Não sei os detalhes, só sei a profecia e o fato de que Morfeu e eu devemos guiar nosso filho para ele dominar seus dons e usá-los em todo o País das Maravilhas. Sinto-me ao mesmo tempo honrada e nervosa de ter um papel em tão prestigiosa empreitada. Nosso príncipe não chegará tão cedo. Os sonhos que Jeb deixou para trás começarão a perder a intensidade agora que ele morreu vários anos atrás. Por isso é que juntei o espírito Vermelho com a musa dele, para ganhar tempo. A Irmã Um me garantiu que o substituto durará um pouco mais. Ainda assim, não tenho ideia de quantos anos nosso príncipe terá antes de ter todos os seus poderes.

Outra contração me fere e contenho um grito.

Nosso reino esteve em alerta máximo nos últimos meses, preparando-se para a criança-sonho. Mas Morfeu e eu esperamos ainda mais para conhecer nosso filho. Décadas. Então por que ele está tão determinado a me matar antes que eu possa beijar sua cabeça?

Estou exausta e assustada como a humana que já fui. Tinha me esquecido completamente do processo. Quando vivenciei partos, quando mortal, minha mãe estava lá para segurar minha mão, para me orientar. Sinto-me sozinha e frágil sem a sabedoria dela.

Um choro se prende à minha garganta quando o pensamento nela gera outro: que ela e o papai estão mortos para sempre, assim como Jeb. Que nada mais resta do marido humano que amei, exceto minhas memórias e nossos filhos e netos — uma família mortal num reino humano que jamais verei novamente.

Uma tristeza profunda queima dentro do meu peito. Quando vim aqui reinar como Rainha Vermelha permanentemente, escolhi não ter contato de nenhum tipo com eles — nem mesmo vê-los pelos espelhos —, apesar de não ter conseguido resistir e ter enviado lacaios para ver como estavam. No entanto, com exceção dos relatos de que estão todos bem, não pergunto mais detalhes por respeito ao meu rei. Desde que minha família terrena não corra nenhum risco de vida causado por meus laços com o País das Maravilhas, tenho de permanecer afastada. Intrometer-me e intervir com mágica sob outras circunstâncias só causaria problemas a todos.

Ainda assim, há dias em que tenho vontade de saber da vida de todos, dias em que sofro a morte dos que morreram antes da minha partida. Eu me tornei forte, mestre do meu sentimentalismo. Hoje à noite, porém, estou vulnerável, e as

lembranças agrídoces ameaçam me afogar.

Não posso revelar algo tão humano ao Rei Vermelho. Ele ficaria decepcionado com minha fraqueza, talvez até ferido por minha melancolia. Minha máscara está escorregando, e não o deixarei ver.

— Você deveria sair até tudo acabar — murmuro e gemo quando outra onda de contrações me contorce.

— De jeito nenhum! — briga Morfeu. — Jurei nunca deixá-la quando você estivesse sofrendo. Não que eu a deixaria em outra circunstância. Sua língua de serpente não seria capaz de me expulsar daqui.

— Ouça seu rei. — A voz carinhosa e sábia da Rainha Marfim surge à porta.

Morfeu fica tenso, como se dividido entre receber nossa querida amiga e cuidar de mim para eu não ficar à deriva nas ondas de dor. Apesar de termos enviado mensagens pelas fadas, não tivemos a chance de oferecer nossas condolências pessoalmente desde que a Marfim perdeu seu amor, Finley. Apesar de ela ter conseguido prolongar a vida dele mantendo-lhe a idade física com uma poção da juventude, a mortalidade finalmente o tirou dela há algumas semanas. Nenhum humano pode viver para sempre, como sei muito bem.

Em vez de ir até a Marfim na porta, Morfeu fica ao meu lado e eu o amo ainda mais por isso.

— Nenhum de vocês pode passar por isso sozinho — continua a Marfim. — Vocês terão de trabalhar juntos para trazer essa criança ao mundo, assim como foi necessário haver vocês dois para gerá-lo.

— Estou completamente perdido — choraminga Morfeu, e sei, pela aspereza em sua voz, que é fisicamente dolorido para ele admitir que não consegue manipular uma forma de contornar a situação.

A Marfim se ajoelha ao lado dele num farfalhar de saias e asas que combina com sua pele brilhosa — a neve lavanda sob a lua de inverno.

— Este é o primeiro nascimento entre um puro-sangue e um híbrido na história do País das Maravilhas — declara ela. — Claro que vocês estão confusos. Todos estamos. O melhor que você pode fazer é consolá-la. Dar-lhe *força*. Mostrar sua fé na tenacidade dela. Mas lembre-se: o parto em si cabe aos dois.

A Marfim acaricia a própria barriga. Ela tem interesse pessoal no acontecimento, considerando que seguirá meus passos e dará à luz o filho de Finley em alguns meses. Por alguma surpresa mágica, é o último presente que ele lhe dará. Só queria que ele tivesse vivido o bastante para ver o bebê nascer. Mas Morfeu e eu planejamos estar presentes para ajudá-la em todo o caminho. A Marfim não estará sozinha.

Gossamer aparece e se apoia no ombro de Morfeu possessivamente.

— Não entendo. Qual é o meu papel nisso? — murmura Morfeu para Marfim.

— Dar apoio a ela — responde Marfim. — Emocional e mentalmente. Lembre-a de que ela não está sozinha nisso.

Gemo com outra dor de parto.

Morfeu franze a testa, solidário.

— Mas ela está sozinha no sofrimento. Não entendo por que está demorando tanto. Ela fez isso antes como mortal. — Seu dedo faz círculos na palma da minha mão com a cicatriz. — Ela não deveria contar com a experiência? É tão diferente assim com nosso bebê?

A Marfim molha minha testa com um pano úmido e macio.

— Claro que é diferente. Há asas envolvidas. Mas isso é irrelevante. Não se esqueça, isso *tudo* é novidade para ela. A mente dela se lembra da vida humana, mas fisicamente nunca vivenciou nada disso. Ser amante e mãe se tornou um terreno desconhecido assim que ela voltou aos seus dezesesseis anos.

Gossamer estala a língua.

— Boa coisa para você, Mestre. Senão, por que alguém iria querer esperar sessenta e poucos anos para tal *privilegio*? — A voz fina dela tem um quê de ciúme.

Sorte dela que as incansáveis contrações me mantêm cativa. Se eu não estivesse tão concentrada em não gritar como a morte, eu a jogaria no chão usando o rodo de Chessie como bastão de hóquei.

Morfeu lança um sorriso ameaçador para a fada atiradinha.

— Nunca mais fale da nossa rainha ou da vida pregressa dela com tamanho desrespeito. — A voz dele corta o silêncio, ao mesmo tempo majestosa e brutal, me arrepiando toda. — Saiba seu lugar. *Ou se arrisque a perdê-lo.*

A fada desvia o olhar de libélula, corando-se de um tom verde-escuro — mais um toque de temor reverente que de vergonha. Ela bate as asas peludas e se afasta do ombro dele. Fazendo uma mesura para mim, ela sai voando.

A Marfim se levanta e aperta nossas mãos unidas.

— Você pode ajudar sua rainha estendendo a mão para seu filho junto dela, unidos. Seu príncipe precisa perceber o que está perdendo ao se esconder. Faça-o entender... ajude-o a ver a mágica e a beleza que o aguardam. Quando ele fizer isso, vai querer nascer. E então tudo isso ficará para trás. Sua nova vida como uma família real terá início. — Sorrindo gentilmente, ela voa até o berço para ajudar algumas fadas a arrumar as nuvens de algodão-doce dentro dele.

Morfeu se levanta para se sentar no colchão novamente. Suas marcas nos olhos mudam de um azul noturno para um lilás ardente. Ele ergue minha mão e murmura em minha mente para só eu ouvir:

— *Você vai me dar um presente hoje à noite, amor. Um presente que vale mais do que o resgate de um rei e todo o ouro branco do País das Maravilhas. Eu lhe*

deverei para sempre. Mas não conte a ninguém minha fraqueza.

Sua concessão doce esmaga minhas barreiras, expondo o elo inquebrável entre nós dois.

Ele se abaixa para me beijar. Os lábios, sedosos e com sabor de narguilé, apertam minha boca séria, seca e rachada. Meus dedos se enrolam nos cabelos dele, puxando-o para perto, implorando para que ele aprofunde nossa conexão. Para me tirar daqui como só os beijos dele são capazes.

Sua língua chama a minha para a dança e me perco na doçura salgada dos nossos dias passados, esquecendo a agonia e o medo do nosso presente. Estamos de volta, depois dos nossos votos maritais eternos e da maluca celebração com nossos súditos, quando fugimos para ficar sozinhos e valsar ao sol do País das Maravilhas; quando nossas roupas viraram cinzas e fui até ele — nua e exposta, corpo e alma, sem reservas; quando ele conteve nosso amor porque eu era inocente de novo e nos pôs em nuvens para que eu voasse de volta ao nosso quarto no castelo Vermelho, a fim de que ele pudesse me amar a noite toda com paciência e carinho. Apesar de ter esperado muito por aquele momento. Apesar de seu caráter feral.

Voltando ao presente, interrompo o beijo e vejo as joias ao redor de seus olhos brilhando em tons de calma. Está claro por que ele queria que eu me lembrasse daquela noite. Era para me fazer lembrar que ele entende a humana dentro de mim, que a adora tanto quanto meu lado intraterreno. Não preciso admitir o medo que vivo ou a falta que às vezes sinto dos mortais que sempre amarei. Ele já sabe. Assim como sei que ele nunca mais será meu laço, porque o respeito, o adoro e preciso dele tanto quanto ele de mim. Ele é meu parceiro em todos os sentidos.

— Seu segredo estará para sempre guardado, *fada solitária* — sussurro, puxando seu rosto para perto, entregando-se, enfim.

Sua boca se entreabre num sorriso e se arrasta por meu lábio, depois desliza por meu rosto até minha têmpora. Seus dedos contornam meu queixo e descem por meu pescoço, depois mais para baixo.

Seu carinho é tão determinado que quase ignoro as asas que batem no meu rosto e testa. Meus olhos se abrem para encontrar cinco fadas pairando ao nosso redor, assim como a cabeça decapitada e o sorriso de Chessie — todas maravilhadas com nosso espetáculo apaixonado.

— Saiam daqui! — grita Morfeu, levantando a cabeça. — Vocês não têm nada melhor para fazer?

Chessie aponta o focinho para o local onde seu corpo continua a secar o chão com a ajuda de Gossamer e Nikki — como se isso desculpasse sua bisbilhotice.

— Afastem-se ou vocês todas perderão as cabeças — avisa Morfeu entredentes. — *Permanentemente*. — É uma promessa, não uma ameaça.

A cabeça de Chessie e as fadinhas travessas correm para fugir, batendo umas

nas outras no meio do ar, numa corrida atrapalhada para longe do colchão. A bagunça faz o bebê bater asas de novo, dando início a outra onda de pulsações de alta voltagem em minha barriga. Encolho-me, puxando Morfeu comigo enquanto contenho um grito.

— Ele vai ficar aqui dentro para sempre — grito, ofegante.

Meu rei acaricia minhas costas. Apesar de estar tentando ajudar, isso só me irrita, um gesto pequeno demais para uma dor tão intensa.

— Como vamos convencê-lo a se juntar a nós — faço força para falar em meio às cordas vocais contraídas —, se ele não pretende abandonar nunca tudo o que sabe?

Morfeu baixa a cabeça para me encarar.

— Da mesma forma como a convenci. Nós o seduzimos com uma jornada por cenários belos e horríveis, por meio de nossas memórias.

— Mas temos tantas memórias... Não posso esperar tanto. — Digo sofregamente a resposta, as contrações incansáveis aumentando meu pessimismo.

— Então escolha três. Três das suas mais adoráveis memórias. Deixe-o ver o País das Maravilhas por meio de seus olhos... os momentos e lugares mais importantes para você. Só precisamos de um vislumbre. Temos minha mágica-sonho e sua imaginação para montar o palco.

Estudo o rosto do meu marido, grata por sua mente brilhante e maniaca e grata por este ser místico, outrora egoísta, ser tão paciente e solidário com uma menina semi-humana. Por ele distribuir essas qualidades em porções pequenas a nossos súditos... quando está se sentindo generoso.

Tocando as joias nos olhos dele, sussurro:

— Eu o amo, Morfeu. Obrigada por me mostrar tudo o que posso ser.

Suas sobrancelhas se arqueiam numa expressão de carinho — o mesmo olhar que eu surpreendia na infância, quando o pegava desprevenido. Ele se detém por um instante, como se tentasse se recompor, depois responde:

— Eu a amo. Mas este é só o começo. Ainda veremos tudo o que pode acontecer. — Ele aperta meu nariz. — Agora, vamos conhecer nosso filho?

Faço que sim.

Meu rei segura minha mão e a leva à minha barriga. Ele entrelaça seus dedos aos meus. Um calor se irradia no espaço entre nós e sua mágica-sonho pulsa em meu corpo e me distrai da dor.

A voz dele soa em minha mente:

— *Príncipezinho que gosta tanto de se esconder, cruze a amplidão de seu reino. Siga-nos por nossos voos mentais e compartilhe os perigos e alegrias.*

Apesar de ser para o bebê, a bela canção de ninar que Morfeu entoa me atrai numa espiral estonteante de música, algo tão irresistível que me transformo nas notas elas mesmas. Ele se abaixa e me beija, em uma faísca de súplica encantada. Eu me rendo e me afasto do presente, reaparecendo no nosso passado confuso e desvairado...



Meditação

PRIMEIRA MEMÓRIA: NA QUAL ENCAREI O PAÍS DAS MARAVILHAS

A mamãe e o papai acham que estou dormindo, mas estão enganados. Estou sonhando no País das Maravilhas, trazida aqui por meu companheiro, o menino de cabelos azuis chamado Morfeu. Há alguns minutos, ele levantou o véu para que as criaturas do País das Maravilhas pudessem me ver como eu as vejo. Nos cinco anos em que visitei o lugar, só as vi por trás de um véu de sono, como se observasse peixes dentro de um tanque. Esta é a primeira vez que as encontro, e isso faz meu coração bater forte e meu rosto queimar.

Mas a culpa é minha. Eu fiz isso acontecer.

Mais cedo, estávamos na biblioteca histórica do País das Maravilhas. A Guardiã dos Segredos — rosa como o crepúsculo, com um pescoço comprido de flamingo — ajudou Morfeu a encontrar uns livros cheios de histórias dos seres intraterrenos. Depois de ela dar um tapinha em sua cabeça de oito anos e sair, Morfeu ergueu o véu que me mantinha invisível ao País das Maravilhas e me chamou à mesa. Ele abriu as páginas de um livro, expondo milhares de palavras escritas em vermelho. Não sei ler... mas não importa. As frases e letras saem das páginas, dançando em minha cabeça, virando uma voz real — aguda como um violino desafinado. Por uma hora, o livro me ensina tudo sobre os cidadãos do País das Maravilhas: seus hábitos, as comidas de que gostam, fraquezas e qualidades.

— Mas onde estão as figuras? — pergunto depois da quinta lição, bocejando.
— Quero figuras... como as que você desenhou no livro da Alice. Essa falação toda é CHATA.

Ofendido, o livro se fecha. Uma substância vermelha verte das folhas de pergaminho como se a tinta tivesse derretido. Ela recobre as beiradas, selando o livro. O círculo de cera então vira um rosto furioso e sério.

Ele se recusou a se abrir, por mais que Morfeu tentasse convencê-lo.

— Veja só o que você fez — O jovem Morfeu faz uma cara feia. — Ele não vai mais abrir. A única coisa que pode convencer este livro é uma camada de saliva de vitória-régia denteada. Então acho que hoje você vai ter de fazer outra coisa que não interagir com livros e imagens. Você terá de confrontar uma criatura intraterrena viva de perto.

Apesar de relutante e assustada, deixo Morfeu me tirar da biblioteca e me levar às cavernas mais escuras do País das Maravilhas. As árvores azuis de néon, os arbustos alaranjados, os espinhos amarelos e os musgos cor-de-rosa ao longe parecem vivos ali do meu lugar sombrio na folha de samambaia que pende sobre uma planta faminta. As espécies que salivam crescem em lugares assim úmidos e escuros, fluando na superfície de lagos como vitórias-régias denteadas.

Tremo e seguro a barra do meu pijama molhado. Eu o ganhei no meu quinto aniversário, há dois dias. Ele tem estampa de meninas superpoderosas nas cores rosa e roxa e, portanto, deveria me dar força. Mas não me sinto forte.

Sou pequena como um grilo, me perguntando por que bebi a poção de encolhimento. Talvez porque tinha gosto de biscoito. Mas mais porque meu amigo bebeu antes e não posso deixá-lo ser mais corajoso do que eu. No meu mundo, ele é uma mariposa e sou maior e mais forte. Mas aqui ele sempre me vence em tudo.

Olho novamente para a planta babona lá embaixo. Está mais para uma planta carnívora dos álbuns de fotografia da mamãe do que para uma vitória-régia. Mas plantas carnívoras não têm dentes forrados de vermes famintos cobertos por gotículas brilhantes de cuspe. A luz atrai criaturinhas do País das Maravilhas para suas bocas e então as mandíbulas se fecham para capturá-las.

Há alguns minutos, Luna — uma fada mal-humorada que se juntou à nossa viagem sem ser convidada — estava me provocando por minha falta de escamas reluzentes, enquanto apontava as escamas prateadas que a cobriam feito um maiô. Morfeu disse para ela cair fora, mas ela o ignorou e foi atrás de nós enquanto brincávamos de “siga o mestre” na nossa caça por saliva. Ela era burra e acabou atraída pelos “vermes brilhantes” da boca da planta.

Agora a ouço choramingar, apesar de a planta faminta ter fechado as mandíbulas com força e se encolhido na água. Ela pode ser uma fada travessa, mas ainda assim temos de salvá-la. Porque estamos aqui por minha culpa.

Tentando não chorar, olho para as tartarugas boiando no lago fedido. Tento saltar sobre elas para alcançar a planta, mas caio. Morfeu tem de me tirar do lago, toda ensopada. Ele se vangloria desde então.

— Só pule de uma a outra até cruzarmos o lago. — Ele interrompe meus

pensamentos me mostrando o jeito certo... pela centésima vez. Ele segue adiante sem cair, como se fosse a coisa mais fácil que já tinha feito. Ele não molha nem mesmo as calças de veludo. Só uma vez eu queria ser melhor do que ele em alguma coisa no País das Maravilhas. Queria poder ganhar.

— Você tem asas para ajudar — resmungo e torço o nariz. — Por que você não me carrega?

— Você terá asas um dia. Até lá, precisa aprender outras formas. Às vezes você vai querer explorar a natureza sozinha. Não posso estar sempre presente para voar com você.

— *Você* deveria salvar Luna — murmuro. — Você é mais rápido.

— Antes de mais nada, *você* ainda é a mestre. Depois, não estaríamos aqui se você não tivesse ofendido o livro. Em terceiro lugar, tenho um pacto com as plantas babonas. Elas deixam minhas mariposas em paz, desde que eu as deixe comer qualquer coisa que considerem saborosa. Agora veja e aprenda. — Ele pula sobre as tartarugas novamente. — É como pular sobre rochas num riacho. Simples assim.

Olho para o pijama que recobre meus pés.

— Elas vão morder meus dedos novamente.

— Elas não querem mordê-la. Elas só a atacam se você as atacar. Você precisa pisar no lado certo. Tente.

Escondendo ainda mais o rosto no tecido molhado cobrindo meus joelhos.

A folha sobre a qual estou se dobra um pouco quando Morfeu se senta ao meu lado. Espio com um dos olhos para dar com ele me estudando como geralmente faz, sua expressão séria e cheia de surpresa. Sua asa esquerda descansa às minhas costas, macia e farfalhante, aquecendo meus ossos gelados.

— Você quase conseguiu — diz ele, carinhoso agora. — Você só perdeu o apoio... perdeu a fé. Você tem que ter fé em si mesma se pretende ajudar alguém. Só assim você será uma boa mestre.

— As tartarugas continuam se movendo. Não confio nelas. Elas não são justas.

— Você tem razão em não confiar. E pouca coisa na vida é justa.

— Jogos deveriam ser — argumento. — Eles deveriam ter regras.

Morfeu bufa.

— Não no País das Maravilhas. E, por sinal, aquilo não são tartarugas. Elas estão brincando de ser tartarugas... tartarugas de mentira, pode-se dizer. Elas evoluem do que restou da comida não digerida pela planta babona. Na maior parte, pedaços de corpos e coisas assim.

Tremo ao pensar que Luna pode se transformar numa coisa morta boiando, se não a resgataremos.

— Elas são nojentas. Nojentas e podres. — Fungo, e a ação leva ao meu nariz a água suja da minha calça molhada. Engulo, tossindo. — Não quero mais ser mestre. É difícil.

— Ah, deixe disso. Há muita coisa boa em ser mestre. Primeiro brincar com o taco de críquete no jantar... uma linda coroa de joias... ah, e a única pessoa no País das Maravilhas capaz de domar um monstro com uma senha secreta. Tente.

Faço que não com a cabeça. O sabor da água do lago misturada ao amaciante ficou na minha garganta. Tremo e penso na mamãe e na minha cama quentinha.

— Quero voltar para casa agora.

— Então você deixará Luna ser devorada?

Lágrimas queimam meus olhos.

— Não quero. Mas e se já for tarde demais?

A vozinha de Luna implora de dentro da planta babona, como se respondesse.

Morfeu e eu nos olhamos e me levanto, apesar de estar com medo demais para me mover.

— E se eu emprestar um pouco de mágica para ajudá-la? — pergunta ele. — Daí você tentaria de novo?

Como sempre, a oferta de mágica é interessante demais para ser ignorada. Faço que sim com a cabeça e limpo o ranho do nariz.

Com um sorrisinho torto, Morfeu me oferece um lenço.

Depois de limpar rosto e mãos, ele me puxa até a beirada da folha.

— Na maioria das vezes, os mortos estão tão *perto* da morte que acabam sendo muito amargos. E, para ver o lado bom da morte, é necessário saborear a vida.

— Ähn?

— Eu vou lhe mostrar. — Segurando-me pelos braços, ele voa comigo até a rocha que foi o ponto de partida.

Pouso na beirada escorregadia, estudando as tartarugas de mentira no líquido estagnado. Agora que sei o que são, tenho menos vontade ainda de tocá-las.

Morfeu fica ao meu lado e acende uma bolinha na minha mão, azul e elétrica. Ela ferve e solta fumaça. Ele joga a bola e incendeia o lago. Em segundos, gemidos irrompem das chamas azuis agora se espalhando pelo casco das tartarugas.

— Por que você fez isso? — pergunto, recuando do calor queimando meu rosto.

— Fogo é *vida* — respondeu Morfeu, baixinho, sua pele de porcelana iluminada pelo incêndio. As joias de seus olhos brilham num tom alaranjado.

As tartarugas de mentira chamam e borbulham, o que se transforma numa balbúrdia. É difícil ouvir o que elas dizem, apesar de Morfeu parecer saber. Ele responde para elas:

— Virem a página... mostrem-nos seu lado bom.

As bolhas giram na água e saem das chamas de costas. Só as barrigas aparecem — molhadas demais para pegar fogo.

— Agora, Alyssa! — grita Morfeu, me fazendo agir.

Gritando, salto de um ponto flutuante a outro, me desviando das chamas ainda na água e chegando à boca da planta babona sem ser mordida pelas tartarugas. Ao chegar, paro, sem saber direito como abrir as mandíbulas da planta.

Estou prestes a abri-las quando a boca se escancara numa risada histérica — urrando tão alto que o som cria ondas na água e me desequilibra. Escorrego, quase caindo dentro da boca da planta babona. Luna, lançada para fora da garganta da planta numa gargalhada, me segura e me ergue no ar antes de eu cair.

Morfeu se junta a nós no ar.

— Belo show, Luna! — Ele abre um sorriso tranquilo que parece sugar a luz de dentro de mim. Por que ele nunca me sorri assim?

Luna fica vermelha e quase cai, mas se recupera. Noto que ela está coberta de saliva brilhante.

— Você deveria ter visto seus olhos — diz ela para mim ao nos deixar em segurança na samambaia. — Estavam quase do mesmo tamanho que os meus!

— Espere... — Observo Morfeu ajudá-la a tirar a baba espessa da pele verde e guardá-la num pote. — Isso foi um jogo? Pegar a saliva?

— Tem um segredo pra lidar com a planta babona — responde Morfeu. — Se você tivesse sido paciente em sua aula hoje, teria aprendido na oitava lição. A garganta dela é lisa. Luna só precisou bancar a vítima o suficiente para cair no esôfago dela. Depois, a planta a tossiu para fora num irrepreensível ataque de cócegas.

Luna exhibe uma pena, rindo.

— Quando você aprende as fraquezas das criaturas neste mundo — continua Morfeu, pegando o pote com o líquido viscoso —, pode vencer todas, encarar qualquer desafio e sempre encontrar uma saída. Por isso é importante que você preste atenção aos livros. Então... já está pronta para voltar aos estudos entediados ou gostaria de dar uma chance para a pena e aprender as coisas do jeito mais difícil?

Sem outra palavra, deixo que Morfeu nos leve de volta à biblioteca, olhando as paisagens que passam lá embaixo. O País das Maravilhas é divertido, mas perigoso. Por algum motivo, em vez de me assustar, isso me deixa com vontade

de saber mais.

Mais sobre o mundo e as criaturas. Mais sobre suas paisagens e ciência. E, mais do que tudo, mais sobre meu estranho amigo. Porque, um dia, vou vencê-lo em seu próprio jogo. E então ele vai sorrir para mim, assim como sorriu para Luna hoje.



SEGUNDA MEMÓRIA: NA QUAL QUEBREI O PAÍS DAS MARAVILHAS

Morfeu e eu nos sentamos dentro de sua carruagem voadora, em poltronas de veludo vermelho. Redemoinhos fluorescentes se movem pelas paredes, criando um efeito estonteante. Eles sobem e pairam no teto, detendo-se somente nas cortinas roxas ao lado da janela.

Sentada de frente para ele, seguro com minhas luvas de renda a rosa que ele me deu quando me pegou no baile da Marfim. O perfume da flor se entrelaça ao narguilé, gerando um calor sensual em meus pulmões. Ainda restam oito horas da minha promessa de passar a noite com ele, e estamos voltando para a casa dele agora.

— Todo o seu reino será colocado a seus pés hoje à noite — disse-me ele há algumas horas, antes de embarcarmos nesta jornada. Já vimos tanta coisa do País das Maravilhas que minha mente gira em tons resplandecentes de ultravioleta e paisagens bizarras.

Ele coloca o chapéu e as luvas ao meu lado. Sinto-o me observando enquanto fuma, mas finjo não notar. Em vez disso, me concentro nas paisagens do País das Maravilhas pela janela. As cores de néon se passam em borrões, iluminadas pelo tom azulado das mariposas que nos impulsionam.

Durante meus dezessete anos de vida, vi o reino Vermelho várias vezes — em sonhos e na realidade —, a ponto de conhecê-lo de cor. Mas a viagem de hoje é diferente, mais preciosa.

Tudo no País das Maravilhas nasceu hoje, pintado pela mão de Jeb. Até meu corpo é novo, mantido intacto pela mágica combinada de Jeb e Morfeu.

Sentada com Morfeu tão próximo, meu coração brilha e se atrai ao dele, quase magnetizado. É uma sensação de perder o fôlego — como se explosões cósmicas de energia pulsassem dentro do músculo.

Tenho que me perguntar se Morfeu sente a reação. Se ele sabe que, por causa das suturas mágicas que ele e Jeb fizeram, estou presa aos dois num nível muito profundo. Se ele sabe que eles alimentam meu ar.

Suspeito que sim e só posso esperar que ele não use isso como margem de manobra, porque reconheço da infância seu estado meditativo. Ele tem um plano

se formando na mente... sinto as engrenagens rodando.

Na nossa última parada, visitamos o jardim de flores do lado de fora da porta da toca do coelho. Com a orientação paciente de Morfeu, ordenei que os espectros do solo consertassem o estrago. Os gritos me estraçalharam. Os ciclones negros correm em meu sangue antes de rasgar minhas roupas. Eles são obstinados, mas obedientes, sentindo minha herança real. Eles colocam tudo de volta, deixando a entrada do País das Maravilhas como era no começo, com a estátua do menino com o relógio de sol e tudo o mais. E agora os portais para o reino humano estão consertados também. Tudo voltou a ser como deveria.

Ainda estou semilouca depois da experiência. Não se pode dançar com os pesadelos sem ser afetada. Minha pele se arrepia — como se carregada de eletricidade.

— Como você está se sentindo, meu amor? — pergunta Morfeu. Viro-me para encarar-lo e o pego estudando a luz roxa por trás do meu esterno. Meu coração brilha tanto que, apesar de abafado pelos botões de rosa brancos e vermelhos costurados no meu vestido, ainda é visível. Seus olhos encontram os meus. — Dar ordens aos espíritos deixa um barulho ecoando no sangue. Por isso é que você está tão quieta?

Faço que sim. Meus dedos tocam as pétalas sedosas da rosa num ritmo nervoso. Melhor do que deixá-lo pensar que me desvendou. Não posso lhe dizer o que realmente me assusta: o medo de que ele não vá me deixar viver os dias que me restam no reino humano com Jeb sem uma briga.

Ele não pode estar feliz com isso. Só teremos meus sonhos depois disso. Nos próximos muitos anos, esta será nossa primeira e última noite juntos no plano da realidade. E isso se ele decidir esperar por mim. Senão, vou passar todo o meu futuro eterno tentando reconquistá-lo.

Engulo o nó de emoção na minha garganta, tentando pensar em alguma outra coisa. Qualquer coisa. Minha necessidade de distração é atendida quando noto que não estamos voltando para a mansão dele como ele disse que estávamos.

— Para onde você está me levando? — pergunto. — Pensei que o passeio tinha acabado.

Dois candelabros ao estilo de um furacão são colocados ao lado da janela, cheios de vaga-lumes ultravioleta. O terno branco de Morfeu e sua pele de porcelana parecem quase azuis diante da luz que eles irradiam.

— Você fica insistindo que deseja experimentar todas as coisas que Alice não experimentou no reino humano. — Várias baforadas de fumaça fluem em minha direção, algumas na forma de coração, outras na de correntes. — Mas é importante também que você experimente o que ela viveu *enquanto* estava aqui.

É uma resposta velada, tão nublada quanto o ar esfumaçado entre nós. Estreito os olhos e sinto algo se revirar no estômago que não tem nada a ver com a aranha açucarada e o vinho de dente-de-leão que consumi antes.

— Você parece pálida, florzinha. — Morfeu abana um pouco a fumaça e se abaixa para a cesta de piquenique aos meus pés. Depois de mexer ali, ele guarda um doce dentro do bolso do paletó. Então, pegando uma garrafa térmica, enche xícaras de chá para nós dois. — Vamos tomar um pouco de chá para purificar o nosso sangue do resíduo dos espectros. Demorará um pouco ainda para alcançarmos nosso destino.

O vapor exala um perfume familiar e reconfortante, mas aprendi a ter cautela com aquilo que como e bebo no País das Maravilhas.

— O que tem nisso?

Ele ri, um quê de orgulho nos olhos.

— Muito sábio de sua parte perguntar. Isso é chá de cogumelo. Para dar mesmo ênfase à aflição de Alice, você deve ser do tamanho dela.

Estudo o bolso onde ele guardou o doce.

— Então... vamos encolher?

— Você sabe de um jeito melhor de viver o mesmo que ela? — Ele bate a xícara na minha e a leva à boca.

Bebo vários goles antes de notar que ele tirou a xícara da boca sem beber. Ele me observa, interessado.

Fui enganada.

— *Morfeu — alerta-o.*

Ele ri.

Estou com raiva, mas não impotente. Apesar de meus músculos se contraírem e meus ossos estalarem. Apesar de toda a minha pele pegar fogo e eu ficar menor, enquanto Morfeu e a carruagem crescem ao meu redor. Posso ser do tamanho de uma fada, mas, depois de tudo pelo que passei no ano, meu lado intraterreno é tão forte quanto meu lado humano.

Minhas asas se abrem por instinto. Corro para o doce no bolso dele, a fim de voltar ao tamanho normal e derrotá-lo, mas Morfeu ergue a mão e me pega com um lenço. Estou cega e antes não tinha prestado atenção ao que me cercava. Não me lembro do que pode ser usado como arma.

Trapaceiro.

— Lembra quando você me prendeu num pote no reino humano? — sussurra Morfeu, como se ouvisse minha acusação silenciosa.

A raiva queima meu pescoço, rosto, orelhas.

— Desculpe, amor. — O hálito do meu carcereiro aquece o tecido envolvendo meu corpo, incendiando meus nervos já fervilhantes. — Não posso deixar que você expresse toda esta bela ira... não ainda.

Exijo ser solta, lutando para escapar do tecido com cheiro de anis, mas claro

que ele não me ouve. Não mais do que eu o ouvi ao prendê-lo.

— O mundo dá voltas. Não é o que dizem no seu *precioso* reino humano? — provoca ele.

Rangendo os dentes, me resigno a esperar por uma oportunidade de fugir. Meus arredores se tornam confortáveis. Aquela força magnética mágica se comunica com meu coração e a reação dele gera pulsações em meu corpo como uma tarola gigantesca, confirmando que ele me colocou dentro do bolso do paletó.

Pouco depois, sinto seu corpo se mexer quando ele desembarca da carruagem. A sola de suas botas raspa na pedra áspera.

Ele me tira do bolso, ainda enrolada como uma múmia. Depois que o lenço se abre, sou simplesmente colocada em algo feito de madeira, gelado. Um cheiro úmido estagnado me cerca. Tento me levantar, piscando os olhos na luz azul-clara perto da lanterna de vaga-lumes que Morfeu trouxe da carruagem. Dobradiças rangem, mas não sou rápida o bastante e a porta da jaula se fecha antes de eu poder bater asas.

Voo dentro da prisão apertada, xingando Morfeu e sua mente manipuladora. O som de relógios em funcionamento acompanha a risada dele, a cacofonia alta o bastante para abalar meus ossinhos. Tambo os ouvidos.

O rosto enorme de Morfeu chega bem perto da gaiola elevada, as gemas sob seus olhos cheias de um afeto rosa.

— Bem-vinda aos maiores abismos do País das Maravilhas, minha flor. Se você cooperar, talvez possa ver a natureza antes de algumas décadas.

Eu rosno.

Antes ele mencionara que tinha mandado Jebediah pintar cenários do passado que agora fazem parte da história que compartilhamos: a caverna onde Alice ficou presa, a gaiola e tudo o mais... e o casulo de onde ele nasceu.

Reconheço o esconderijo do dodô pelas folhas de calendário mal rascunhadas nas paredes de pedra. A Rainha Vermelha, depois de prendê-lo aqui como guardião de Alice, o alertou de que, se ele tentasse escapar, seus dias estariam contados. Como resultado, o dodô registrou os dias no papel, para ter um vasto suprimento. Relógios em funcionamento pendem de pingadouras nos tetos, num esforço para aproveitar todos os minutos de todas as horas.

Que é exatamente o que Morfeu está planejando para mim. Segurar-me aqui para sempre contra minha vontade, a não ser que ceda às suas demandas. Ele vai me convencer a fazer outra jura de vida e mágica. Algo para me forçar a abandonar Jeb — de modo que vou envelhecer sozinha no reino mortal, sem ele.

Se alguém é capaz de expressar as coisas com perfeição, este alguém é Morfeu.

Resmungando, dou um soco nas barras, atingindo o nariz dele.

— Babaca!

Ele ri e recua, batendo no nariz com um dedo como se eu não fosse nada além de um mosquitinho.

— Tsc. Majestade safadinha. Não há como me vencer. Sou eu quem dá as cartas agora, sim? Seja boazinha. Você não vai querer ter o mesmo destino da pequena Alice.

Minha garganta se aperta e a imagino quando criança no fundo escuro da jaula. Umas sementes de maçã estão ali abandonadas, do tamanho de otomanas. Uma cama feita de uma caixa de palitos de fósforo e pedacinhos de pano estão no meio. Como Alice sobreviveu nestas condições por tantas décadas? Como conseguiu envelhecer neste lugar escuro? Não é de admirar que ela tenha ficado louca.

A claustrofobia me atinge, mas eu a espanto.

— Você não pode me manter aqui.

Morfeu tira o paletó, coloca-a sobre a cadeira de madeira e toca a jaula, que balança devagar.

— Posso e vou.

É difícil demais ficar equilibrada com meus arredores balançando, então caio na caminha. Meu coração brilha mais, um lembrete de minha moeda de troca.

— Tenho de dividir meu tempo entre o reino humano e aqui. Viver vidas realizadas nos dois lugares. Para meu coração ser curado. A Marfim disse...

— Sei muito bem das suas limitações físicas, frutinha — intervém Morfeu. — E jamais correria o risco de lhe fazer mal. — Ele pega um pedaço sujo de cetim de uma mesa perto e o chacoalha. — Acredito que você já provou isso dez vezes. Vou devolvê-la a seu outro mundo todos os dias. Vai ser fácil passar pelos guardas. Eles estão acostumados aos meus passeios para dentro e para fora do reino mortal. Geralmente levo mariposas de estimação comigo, em terrários forrados. Elas preferem ficar escondidas, entende? Senão, ficam nervosas viajando. — Grito quando ele joga o pano sobre a gaiola e a prende na base, me fechando e cortando minha visão de tudo.

— Vamos viver em algum lugar secreto — murmura ele. A silhueta de sua mão passa pelas barras do outro lado do tecido. — Em algum lugar que aceite a mágica. E garanto mantê-la realizada de todas as formas que importam.

A insinuação sensual por trás da promessa dele aquece minha pele de vergonha. Então é por isso que ele me esperou arrumar os portais para me trazer aqui. Ele está sempre um passo à frente. Mas não desta vez.

Usei meus poderes enquanto estava cega... há pouco mais de um mês, num ginásio escuro da escola, e de novo ontem, quando estava mascarada e fui atacada por mil prisioneiros assassinos em Qualquer Outro Lugar. É possível, se eu me concentrar.

Controlo minha pulsação, tentando me lembrar de como eram as coisas no teto e nas paredes da caverna antes de ele me cobrir.

— Você está enganado. — Tento argumentar com ele, ganhar tempo para sentir a situação. — O que é necessário para saciar meu coração humano é mais profundo do que minhas necessidades físicas. Reuniões de pais e mestres. Torcer para crianças com o nariz escorrendo em jogos de futebol. Ajudar meus filhos a fazer a lição de casa depois da escola, ir às peças e formaturas deles. Cuidar dos meus pais quando eles envelhecerem, assim como eles cuidaram de mim quando eu era nova. Sou a única filha que eles têm. A única a agir quando eles ficam fracos. Então tenho de dar boas-vindas a meus netos, ter manchas de velhice na pele... e rugas. É dessas coisas que são feitas as mais queridas memórias humanas.

Morfeu bufa, como se aquilo fosse ridículo.

— Você é da realeza intraterrena. Em pouco tempo, eu poderia fazê-la esquecer essas aspirações estúpidas e entediantes.

— Certo, me mantendo prisioneira. — Ranjo os dentes. — Não há tal lugar, você sabe. — Mudo de tática. — Não há outro santuário onde seres intraterrenos possam se esconder no reino humano... a não ser a Estalagem do Humphrey. E meus pais e Jeb irão lá à procura de mim. Eles nunca desistirão.

Morfeu ri, o que faz com que a cobertura da jaula se desprenda.

— Você realmente acha que a Estalagem do Humphrey é o único caminho que leva os seres intraterrenos ao reino mortal? Há esconderijos que só os solitários do nosso tipo conhecem. Lugares furtivos e escuros. Lá, podemos desaparecer ao longo do dia sem sermos encontrados. Então voltamos para cá e passamos a noite. — Seu contorno sombreado se aproxima da jaula, os braços envolvendo-a num abraço malicioso. — E, se você se comportar, vou ficar do seu tamanho e poderemos pôr fogo naquela caixinha de fósforos. *Sem fósforo nenhum.* — A voz dele abraça meus ouvidos como veludo negro, íntima e carnal. Ela abafa o tique-taque dos relógios que mais parecem bombas a explodir.

Em vez de deixar que as táticas de sedução dele me desarmem como antes, uso-as em proveito próprio. Deixo que a cadência maliciosa e sugestiva das palavras me relaxe. E é tudo de que preciso para domar minha mágica.

Mentalmente, imagino os relógios e os ponteiros de metal — tique-taque — da esquerda para a direita, da esquerda para a direita. Imagino os ponteiros se dobrando ao fundo do relógio — e os tique-taques param.

Morfeu arfa de surpresa, o hálito marcando o pano que cobre a gaiola. Antes que ele possa entender meu plano, imagino as folhas do calendário se descolando das paredes, se rasgando e se transformando em correntes de papel — parecidas com as que eu fazia quando criança nos trabalhos da pré-escola. Só que estas estão vivas e são fortes como aço.

Não as vejo, mas as ouço: se arrastando pelo chão. Animo-as para seguir o

som dos passos de Morfeu e seus lampejos de mágica azul, enquanto ele corre pela caverna na esperança de escapar.

— Droga, Alyssa!

— Prenda-o com força — ordeno às correntes.

Morfeu rosna e geme, confirmando meu sucesso.

Enquanto ele está preocupado, concentro-me nos ponteiros dos relógios novamente: puxando e empurrando, puxando e empurrando, até que eles finalmente caiam numa chuva metálica. Eu os levito alto o bastante para que suas sombras forrem o pano, iluminado pela lanterna. Em minha mente, eles são enxames de abelhas metálicas. Atento-me a elas, usando as extremidades pontudas como facas para cortar o pano e abrir a porta.

Assim que saio da jaula, vejo Morfeu preso à parede com grampos de papel, tentando se livrar — a famosa mariposa na teia. *Minha teia.*

Por mais belo que ele esteja todo iluminado com poder, segurança e força, há algo inacreditavelmente sedutor nele preso e submisso a mim.

A rainha dentro de mim ronrona.

Sem pressa, voou até a cadeira onde ele pôs o paletó e procuro no bolso o doce aumentador. Depois de várias mordidas, volto ao tamanho natural e pouso no chão para encará-lo.

À minha ordem, as correntes o prendem ainda mais em seu peito e braços. Sim, a cena é familiar. Só que, da última vez, usei de dentro de mim as trepadeiras da Vermelha para mantê-lo prisioneiro.

— Você disse que gostava de brincar com força — provoco.

— Posso lhe dar uma bela amostra. — Ele me encara, sem hesitar. — Se eu assim escolher — acrescenta, iniciando sua mágica para soltar as correntes num dos pulsos; uma prova clara de que ele poderia se soltar, se quisesse. Mas não se solta. Suas joias oculares brilham num arranjo prismático, escondendo o que quer que ele esteja sentindo.

— Bom, não estou a fim de brincadeiras mesmo — respondo, com raiva por não tê-lo entendido. Ou talvez frustrada por ele não se livrar e lutar... por não ter uma reviravolta interessada em sua boca ou um brilho amarelo nas joias de seus olhos. — Diga-me por que eu não deveria levá-lo aos tribunais. Sequestrar a rainha é traição.

Ele urra. Mechas compridas de cabelos azuis encantados e desgrehados tocam seu queixo e abrem um sorriso.

— Você jurou passar doze horas comigo. Recue agora e perca todos os belos poderes dos quais você ama se gabar.

Abro um sorriso forçado.

— Ah, não estou ignorando minha promessa. Vou me sentar ao seu lado na

masmorra nas oito horas que faltam, enquanto você espera por sua sentença.

Ele resmunga.

— Para sua informação, eu não estava com fome... nem era pequeno.

Tombo o cabeça.

— Do que é que você está falando?

Suspirando, ele olha para as correntes em torno do seu peito.

— Se não quisesse que você vencesse, jamais teria colocado o doce no bolso nem o teria trazido para cá. Ele certamente não era *para mim*.

A lógica dele parece fazer sentido. Mando as correntes soltá-lo. Elas se reúnem numa pilha mole aos pés dele.

Ele continua encostado na parede, como se preso pelas marcas em sua pele. As asas dele se abrem às costas — majestosas e orgulhosas —, seu único conforto contra a pedra.

Aproximo-me dele.

— Você sempre disse ter fé em mim — insisto, solidariedade e frustração se revolvendo dentro de mim e formando uma rosquinha de perplexidade. — Então por que tenho que continuar mostrando meu valor a você?

Ele franze a testa, conseguindo parecer ao mesmo tempo arrependido e arrogante.

— Eu *tive* que prender você. Para lembrá-la do seu melhor. Você quer tanto ser Alice... a Alice *que poderia ter sido*. Temo que você se transforme nela de todas as formas. Indefesa. Humana. A não ser que você mantenha a guarda. Você nunca deve ser vítima como ela foi. Eu a vi quase morrer ontem. Seu coração está dividido ao meio. — Seu queixo treme. — Não posso nunca mais ver aquilo. Então eu a deixarei à própria sorte, para realizar suas expectativas humanas. Como você me visita em sonhos todas as noites, ao menos tenho certeza de que não se esquecerá de nós como esqueceu quando criança.

A acusação dele me atinge.

— Não pretendia isso. Eu era tão pequena...

— Não a estou *culpando*, Alyssa. Era inevitável. Você não teria sido a mesma pessoa capaz de compaixão e imaginação sem aquelas experiências humanas ininterruptas. Você não teria agido no mundo mortal e aprendido o que precisava aprender se estivesse constantemente provocando confusão comigo no País das Maravilhas. Depois de ver a destruição que a crueldade e a falta de compaixão da Rainha Vermelha causaram, sabia que algo tinha de mudar na linhagem real.

— Mesmo que você precisasse recuar para que isso acontecesse. — Novamente, fico impressionada com a abrangência de suas maquinções. Por seu amor por nosso mundo. Passo a mão pelos botões de sua camisa. — Tudo o que você precisa saber agora é que nunca mais o esquecerei, nem esquecerei

meus sentimentos por você. *Nunca*. Mesmo que não estivesse vivendo meus sonhos no País das Maravilhas. — Meus dedos param no tecido de cetim sobre seu coração.

Seus olhos se fecham. Ele põe a mão sobre a minha.

— Preciso saber mais do que isso. Você deve sobreviver a cada dia em que não estamos juntos, para poder voltar... voltar para assumir seu lugar no trono Vermelho para sempre. Preciso dessa garantia ou não vou poder... *não vou...* deixá-la sair do meu campo de visão.

— Sou imortal. Tenho a mágica da coroa no meu sangue.

Seus olhos se iluminam e ele me encara.

— Como indicado por seu coração vulnerável, seu corpo não é indestrutível. Principalmente no reino mortal. Você vai envelhecer lá. E, se sua concha for destruída e morrer, seu espírito eterno ficará órfão. A não ser que você encontre outro receptáculo, ele vai se desintegrar. Um espírito intraterreno não pode existir por mais de umas horas sem estar abrigado num corpo ou guardado em segurança no cemitério, aos cuidados da mágica da Irmã Um ou da Irmã Dois. Então não me faça encontrar um novo lar para sua essência vital. Você deve voltar a este mundo *inteira*. Você mesma, de todas as formas.

Mesmo sem que suas joias revelem seu humor, vejo claramente a vulnerabilidade que ele está escondendo por trás da fumaça e da ilusão a noite toda. Ele está com medo de perder muito mais do que a Rainha Vermelha do País das Maravilhas. Sua amiga de infância, sua futura esposa... o filho-sonho deles. Esses são os temores que lançam sombras por trás do pedido dele.

— Eu lhe prometi uma vez que voltaria para você — garanto-lhe. — Confie nisso. Na minha força. Você me ensinou bem. Você nunca vai se convencer de que sou digna da sua fé? Digna o bastante para você parar de me testar?

— Sempre tive fé em você, florzinha. Estou tendo dificuldade é de colocar o *futuro* nas mãos de outra pessoa. Mas vou tentar. — Ele me puxa para um abraço, seus dedos afundando nas mechas compridas na minha nuca. — Chega de truques por hoje.

Aninho-me em seu peito, respirando fundo para me saturar de seu perfume. Meu coração se atrai ao dele, um zumbido poderoso e revigorante por trás do meu esterno.

— Você ganhou. — Sua admissão abafada arrepia meus cabelos no alto da cabeça, tão baixinho que mal a ouço.

Meu coração dispara. *Venci*. Depois de todos esses anos, finalmente venci meu amigo em seu próprio território. Mas qualquer gratificação me frustra, porque também o deixei um pouco partido.

Não há satisfação na vitória de hoje. Nunca foi uma questão de eu ser mais forte ou manipuladora que ele... teve a ver com fazê-lo feliz e deixá-lo orgulhoso

provando que sou igual. Era uma questão de querer vê-lo sorrir. Como ele sorria quando éramos crianças — livre e descontroladamente.

Só tinha me esquecido disso, até agora.



TERCEIRA MEMÓRIA: NA QUAL CUREI O PAÍS DAS MARAVILHAS

O incenso úmido de fungo se mistura a um perfume de terra e mato. Cogumelos pendem do alto, os chapéus do tamanho de pneus de caminhão. Eu meio que voou e meio que corro atrás de Morfeu por entre o mato alto e fluorescente. Meu vestido resvala no mato a intervalos, gerando estalidos. Mas isso é a única coisa que ouço. O País das Maravilhas está quieto hoje porque quase todos os cidadãos estão num baile na casa da Marfim.

Morfeu está pensativo e quieto. Suas asas caem dos ombros na parte de trás do seu paletó, seu passo comprido e determinado. Tenho dificuldade para acompanhá-lo, apesar de voar a cada quatro passos, mais ou menos. Com exceção de me garantir que os truques ficaram para trás, mal nos falamos desde que deixamos a caverna do dodô. Ele não me disse para onde íamos, mas eu já sabia.

Como visitamos a prisão de Alice, tínhamos de visitar a prisão dele em seguida. Nosso passeio não seria completo sem que parássemos ali. Este é o último lugar onde ele viu a jovem Alice, o último lugar onde ela esteve livre antes que os guardas de baralho a capturassem. O lugar onde a Lagarta uma vez se sentou para oferecer conselho e amizade e onde a cabeça decapitada de Chessie flutuava, quando Alice encontrou a Lagarta mumificada num casulo, incapaz de ajudá-la ao se transformar num ser místico humanoide, belo e sedutor.

Aquele homem alado só estaria completamente formado e livre para ajudá-la setenta e cinco anos mais tarde, depois que ela já tinha perdido a sanidade para a idade e a loucura. Ele nunca se perdoou por estar ausente quando Alice mais precisava dele.

— Você sabe agora... que não teve culpa. Certo? — Minha pergunta abafa o som do mato amassado sob seus pés.

Ele não responde, mas não desisto. Ele precisa se livrar da culpa.

— Era o plano da Vermelha o tempo todo. Ela estava no meu corpo, na minha mente. Vi o que ela mantinha escondido. Ela teve uma visão quando ainda usava a coroa. A visão lhe dizia que Alice era o segredo de tudo. Que uma criança-sonho imortal nasceria por meio da linhagem Vermelha se ela prendesse Alice Liddell e vivesse a vida humana dela. A Vermelha teria feito isso acontecer... mesmo que você não estivesse livre para ajudar Alice. Ela estava tão

determinada que até se esqueceu de como ser misericordiosa. Você não pode se responsabilizar por isso. Não permitirei que você se culpe. Nem por mais um dia.

Morfeu diminui o passo.

— Obrigado, florzinha. Precisava ouvir isso. Mas você está errada. Não é contra a culpa que estou lutando.

Ele para, de costas para mim, as asas descaídas.

— Não entendo — digo, parada alguns passos atrás. Eu lhe dou espaço por mais que queira tocá-lo e virá-lo para poder ler seu rosto.

— Eu a trouxe para isso, bem como sua mãe me acusava. Nunca lhe dei escolha. Eu dei início a tudo... fazendo-a tirar a Vermelha do cemitério para salvar *meu* espírito da prisão. O País das Maravilhas apodreceu e você quase morreu. E eu a deixei levar a culpa por tudo isso, sendo que eu fui o catalisador.

Fico boquiaberta. Não ouvi uma confissão. Não dele. Ou será que ouvi?

Avançando por entre suas asas, abraço-o pelo peito e aperto meu rosto contra suas costas, procurando o eco do seu coração com minhas mãos.

— Você não foi o catalisador. A Vermelha foi. E eu cometi erros também. Não consegui seguir suas instruções para meu desejo.

— Mas você era motivada pela compaixão e um desejo de salvar os outros. É algo inato em você.

— É inato em você também. Você salvou a vida do meu pai. Duas vezes. Você manteve Jeb longe dos prisioneiros por um mês. E escolheu não me coroar e me despir de meu lado humano. Todas essas coisas requerem compaixão. Você perdoou meus erros, então eu perdoo os seus. Começamos do zero aqui.

— Como? — pergunta ele, e fico emocionada com a sinceridade em sua voz.

Aperto-o mais.

— Um antigo amigo de infância uma vez me disse: “Duvidar de todos os passos impede que se ganhe impulso. Confie em si mesma, perdoe a si mesma e siga em frente”.

Suas asas se erguem ao meu lado, como se não pesassem. Suas mãos encontram as minhas, entrelaçadas em seu peito.

— Seu amigo parece sábio. E belo também. — Ele afirma isso com um sorrisinho.

Abafo uma risada contra suas costas se contorcendo sob o paletó.

— Ah, é mesmo. E humilde. Humildade é a *maior* qualidade dele.

Bufando baixinho, ele se solta e segura minha mão enluvada, me puxando por mais alguns passos, até onde os densos cogumelos formam um beco em saída. Sei o que esperar antes mesmo de entrarmos. Ainda assim perco o fôlego ao ver aquilo sob o luar fosforescente: um cogumelo maior do que uma estufa,

semiescondido num casulo.

Morfeu observa minha reação. A nostalgia transparece nas joias de seus olhos — assim como arrependimento e tranquilidade.

Esperava ter um pouco dessa última emoção.

Juntos nos aproximamos do cogumelo. O ar esfria quando a sombra nos envolve, bloqueando a luz.

— Por que isso aconteceu? — pergunto, olhando para o chapéu gigante. — O que o fez se transformar?

— Simplesmente estava na hora. Hora de assumir minha forma mais perfeita. A forma que usaria por toda a eternidade. Havia coisas que eu precisava fazer e não podiam ser realizadas com minha forma anterior. Todos temos uma metamorfose gradual. Você está passando pela sua durante toda a vida até aqui. Você ainda não chegou lá. Mas um dia vai finalmente estar completa. Você abrigará sua mortalidade para ser a rainha de que o País das Maravilhas precisa. E então não pertencerá a nenhum outro lugar senão a este.

Engulo em seco, porque a ideia é inspiradora e aterrorizante.

— Como foi para você? Ficar preso num casulo por setenta e cinco anos? Foi solitário?

Ele sorri de perfil.

— Você só pode estar brincando. Eu tinha o ser intraterreno mais fascinante e encantador do País das Maravilhas para me fazer companhia.

Dou uma risada.

— Como eu disse, humilde.

A expressão de alegria no seu rosto se transforma em algo sombrio.

— Não era companhia que me faltava. Era minha mágica e as paisagens do País das Maravilhas. Ficar sem elas. Foi um tormento...

A frase se perde. Claro. Ele é um ser solitário. Sua única companhia de verdade — a paixão — é o País das Maravilhas ele próprio. Penso em como ele agiu depois que fugimos de Qualquer Outro Lugar e finalmente encontramos o caminho de volta para cá. Como ele ficou no meio da floresta congelada, as asas abertas no alto, e usou sua luz azul para retirar montes de neve dos galhos. Como ele riu e dançou à chuva. Ele era livre e divertido, embriagado de mágica depois de ter ficado tanto tempo sem ela. E isso só depois de um mês. Não imagino como seria depois de décadas.

— Eu me pergunto se foi diferente para a Vermelha — reflito em voz alta. — Ela fez a mesma coisa, de certo modo. Desistiu da mágica em nome de Alice. Viveu anos e anos no reino humano sem seus poderes... envelheceu... — Eu paro de falar ao ver que ele me observa intensamente ao luar. — Você seria feliz? — pergunto antes que ele possa admitir no que está pensando. É incrível como o

compreendo agora. — Viver sua vida à sombra de Finley. Envelhecer sob a aparência dele no reino humano. Porque você não seria capaz de usar sua mágica se estivesse disfarçado.

Morfeu fica sério.

— Talvez eu pudesse aprender a tolerar isso.

— *Tolerar* um futuro comigo. Não há nada de romântico ou satisfatório nesse cenário. — Coloco a mão no braço dele. — Lembra o que eu disse mais cedo na caverna do dodô... sobre as experiências que a mortalidade tem a oferecer?

Ele me encara, mas, por mais que tente, não consegue esconder o brilho verde em suas marcas. Ele desvia o olhar, o nariz retorcido.

— Argh. Lembro-me de que elas são pateticamente simplórias.

Concordo com a cabeça.

— Para você, sim. Você não foi feito para aquela vida. Você foi feito para ser eternamente jovem... livre para pairar aqui nos céus do País das Maravilhas. Para cuidar do mundo que ama. Não quero você fingindo todos os dias para mim. Seria outra prisão, como seu casulo. Mais décadas sem a loucura e a mágica que o fazem saber que está vivo. Mas eu? Desde que eu era criança, almejei ter aquelas experiências *simplórias*. É algo que está na minha composição genética. E na de Jeb...

A bufada de Morfeu me interrompe.

— Claro. *Jebediah*. Ele certamente adoraria tal vida, porque é um simplório.

— É *humano* — corrijo, passando a mão pelo biceps dele, duro de tensão. — Para mortais, essas coisas são sagradas. É inato o desejo de envelhecer com alguém que se ama. De compartilhar coisas ao longo da jornada, de cuidar de cada uma como os tesouros que são. Minha mãe perdeu tanto disso com meu pai. Mas eles têm uma segunda chance agora. Eles ainda podem ter um pouco disso. A pobre Alice não teve *nenhuma* chance. Ninguém para amar ou com quem envelhecer. Ela envelheceu sozinha numa jaula com um dodô por companhia. Isso foi uma tragédia. O desperdício de uma vida humana. Tudo o que ela tinha eram fantasias tristes do que poderia ter sido. Jeb merece mais do que isso. Ele merece algo real. Assim como *você*. E eu também. Chega de fingimentos. Chega de fingimentos entre nós três.

Houve um momento de silêncio. Então Morfeu suspira.

— Quando você ficou tão sábia, trufinha?

Luto contra as lágrimas nos olhos.

— Você já sabe. Você participou dessa jornada.

Ele faz que não.

— Esconder você em algum lugar ainda continua sendo minha oferta. Posso protegê-la dos mortais. Eles estão destinados a partir seu coração como eu

jamais poderia. — As palavras são sinceras, a voz grossa e áspera, como se isso já tivesse acontecido e ele estivesse sofrendo por mim.

— Jeb jamais...

— Quando ele morrer, um dia, vai. Seus pais também. E todos os outros aos quais você sobreviver.

Sinto um nó na garganta. Se não tomar cuidado, vou perder a batalha contra o choro.

— Sim, vai ser sofrido.

— Não acho que você saiba quanto.

Mantenho-me firme.

— As experiências me fortalecerão... me tornarão uma rainha melhor. — Já tinha enfrentado esse temor em minha mente. Aceitei que é uma troca trágica por viver uma vida humana plena. — Meu coração é inquebrável agora — acrescento, alto o bastante só para Morfeu ouvir. Levo a mão ao brilho por trás do meu eterno. — Você e Jeb viram isso.

— Acho que vimos — responde Morfeu. — Ele e eu superamos a mágica.

Apesar de essa afirmação ser suave e macia como seda, o eco não dito — “E agora há um preço a ser pago” — me corta como uma faca serrada.

Jeb pagou seu preço, perdendo os sonhos e sua musa artística para sempre. E agora Morfeu está pagando o seu.

Novamente em silêncio, ele segura minha mão livre. Juntos, voamos até o alto do chapéu do cogumelo e pousamos na metade que não está forrada de fios grudentos.

Pensando que ele abriu caminho para fora do casulo décadas antes, fico surpresa ao ver o cobertor grudento se mover como uma coisa viva. Há algo do tamanho de um rottweiler lá dentro, roncando.

Bato as asas ansiosamente, mas Morfeu me segura. Com uma cara feia, me viro para ele.

— Você disse que não haveria mais truques hoje — acuso.

— Isso não é um truque. É um presente. Apesar de ser um tanto *surpreendente*, no sentido de ser algo perigoso em mãos erradas.

Os pelos da minha nuca se eriçam.

— Perigoso?

— *Feroz*. É uma descrição melhor.

Aproximo-me lentamente da beirada do cogumelo, para escapar.

Ele segura meu pulso e me detém.

— Linda, tenha coragem. Você é a Rainha Vermelha. Você não tem por que temer as criaturas deste mundo. Na verdade, esta criatura em particular será leal e dedicada só a você. Vamos ver isso agora. É o restante do País das Maravilhas que precisa tomar cuidado depois de hoje. Então...

— Então...?

— Não foi fácil embrulhar este presente. Ao menos me dê o prazer de vê-la abrindo. — Ele pega do bolso do paletó uma lâmina prateada e reluzente, do tamanho de um canivete, e a oferece com a mão espalmada.

A espada vorpal. A arma mais mágica de todo o País das Maravilhas.

Paro.

— Isso é meu agora?

Ele ri.

— Claro que não. A espada vorpal sempre pertencerá a mim. Trabalhei duro por ela.

Faço uma cara feia para ele.

Rindo timidamente, ele pigarreia.

— Bom, com um pouco da sua ajuda, claro. Por isso é que estou disposto a deixá-la pegar a espada emprestada em ocasiões especiais.

— Muito generoso da sua parte. — Torço o nariz para ele e pego a espada. Como lembro, o cabo é quente, mesmo eu usando luvas. Onde quer que eu toque, marcas azuis brilhantes aparecem no metal prateado. Preparo-me para abrir caminho pela teia branca e grossa.

Morfeu me para com um dedo no meu cotovelo.

— Cuide para recuar assim que ele se libertar, amor.

Estreito os olhos.

— Sêrio?

— Vai dar tudo certo. Esse tipo acorda bem devagar.

Esse tipo. Meu estômago se revira. Com os dedos trêmulos, corto a teia grudenta. Uma faísca de mágica acompanha o movimento enquanto o casulo se abre. Um fedor dez vezes pior que o de repolho podre. Cobrindo o nariz, recuo e devolvo a espada vorpal à mão ansiosa de Morfeu.

As duas partes do casulo se abrem para revelar uma criatura do tamanho de um cachorro, com um chifre cinza de rinoceronte. Sua cabeça felina e triangular cheira algo entre patas escameadas. Reconheço o que é aquilo, apesar de nunca ter visto um menor do que um bonde. Deve ser um filhote. Um filhote *bem grande*. Engulo em seco.

— Rainha Alyssa — diz Morfeu, baixinho. — Conheça seu bichinho de

estimação real, o *bandersnatch*.

Fico olhando, arfante.

— Lembre-se — continua Morfeu — de que uma vez lhe contei que Grenadine tinha a palavra que o *bandersnatch* original foi treinado para obedecer. Era um comando passado de rainha para rainha no Reino Vermelho. Mas ela não se lembrava e perdeu o laço que continha o segredo. É irrelevante agora, já que o *bandersnatch* real morreu em minhas mãos. Então hoje cabe a você dar início a um novo legado.

Não tenho nem tempo de responder antes que a criatura abra os olhos brancos como leite. Ela rosna, expondo presas como as de um tigre-dentes-de-sabre reptiliano. Numa piscada, surgem três línguas. Na extremidade de cada uma, uma carinha de serpente abre as mandíbulas banguelas e assobia como uma enguia.

Corro para a beirada do cogumelo, tarde demais. Uma das línguas me segura pelo tornozelo e fico de cabeça para baixo, a uns três metros do chão, minha saia cobrindo a cabeça e todo o sangue correndo para o crânio. A baba da criatura escorre por minha perna.

— Morfeu! — grito, furiosa por ele já estar embaixo de mim, de pé na relva, fora do alcance da criatura.

O nó no meu tornozelo aperta e sinto meu corpo sendo puxado pelo filhote de *bandersnatch*. Eu me viro.

— Morfeu, me tire daqui!

— Saia sozinha. É importante que *você* o faça. Livre-se. — Ele usa a mágica azul para guiar a espada vorpal até mim.

Seguro o cabo da lâmina e paro. Assim que me soltar, vou cair de cabeça no chão. A distância não é o bastante para minhas asas amenizarem a queda.

— Ah, ande logo com isso — repreende-me Morfeu, impaciente. — Você sabe muito bem que eu a pegarei. Por que mais estaria de pé aqui?

— Meu primeiro palpite é que assim você pode ver vestido acima — falo irritada.

— Admito que a vista é espetacular. Mas esta é apenas uma feliz coincidência.

— Como se algo que você faz fosse coincidência.

Sua risada arrogante me atinge.

Rosnando, corto a língua com um só golpe. O *bandersnatch* grita e me arrependo de tê-lo machucado.

Sinto um frio na barriga durante a queda, mas Morfeu me segura como prometeu.

— Muito bem — diz ele, como disse tantas vezes ao longo da minha vida. Ele

me puxa para perto.

Abraço-o pelo pescoço, minha cabeça aninhada sob seu queixo, relutante de soltá-lo. Ele me aperta com força contra o peito quente, como se compartilhasse da minha hesitação. Então me põe no chão. Sem explicar, ele sobe até o chapéu do cogumelo, onde o *bandersnatch* chora. Em pouco tempo a criatura fica em silêncio.

Olho a língua cortada do monstro. Ela se mexe no chão ao meu lado como se estivesse viva, assobiando — sons estranhos como sussurros — e se arrastando para perto. Recuo uns passos.

Morfeu volta do alto do cogumelo, pega a espada vorpai que deixei cair e limpa o sangue e a mágica faiscante da lâmina antes de guardá-la no bolso do paletó.

— O que você fez com o *bandersnatch*? — pergunto.

— Eu o fiz dormir para a viagem até seu castelo. Quando ele acordar, vai estar se curando e mal-humorado, então precisaremos mantê-lo confinado.

— Curando? Como? A pele do *bandersnatch* é indestrutível, mas não sua língua.

— Verdade. Mas elas se regeneram se cortadas com a espada vorpai. Ela vai crescer de volta. E a língua cortada... — ele olha para a coisa ensanguentada, que chegou até a ponta da minha bota — ... se transforma numa extensão do espírito do monstro.

O apêndice liso e pegajoso toca o dedo do meu pé, fazendo barulhos de sucção, como uma planta à procura de um lugar para criar raízes. Os sussurros que ela emite ganham força, mas ainda é impossível decifrá-los. Dou de ombros e me preparo para chutá-la.

— Não. Pegue-a — insiste Morfeu.

Dou de ombros novamente.

— Desde quando você é sensível, minha assassina de insetos, flores e prisioneiros mutantes? — provoca Morfeu.

— Desde que vi o dano que essas línguas podem causar. Quando elas o levaram para o que pensei ser sua morte. — Lembrar de como foi horrível vê-lo ser engolido vivo me dá uma dor no peito e nos olhos.

Morfeu sorri com carinho, obviamente feliz por eu ainda ser afetada por seu sacrifício mesmo um ano depois.

— Você quer que eu tenha fê em você. Então me mostre um pouco de cortesia. Aquela língua contém a parte mais fundamental de um *bandersnatch*. Cada uma dessas criaturas tem algo de único. Algo que as acalma. Elas nascem com isso. Tire as luvas e segure a língua na mão, carne na carne. Deixe que isso afete sua sabedoria. Assim, você conhecerá o mundo que a domará com seu próprio idioma. É uma forma de Língua da Morte, mas, como você poupou a

vida do monstro e cortou somente a língua, isso não a deixa submissa à vontade do *bandersnatch*. Ao contrário, deixa o monstro submisso a *você*.

Ficando séria, faço o que ele manda. Assim que minha pele toca a língua quente e melada, os sussurros percorrem meu corpo, me arrepiando por um tempo, mas depois cessando. A língua vira uma coisa seca e preta e eu a jogo no chão.

A palavra gira dentro de mim... num idioma que nunca ouvi. Ainda assim sei exatamente como articulá-lo.

Começo a falar em voz alta, mas Morfeu leva um dedo à minha boca.

— Nunca diga essa palavra a ninguém. Você só a passará para outra Rainha Vermelha, aquela que sucederá a você um dia. Nem mesmo seu rei pode sabê-la.

Ele se abaixa para pegar minhas luvas. Procuro coragem para lhe perguntar se o rei será ele. Se ele esperará por mim. Mas não tenho direito de esperar que ele faça tal sacrifício, então mordo o lábio.

— Temos que ir — anuncia ele. — Vou deixar o *bandersnatch* no castelo Vermelho. Você deve preparar tudo lá antes de passar a noite na minha casa. A começar amanhã, quando de sua visita em sonhos, vou lhe mostrar como treinar o filhote de monstro para que ele obedeça à sua palavra secreta. Ele crescerá e aprenderá a reagir ao seu chamado.

Morfeu prende o *bandersnatch* numa rede de mágica azul e o tira levitando do cogumelo, e depois o arrasta atrás de nós enquanto voltamos para a carruagem.

— Uma última coisa, Alyssa. — As palavras soam por sobre seus ombros. — Eu a trouxe aos lugares de Alice porque Jebediah não os compartilhou com você. Eles pertencem só a mim e a você. Parte da nossa história, parte de como nos unimos. E eles estarão aqui aguardando quando você voltar a viver a realidade no País das Maravilhas. *Quando*. Estou confiando em você. Não me decepcione. É tudo o que peço. Por enquanto.



Festa

As memórias funcionaram como que por encanto. Não há relógios no quarto real. Não importa, já que o tempo é irrelevante no País das Maravilhas. Mas parece que se passaram horas desde que o bebê nasceu.

Assim que ouço o choro melodioso dele e seguro seu corpo quente e minúsculo, toda a dor, os medos, toda a tristeza contra a qual lutava desaparecem. E Morfeu não perde tempo em expulsar nosso séquito útil, mas barulhento, a fim de que possamos ficar sozinhos, só nós três.

Depois de amamentar o bebê, mostrei ao meu rei como envolvê-lo numa manta e segurá-lo. A princípio, Morfeu o segura com braços rígidos, como se tivesse medo de que nosso bebê fosse quebrar. Ver alguém poderoso e confiante como Morfeu reduzido ao desamparo por uma coisinha impaciente de asas, braços e pernas era ao mesmo tempo terno e emocionante. Todavia, com um pouco de orientação carinhosa, ele estava cuidando e embalando o filho como um profissional. Depois que o bebê relaxou nos braços de Morfeu, ele foi levá-lo ao berço, mas mudou de ideia e colocou o príncipe cuidadosamente ao meu lado na cama, deitando-se do outro lado, com o nosso filho entre nós.

Falando com nosso príncipe num tom doce e meloso, Morfeu emite raios de luz azul pelos dedos e atrai as mariposas em alguns terrários abertos pelo quarto. Assim que os insetos nos cercam, Morfeu os conecta à sua mágica. Guiadas por rédeas encantadas, as mariposas voam em círculo, como um móbile.

A expressão de Morfeu ganha um ar sonhador, seu rosto e o do bebê brilhando com as luzes mágicas do móbile. Nosso príncipe observava, seus olhos azuis dançando e suas asas frágeis tentando se abrir dentro do cobertor que o envolvia. Um dia, ele teria as marcas com joias nos olhos, ao redor dos cílios e ao longo do

rosto, como o pai. Por enquanto, a linha intrincada parecia mais desbotada — como veias sob a pele. Ele tinha uma faixa de cor no pulso esquerdo, onde sua marca de nascença intraterrena se exibia, visível e proeminente.

— Está vendo isso? — me perguntou Morfeu, segurando a mãozinha do bebê enquanto nosso príncipe tentava pegar outra mariposa com sua mágica azul, fazendo barulhos de felicidade. — O dedinho dele... é do tamanho do meu polegar. — Morfeu se focou em mim, aqueles olhos impenetráveis tão cheios de amor e surpresa que chegavam às profundezas do meu ser. — E ele tem seu nariz. Olhe, vê como ele é tortinho? Ele está frustrado porque não o deixo pegar a mariposa. Você faz o mesmo quando eu a desafio.

Ri.

— Não faço, não!

Morfeu riu.

— Você faz isso desde que éramos crianças. Você está fazendo agora mesmo.

Torci o nariz. Ele tinha razão, como sempre. Suspirei, mas, por mais que quisesse soltar o ar para parecer irritada, o suspiro saiu como um rom-rom de pura felicidade.

— Como é possível? — perguntou meu rei. — Que ele seja tão pequeno e ainda assim tão perfeito?

— Porque ele é parte de você — respondi, sem nem pensar.

Morfeu me encarou.

— E a outra parte é você. Você tem razão. Como ele poderia ser outra coisa que não *perfeito*?

Com lágrimas nos olhos, sorri e contei os dedos do bebê pela centésima vez, encantada com as faíscas azuis que já nasciam.

— Não esperava que a mágica dele tivesse cor — penso em voz alta. — A minha não tem. E ele é híbrido, como eu.

Morfeu pousou o rosto no travesseiro, as pálpebras ficando pesadas.

— Não como você, flor. Os dois pais dele têm mágica.

Estudei silenciosamente as mãos do bebê, curiosa para saber se ele seria capaz de assumir outra forma como seu pai e pensando no caos que ele em breve causaria ao castelo e a seus ocupantes. Criar uma criança-fada cheia de imaginação seria algo que nos manteria ocupados, para dizer o mínimo.

Assim que nosso filho dorme, Morfeu e eu também dormimos — exaustos por causa dos acontecimentos da noite.

Agora estou acordada e, no brilho âmbar da vela, eu os estudo: meu príncipe e meu rei lado a lado, perto de mim. Sinto um nó na garganta diante da beleza deles e meu coração se enche de amor. Eles fazer o mesmo biquinho dormindo...

aquela malícia nos lábios, amenizada por uma expressão angelical e moldada por frágeis tremores de respiração.

Como se me sentisse observando-o, os olhos insondáveis de Morfeu se abrem. Tiro uma mecha do rosto dele. Ele segura minha mão e a beija.

— Demorou um bocado para chegarmos aqui — murmura ele contra minhas cicatrizes, sua voz áspera de sono.

Por *aqui* não sei se ele se refere ao parto ou a nós dois juntos.

— Obrigada por sua inabalável paciência — respondo, porque é a resposta que ele merece. Acaricio o cotovelo fofo do nosso príncipe com a mão livre, memorizando seu rosto de querubim. Embora ele tenha o formato dos olhos do pai, a cor é minha. E me vejo em outras coisas... na covinha em seu queixo, no nariz achatado e no platinado da extremidade de seus cílios longos e escuros. — Boas coisas acontecem aos que esperam.

Morfeu me solta e se espreguiça, suas asas poderosas batendo às costas.

— As *melhores* coisas. Coisas impossíveis. A mais impossível de todas é uma criatura solitária, que nunca precisou de outra alma viva, ter uma família pela qual morreria e mataria.

Ainda estudando o bebê, fico vermelha. A possessividade na confissão de Morfeu vem de um lugar tão no fundo que deve ter ferido seu coração ao dizer. É óbvio que ele está surpreso por ser capaz de expressar tanto amor.

— Não decidimos o nome ainda — sussurro para esconder a emoção que sinto por esse raro vislumbre de suas fragilidades. Recuso-me a constrangê-lo. Amanhã apresentaremos nosso filho ao reino, o que vai ser o interlúdio perfeito. — Não acho que *Problema* é o nome mais adequado ao príncipe que vai tornar nosso mundo um lugar melhor.

Morfeu faz que sim, mas há um brilho desconcertante em seus olhos.

— Sim, não vamos querer correr o risco de criar uma profecia autorrealizável. Ele não pode ser como seu pai.

Sorrio, mas vou fazer de tudo para garantir que nosso filho *seja* como Morfeu — tão determinado e imprevisível e caótico quanto as paisagens do País das Maravilhas que um dia compartilharemos com ele.

— Devemos consultar nossa lista novamente?

Passamos a tarde de ontem pensando nas opções, como fizemos tantas vezes antes: Argon, Durian, Iseld, Rhyanon... e tantos mais que nem lembro. Cada um dos nomes era lírico e forte e ideal para um príncipe-fada, mas nada parecia captar tudo o que ele um dia seria.

— Só um servirá, agora que eu o vi. — Morfeu acaricia os tufozinhos azuis na cabeça do nosso filho. Com o tempo, ele terá uma cabeça cheia de cabelos luminosos como os do pai. — *Muso*.

Penso no nome. Não estava na lista, mas, olhando para os traços perfeitos do bebê, não nego que combine. Minha musa me trouxe a este mundo e então me deu o poder de governá-lo; a musa de Jeb repintou o País das Maravilhas há muito tempo e ficou aqui para trazer a paz entre dois reinos. Apesar de Morfeu jamais admitir em voz alta, esta é sua forma de homenagear a contribuição de Jeb — meu outro lado — e a imaginação humana. O sentimento me afeta tanto, me aquece da ponta das asas aos dedos do pé, e me sinto grata para além das palavras.

Mas há mais uma coisa que faz com que o nome combine: o bebê é nosso filho-sonho, destinado a inspirar a imaginação das criaturas do reino interior, um presente que trará um equilíbrio eterno ao nosso reino.

Sorriso, um sorriso tão grande que marca meu rosto.

— *Muso*, primeiro príncipe da Corte Vermelha. Adoro. — Tiro os olhos do bebê, por mais difícil que seja desviar o olhar, porque quero ver a expressão do meu rei.

Meu esforço é recompensado. Ele está feliz e orgulhoso, livre e desimpedido; mais que tudo, sorrindo. Um sorriso amplo como o que ele abria quando criança. Depois de tanto tempo, ele é jovem de espírito novamente.

Não resisto e o pego pela camisa para puxá-lo e lhe dar um beijo.

— Percebe? — pergunto contra seus lábios saborosos, tomada por tantas emoções que tenho de lutar para me manter sobre a superfície. — Ele terá a mesma inicial que você: *M*. — A afirmação provocativa mal deixa minha língua e já começo a rir.

Morfeu ri também, uma risada grossa e macia. Ele leva a mão à boca quando nosso filho começa a se mexer, os olhos de cílios longos tentando se abrir.

— *Shhhh*, volte para seus sonhos, pequenino. — Ainda sorrindo, aconchego o corpo de Muso ao meu, acaricio sua cabeça e sinto seu perfume de bebê. Estimulada por meus sentidos, lembro-me dos outros bebês que recebi nos braços... cada precioso parto preservado como um fóssil no interior âmbar da memória distante. Fico feliz só de dar uma olhada na vida deles agora, sabendo que tive influência nela, nem que tenha sido por um momento fugaz. Sabendo que, neste mundo, a morte nunca me separará de Muso ou de Morfeu ou das criaturas intraterrenas que acabei por amar como família.

— Onde você está, Alyssa? — pergunta Morfeu com uma voz sussurrada, acariciando minhas tranças. — Lembrando?

Apoio meu rosto na palma da mão dele.

— Estou aqui com você. Sempre com você. E nosso príncipe. — Virando o rosto, sussurro no ouvidinho do bebê. — Pretendo garantir que você nunca tenha de aprender a palavra *adeus*. — Ele se aninha e meu coração se enche tanto de adoração que acho que vai explodir. Viro os olhos chorosos para Morfeu, que está nos observando com reverência. — Acho que nosso filho quer que você cante

para ele.

Com a ponta do dedo, meu rei acaricia a pele ao redor dos meus olhos.

— Acho que *you* quer. Você é louca por minhas canções de ninar.

— Sou — digo, e torço o nariz para enfatizar.

Ele sorri mais uma vez, as joias brilhando nas cores rosa e roxo.

— Bem, não posso ser a única diva nesta relação. É exaustivo demais.

E, com isso, ele envolve a mim e a Muso com uma asa comprida e sedosa, abrigando nossa família do mundo e cantando uma música nova, com palavras novas — um tributo a todas as coisas loucas, belas e selvagens. Um hino ao nosso amado e eterno País das Maravilhas.



Agradecimentos

Como sempre, agradeço a meu marido e filhos, por ignorarem os móveis sujos, as montanhas de roupa suja e a comida congelada com os prazos apertando, e à minha Deusa Agente, Jenny Bent, cuja inteligência empresarial, diplomacia e fé nos clientes não têm limites.

Obrigada à minha família Abrams: Tamar Brazil, Nicole Sclama, Anne Heltzel e incontáveis preparadores e revisores, por me ajudarem a lapidar todos os diamantes no original até que eles brilhassem. Obrigada, ainda, a Jason Wells e Nicole Russo, meus assessores de imprensa; aos especialistas em editoração que supervisionam cada página e efeitos especiais; e aos conselheiros de marketing que exercem um papel nos bastidores da produção de livros.

Minha admiração por Maria Middleton, que sempre encontra um tema perfeito para meus livros — por dentro e por fora —, e por Nathália Suellen, pelo talento encantado que deu vida aos meus personagens nas capas da série.

Um agradecimento emocionado a todas as livrarias e livreiros independentes, juntamente com a incrível comunidade de blogueiros que colocou meu livro no radar de incontáveis leitores.

Vivas ao meu grupo crítico local, as Divas: Linda Castillo, Jennifer Archer, Marcy McKay e April Redmon, por emprestarem seus olhos ávidos, mentes ágeis e ouvidos sensíveis aos meus projetos. Obrigada por me ensinarem a ser humilde e ao mesmo tempo determinada durante as edições.

Abraços a meus seres virtuais e leitores beta: Rookie (aka Bethany Crandell), o chocolate branco do meu Godiva amargo; POM (aka Jessica Nelson), que ama massa de biscoito e meninos maus quase tanto quanto eu; Stacey (aka @book-junkie), por ser a fã mais ÉPICA; Owly (aka Ashlee Supringer), por acrescentar ideias profundas aos meus personagens e tramas; Marlene Ruggles, minha editora voluntária; e Chris Lapel, minha fã número um.

Agradecimentos apaixonados ao meu #Goatposse, que são mais inteligentes e engraçados que o ruminante domesticado típico. Também um oi para as meninas WraHM.

Cumprimentos aos relações-públicas do Twitter: @SplinteredCrew, @LongLiveTheMuse, @AlyssaPaints, @PunkPrincessJen, @seductive-fae, @MorphTheMoth, @NetherlingQueen, @splinteredivory, @tyedribbons, @RabbitNotBeMe, @taelor-tremont, e @ChevyLovingJock por darem aos meus personagens vida no mundo real e manterem a loucura viva.

Meu respeito e admiração aos fãs talentosos que me enviaram obras de arte pelo Pinterest e escreveram incríveis fanfictions, e aos leitores que me seguem ou conversam comigo por meio do Goodreads, Tumblr, Pinterest e Twitter.

Um grito de reconhecimento aos meus fãs no Facebook, com agradecimento especial a Saleana Rae Carneiro, Katie Clifton e Diane Marie Hinds (e tiro o chapéu para Harley Liddell e P Cat Moonchild) — administradores da minha fanpage no Facebook, que mantêm a paz e apagam incêndios para eu não ter de sujar as mãos nem queimar os pés. E a Heather Love King (minha colega de Pinterest) e Elexis Darden, por falarem de meus livros sempre que podem na internet. Considerem isso um vale-abraço para quando nos conhecermos pessoalmente.

Obrigada a Jaime e Rachel da RockStar Book Tours, por controlarem nossa turnê e por me darem tanto apoio e serem tão generosos com seu tempo.

Dívida eterna a Lewis Carroll e Tim Burton, por me inspirarem a acreditar na mágica do País das Maravilhas e por me fazerem prová-la por mim mesma.

E, mais importante, agradeço Àquele que me dá a capacidade de escrever e a oportunidade de fazer o que amo todos os dias.

TRÊS CONTOS DE MOMENTOS MÁGICOS E INESQUECÍVEIS

SUSSURROS DO PAÍS DAS MARAVILHAS

A. G. HOWARD

